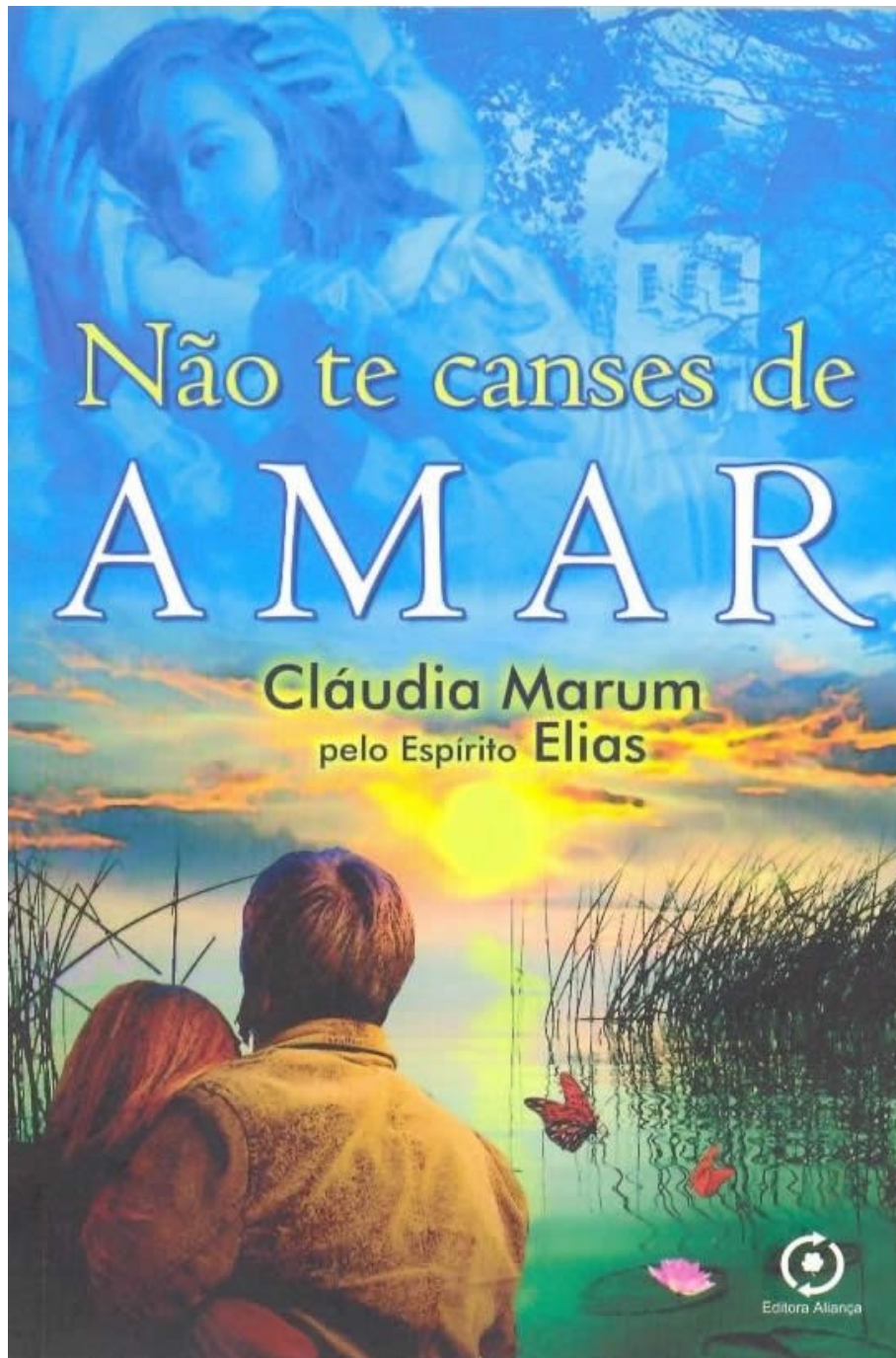


Não Te Canses de Amar



**Cláudia Marum
pelo Espírito ELIAS**

Confraria dos Livros Bons

Não te canses de amar.

É possível que a resposta do amor não te chegue imediatamente.

Talvez te causem surpresas as reações que propicia.

É possível que as haja desencorajadoras, sucede que, desacostumadas aos sentimentos puros, as pessoas reagem por mecanismo de autodefesa.

Insistindo conseguirás demonstrar a excelência desse sentimento sem limite e mimetizarás aqueles a quem amas, recebendo de volta a bênção de que se reveste.

Ama, portanto, sempre.

Joanna de Angelis

Divaldo P. Franco

Dedicatória

Dedico este livro ao meu marido Francisco, aos meus filhos André e Daniel e às minhas filhas do coração Jamara e Samantha.

Ao Henrique, meu neto, todo o meu carinho. Meus agradecimentos a Nice e a todos que comigo colaboraram.

Sinopse:

França: no passado, a jovem e bela Geny, em busca de ascensão material, casa-se com o conde de Martim, homem mais velho e sem grandes atrativos físicos. Entediada com o casamento, vive uma aventura com Rafael, irmão mais novo de seu marido. Flagrados em adultério, sofrem as conseqüências do ato praticado.

Brasil: no presente, os mesmos personagens recebem nova oportunidade de reconstruir o que destruíram. Gisele, César e Murilo precisam superar as próprias fraquezas e, desta vez, optaram por melhores escolhas. O espiritismo tem papel fundamental nesta nova fase de suas vidas.

Sumário

Prólogo

Primeira Parte

- 1 — Visita inesperada
- 2 — Vida nova
- 3 — Aniversário de Pedro
- 4 — Dias de festa
- 5 — Assédio
- 6 — Pedro escuta uma conversa
- 7 — O flagrante

Segunda Parte

- 8 — O emprego
- 9 — Gisele trabalha com César
- 10 — Comemoração na firma
- 11 — César entrega o celular
- 12 — Reflexões de César
- 13 — Micaela faz uma viagem
- 14 — Convite irrecusável
- 15 — A pousada
- 16 — Coquetel
- 17 — Kyria se encontra com Gisele
- 18 — A procura
- 19 — Na casa da Rita
- 20 — Novo emprego
- 21 — Gisele conhece Murilo
- 22 — Adaptação
- 23 — Confidências
- 24 — A casa de Jota Ó
- 25 — Visita à cidade
- 26 — Conversa com Jota Ó
- 27 — O pavilhão
- 28 — Nova visita ao pavilhão
- 29 — Gisele vai a outro Centro Espírita
- 30 — Surpreendente pedido
- 31 — Surpreendente descoberta

- 32 — Preocupações de Gisele
- 33 — Seqüestro
- 34 — Onde está Gisele?
- 35 — Final feliz
- 36 — Esclarecimentos finais

Prólogo

Nina Rosa, após a aula do curso de espiritismo, dirigiu-se à biblioteca circulante do Centro Espírita, pois fora informada que a biblioteca estava com livros novos.

Ao chegar, cumprimentou a encarregada.

— Olá, dona Isaura, eu soube que a Casa está com novos livros, será que a senhora pode me recomendar algum para leitura?

— Olá, querida. Realmente, recebemos boas obras. Temos aqui um romance interessante: Não te canses de amar.

— Não te canses de amar... Que título interessante. De que se trata?

— Trata-se de uma história de amor, que nos fala da lei de ação e reação, e de laços de família fortalecidos pela reencarnação.

— Dona Isaura, já ouviu dizer que para um acerto, muitas vezes, as pessoas se unem com os mesmos parceiros de outras vidas. Isso é verdade?

— Sim, muitas vezes isso acontece, porém, lembre-se de que cada caso é um caso. A Doutrina Espírita nos esclarece que a vida não termina no túmulo, e que muito do que nos acontece é reflexo das nossas atitudes também desta vida. Não podemos nos esquecer que existe o livre-arbítrio e cada um de nós é herdeiro de si próprio. Então, quer levar o livro?

— Sim.

Ao chegar a sua casa, Nina Rosa acomodou-se em uma poltrona e pôs-se a ler.

Primeira Parte

Capítulo 1

Visita inesperada

O conde, ao chegar ao pequeno povoado, tinha a intenção de prosseguir viagem no mesmo dia, porém, com o tempo nublado e a tempestade que se avizinhava, não lhe restou recurso, senão pedir abrigo no castelo de Resplendor.

Tendo visto a comitiva através da janela de seu quarto, Cornélia — a proprietária do castelo — foi até o espelho, ajeitou o vestido e os cabelos. Saiu do quarto, desceu a escada de pedra e se acomodou na sala de visitas. Quando a sineta soou, mandou o laçao abrir a porta. Calmamente, aguardou, fingindo bordar uma tapeçaria.

— Senhora — disse o laçao. — O conde de Martim está à porta e vos pede abrigo para ele e sua comitiva.

— O conde de Martim nos pede abrigo? — olhou para o homem. — Mande-o entrar, Carlos. Informe que teremos o maior prazer em abrigá-lo — disse alto o suficiente para que os que estavam à porta a escutassem.

Após recebê-los e acomodá-los, Cornélia, muito contente, foi ao encontro de sua afilhada Geny.

Com seu talhe delgado, pele clara, cabelos cor de mel e olhos azuis, Geny era, aos dezessete anos, uma beleza rara, diferente das pessoas do local, morenas e corpulentas.

— Querida, sabe quem os céus mandaram até aqui?

— Quem, madrinha? — a jovem perguntou com o rosto carregado de curiosidade, pois naquele local ermo raramente aparecia algum visitante.

— O conde de Martim. Ele me pediu abrigo — disse abrindo os braços.

— Ah, certamente veio até estes lados para conhecer Margarida, com quem dizem, pretende se casar.

— Hum, talvez. Mas, Margarida não é a única moça casadoira que temos por aqui — disse com um sorriso nos lábios, olhando fixamente para o rosto da afilhada.

— Madrinha! A senhora acha que ele poderia se interessar por mim? Sabe que nada tenho de dote.

— Psiu! — colocou o indicador em frente à boca, abaixou a mão —, nunca mais diga isso. Seu dote é a sua beleza — olhou firme para a moça. — Nunca se esqueça de que os homens são loucos por uma mulher bonita.

Geny sorriu. Já perdera as contas das vezes que a madrinha dissera: sua fortuna é a sua beleza.

O estrondo dos trovões e o vento carregado de chuva faziam as portas e janelas estremecerem. Cornélia ergueu a voz.

— Quero que você coloque seu vestido verde. Vou mandar Tieta vir ajeitar seus cabelos. Quero que na hora do jantar esteja pronta e quando eu mandar chamá-la vá até a sala de fumar.

— Vamos jantar no salão? — perguntou surpresa.

— Não, eu tenho outras idéias, escute só...

O conde Pedro de Martim estava surpreso, não esperava encontrar em plena mata, uma refeição tão fina e elaborada. Seu paladar experiente degustara

com prazer as deliciosas iguarias e os vinhos de excelente qualidade.

Terminado o jantar, do qual participara, além dele, Cosmo seu fiel escudeiro, a baronesa Cornélia e uma senhora muito idosa que lhe fora apresentada como tia Bela, e que se fora bela deixara a beleza muitos anos atrás, pediu licença para acender um charuto.

— É claro, conde, mas que tal irmos à sala ao lado? Pediremos que nos tragam café com licor, ou talvez o senhor prefira conhaque — disse a anfitriã cortesmente.

— Excelente idéia, nada como um conhaque para aquecer os ossos — levantou-se. — Espero que a chuva cesse e que logo cedo possamos prosseguir viagem, levando conosco a boa impressão da sua acolhida, e nos desculpando pelo transtorno.

— Conde de Martim, a sua visita nos dá o maior prazer! — Cornélia respondeu fazendo uma mesura. Acomodaram-se nas fofas poltronas da sala de fumar.

— Desculpe-nos, a curiosidade, porém, tia Bela e eu estamos nos perguntando: será que o senhor está se dirigindo para o Castelo Chifom? — perguntou Cornélia, enquanto aceitava o licor que Carlos oferecia ao mesmo tempo em que o orientava para que servisse conhaque aos cavalheiros.

— Sim, senhora. A baronesa conhece a família Chifom? Conhece a jovem Margarida?

Cornélia, segurando o cálice na mão, trocou um olhar com Bela.

— Margarida... O conde veio de longe para conhecê-la? — perguntou com voz velada.

— Sim — ele franziu a testa. — Por quê? Há algum problema nisso?

— Problema? — olhou novamente para Bela. — Não, não, claro que não — respondeu depressa. Sorveu um gole do licor.

— Será que ela já sarou? — Bela perguntou em voz baixa.

— Já sarou? — confuso Pedro olhou para elas e para Cosmo. — Margarida está doente?

Cornélia e Bela se entreolharam.

— Não, agora ela já deve estar bem. Posso lhe servir mais uma dose de conhaque?

— Baronesa, o que Margarida tem? — perguntou, franzindo as sobrancelhas.

Novamente as duas se entreolharam.

— O senhor sabe, às vezes o ar frio do campo e a distância da cidade afetam algumas pessoas.

— Como assim? Por favor, me digam: Margarida sofre de algum mal?

— Eu não diria isso — disse Bela com sua voz gutural. — Mas, às vezes, fica trancada por dias em seus aposentos. Ela é uma boa moça, borda e costura muito bem.

— Por Deus! — ergueu as palmas para cima. — Fica trancada, por quê? — o conde havia se levantado e encarava Cornélia firmemente.

— Bom, dizem que tem umas crises de erupção na pele, fica toda vermelha, com o nariz escorrendo. Às vezes, meio fora de si, fala coisas sem nexos e grita que está sendo perseguida. Coitadinha! — Cornélia falou em tom velado, olhando para as flores do tapete. Depois o encarou. — Tenho muita pena dela.

— Ela é uma boa moça — Bela tornou a repetir.

O conde deu alguns passos pelo aposento, depois olhou para Cosmo e perguntou:

— Você sabia disso?

— Bem, me disseram que ela sofre de coceiras.

— Será ruim se, quando se casar, ela transmitir esse distúrbio para os filhos — disse Bela ao mesmo tempo em que se levantava da poltrona. — Peço licença para me retirar. Vou me recolher, foi um prazer conhecê-los.

Após sua saída, Cornélia disfarçou um bocejo.

— Baronesa, já é tarde, nós também gostaríamos de nos recolher.

— Ah, certamente — bebeu um último gole do licor.

Passos soou no corredor. Dali a instantes Geny adentrou a sala.

— Conde, permita-me lhe apresentar minha querida afilhada Geny. Estou colocando-a a sua disposição para o que precisar.

O conde olhou para a porta. Ao ver a bela moça, olhou para Cornélia.

— Baronesa, a senhora merece uma reprimenda.

— Eu? Por quê? — levou a mão ao peito. — O conde tem alguma queixa?

— Sim, tenho. Onde estava escondida essa bela jovem? — ele perguntou ao mesmo tempo em que fazia cortesia à moça.

Cornélia sorriu e nada respondeu.

— Boa noite, senhor conde! Seja bem-vindo a Resplendor disse Geny, exibindo um cativante sorriso.

Na semana que se seguiu, parecia que os céus estavam a favor de Cornélia. O tempo continuou

horrível, o conde e sua comitiva ficaram retidos em Resplendor.

Pedro apaixonou-se perdidamente por Geny. Em seis meses estavam casados.

Capítulo 2

Vida nova

Após uma longa e fatigante viagem, ao chegar à propriedade do marido, Geny ficou deslumbrada com o luxo e o requinte do castelo, completamente diferentes da casinha onde ela passara a infância com o pai bêbado e a passiva mãe, onde tinha que dividir a cama com mais quatro irmãs. Muitas vezes fora se deitar com o estômago vazio.

Sentada em uma cadeira no terraço, enquanto contemplava o belo e bem tratado jardim da propriedade, pôs-se a recordar o passado.

Quando ela estava com doze anos, Cornélia, após ter casado o único filho, viúva, praticamente sozinha, fora visitar os compadres. Vendo a situação precária da família, pediu para que a afilhada fosse morar com ela, como sua dama de companhia.

Os pais, divisando um futuro melhor para a filha e também para eles, mais que depressa permitiram que ela fosse.

Em Resplendor, a madrinha lhe ensinara as letras, e tudo o mais que uma moça fina devia saber.

Tendo assimilado os ensinamentos de Cornélia, Geny não teve problemas para se adaptar à nova vida. Como não gostasse de ficar ociosa, apesar da excelente criadagem, ela fazia questão de tomar

parte na direção do castelo, o que deixou Pedro muito contente.

O único senão da sua magnífica vida de condessa era... O próprio conde. Quarentão, corpulento, tinha nariz adunco e um olho mais fechado que o outro. Geny o respeitava, mas era só.

Sabendo que uma boa esposa devia ser submissa, todas as noites ela orava pedindo a Deus que lhe desse o filho que o conde tanto queria.

Após dois anos, Deus ouviu suas preces. Ela ficou feliz ao saber-se grávida. Estava um pouco cansada de ouvir Pedro dizer, em voz velada, que sua mãe o tivera quando tinha apenas de dezessete anos. Sua mãe era uma mulherona feiosa, morena e alta, que quando aparecia no castelo, dava palpite em tudo, dizendo veladamente que a nora não sabia administrar a casa.

Na época certa, deu à luz um menino, que recebeu o nome do pai.

A sogra apareceu para ajudá-la. Ao tomar as rédeas da casa, disse que ia rogar a Deus para que Geny tivesse vários outros filhos, assim como ela, que tivera seis. Infelizmente, três haviam morrido ainda crianças, restando, além de Pedro, a filha que decidira entrar para o convento e o caçula, que era anos e anos mais novo que os outros.

Dali a um ano e pouco, a sogra morreu. Pelo fato de estar no final de uma nova gestação, Geny não pôde acompanhar o marido ao Norte, onde a sogra morava com o filho caçula e onde seria o funeral.

Ela deu à luz uma menina, que ao contrário de Pedrinho, com sua aparência de anjo, saiu ao pai e à avó, de quem herdou o nome: Filomena.

Geny ficou decepcionada com a aparência da filha, coisa que confessou a Cornélia, que viera para ajudá-la.

Nos anos que se seguiram, ela se dedicou de coração aos filhos. Adorava o menino, porém muitas vezes, quando Filomena chegava perto dela e a abraçava, Geny tinha a sensação de que a sogra, implicante, havia saído do túmulo.

O conde, ao contrário, tinha adoração pela filha, talvez por ela lhe lembrar a mãe.

Durante esse tempo, apenas um fato empanou a vida de Geny. Certa tarde, uma carroça velha apareceu na frente do castelo, trazendo dentro, sua mãe e uma de suas irmãs.

Vinham elas informar que seu pai havia falecido e que as deixara praticamente sem nada.

Geny, tendo se casado tão bem — disse a mãe —, poderia auxiliá-las, como era a obrigação dos filhos e... Arrumar entre seus amigos alguém para se casar com Emília, que embora não tivesse dote, era uma excelente moça.

Geny, ao ver o olhar de desdém com que a criadagem olhava para as desarrumadas mulheres, deu graças aos céus pelo conde não estar. Rapidamente encaminhou-as à estalagem local, onde pediu ao estalajadeiro que nada deixasse faltar às hóspedes.

No dia seguinte, dizendo que o conde era muito bom, porém não gostava muito de receber visitas e, como a mãe devia saber, Cornélia e Bela vinham bastante ao castelo. Se ela ainda pedisse para receber a mãe e a irmã ele poderia se zangar. Mandou encher a velha carroça com mantimentos e

roupas e destacou uma carruagem para levá-las de volta. Despediu-se e prometeu enviar uma quantia em dinheiro todos os meses.

Quanto a arrumar um noivo para a irmã, se aparecesse alguém, ela informaria. Não, ela não podia ficar com Emília no castelo, o conde não permitiria.

Cumprindo a promessa de enviar o dinheiro, não se preocupou mais com a antiga família.

Quando, certo dia, vieram lhe informar que a mãe estava à morte, limitou-se a enviar mais dinheiro.

Não sentiu nenhuma culpa por não ir ao funeral.

Capítulo 3

Aniversário de Pedro

Pedro estava para completar cinqüenta anos e, por conta disso, decidiu fazer uma grande festa.

Às vésperas do aniversário, Geny estava em seus aposentos, quando vieram lhe dizer que o conde a esperava no andar de baixo. Ao adentrar a sala, viu que o marido estava acompanhado por um homem jovem e alto.

— Querida, veja quem chegou. Meu irmão caçula, o Rafael! Fiquei muito contente por ele ter aceitado nosso convite — colocou a mão no ombro do rapaz.
— Venha conhecê-lo — disse, exibindo um ar feliz.

O homem que veio ao encontro de Geny, com negros e fartos cabelos e belos olhos azuis, tinha a aparência de um príncipe renascentista.

Quando ele se curvou, pegou em sua mão, e a levou aos lábios, Geny sentiu os pés pregados no chão; a pulsação se acelerou nas veias, uma sensação de arrebatamento a impedia de se mexer. A

sala lhe pareceu abafada, muito embora as janelas estivessem abertas.

— Condessa, que prazer conhecê-la! — disse Rafael, com seu belo timbre de voz, olhando-a nos olhos. — Estou muito feliz por ver que meu irmão encontrou uma esposa maravilhosa! — endireitando-se, soltou sua mão lentamente. — Tenho certeza de que a comemoração do aniversário de Pedro será inesquecível!

— Obrigada! — respirou fundo. Pegou o leque, abanou-se. — Espero que o senhor tenha uma estada alegre ao nosso lado.

— Condessa, por favor, me chame de Rafael.

Olhou para o marido, que lhe fez um sinal afirmativo com a cabeça.

— Nada de cerimônias entre vocês, chame minha mulher pelo nome. Agora, vamos brindar este encontro. Ao pegar a taça de vinho, Rafael disse:

— Brindemos ao aniversário do meu querido irmão. Mano, você não sabe como estou feliz por estar junto à minha família. — Olhou para a cunhada e sorriu.

— Esperamos que sua estada em nossa casa lhe dê muito prazer. Não é querida?

— Eu também! — Rafael pensou, enquanto olhava sorrindo para Geny.

Tendo em vista que os principais cômodos do castelo já estavam ocupados pelos hóspedes, que haviam chegado anteriormente, Rafael foi acomodado em um quarto que fazia parte dos aposentos do casal.

À noite, pronto para se deitar, Rafael, recostado em uma poltrona, com os pés sobre um banquinho, fumava prazerosamente um charuto.

— Então meu velho e gordo irmão conseguiu se casar com uma linda mulher. Hum... Talvez tenha chegado à hora de nosso acerto de contas — pensou.

Levou o charuto à boca. Várias lembranças vieram à sua mente. Desde que se dera por gente, os pais o comparavam com o irmão mais velho. O correto irmão mais velho, o favorito.

— Rafael, veja lá o que vai fazer. Tenha cuidado, hein! Siga o exemplo de seu irmão — diziam eles.

Porém, logo que atingiu a adolescência, ele sentiu uma grande atração pelas mulheres. Abraçava e beijava todas as que lhe apareciam pela frente. Nessa altura, seu pai já tinha falecido. A mãe, quando soube do fato, chamou-o às falas:

— Rafael, deixe essa atitude para quando ficar mais velho. O que está fazendo é pecado! Seu irmão sempre se comportou bem e honrou o nome da nossa família.

Mas ele se sentia fraco para as tentações e logo os conselhos da mãe eram esquecidos. Certa ocasião, quando um marido ciumento veio se queixar, Pedro, ao saber que ele fora encontrado com a dama, sem dó nem piedade, pegou uma chibata e lhe aplicou um corretivo.

Ainda hoje, quando se lembrava das chicotadas, sentia as costas arderem. Além das chibatadas, ordenou que Rafael ficasse no castelo, sem sair por trinta dias. Castigo estúpido, em sua opinião, pois logo encontrou entre as criadas algumas que lhe fizeram companhia. Desde essa época tomara um

ódio pelo irmão e jurara que se encontrasse uma oportunidade se vingaria. Bem, parece que a oportunidade chegara. Riu para si mesmo. Notou que a cunhadinha tinha ficado bastante perturbada com sua presença. Tinha a certeza de que não teria dificuldades para conquistá-la.

Apagou o charuto. Ao deslizar entre os perfumados lençóis, lastimou que durante o jantar, Geny houvesse ficado longe dele, o que dificultara uma aproximação. Mas, o jogo estava apenas começando. Com um sorriso satisfeito, apagou o lampião. Adormeceu.

Geny, insone, revirava-se na cama. Só de pensar que apenas uma porta a separava de Rafael sentia um calor percorrê-la de cima abaixo. Tentando se acalmar, ergueu-se nos cotovelos e tomou um pouco de água. Ao seu lado, adormecido, Pedro resmungou.

Com cuidado, para não acordá-lo, voltou a se deitar. Demorou bastante para conciliar o sono.

No dia seguinte, ao acordar, Rafael, que viera acompanhado apenas pelo palafrenero, tocou a sineta para chamar um dos criados da casa.

Batidas soaram na porta.

— Entre.

— Licença, senhor. — Uma moça apareceu no umbral — o senhor chamou?

— Sim. — Surpreso olhou para ela — "hum... nada mal", pensou. — Meu criado particular está doente e não pôde vir comigo. Peça que me trague água quente.

— Sim senhor, já vou providenciar — respondeu sem fitá-lo. Inclinando-se, virou para sair.

— Espere, é você quem vai trazer? Onde estão os valetes? — perguntou enquanto a olhava de cima abaixo.

— A casa está lotada e eles estão atendendo aos hóspedes que chegaram anteriormente. Com licença. Dali a alguns minutos, ela voltou carregando uma grande jarra cheia de água.

— Licença, senhor. Posso colocar a água na bacia?

— Espere, deixe-me ajudá-la. Afinal, uma bela moça como você não deve carregar coisas pesadas — falou, exibindo seu belo sorriso.

— Senhor, essa é a minha função. Já estou acostumada — sentindo o rosto vermelho, tentou afastar a jarra dele.

— De jeito nenhum! Você é bonita e delicada demais para esse tipo de trabalho — tirando a jarra de suas mãos colocou a água na bacia. — Pronto — fitou-a no rosto. — Bonita como é, deve ter um noivo, não? Ela corou, abaixou a cabeça.

— Eu sou viúva, Senhor.

— Viúva? Tão novinha? — colocou o dedo sob seu queixo e ergueu-lhe a cabeça. — Coitadinha! Faz tempo?

— Meu marido faleceu há dois anos.

— Tudo isso! E, até agora não arrumou outro noivo?

A moça negou com a cabeça. Pegou a jarra.

— Ah, mas então deve se sentir muito sozinha — falou em tom suave.

Ela corou novamente. Com a cabeça baixa, perguntou:

— O senhor precisa de mais alguma coisa?

— Sim. Sabe se meu irmão e a condessa já se levantaram?

— Sim, senhor. Agora mesmo estavam tomando o desjejum.

Rafael tirou o robe e a camisa do pijama, pegou o pincel e começou a ensaboar o rosto. Ao ver a cena, a criada arregalou os olhos.

— O que foi? Não vai me dizer que nunca viu um homem fazer a barba.

— Eu? Sim, senhor. — e sem fitá-lo perguntou: O senhor precisa de mais alguma coisa? Enquanto falava ia em direção à porta.

— Diga uma coisa, moça bonita. O que os condes fazem após o café da manhã?

— O conde geralmente vai para o seu escritório.

Com o pincel na mão, perguntou:

— E a condessa?

— Ela geralmente vai para o canil — seu rosto se animou. — Muitas vezes, nós, quero dizer, as crianças e eu a acompanhamos.

Rafael pegou a navalha.

— Você gosta de cães?

— Eu, senhor?!

— Sim, você.

— Gosto, gosto muito.

— E a condessa?

— Ah, ela adora os cães — sua voz se animou. — Outro dia, ela comentou que gostaria de ter um cãozinho pequeno.

— Um cãozinho pequeno? Os do canil são grandes?

— Sim, senhor. São de guarda. Agora, se me der licença.

— Pode ir. Mas, antes me diga uma coisa, aquela porta à direita vai dar aonde?

— Ali são os aposentos dos condes. Com licença.

Enquanto terminava de fazer a barba, cantarolando, Rafael pensava que uma pequena atenção dada aos criados, poderia abrir muitas portas. Satisfeito, tratou de se vestir.

Após degustar o café da manhã, dirigiu-se ao escritório do irmão. Bateu na porta e entrou.

— Bom dia, Pedro.

— Bom dia. Então, está gostando daqui? As coisas estão ao seu gosto? Se precisar de algo é só me dizer.

— Obrigado, está tudo ótimo. — Aproximando-se da escrivaninha, onde o irmão estava sentado, acomodou-se em uma poltrona. — Mano, como sabe, vim de carruagem. Se for possível, gostaria de dar umas voltas por aí — fez um gesto com a mão. — Sei que você tem excelentes montarias e...

— Claro Rafael. Meus cavalos estão à sua disposição. Faço questão de acompanhá-lo até as cocheiras — ergueu-se. — Tenho aqui um árabe que, com certeza, vai agradá-lo muito.

Realmente, Rafael adorou o corcel negro, cujo nome era Caprichoso.

Ao montá-lo, percebeu o porquê do nome: era preciso pulso firme para contê-lo. Se o cavalheiro não tomasse cuidado poderia acabar no chão. O ímpeto do animal agradou bastante a Rafael, que adorava desafios.

Na manhã seguinte, ele acordou a tempo de tomar o café com os condes e alguns convidados madrugadores, entre eles Cornélia e Bela. Após, o que pediu licença para se ausentar. Queria explorar as redondezas.

Geny estava apreensiva, pois a tarde chegava ao fim e Rafael ainda não havia retornado. Amiúde, ela ia até a sacada de seu quarto e apurava a vista tentando ver alguma coisa. Quando sua apreensão estava chegando à beira do desespero, eis que Caprichoso surgiu ao longe. Disfarçadamente, continuou a olhar através da cortina.

Rafael apeou e amarrou a montaria. Depois, tirou cuidadosamente uma caixa de trás da sela. Com ela na mão entrou no castelo.

Em seu quarto, ele colocou a caixa no chão. Abriu, deu uma olhadinha, voltou a fechar. Tocou a sineta. A criada apareceu.

— Ora, ora, eu tinha me esquecido de que neste castelo tinha uma mulher tão bonita! Seu olhar insolente novamente, a percorreu de cima abaixo.

Ela corou até a raiz do cabelo.

— O senhor está precisando de alguma coisa?

— Sim, preciso de um banho. Você pode preparar para mim? — perguntou, com suavidade na voz.

Mergulhado na água, com a cabeça encostada na beira da tina, Rafael tinha os olhos fechados e um sorriso nos lábios. O dia tinha sido muito interessante. Sacudindo a cabeça, esticou a mão, pegou a sineta, bateu.

Ouviu quando ela abriu a porta.

— Moça bonita, por favor, venha até aqui.

— Onde, senhor?

— Aqui atrás do biombo.

Ao vê-lo dentro d'água, ela novamente corou até a raiz do cabelo.

Após olhar em seu rosto, ele perguntou:

— Como é o seu nome?

— Anabela, senhor — respondeu com os olhos baixos.

— Anabela! Um nome lindo, para uma bela mulher!

— disse com voz de aprovação. — Sabe? Enquanto tomo banho, me apetece um bom vinho. Será que poderia me providenciar uma jarra? Pediu com ar de menino travesso.

— Sim senhor — respondeu com os olhos baixos.

Quando ela voltou, ele pediu para que o servisse.

Em seu quarto, Geny apurou os ouvidos: alguns sons vinham do quarto do cunhado. Animada com a expectativa de encontrá-lo no jantar, rapidamente tratou de acabar de se arrumar.

Mais tarde, Geny estava de volta aos seus aposentos, quando passos soaram no corredor.

— Geny, Bela e eu podemos entrar? — perguntou Cornélia, após entreabrir a porta.

— Claro, entrem.

— Como é, está tudo pronto para a recepção de amanhã?

— Como? Ah, sim, está tudo sob controle.

— O que houve? Você parece agitada.

Geny foi até a janela, ficou de costas para elas, olhou para o jardim. Lentamente se virou.

— Madrinha, o que achou do irmão de Pedro?

— Você não nos convida para sentar?

— Desculpem-me. Vamos nos sentar.

— Geny, estou sentindo que o rapaz, irmão de Pedro, lhe causou funda emoção.

Ela levou as mãos ao rosto. Lentamente as abaixou.

— Ele é um homem... Um homem sensacional — olhou para elas, como à espera de concordância. — Hoje, após o jantar, tivemos a oportunidade de conversar — seu rosto se iluminou. — Ele é animado. Desde que chegou, parece que o castelo ganhou vida nova.

— Então, nós não estamos enganadas, Rafael a abalou.

— Desde que nos vimos, pela primeira vez, senti alguma coisa se remexer dentro de mim — levou a mão ao coração.

Elas se entreolharam.

— Geny, cuidado. Você conseguiu um ótimo casamento. Seu marido é um homem de muitas posses. Margarida, até hoje, não se conforma em tê-lo perdido.

— Sei disso, madrinha. Mas, às vezes, sinto uma ânsia dentro do peito — suspirou. — Pedro é bom, mas... Não preenche minha vida — levantou-se do sofá, abriu os braços. — Sinto falta de alguém para conversar. Além do que, ele é bem mais velho que eu. Ultimamente, tem estado muito cansado. Onde encosta a cabeça, dorme...

— Eu entendo. Como sabe, a vida pode ter suas compensações — olhou para a afilhada. — Não estou dizendo para que se prive das alegrias. Mas... É necessário ter cautela, está me entendendo?

— Sim, creio que sim.

— Tenha cuidado. Não se comprometa. — Olhou para o relógio que estava sobre uma cômoda. —

Bom, vamos deixá-la. — ergueu-se. — Para sermos felizes, às vezes é necessário saber conduzir a vida.

Ao chegarem à porta, Bela, que até então estivera calada, disse:

— Homens bonitos, geralmente, é uma perdição para as mulheres. Tenha cautela.

Apenas recentemente Geny descobrira que Bela, na verdade, era mãe de Cornélia. Fruto de um amor clandestino, que as sustentara e que, ao morrer, deixara alguns bens para elas. Cornélia, sendo bonita, conseguira se casar com o marquês de Resplendor.

— Então, a vida pode ter suas compensações. Será?

Estava imersa nesses pensamentos, quando Pedro entrou no quarto. Era hora de dormir.

No dia seguinte, quando passou pela porta do quarto de Rafael, Geny pensou ter ouvido sons de risadas. Imagine só, quem poderia estar com ele àquela hora da manhã?

Capítulo 4

Dias de festa

Ao entrar no salão, Geny se deparou com vários convidados tomando o desjejum. Percorreu o local discretamente com os olhos. Rafael não estava entre eles.

A conversa à mesa não podia ser outra. Todos ansiavam pela chegada da noite e a comemoração do aniversário.

Após o café, as pessoas se espalharam. Geny mandou buscar os filhos para que fossem com ela até

o canil. Estavam distraídos brincando com os cães quando ela ouviu uma voz agradável perguntar:

— Bom dia, será que posso me juntar a vocês?

— Rafael! Senti sua falta hoje no café da manhã — após falar, Geny teve vontade de morder a língua.

— Hoje levantei cedo. Eu precisava resolver uns assuntos. Então, como vão meus sobrinhos? Hein?

— chegou junto às crianças e abraçou-as. — Vocês gostam de cavalgar, certo? — olhou para os sobrinhos, mostrando interesse.

— Gostamos.

— Eu tenho aqui uma lembrança para vocês — enfiou a mão no bolso do casaco, tirou dois pacotes e entregou um para cada criança.

Eram dois pequenos chicotes com elaborado cabo de prata. Os sobrinhos adoraram o presente.

Enquanto ele conversava com as crianças, Geny tentava contar as batidas "malucas" que seu coração dava.

De repente, ele se virou:

— Ah, mas para a mamãe também há uma lembrança. — Deu alguns passos, abaixou-se e pegou a caixa que trouxera no dia anterior. — Upa, preciso tomar cuidado para não deixar cair — chegou junto da cunhada, esticou a caixa. — Espero que goste.

— Para mim? — Geny estava surpresa. Eu... — olhou para ele.

— Mamãe, a senhora não vai abrir a caixa? — Pedrinho perguntou.

— Sim, vou sim — pegou e abriu. — Meu Deus, o que é isso? Que gracinha! Vejam! — exibiu para os filhos um cachorrinho peludo todo branco. — Que

amor! — encostou-se ao rosto, olhou para Rafael — eu nem sei o que dizer.

— Gostou?

— Adorei!

— Mãe, deixa-me ver, deixa...

— Espere Filomena, primeiro seu irmão. Veja Pedrinho, que coisa fofa!

— Ah, mãe, esse é um cachorro para mulheres.

— É verdade, Pedrinho. Eu notei que no canil havia muitos cães, mas nenhum adequado a uma senhora

— Rafael disse.

— É mesmo, titio. — Filomena passou os olhos pelos cães.

— Agora nós já temos um cachorrinho para nós — olhou para o irmão. — Viu só que bom? Tio Rafael é um amor.

— Bah, eu gostei mais do chicote — balançou-o no ar. — Hoje mesmo quero usá-lo.

— Rafael, eu nem sei dizer como seu presente me agradou! — Geny falou. — Eu sempre quis ter um cão pequeno, mas... — poderia dizer que o marido nunca satisfizera sua vontade, mas preferiu ficar calada. — Quer dizer que você saiu por aí à cata de presente para mim? Para nós? Corrigiu.

— É claro, quando eu me for, vocês terão algo para se lembrar de mim.

Geny preferiu não pensar no dia da partida dele.

À tarde, Geny estava brincando com o cachorrinho, quando soaram batidas na porta que separava seus aposentos dos de Rafael.

Sentindo um misto de emoção e ansiedade, ela foi até a porta e abriu.

— Oi, Geny. Pedro está por aí? — Rafael perguntou, olhando para o cômodo, por cima da cabeça dela.

— Pe... Pedro? — gaguejou. — Não, ele só deve subir daqui a pouco. Por quê? Precisa de alguma coisa?

— Ah, me desculpe! — passou a mão no rosto. — Eu não quero incomodar. Bem, preciso fazer a barba e minha navalha não está boa. Queria ver se meu irmão tinha uma para emprestar — olhou para ela, exibiu seu belo sorriso. — Desculpe incomodá-la — pegou a porta e fez menção de fechar.

— Espere. Creio que deve haver algumas navalhas ali na cômoda. Quer ver?

— Eu... Não estou vestido adequadamente para entrar nos aposentos de uma senhora.

Só então Geny notou que ele usava um robe.

— Deixe depois eu falo com Pedro. Com licença — deu um sorriso e fechou a porta.

Geny se sentou em uma poltrona. Cobriu os olhos com as mãos e assim ficou até Anabela chegar para lhe preparar o banho.

Pedro não poupou esforços e nem dinheiro para que sua festa fosse um sucesso.

Durante a deliciosa ceia, uma magnífica orquestra, instalada sobre um tablado no grande salão de baile, tocava em surdina suaves melodias.

Após a refeição, todos se dirigiram ao salão de bailes. A um sinal de Pedro, os músicos passaram a tocar uma valsa dançante. Pegando Geny pela mão

ele a enlaçou e deu início ao baile. Vários casais passaram a acompanhá-los.

Após dançar com o marido pesado, Geny, muito linda em seu vestido de seda florido, dançou com vários convidados. Entre uma música e outra, ela procurava Rafael com o olhar — sabia agora que ele não era casado. Notou que ele parecia estar muito contente conversando, rindo e dançando com todas as moças casadoiras que lá estavam. Ao vê-lo se divertindo com as outras, alguma coisa se apertava em seu peito. Dizendo a si mesma que nada tinha a ver com ele, tratou de se divertir.

Por sua vez, Rafael, sempre com um sorriso nos lábios, procurava ficar se divertindo nos locais que ficavam bem à vista de todos, especialmente de sua bela cunhada.

Geny já havia tomado várias taças de vinho, quando Cornélia chegando junto dela, disse:

— Cuidado para não se embebedar. Bêbados não sabem o que fazem.

— Ora, madrinha, eu estou bem sóbria, não se preocupe.

— Será? Tenha cuidado não se meta em complicações — olhou para Rafael que, mais lindo do que nunca, em seu traje de gala, nesse momento conversava com Pedro. Tocou com a mão enluvada no rosto da afilhada e sorriu. — Mas como eu já disse a vida pode ter algumas alegrias. Desfrute-as...

Geny respirou fundo, colocou a taça vazia sobre uma mesa. Olhou ao redor a procura de um garçom, continuava sentindo muita sede.

— Geny, será que me daria à honra dessa dança? — Rafael perguntou, enquanto se curvava e estendia a mão.

— Eu... — olhou para onde havia visto o marido.

— Eu já pedi licença ao meu irmão.

— Já... Já pediu? — gaguejou. — Está bem.

Ele a enlaçou e saiu rodopiando pelo salão. De vez em quando a apertava contra si, talvez um pouco mais que o exigido pela dança. Certo instante, Geny teve a impressão de sentir seus lábios roçarem em seus cabelos. Quando a valsa terminou Rafael a levou até Pedro.

— Irmão, muito obrigado! — olhou para ela. — Minha cunhada é uma excelente dançarina. Se não se importar, mais tarde quero tirá-la novamente para dançar. — Com licença! — fazendo uma mesura afastou-se.

— Querida, você parece cansada, está ofegante. Quer uma taça de champanhe?

— Sim — ela respondeu, enquanto se abanava com seu belo leque.

O baile estava para terminar quando Rafael novamente a tirou para dançar. Desta vez, ele a apertou mais nos braços. Depois, quando a música terminou, olhando em seus olhos disse:

— Meu irmão é um homem de sorte, de muita sorte.

— Beijando sua mão continuou. — Obrigado, espero que estes momentos tenham sido tão especiais para você como foram para mim.

Mais tarde, em sua cama, após o magnífico espetáculo pirotécnico que Pedro contratara, Geny revirava-se sem conseguir dormir. Parecia que em todos os locais nos qual Rafael tocara sua pele

queimava. Revirou-se tanto até Pedro reclamar que não conseguia dormir devido à sua agitação.

Ela respondeu que estava assim, devido à alegria que sentira durante a festa. O que não era de todo mentira.

Ao contrário de Geny, Rafael dormia feliz com um sorriso nos lábios.

No dia seguinte, a maioria das pessoas levantou tarde.

Geny, após verificar se tudo estava a contento para os hóspedes, arriscou dar uma volta pelas salas e mesmo pelo terraço, para ver se Rafael estava por ali. Não tendo encontrado o cunhado, sentiu certa decepção.

De repente, no meio da conversação geral, sons de cascos de cavalo foram ouvidos.

Rafael entrou na sala, muito elegante, usando uma roupa de montaria toda negra que ressaltava sua bela aparência. Disse lamentar não haver chegado a tempo para tomar o desjejum com eles. Neste momento, seu olhar procurou o de Geny. Havia saído para um passeio e pudera apreciar a beleza da propriedade. Olhando para o irmão concluiu:

— Pedro, Caprichoso é realmente um cavalo especial. Hoje tive a impressão de que ele estava a fim de me derrubar.

— Conde Rafael, que perigo! Então o senhor deve escolher outra montaria. Imagine só como seria desagradável se tivesse sofrido algum acidente! — disse uma bela mocinha, de nome Laura, com a qual

ele havia dançado várias vezes na noite anterior, e cuja mãe tentava, a todo custo, impingi-la ao rapaz.

Geny teve vontade de dar-lhe umas tapas.

— Realmente, Caprichoso é um cavalo difícil, mas Rafael sempre gostou de desafios — disse Pedro.

— Ah, eu gosto mesmo. Afinal, que graça teria a vida se não houvesse os desafios? — novamente olhou para Geny.

Mais tarde, Geny, pronta para o almoço, estava em seu quarto e brincava com a cachorrinha à qual havia dado o nome de Bianca, quando novamente soaram batidas na porta divisória.

— Meu Deus! — levou a mão ao peito. — Será que é o Rafael? — pensou, e achando melhor ter algo na mão, pegou Bianca no colo e foi abrir.

— Oi Geny, ah você está brincando com a cadelinha? Então ela está se comportando? Já tem nome?

— A cadelinha? Ah, sim está, sim. Eu coloquei nela o nome de Bianca e procurando não olhar para a camisa entreaberta, ela continuou. — Você precisa de alguma coisa?

Ele a fitou intensamente, depois abriu um sorriso.

— Sim, preciso de sua ajuda. Eu estou em dúvida sobre qual gravata devo usar no almoço. Você poderia me dar uma opinião? Já percebi que além de ser muito bonita, você tem muito bom gosto.

— Eu? Ora, imagine só — respondeu corando. — Onde estão as gravatas? — perguntou evitando olhar para ele.

— Venha até aqui. — Pegou em sua mão e puxou-a para dentro de seus aposentos. — Ali estão elas, sobre a cômoda.

Ao se curvar para olhar as gravatas, percebeu que ele também se curvara. Sua respiração junto dela, causou um arrepio. Rapidamente ela se endireitou, ele também foi rápido. Abaixando a cabeça, ergueu a mão e acariciou seu queixo.

— Geny, Geny, você é capaz de enlouquecer qualquer homem — sua voz e seu olhar eram como que uma carícia.

Assustada, deu um passo para trás e correu de volta para seu quarto, apertando Bianca com força. A cadelinha emitiu um lamento.

Rafael fechou mansamente a porta.

Durante o almoço, Geny sentiu o olhar do cunhado várias vezes sobre si.

Após a refeição a conversa corria solta.

Subitamente fez um momentâneo silêncio e todos puderam ouvir quando uma mulher disse:

— Conde Rafael, não sei se sabe, mas depois de amanhã iremos embora. Não queremos abusar mais da hospitalidade dos condes. — Era a mãe de Laura, quem falava.

— Nós temos o maior prazer em ter os amigos conosco — Pedro disse cortesmente.

— Muito grata, mas realmente precisamos voltar para casa. Pois é, suponho que o senhor — olhou para Rafael — também qualquer dia deverá retornar aos seus afazeres, então quero dizer que nossa propriedade fica no caminho para o norte, e teremos o maior prazer se quiser parar para nos fazer uma visita. Quero colocar nossa casa à sua disposição.

— A casa e a filha — pensou Geny.

Antes que ele pudesse responder, outra mulher, mãe de duas moças falou:

— Ah, é claro que também vamos esperar sua visita. Aliás, nem precisa ser quando for embora, pois moramos aqui bem perto. Nossas propriedades fazem limite a leste. — Após falar olhou para a outra com ar de satisfação no olhar.

— Eu agradeço profundamente tão honrosos convites — olhou de uma para outra. — Certamente farei o possível para ir visitá-las.

— Mulheres sem graça — Geny pensou. Arriscando, disse: — Bem, esperamos que Rafael ainda fique bastante conosco. Afinal, minha madrinha e tia Bela irão embora amanhã e ficaremos Pedro, as crianças e eu muito sós. Você não pensa querido, que seu irmão deva ficar mais algum tempo conosco?

— Sim, sim, é claro.

— Conde Rafael, será que não poderia nos indicar algum jogo? O senhor conhece tantas brincadeiras interessantes — disse Laura, olhando embevecida para ele.

Geny fuzilou-a com o olhar.

No dia seguinte, pela manhã, a maioria das pessoas decidiu fazer uma cavalgada. Lá pelas tantas se afastaram, indo cada grupo para o lado que mais lhe agradasse. Várias pessoas já haviam voltado para o castelo quando subitamente Caprichoso apareceu galopando sem seu cavaleiro.

Geny, ao vê-lo, rapidamente levantou da cadeira em que estava sentada.

— Meu Deus! Cadê o Rafael? — perguntou para ninguém.

Correu à procura do marido. — Pedro, Caprichoso voltou sozinho.

— Como? Sozinho? Rafael não havia saído com ele? Onde está meu irmão?

— Não sei. O cavalo voltou só. Estou muito preocupada disse, torcendo as mãos.

— Eu falei para ele tomar cuidado. Rafael sempre foi impetuoso — levantando-se da cadeira, foi caminhando para fora do castelo.

Estavam em meio ao alvoroço, sem saber bem o que fazer quando alguém disse:

— Vejam, lá está o Rafael.

Ele chegou mancando. Contou que Caprichoso, subitamente disparara, jogando-o no chão. Colocando a mão direita sobre a perna esquerda, disse que havia se machucado um pouco.

Um médico foi chamado. Enquanto ele não chegava, Anabela foi destacada para lhe fazer umas compressas.

Em seu quarto, Geny, preocupada, torcia as mãos. Ouvindo os sons que vinham dos aposentos do cunhado, não sabia se devia ir até lá para ver como ele estava, ou se devia ficar quieta. Finalmente, decidiu que quando o médico chegasse, o acompanharia durante a visita. Assim ninguém poderia fazer nenhum comentário.

Batidas soaram na porta.

Cornélia, Pedrinho e Filomena surgiram no umbral.

— Geny, eu e as crianças estamos preocupadas com Rafael. Estamos pensando em ir ver como ele está. Você nos acompanha? Cornélia perguntou erguendo as sobrancelhas.

— É claro que sim — respondeu feliz.

Capítulo 5

Assédio

O médico, após mandar que todos saíssem do quarto, fez minucioso exame na perna esquerda de Rafael. Depois, tirando os óculos, limpou-os cuidadosamente, voltou a colocá-los. Franzindo o sobrolho olhou para Rafael.

— Senhor conde eu... Não estou encontrando...

— Doutor, sei o que vai dizer — fez um gesto com a mão eu realmente estou bem, nada tenho na perna.

— Como? Então me chamou aqui para quê? Como sabe, tenho outras pessoas para atender — falou em tom exaltado.

— Calma, doutor, eu posso explicar. — Ajeitou-se na cama. — O senhor há de entender. Bem, como deve saber, meu irmão fez aniversário. Eu, ao chegar, vi que ele havia convidado muitas pessoas, entre elas muitas famílias com moças em idade de se casar — ergueu os ombros.

O médico riu.

— Já sei, elas caíram sobre você. — Bonito, rico e nobre é claro que as mulheres o assediavam — pensou.

— Pois é. — Novamente fez um gesto com a mão. — Eu gosto muito de mulheres... Mas não estou disposto a ficar servindo de distração para meninotas. Então, quando levei uma pequena queda do cavalo, tive a idéia de fingir uma queda maior — deu de ombros. — E se o senhor determinar que deva ficar de repouso e passar algum unguento para melhorar a dor elas terão que entender — olhou para o médico.

— Sem contar meus sobrinhos traquinas que ficam o tempo todo atrás de mim.

— Bem... Eu... Sabe, tenho minha reputação.

— Sei que o senhor é um homem ocupado. Sei também que faz muita caridade e muitas vezes atende pessoas humildes, que não têm como lhe pagar. Bem, eu gostaria de colaborar, afinal, o senhor deve ter um gasto grande com os remédios que distribui aos carentes — abriu a gaveta do criado-mudo e pegou várias notas. — Por favor, aceite — olhou para o médico com ar de coitado.

— Bem... Eu...

— Por favor, doutor. Eu só lhe peço que diga que preciso de massagens com unguento e que devo fazer repouso por um ou dois dias. Assim, quando eu melhorar, a maior parte dos convidados já terá ido embora.

Depois que o médico saiu, Rafael bateu a sineta. Quando Anabela apareceu, ele disse que, devido à queda, estava sentindo um pouco de dor. Gostaria que ela lhe trouxesse uma bandeja com algo para comer e depois dissesse aos outros que ele ia tentar dormir um pouco. Cansado da noite mal dormida, devido ao aniversário, dormiu quase a tarde inteira. Quando acordou, o crepúsculo se avizinhava. Levantando-se, foi até a cômoda, penteou os cabelos, perfumou-se e ensaiou no espelho uma cara de vítima. Satisfeito, sorriu para si mesmo.

Foi até a porta divisória e bateu. Ele sabia que neste horário Geny geralmente vinha se arrumar para o jantar.

— Geny, Geny.

Ela apareceu exibindo ar de preocupação no rosto.

— Rafael? O que foi? Está com dor?

— Sim. Por favor, preciso de sua ajuda — fez uma careta. — O doutor recomendou que eu passasse um unguento, mas sozinho estou tendo alguma dificuldade. Será que você poderia passar para mim?

— Você quer que eu passe unguento em sua perna?

— Sim, por favor.

— Bem... Nós podemos chamar algum criado para ajudá-lo.

— Geny, por favor! Sabe bem que esse pessoal é muito bruto. Eles só iriam me machucar mais. Por favor, me ajude — disse com aquele olhar de coitadinho.

Foi manquitolando até a cama, onde se sentou. Encostou a cabeça no espaldar e fechou os olhos por uns instantes, como se estivesse com dor.

Geny se aproximou, curvando-se, ergueu o robe dele, passou o líquido e começou a massagear.

Rafael fez cara de dor.

— Ai, ai —, gemeu.

Subitamente ele veio para frente, passou um braço sobre cintura dela e a puxou contra si. Sem que ela pudesse esboçar um movimento ele beijou-a nos lábios.

Geny tentou se debater. Ele a apertou mais e beijou-a com mais ardor.

— Minha querida, meu amor. Assim que eu a avistei desejei te beijar e abraçar.

— Rafael, por favor... Largue-me. — Tentava se soltar.

— De jeito nenhum, você é meu amor! — enquanto falava, beijava todo o seu rosto. — Querida, querida. Sabe por que eu caí do cavalo? — beijou-a. —

Porque Caprichoso é difícil e eu me distraí pensando em você — beijou-a novamente. — Eu sempre estou com você no meu pensamento, posso estar pensando em outra coisa, mas você sempre está em meu pensamento. Querida, querida me abrace... Abrace-me...

Geny sentia-se sufocada. A razão dizia para ela deixá-lo, o coração não.

— Rafael, por favor — olhou para a porta —, pode aparecer alguém.

Relutante ele a largou.

— Querida, eu quero que você fique comigo — olhou para ela com carinho. — Eu a amo. Por favor, meu amor, diga que me ama.

Ela abaixou a cabeça e tampou o rosto com as mãos. Lentamente retirou as mãos.

— Eu...

Antes que ela dissesse mais alguma coisa, ele a abraçou novamente e a beijou ardorosamente nos lábios.

— Não precisa responder apenas me deixe amá-la.

— Olhou para ela, acariciou seu rosto. — Deixe eu te amar. Eu vejo em seus olhos que gosta de mim... Por favor, meu amor, diga que sim!

Silêncio. |

— Minha querida, se aceitar-meu amor, fará de mim o homem mais feliz do mundo! Por favor, me aceite!

— Rafael, me largue, me largue — erguendo-se, virou-se e voltou correndo para seu quarto. Bateu a porta com estrondo.

Dali a segundos, Pedro entrou assobiando no quarto.

— Geny? Ainda não está se preparando para o jantar?

Naquela noite, Geny mal conseguiu pregar os olhos. Seus lábios queimavam.

Entretanto, Rafael dormiu muito bem, sonhando com a esposa do irmão.

Pela manhã, Rafael, deitado no leito, com as mãos sob a cabeça, pensava nos beijos que dera na cunhada, quando fortes batidas soaram na porta.

Pedro entrou.

— Bom dia. Então, como está se sentindo? Precisa de alguma coisa?

— Bom dia, mano. Eu estou melhor. — Soergueu-se, fez uma careta. — Ai! — tocou na perna. — Mas ainda não dá para dançar. — Olhou para o irmão e sorriu.

— É uma pena. Hoje eu e os amigos que ainda estão aqui decidimos ir pescar. Gostaríamos muito que fosse conosco.

— Pescar? Onde? Vão voltar para o almoço? — perguntou com ansiedade.

Pedro se sentou em uma poltrona, acendeu um charuto.

— Vamos até o rio Limpo há umas duas horas daqui, lá há muitos peixes. Nós só vamos voltar amanhã. Pedi a Geny para que providenciasse algumas galinhas assadas, pães, frutas e vinho, é claro.

— É mesmo? — "mas que ótimo!", pensou. — Então, voltarão amanhã.

Pedro limpou a cinza do charuto que caíra em seu crescente abdome.

— Sim. Os criados vão armar algumas barracas junto às margens — olhou para o irmão. — Ficaremos bem acomodados.

— Mas, o local é seguro? Será que não há algum perigo? — perguntou com ar de preocupação no rosto.

— O local é muito seguro, e muito bonito — disse, olhando para a perna do irmão. — Pena que você não possa ir...

— Pois é. Mas mano, como sabe, o grande pescador é você. Eu sou um desastre com o anzol. Ainda me lembro quando você ia pescar e trazia tilápia para nós.

— Você se lembra? — Pedro deu um sorriso saudosos. — Naquela época, mamãe ainda vivia — levantou-se. — Mas, meu irmão, se é um desastre com os peixes, é um sucesso com as mulheres, está sempre pescando alguma sereia, disse rindo, não é? As moçoilas não param de me perguntar sobre seu estado. Quer que elas venham lhe ver?

— Ah, mano, por enquanto não — fez uma careta —, porém, espero estar melhor até a noite. Pretendo descer para jantar no salão. — Olhou para o irmão. — Mas, para isso vou descansar o dia todo.

— Muito bem. Vou pedir que lhe tragam o desjejum — ia saindo, voltou. — Ah, sim, como alguns convidados já foram embora, destaquei um valete, o Nicanor, para lhe servir.

Rafael esfregou as mãos de contentamento. As coisas estavam se encaminhando melhor do que ele esperava.

Logo após o almoço, que Rafael também degustou em seu quarto, ele foi até a porta de

comunicação. Tinha esperança que pela manhã Geny houvesse se esquecido de trancá-la. Girou a maçaneta: a porta se abriu. Entrou. Cautelosamente procurou por Bianca. Encontrou a cachorrinha dormindo placidamente em sua cestinha. Pegou o animalzinho e levou-o consigo.

Dali a algum tempo escutou Geny entrar no quarto. Escutou-a chamar por Bianca.

Lentamente ele pegou a cachorra, aproximando-se da porta bateu com os nós dos dedos, e em seguida a abriu.

— Geny, você está procurando a Bianca?

— Rafael! O que aconteceu? Bianca está bem? — veio em direção a ele e tentou pegá-la.

Rafael ergueu o braço.

— Bianca agora está bem. Porém, chorou muito esta manhã. Fui obrigado a ficar com ela.

— Está certo, desculpe pelo incômodo. Agora me dê à cachorra. — falou Geny sem olhar em seu rosto.

— Você quer a cachorra? — ele foi voltando de costas para o quarto. — Venha até aqui.

— Eu... Eu... Não sei... — Geny sentia forte emoção.

— Venha, meu amor — falou as palavras em tom bem suave. Rapidamente colocou Bianca sobre uma poltrona, esticando a mão puxou a moça contra si e a beijou nos lábios.

— Rafael, por favor, me largue. Alguém pode entrar.

— Querida, todos devem estar descansando — disse, continuando a beijá-la. — Eu passei a noite acordado, pensando em você. Meu amor, deixe eu te amar.

Geny sentia uma forte onda de calor a envolver. De repente, ela estava em seus braços e se sentia a mulher mais feliz do mundo. Seu desejo era que o

relógio não marcasse mais as horas e que o crepúsculo nunca chegasse.

No final da tarde, já em seu quarto, olhou-se no espelho e quase não reconheceu a aparência feliz de mulher que o cristal lhe devolveu. Fechou os olhos, tocou os lábios com a mão. Ficou uns instantes imersa nas lembranças dos momentos felizes que passara. Tirou a roupa, colocou um robe, acabou de desmanchar os cabelos, que Rafael dissera serem lindos, e bateu a sineta. Quando Anabela apareceu, deu um bocejo e pediu a ela para que lhe preparasse um banho.

Trajando o seu vestido verde-musgo, que sabia lhe cair muito bem, Geny, com a cabeça bem erguida, entrou na sala de jantar. Ao olhar para frente viu que aos fundos fora colocada uma poltrona. Rafael, comodamente sentado com a perna sobre um banquinho, tinha ao seu redor várias moças.

Uma onda forte de ciúmes invadiu o peito de Geny. Respirando fundo, procurou se controlar. Seu olhar cruzou com o de Cornélia. A madrinha sorriu e aproximando-se, falou:

— Minha querida, saiba aproveitar as coisas boas que a vida oferece. Fique calma. Há momentos que precisamos saber agir com tato — e batendo de leve com o leque no ombro da afilhada concluiu: A noite é uma criança...

— Sou tão transparente assim? — Geny perguntou olhando ao redor, para ver se mais alguém escutava a conversa.

— Só para mim que a conheço bem — riu. — Mande servir o jantar.

Após o jantar, todos foram para o grande salão. Rafael, manquitolando, foi até o piano. Sentou-se no banquinho, abriu o piano e começou a tocar e a cantar canções de amor, para as quais as jovens faziam coro.

Geny, sentada em uma poltrona, tendo ao seu lado Cornélia e Bela, tinha vontade de mandar trancar as moças em seus quartos.

Depois de quase uma hora de sarau, ela se aproximou do piano e perguntou:

— As meninas aceitam um licor? E meu cunhado? Talvez um conhaque?

— Que ótimo Geny — respondeu ele virando-se para ela. — Eu estou com sede. E essas lindas moças também — levantando-se devagar. — Vou sentar em minha cadeira, minha perna está doendo.

— Posso ajudar? — Laura perguntou com ansiedade.

— Claro, só um tolo recusaria a ajuda de uma jovem tão bonita. — e apoiando-se nela, foi manquitolando até uma poltrona.

Após fuzilar Laura com o olhar, Geny mandou providenciar as bebidas.

Mais tarde, vendo que Rafael continuava a conversar e rir com as moças, ela decidiu que era hora de se retirar. Estava pensando em alegar uma dor de cabeça, quando ouviu Rafael dizer:

— Meus amigos — olhou no relógio —, já está tarde, quero pedir licença para me retirar.

— Conde, realmente já está ficando tarde. Creio que o senhor precisa descansar bastante para sarar logo. Temos sentido sua falta — disse a mãe de Laura.

Rafael se levantou, despediu-se de todos. Passando por Geny disse baixinho:

— Até mais tarde meu amor! - deu uma piscadinha.

Auxiliado por Nicanor, subiu a escada em direção aos seus aposentos.

No dia seguinte, quando Geny acordou, tocou com a mão o travesseiro que ainda mantinha a forma da cabeça de Rafael. Ela tinha percebido quando alta madrugada ele foi para seu quarto.

Cantarolando, levantou-se e bateu a sineta. Quando Anabela entrou, ela achou que a criada parecia ter chorado. Dando de ombros, ordenou a roupa que queria usar. Depois de pronta, sentindo-se imensamente feliz, desceu para tomar o desjejum.

Ao entrar na sala, seus olhos procuraram por Rafael. Ele estava de costas, olhando para uma pintura dela que Pedro mandara fazer logo que haviam se casado.

— Então, que tal? Gostou do quadro? — Geny perguntou.

— Geny, meu amor, pincel nenhum será capaz de captar toda a sua beleza!

Geny teve vontade de sair cantando e dançando de alegria.

No final da tarde, alegres, os pescadores retornaram.

Capítulo 6

Pedro escuta uma conversa

Nos dias que se seguiram, os convidados retornaram aos seus lares. As últimas a irem embora foram Cornélia e Bela.

Geny, devido à presença do marido, não estava tendo oportunidade de ficar com Rafael. Para não se sentir ansiosa demais, saía para cavalgar e procurava cuidar dos filhos, negligenciados nos últimos tempos.

Certa tarde, Rafael foi ao encontro de Pedro, no escritório. Informou que sua perna já não doía, portanto, talvez fosse melhor retornar ao seu lar, pois não queria abusar da hospitalidade do irmão. Pedro, porém, disse que era um absurdo ele pensar que estava abusando, afinal, agora que estava recuperado, os dois poderiam ficar juntos mais tempo e até ir pescar.

— Mano, eu agradeço o convite, porém, como sabe, não tenho paciência para a pesca. Gostaria de procurar alguma outra atividade para me distrair — disse Rafael; e com ar de coitado continuou. — Como sabe, estou confinado há muitos dias nesta casa e confesso já estar um pouco cansado.

— Claro, claro. Entendo o que quer dizer. Naturalmente esse tempo que ficou confinado, praticamente só na companhia de tolas mulheres, deve estar lhe dando nos nervos. Muito bem, amanhã eu preciso ir fiscalizar os vinhedos, logo, vamos iniciar a colheita da uva, que tal ir comigo?

— Ótimo, vamos sim! — Rafael acendeu um charuto e após tragar continuou. — Você costuma ir sempre aos vinhedos, não é?

— Sim, nesta época do ano, quase todos os dias. Como sabe o olho do dono engorda a boiada. — Falando sério, para que a colheita nos renda bem, precisamos cuidar da uva. Mas, você não precisa me acompanhar o tempo todo. O trabalho, às vezes, é maçante. Se quiser, pode ir à cidade — olhou para o irmão com ar maroto. — Lá há um lupanar com belas meninas — riu estrondosamente, ao mesmo tempo em que batia com a mão na coxa.

— É mesmo? Então o mano costuma encontrá-las?

— Eu? — fez cara de sério. — Não. Sou um homem casado. Sou um homem sério.

Rafael não acreditou muito na seriedade do irmão.

Nos dias que se seguiram, Rafael foi algumas vezes com o irmão aos vinhedos e observou que Pedro, durante a colheita da uva, costumava sair bem cedo e voltar apenas à noitinha. Feliz pensou que enquanto o tonto do irmão ficasse labutando sob o sol quente, ele poderia passar horas agradáveis ao lado de Geny.

Nos dias que se seguiram, Rafael e Geny tiveram alguns encontros breves, pois com a casa vazia, tais encontros corriam o risco de serem interrompidos pelas crianças ou mesmo por um serviçal.

Irritado, Rafael, certa tarde disse a Geny que queria passar mais, tempo ao lado dela.

— Eu sei meu amor, mas como vamos fazer? — Ela respondeu meigamente. — Eu também não gosto de precisarmos nos apressar tanto.

— Não gosta, não gosta... Porém, é capaz de passar a noite com Pedro, enquanto eu fico aqui pensando em você...

— Meu amor — ela se levantou da cama e tentou abraçá-lo. Ele se esquivou. — Meu amor, não fique assim — as lágrimas começaram a rolar pelo seu belo rosto. — Pe... Pedro é meu marido — limpou as lágrimas. — Você sabe disso. Eu lhe devo obediência.

Ele se virou para a janela, deu um suspiro.

— Eu sei — e voltando-se para ela, sorriu. — Por favor, não chore, minha querida, é que quando estamos longe, parece que falta um pedaço de mim. — Abraçou-a. — Ah! Se eu não a amasse tanto assim! Olhe para mim. Assim está melhor, por favor, amor não chore. Sabe o quanto eu a amo, não? — apertou-a contra si. — A vontade que tenho é de levá-la para mim! Mas como? Como o destino pôde ter sido tão cruel de fazer o bobo do Pedro a encontrar antes de mim? — falou com dramaticidade na voz.

Geny tentou se soltar.

— Rafael! Pedro não é bobo! — as palavras dele haviam quebrado o momento. — Meu marido é um homem bom! — levou as mãos ao rosto, abaixou-as, falou sem fitá-lo. — Às vezes, eu me pergunto se não seremos castigados por Deus, devido ao que estamos fazendo.

— Querida — fez cara de coitado. — Perdoe-me, mas quando penso que você pertence a ele, sinto ganas de estrangulá-lo, tão grande é meu amor por você. É claro que Deus não vai nos castigar. Afinal, nosso amor é maior do que tudo. Foi uma falta de sorte meu irmão, que é um homem bom, tê-la

encontrado antes de mim — estreitou-a contra o peito. — Na verdade, o destino foi muito cruel conosco. — Enquanto falava, beijava-a, sobre os cabelos, sobre o rosto e novamente sobre os lábios. — Rafael! — Geny ficou sem fôlego, como se sobre ela tivesse passado uma onda cheia de espuma e avassaladora. Entregaram-se novamente à paixão.

Na manhã seguinte, durante o desjejum, Rafael, astutamente disse ao irmão que estando recuperado da queda que sofrera, queria montar novamente Caprichoso.

— Afinal, não posso deixar que um simples ganhão me vença, não é?

— Claro, mano. Quando quiser mandarei selá-lo para ti disse Pedro, levando a xícara de café com leite à boca.

— Meu irmão, eu gostaria também de conhecer melhor a propriedade. O que há a leste, além da mata?

— Lá fica o antigo pavilhão de caça. Era usado quando organizávamos caçadas. Hoje está abandonado e precisando de reparos. — Limpou a boca com o guardanapo de linho. — É pena eu estar ocupado com a plantação, se não eu o acompanharia pela propriedade.

— É sempre mais agradável percorrer uma propriedade com alguém que a conheça. — Fez uma pausa. — Será que... Não há alguém que possa me acompanhar? — olhou para a cunhada. — Será que

Geny está muito atarefada? — perguntou para o irmão. — Seria muito pedir para ela me mostrar os arredores?

Geny sentiu um formigamento percorrê-la.

— Puxa, como eu não pensei nisso antes — Pedro respondeu enquanto batia com a mão na testa. — Creio que pela manhã não há problema. Geny acompanhe Rafael pela propriedade, até que ele possa ir sozinho. — falou em tom autoritário. Olhou para o rapaz. — Cuidado para não cair novamente do cavalo.

— Obrigado. Então, com sua permissão, irei com minha cunhada.

Geny sentiu mais do que viu o olhar de Rafael percorrê-la.

— Certo. Geny, quando forem sair, mande avisar na cocheira para que selem os cavalos. — e pegando o chapéu, falou: Agora, vão me dar licença, preciso ir. Até a tarde.

A partir daí tudo ficou mais fácil. Sempre que o tempo estava bom e Pedro cuidando dos vinhedos, os dois saíam e passavam horas agradáveis no pavilhão.

Dois meses depois, durante o jantar, Pedro comentou que era um homem feliz, pois tinha uma linda família e um ótimo irmão que não falava mais em ir embora.

Ao sentir o olhar do marido sobre si, Geny corou.

Geny, em seu quarto, aborrecida, contemplava pela janela a chuva que caía há mais de uma semana.

Pedro, que por este motivo estava quase sempre em casa, muito amoroso, sempre a queria perto de si. Por outro lado, Rafael, profundamente irritado, a cobrava, dizendo que ela deveria deixar o marido de lado e lhe dar mais atenção.

Aborrecida com a situação, chamou Anabela para auxiliá-la, porém a criada demorou a atender, chegando agitada, com os olhos vermelhos.

— Anabela, o que houve? Você andou chorando? Por que demorou a me atender? — perguntou com certa rispidez.

— Desculpe condessa, não passei muito bem. Demorei porque estive falando com o conde Rafael. Geny franziu as sobrancelhas.

— Falando com Rafael? — perguntou surpresa. — Que assunto você tem a tratar com o conde meu cunhado?

— Não é nada, não senhora. — respondeu com a cabeça baixa, pegou a escova. — A condessa não quer se arrumar? Se demorarmos, vai se atrasar para o jantar.

— O jantar não começará sem mim — sentou-se na banquetta da penteadeira. — Vamos então com isso.

No dia seguinte, pela manhã, a chuva parou. O sol brilhou forte, a lama do chão começou a secar.

Geny, mergulhada na banheira com água tépida, com os olhos fechados, antecipava o encontro que logo mais teria com Rafael. Cantarolando feliz, saiu do banho e tocou a sineta para chamar Anabela. Enquanto esperava, notou que Bianca parecia

agitada. A cachorrinha começou a rosnar encostada na porta que dava para o quarto de Rafael. Geny, ao se aproximar para pegá-la no colo, pensou ter ouvido vozes alteradas. Esticou o braço para bater na porta, porém, pensando melhor, deu de ombros. Depois conversaria com Rafael. Tocou novamente a sineta e dentro de minutos a criada apareceu.

— Anabela! Que demora! Onde você estava? — perguntou com rispidez.

— Desculpe condessa. Fui levar as botas do conde Rafael.

Geny olhou para ela.

— E onde está o Nicanor? — aproximou-se. — Você me parece pálida. Está acontecendo alguma coisa que eu não saiba? Lembre-se de que está aqui para me atender e não ao conde Rafael.

Anabela baixou os olhos.

— Sim senhora. Qual roupa quer vestir?

— Pegue o conjunto de montaria, verde-musgo. — e olhando-se no espelho continuou: Hoje quero ficar bonita.

— Para o conde Rafael? — falou a criada, colocando a mão na boca.

— Anabela! Não vou tolerar insolência! — Geny respondeu furiosa. — Exijo um pedido de desculpas, imediatamente!

— Desculpa — falou entre dentes, fazendo uma mesura.

— Muito bem. Que isso não se repita — sentou-se na banqueta. — Ande, venha me pentear.

No dia seguinte, Geny teve que esperar um bom tempo para sair com Rafael. Como ele nunca havia atrasado antes, durante a cavalgada até o pavilhão,

notando que ele parecia agitado, perguntou o que tinha acontecido.

— Você discutiu com alguém?

A princípio ele respondeu que estava tudo bem, porém depois, olhando para ela, passou a mão na testa dizendo:

— Hoje fiquei chateado com... Anabela, pois minhas botas vieram mal polidas. Essa gente causa tantos aborrecimentos que fiquei com um pouco de dor de cabeça, sabe que até fui dar uma voltinha para espairer? — e mirando-a de cima abaixo continuou.
- Mas tenho a certeza de que logo, logo estarei bem.

Geny balançou a cabeça concordando. Andaram um pouco em silêncio quando ela disse que, por falar em dor de cabeça, estava um pouco preocupada com o marido, pois Pedro vinha apresentando constantes dores de cabeça.

— Ah, é? Você está preocupada com o meu irmão, só porque ele tem uma dorzinha? E eu? Eu como fico?
— parou o cavalo.

Geny estacou também.

— Como assim? O que quer dizer?

— Eu fico em meu quarto, pensando em você. Pensando que pode estar com ele, que ele tem o direito de ficar com você enquanto eu fico sozinho, amargando o meu ciúme a maior parte do tempo. Eu que te amo tanto! — deu um profundo suspiro — Meu Deus, como eu sofro! — disse com grande pesar.

— Ah, Rafael. A vida nem sempre é como gostaríamos que fosse. Sabe bem que te amo e que também sofro muito. Por favor... Acalme-se, não devemos discutir, mas sim aproveitar os momentos de que dispomos. Já que não podemos mudar a

situação vamos logo até o pavilhão — disse com meiguice na voz.

Ele ficou olhando para o horizonte, depois se virando para ela, deu um sorriso.

— Tem razão, meu amor. Vamos logo.

Pedro, logo após o almoço, estava fiscalizando a colheita da uva quando sentiu forte pontada na cabeça. Sua vista escureceu. Temendo estar sofrendo de algum mal, mandou que lhe trouxessem um coche, no qual entrou. Disse ao cocheiro para que o levasse para casa.

Durante o trajeto, pensou que precisava se deitar para descansar. Pediria a Geny para que providenciasse umas gotas para a dor e também lhe fizesse uma massagem. Caso não melhorasse, mandaria chamar o doutor. Porém, só de pensar na esposa e no aconchego do lar, sentiu-se melhor.

Ao chegar, dirigiu-se para o seu quarto. Estranhando não encontrar a esposa, foi até a saleta e tocou a sineta. Anabela entrou no aposento, pálida, manquitolando e exibindo um hematoma na testa.

O conde olhou para ela e franzindo as sobrancelhas perguntou:

— O que aconteceu com você? — Eu caí.

— Caiu? Como assim? Onde? Quer ir ao médico?

— Não senhor. Eu caí... Minha mãe já passou arnica em minha perna. O senhor me chamou?

— Anabela, sabe onde está a condessa? — perguntou enquanto brincava com o chicote, batendo-o na perna.

— Ela saiu.

— Saiu?! Agora à tarde? Será que foi à igreja?

— Não senhor. — Com a cabeça baixa ela torcia o avental.

— Se não foi à igreja, onde foi? Você sabe? Sabe se ela foi levar alimento aos colonos?

— Eu creio que não, quem tem levado os alimentos são os criados da cozinha.

— Os criados? Mas, por quê?

— Foram ordens da condessa — disse de cabeça baixa, torcendo o avental.

Pedro, confuso, andou de lá para cá.

— Ah, vai chamar meu irmão, talvez ele saiba onde ela foi.

— Eles saíram juntos — respondeu, parecendo constrangida.

— Eles saíram juntos há esta hora? Foram cavalgar com as crianças?

— Não, as crianças estão com o preceptor. Ela saiu só com o conde. Quando o tempo está bom, eles saem sempre juntos.

Alguma coisa remexeu dentro do peito de Pedro. Ele ia falar algo, quando Filomena apontou na porta.

— Papai, que bom que chegou! — correu e abraçou o pai. — O senhor parece triste — olhou para o genitor.

— Por que não vai ao pavilhão encontrar com mamãe e tio Rafael? Sempre que eles vão até lá voltam alegres e contentes. Não é mesmo, Anabela? A menina olhava a criada com seus olhos ingênuos.

— Eu... Eu não sei. Com licença. — e virando-se de costas fez menção de se retirar.

— Anabela! — Pedro chamou com voz trovejante. — Volte aqui. A condessa tem saído sempre com meu

irmão? Levou a mão à cabeça que parecia querer estourar.

— Ah, papai, quase todos os dias, quando não está chovendo. Quando chove, eles às vezes ficam conversando e rindo no quarto do titio.

Pedro abraçou a filha.

— Querida, você não deveria estar com o preceptor?

— Eu pedi para beber água, agora vou voltar para a sala. Até logo! — deu um beijo no pai.

Ele esperou os passos da menina sumirem.

— Anabela, a condessa tem saído muito com meu irmão?

— Sim senhor, quase todos os dias.

— Muito bem. Obrigado, pode voltar aos seus afazeres.

Anabela saiu da saleta exibindo uma risadinha no rosto.

Pedro levou as mãos às costas e virou-se para a porta-janela que, aberta, deixava entrar o sol da tarde e o zumbido dos insetos.

— Será possível? — pensou. — Não, não deve ser. Certamente eles vão só passear. Ultimamente tenho ficado ocupado com o vinhedo. Geny está saindo todos os dias. Talvez por isso ela venha se mostrando meio aborrecida comigo. Vou esperar eles chegarem para ver de perto — e levando a mão à cabeça, apertou as têmporas. — Vou procurar algumas gotas para a dor.

Saiu da sala, caminhou em direção à sala de almoço, onde guardava os remédios sob chave, para que as crianças não tivessem acesso. Ao passar pelo corredor escutou a voz de Anabela, vinda de um cômodo.

— Pois é mãe — dizia ela. —, depois do que aquele conde safado me fez, tive vontade de contar tudo ao conde Pedro. Quase falei que ela se apronta toda bonita e se enfia no quarto do cunhado. Logo, logo garanto que ela vai se meter em uma encrenca. Todo mundo sabe que o conde Rafael é mulherengo. Garanto que a tonta pensa que ele está apaixonado por ela!

— Anabela, você não tem nada a ver com a vida dos patrões — falou sua mãe. — Você ficou com ele porque quis.

— Eu sei mãe, mas ele não tinha o direito de tentar me matar me empurrando daquele jeito morro abaixo, já pensou se eu me machucasse para valer? Ele queria que eu perdesse a criança, mas, graças a Deus isso não aconteceu. Eu quero só ver quando meu filho nascer, garanto que vai ser a cara dele. Eu juro mãe, que vou me vingar.

— Cala a boca menina. Já falei que você se meteu com ele porque quis. Você é uma tonta, se pensa que alguém vai ligar para o filho de uma criada. Trata de arrumar um marido rápido se não quiser que o povo fale.

— Ah, é? O povo que fale o que quiser. Eu não me chamo Anabela se deixar isso ficar assim. Pode ter certeza de que vou dar um jeito de me vingar — riu.

— Vou dar um jeito para que o conde Pedro fique sabendo de tudo. Ah, se vou...

Pedro sentiu a vista ficar vermelha. Respirando fundo saiu de casa e foi em direção às cocheiras, porém sentindo-se indisposto para montar um cavalo, mandou que lhe preparassem um coche.

Pedi ao cocheiro que rumasse o mais rápido possível para o pavilhão de caça. Durante o trajeto ele continuava a brincar com o chicote.

Capítulo 7 **O flagrante**

Pedro desceu do coche e caminhou até a porta do pavilhão. Lá chegando, escutou Geny dizendo entre risos:

— Rafael, Rafael, por favor, me ponha no chão. Já está ficando tarde, precisamos ir embora.

Através do vidro sujo da janela viu Rafael com Geny nos braços, rodando-a no ar. Furioso, empurrou a porta com força.

— Então é aqui que minha esposa e meu irmão passam o tempo se divertindo?

Dois pares de olhos o contemplaram surpresos e amedrontados. Rafael, assustado, colocou a moça no chão e foi em direção ao irmão.

— Pedro, que bom que veio nos fazer companhia — tentou sorrir. — Eu tive um contratempo com uma das criadas, fiquei com dor de cabeça — levou a mão à testa. — Geny teve a bondade de vir até aqui comigo. Eu precisava sair um pouco para espairecer, você sabe como é? Não?

— Não, eu não sei de nada — olhou de um para o outro. — Vagabunda! — falou, cuspidando a palavra. Chegando junto a Geny a agarrou pelos cabelos, que estavam soltos, e a arrastou para fora. — Vagabunda, então é isso que você faz quando estou cuidando das coisas?

— Pedro, Pedro, por piedade me deixe explicar. Por favor, me solta, você está me machucando.

— Idiota! Eu devia matá-la.

Rafael correu em direção à moça e tentou soltá-la.

— Seu bruto, larga a Geny, eu exijo que você a largue já!

— Cala a boca! — Segurando a esposa com a mão esquerda, ergueu o chicote com a direita. — Você não está em condição de exigir nada, seu cafajeste ordinário. Sedutor de mulheres. Eis o que merece. — e abaixando a mão chicoteou o belo rosto do irmão. -
Suma já da minha frente. Saia já da minha casa. Suma da minha vista, ou mandarei te chicotear!

Rafael levou a mão ao rosto, que voltou cheia de sangue.

— Seu monstro, olha o que me fez.

Continuando a arrastar Geny, que não ousava abrir a boca, Pedro respondeu.

— Isso é muito pouco, você merecia uma surra.

Fazendo um esforço, jogou Geny dentro do coche, mandou que o cocheiro, que havia descido e surpreso contemplava a discussão, levasse Caprichoso e a égua de volta para o castelo. Subiu na boleia, chicoteou os cavalos e saiu em disparada.

Geny, devido à velocidade, era jogada de lá para cá. Depois de alguns minutos conseguiu se sentar e começou a gritar:

— Pedro, Pedro, vá mais devagar, desse jeito você vai nos matar.

— É isso que você merece sua rameira.

Sem se importar com o perigo, imprudentemente chicoteou com mais força os cavalos, que,

assustados, saíram da estrada e despencaram ribanceira abaixo.

Geny voltou a si, deitada em uma cama, em um dos quartos do castelo. Anabela, debruçada sobre ela, tinha um vidro de sais na mão.

— Ai meu Deus, que dor na cabeça! — disse empurrando a mão de Anabela. — O que houve comigo? Assim que perguntou, lembrou-se de tudo. Meu Jesus, onde está o conde? E Rafael?

— O conde está muito machucado, tem ferimentos na cabeça, nas costas e sua perna esquerda sofreu fraturas em vários lugares. O doutor está tratando dele. Quanto ao conde Rafael, ele escafedeu-se — disse com um risinho nos lábios.

— Como assim, escafedeu-se? — Tentou se levantar, sentiu tontura e uma dor muito forte no braço esquerdo. Deitou novamente. — Eu preciso falar com Rafael.

— É, mas ele se mandou. Só quem está aí é o criado que ficou para arrumar as malas.

Após ficar uns dias de cama, Geny que só tinha um galo na cabeça e o braço esquerdo machucado, mais ou menos recuperada, foi ao encontro de Pedro, que fora acomodado no quarto do casal.

Ao vê-la, Pedro se agitou:

— O que você está fazendo aqui? — apontou para a porta. Saia fora já desse quarto. De hoje em diante, fique em outro cômodo! Você está proibida de sair do castelo.

— Calma Pedro. Eu... Sei que estava errada. Por favor, vamos conversar.

— Errada? Você não passa de uma vagabunda. Saindo com aquele conquistadorzinho barato. Sabe que ele engravidou a Anabela? Sabe que tentou matá-la?

— O quê? Você só pode estar brincando...

— Pergunta para ela. Agora sai da minha vista, anda.

Geny sentiu uma forte tontura. Voltando ao quarto que agora ocupava, jogou-se na cama e chorou. Depois de algum tempo, mais calma, chamou Anabela. Quando a criada confirmou as palavras de Pedro, ela se sentiu muito mal. Traíra Pedro, com um homem vil e mulherengo. Profundamente arrependida, mandou chamar o padre Gesiel, com quem se confessou, não omitindo nenhum fato. O religioso recomendou que ela tivesse calma. Passou-lhe uma grande penitência, e prometeu conversar com Pedro.

Cumprindo a promessa, passou a ir ao castelo todos os sábados à tarde, conversava com o casal, a princípio separadamente. Depois, com o argumento de que o casamento era um sacramento sagrado e indissolúvel, e que a lei de Cristo recomendava o perdão, setenta vezes sete.

— Afinal, Ele perdoara a mulher adúltera e também Madalena. Não era verdade?

Conseguiu que o conde concordasse com a presença da esposa junto a si.

O tempo geralmente cura todas as dores e, então, Pedro demonstrava gostar quando ela vinha ficar ao seu lado.

Lentamente, com a ajuda do padre, Geny ganhou sua confiança e até conseguiu que ele escutasse com prazer a leituras que fazia dos livros e romances de que gostava.

Geny, bastante arrependida pelo breve romance que tivera com o cunhado, dedicou-se bastante à vida religiosa, passando nas horas vagas a assistir aos pobres, tendo sempre uma palavra de conforto para os que dela se aproximavam. Seu livro de cabeceira passou a ser o Evangelho de Jesus. Todas as noites ela o abria ao acaso e lia um trecho em voz alta no quarto do marido.

Dali a dois anos, com a morte de Bela, Cornélia veio morar com eles e tornou-se uma avó para os filhos de Geny.

Pedro morreu alguns anos depois, sem conseguir recuperar totalmente os movimentos da cintura para baixo.

Quanto a Rafael, após sair das terras do irmão, sentindo dor na testa onde o chicote havia feito um feio corte, parou na propriedade dos pais de Laura e pediu pouso.

Contou a eles sua versão dos fatos. Fazendo-se de vítima, disse que Geny andava dando em cima dele e que o irmão, ao descobrir, não quisera saber de nada e o expulsara.

A mãe de Laura retrucara que realmente Geny era uma sem vergonha, pois à época do aniversário, todos tinham reparado que ela olhava sem parar para

Rafael, chegando mesmo a se insinuar para o cunhado.

Nos dias seguintes, sabendo que o irmão estava seriamente ferido, ele pensou que o caminho estava livre. É claro que Geny aceitaria ir embora com ele. Porém os bilhetes que mandava para a cunhada ficaram sem respostas e suas tentativas de encontro também não foram aceitas.

Querendo arrumar um meio de não ficar malvisto perante a sociedade, ele ficou noivo de Laura, com quem acabou se casando.

Com o passar dos anos Rafael, que não conseguia respostas para os bilhetes, passou a beber além da conta. Em suas bebedeiras chorava muito, xingava o irmão e chamava por Geny, pois não conseguia tirá-la da cabeça.

Segunda Parte

Capítulo 8

O emprego

Gisele sentia-se cansada, pois desde cedo vinha dirigindo pela movimentada rodovia. Mas a jornada estava chegando ao fim, pois as placas indicavam São Paulo a poucos quilômetros. Ao entrar na grande metrópole, ela ficou um pouco apreensiva, porém conseguiu, seguindo o mapa, chegar sã e salva ao prédio onde a madrinha morava.

Letícia, a madrinha, ficou muito feliz ao vê-la. Após abraçar fortemente a afilhada, limpou algumas lágrimas, que teimavam em cair e levou-a até o quarto que seria dividido pelas duas.

— Querida, que bom você ter aceitado o meu convite para vir para cá. Afinal, depois do novo casamento do Manoel, não tinha sentido você ficar sozinha em Celmópolis.

— Madrinha, agora vejo que a senhora tinha razão, nossa casa ficou muito vazia após o casamento do papai, mesmo ele sendo de pouco falar.

— É verdade. Manoel sempre foi meio calado. Você tem tido notícias do casal?

— Sim. Papai me telefonou ontem. Eles estão bem. Espero que sejam muito felizes.

— Eu também... Depois de tudo que passou, Manoel merece ser feliz. — Após falar, Letícia rapidamente tampou a boca com a mão. — Querida, chega de conversa, vamos à cozinha tomar um lanche, pois você deve estar faminta após tantas horas de viagem. Olha, não repare, mas o apartamento é pequeno.

— Madrinha, ao que parece, sua casa e seu coração é grande o suficiente para acomodar uma afilhada, vinda do interior.

Mais tarde, após ter tomado um banho caprichado, deitada na cama, Gisele orou agradecendo a Deus pela madrinha a haver convidado para vir morar com ela. Afinal, o que ficaria fazendo no interior, na casa do pai que agora tinha uma nova dona? Antes de conciliar o sono, orou também para encontrar um emprego.

Na manhã seguinte, Letícia a levou para conhecer alguns pontos da cidade e após foram a um shopping onde almoçaram e compraram algumas peças de roupa.

No final da tarde, a madrinha perguntou:

— Gisele, você gostaria de ir jantar em um bom restaurante que fica aqui perto?

— Ah, madrinha — juntou as mãos rentes ao peito. — Eu gostaria muito. Mas será que os preços não são muito altos?

— Não se preocupe com isso. Não é sempre que a gente recebe uma linda afilhada. Anda, vai tomar banho e coloque o vestido vermelho, novo.

Acomodadas no requintado salão do restaurante, bastante freqüentado àquela hora, Gisele bebericava um coquetel quando um casal passou por elas.

A mulher, um tanto acima do peso, tinha os cabelos loiros muito bem penteados. Alta e imponente parecia olhar as outras pessoas de cima para baixo. Ao se acomodarem em uma mesa próxima, o homem ficou de frente para Gisele.

Ao contemplá-lo, ela sentiu seu coração como que falhar umas batidas, pois alguma coisa nas suas feições o elevava do plano dos simplesmente bonitos, para a esfera dos perigosamente atraentes.

— Meu Deus, eu nunca tinha visto um homem tão bonito! — pensou.

— Gisele?

— Sim, madrinha?

— Onde estava seu pensamento? É a segunda vez que pergunto se quer mais um pouco de camarão.

O resto da refeição correu em um ótimo clima. Após Letícia ter pagado a conta, levantaram-se para sair.

Ao passarem pela mesa do casal, Gisele viu quando o homem apertou suavemente a mão da companheira e disse com meiguice na voz:

— Calma, Micaela, você vai ver como dessa vez tudo vai dar certo...

Nesse instante, a madrinha disse alguma coisa e a resposta da tal Micaela se perdeu no ar.

De volta ao apartamento, deitada em sua cama, esperando o sono chegar, Gisele, em seus devaneios, parecia ouvir a voz suave do homem lhe dizer lindas frases de amor.

Nos dias seguintes, Gisele enviou currículo a várias empresas e aguardou ansiosamente que a chamassem. Depois de duas semanas, telefonaram para que ela comparecesse a uma entrevista.

Gisele, na sala de espera, aguardava a sua vez de ser entrevistada, quando subitamente a porta do escritório foi aberta e um homem que de lá saiu parecendo agitado, perguntou à recepcionista:

— Elaine, você sabe onde foi parar a edição do mês passado da revista Administração e Cia.?

— A revista? Não, Edgar, eu não vi. Pensei que estivesse com o Sr. Luís.

— Pois não está. Luís está uma fera, a edição desapareceu e ele precisa dela.

Sem nada falar, Gisele saiu da sala, desceu rapidamente a escada, ganhou a rua e foi a uma banca próxima, onde vira umas revistas usadas. Felizmente, encontrou a que eles procuravam. Comprou-a e voltou rapidamente para a sala de espera. Viu que a porta do escritório da chefia estava aberta, sem pedir licença ela entrou.

— Encontrei a revista que vocês procuram — disse ofegante.

Vários pares de olhos a encararam, sentindo-se corar. Ela ia dar meia-volta para sair quando uma voz disse:

— Moça, você está dizendo que encontrou a revista? Como sabia que estávamos precisando dela? — perguntou o homem que estava parado junto à escrivaninha.

Procurando se acalmar respondeu:

— Desculpe ter entrado aqui dessa forma. Eu ouvi quando um senhor perguntou à moça da recepção se ela sabia onde estava a revista. Aqui está. — e estendeu para ele.

— Muito bem, mas onde a encontrou? — o mesmo homem perguntou.

— Na banca de revistas, ali da esquina.

— Hum, que ótimo — ele sorriu. — Temos aqui uma moça decidida. Você veio para a entrevista?

— Vim sim. Bem, desculpem a interrupção, vou esperar lá fora. Com licença. — e tentando acalmar seu coração, foi saindo.

— Moça, espere, acho que temos uma colocação adequada para a senhorita. A nossa firma está me pedindo uma pessoa dinâmica e decidida. Você entende de computação? Fala inglês?

— Sim, senhor. Falo inglês e fiz curso de computação.

— Hum... E tem boa aparência. — Fez uma pausa enquanto a olhava de cima abaixo. — Vou pedir a Elaine que lhe passe os testes, se for aprovada, o emprego é seu. Como deve saber, é um emprego temporário em uma revenda de automóveis.

Aprovada nos testes e feitos os acertos, ela voltou para casa louca para contar à madrinha que já estava empregada.

No dia seguinte, logo cedo, após uma noite mal dormida, uma elegante e apreensiva Gisele entrou no carro e dirigiu-se à revenda.

Uma bela recepcionista, que portava um crachá com o nome de Valéria, pediu a ela para que aguardasse um instante, pois o diretor Dr. César iria atendê-la.

Esperou por quase uma hora, quando finalmente Valéria, após atender ao telefone, lhe indicou a sala.

Antes de entrar na sala do diretor: Dr. César Alexandre de Barros, conforme estava escrito na placa, Gisele respirou fundo e deu a si mesma uma ordem mental de relaxamento.

Porém, ao entrar no escritório, seu coração começou a bater como louco, pois o homem que a impressionara no restaurante veio até ela com a mão estendida e um sorriso espetacular no rosto.

— Bom dia, sou César, o diretor geral. Bem vinda à nossa firma.

— Bom... Bom dia — respondeu gaguejando, tentando se acalmar.

Ele sorriu, percebendo seu embaraço, e disse:

— É seu primeiro emprego? Espero que goste de nós, senhorita...

— Ahh... Gisele. Sim senhor, eu vim do interior e este é meu primeiro emprego aqui em São Paulo.

— Bem, todos estão tentando sair desta cidade maluca e a senhorita veio para cá... Por quê? — antes que ela respondesse, continuou. — Vamos nos sentar para podermos conversar melhor — falou indicando umas poltronas que ela não havia notado.

— Então, veio para a cidade grande à busca de emoções? — perguntou com um sorriso maroto, entre sério e brincalhão, o que lhe emprestava uma enorme simpatia.

— É eu... Bem, não senhor. É que meu pai, viúvo, voltou a se casar e...

— Ah, você não quis atrapalhar sua nova vida.

— É, é sim. Também eles estão pensando em mudar para Corumbá.

— Sei. Bom, mas nesse caso, São Paulo é que ganhou, pois ficamos enriquecidos com sua bela presença.

Gisele corou e abaixou os olhos.

Ele sorriu, exibindo uma fileira de dentes alvos, que contrastavam com sua pele morena.

— Bem vinda à Opala Motor e Cia.

Neste instante o telefone tocou. Pedindo licença ele se dirigiu à escrivaninha e atendeu.

— Alô... Quem? Micaela na linha dois? Espere um instante e me passe à ligação. — Olhando para Gisele, disse: — Muito bem, senhorita... Gisele. Pode falar com a minha secretária, ela lhe passará o serviço. Tive muito prazer em conhecer uma moça tão simpática.

Antes de sair, ela teve oportunidade de ver, na parede atrás da escrivaninha, uma pintura que retratava Micaela, a mulher que estava com César no restaurante.

Nos dias que se seguiram, Gisele, ao se integrar ao serviço, percebeu que não teria um horário fixo para sair.

Tudo corria bem, quando, certa tarde, ao chegar a casa, encontrou a madrinha com uma expressão preocupada.

— Madrinha, o que aconteceu?

— Ah, querida, ainda não aconteceu nada, mas... Estou preocupada. Você sabe que minha filha Thaís se mudou para Fortaleza, não é? Então, hoje meu genro Vinícius, me telefonou. Ele disse que Thaís não está muito bem. Ela está grávida do segundo filho.

— Mas, o que está acontecendo? — aflita Gisele colocou a bolsa sobre uma cadeira e foi abraçar a madrinha.

— Ela está com hipertensão e o médico recomendou repouso absoluto e meu outro neto, o Gabriel, mal saiu das fraldas. Como ela vai poder fazer repouso?

— Puxa, é mesmo! E agora?

— Agora... Agora eu vou ter que ir para lá.

— Madrinha! É mesmo? — constrangida perguntou a meia-voz: E eu?

— Ah, querida, é claro que você vai ficar aqui — torceu as mãos. — Sabe como é mãe, tem que socorrer os filhos — olhou para a moça. — Mas o tempo passa depressa e logo, logo estarei de volta — falou animadamente, tentando acalmar a moça.

— Desculpe madrinha, a senhora está preocupada e eu, ao invés de ajudar, estou pensando em mim. Afinal, já estou empregada e sou grandinha, sei me cuidar.

— Querida, tenho certeza de que sabe se cuidar. Mas, quero que me prometa ter juízo, não dê atenção

às ciladas da vida. Sabe que a cidade grande está assim, ó — fez um gesto com a mão — de lobos. Você é muito bonita, precisa ter cautela.

Naquela noite, ao se deitar, Gisele sentiu um aperto no peito. Pela viagem da madrinha e por pensar que se um dia precisasse, não teria uma mãe a quem recorrer.

Letícia, antes de viajar, fez bastantes recomendações à afilhada:

— Querida, cuide-se bem. Ah... Continue a fazer às terças-feiras, o Evangelho no Lar. Está bem? Assim tanto nós como nossa casa teremos uma proteção do plano espiritual.

Gisele quando chegou a São Paulo ficou sabendo que Letícia estava freqüentando um Centro Espírita. A princípio ela estranhou, pois sua falecida avó dizia que essas coisas eram de gente que tinha ligação com Satanás. Ao falar, ela sempre fazia o sinal da cruz. Porém, a madrinha lhe dera outras explicações.

— Gisele, a Doutrina Espírita kardecista nada tem a ver com Satanás. Nos centros, as pessoas oram a Jesus e a Deus. O espiritismo é mais ou menos como os apóstolos conduziam o cristianismo depois da crucificação de Jesus. Nos centros realmente há o intercâmbio entre os encarnados e os que já não pertencem a este mundo. Aqueles que já se foram estão, conforme seu merecimento, neste ou naquele lugar e muitas vezes se manifestam para nos orientar ou para nos pedir auxílio.

— Madrinha, dizem que os bons estão ao lado direito de Deus.

— Bem, nós estávamos um pouco enganados a este respeito; sabemos que a Terra ainda é um planeta atrasado, conforme temos recebido informações dos mentores, aqueles que algumas crenças chamam de anjos. Só bem mais tarde, depois de inúmeras encarnações é que chegaremos até o Pai. Por enquanto, quando desencarnamos, ficamos em locais de refazimento ou de sofrimento próximos da Terra. Cada qual é levado ao local a que fez jus. Os merecedores vão para belas colônias que lembram segundo dizem, nossas cidades do interior.

— E os maus? Os bandidos?

— Ah, esses ficam em regiões inferiores do mundo espiritual, chamadas de umbral.

— Bom, não é isso que os padres dizem. Eles afirmam que tais pessoas vão para o inferno eterno.

— Gisele, quando você for mãe, se seu filho errar vai condená-lo para toda a eternidade?

— Claro que não. Creio que uma mãe sempre perdoa seu filho, não importa o quanto ele tenha errado.

— Então, Deus, sendo bom e justo, vai condenar seus filhos? Não. Os que não têm vida correta ficam em locais onde há choro e ranger de dentes, durante pouco ou muito tempo, dependendo do seu arrependimento. Depois eles passam ajudar aos outros ou reencarnam. Enfim, cada caso é analisado individualmente.

— Madrinha, então são os Espíritos que contam essas coisas? Como é que eles fazem?

— Sim. Geralmente, através de um médium idôneo. Já ouviu falar no Chico Xavier?

— Sim. Creio ter ouvido dizer que ele recebia comunicação dos mortos, e até escrevia livros. Será verdade?

— Isso mesmo. Olha, é melhor eu lhe emprestar alguns livros, assim vai poder ler e entender melhor. Podemos começar com o Nosso Lar de André Luiz.

— Nosso Lar? É sobre o quê? Conselhos sobre nosso comportamento em família?

— Não. — Letícia deu um sorriso — é sobre o que o André Luiz, um médico carioca encontrou depois que desencarnou.

— Eu quero sim, ler o livro. Madrinha, as pessoas têm que freqüentar um centro todas as semanas para fazer as orações? Se a gente não for lá estará pecando?

— Na Doutrina Espírita são os voluntários, isto é, as pessoas que já fizeram os estudos e se comprometeram a ajudar na casa, dando passes, fazendo palestras ou atuando mediunicamente é que têm obrigação de freqüentar uma ou mais vezes por semana. Os que vão para passes não têm aquela obrigação, vão como dizemos, pelo amor ou pela dor. Nós recomendamos a eles para fazerem o tratamento espiritual, ou seja, para que tomem a seqüência de passes. Porém, se o voluntário ou o assistido faltar, isso não é pecado. Cada qual deve seguir sua consciência. Quem assume o compromisso de trabalhar espiritualmente deve fazê-lo, para que possa evoluir, pois estamos na Terra para nos melhorar a cada encarnação. Quando realmente tivermos melhorado iremos para o Paraíso — riu. — o Paraíso, ou sétimo Céu, como dizem.

— Então aquela história de alcançar a salvação, como fica?

— Todos nós vamos alcançar a salvação. Jesus disse que nenhuma ovelha se perderá. Todos, quando morrem são acolhidos, conforme falei, de acordo com seu merecimento. Mas você há de convir que ninguém fica santo e alcança a salvação eterna se encarnar apenas uma vez. Você conhece alguém que seja santo? Que mereça ir para o Paraíso? — perguntou sorrindo. — Que não tenha defeitos?

— Se eu conheço alguém? Eu acho que não. Todos têm defeitos.

— Estamos aqui para evoluir. Para eliminar nossos vícios e defeitos, mas isso demora, por isso precisamos encarnar diversas vezes.

— Madrinha, os espíritas só fazem as orações nos centros?

Letícia bateu com a mão na testa.

— Puxa, foi bom você falar nisso. Conforme Jesus ensinou, nós devemos orar sempre, independentemente do local onde estivermos. Gisele, nós espíritas, também costumamos fazer o Evangelho no Lar. Para você entender melhor, depois lhe darei orientação por escrito.

Um pouco depois Gisele estava pronta para dormir, quando a madrinha veio ao seu encontro, e lhe entregou um prospecto, que orientava como fazer o Evangelho no Lar.

Ela resolveu ler para ficar mais a par do assunto:

O Evangelho no Lar

Finalidades:

1 — Estudar e praticar o Evangelho de Jesus, ao mesmo tempo, proteger os lares contra influências espirituais negativas.

2 — Beneficiar pessoas necessitadas por meio de preces e vibrações espirituais.

Roteiro:

1 — Escolher dia e hora da semana em que se possa contar com a presença de familiares, observando rigorosamente essa designação para assegurar a assistência dos benfeitores espirituais.

2 — Iniciar as reuniões com o número que for possível de pessoas presentes que permita formar uma corrente vibratória de sustentação. Caso haja só 1 (um) participante, não há impedimento algum.

3 — Designar um dos presentes para dirigir a reunião, podendo ser feito um rodízio, caso desejarem.

4 — Abrir a reunião com uma prece simples e espontânea, dirigida a Deus, que poderá ser proferida pelo dirigente da reunião ou qualquer participante.

5 — Ler um trecho de O Evangelho segundo o Espiritismo e, na falta deste, do próprio Novo Testamento.

6 — Comentar o trecho lido, com palavras simples e compreensíveis, buscando sempre a aplicação dos ensinamentos de Jesus na conduta pessoal e na vida diária, podendo qualquer dos presentes participar dos comentários com objetividade e clareza, evitando-se debates e discussões acaloradas.

7 — Realizar, em seguida, vibrações de fraternidade e de amor para necessitados, na seguinte ordem:

- para a paz na Terra e no coração dos homens;**
- para a difusão do Evangelho de Jesus no mundo;**
- para auxílio aos enfermos, descrentes, e sofredores, mentalizar Jesus abençoando todos os lares;**
- para ajudar aos trabalhadores de Jesus, que se dedicam a prática do bem e ao esclarecimento público das verdades espirituais;**
- pelo nosso lar e nossos familiares e por nós mesmos.**

8 — Preces de encerramento (Pai Nosso).

Observações:

a) Os lares são refúgios sagrados. O Evangelho no Lar é um recurso de extraordinária importância de que se utiliza o Plano Espiritual Superior para sustentar o trabalho de evangelização na humanidade e proteção da família.

b) Por sua importância realizadora, esse trabalho é especialmente visado pelos espíritos inferiores, que sempre interferem para impedir sua expansão, sendo necessárias perseverança e fé para continuidade e preservação.

c) Poderão ser feitas vibrações para casos graves que atinjam a humanidade.

d) Não se deve permitir que a reunião se transforme em trabalho mediúnico ou debates de qualquer assunto.

e) Evitar comentários e críticas sobre qualquer assunto, bem como conversas pouco edificantes antes ou após a reunião.

9 — A reunião não deve ultrapassar trinta minutos, podendo ser utilizada música suave na preparação e no encerramento.

Além de acompanhar a madrinha no Evangelho no Lar, nos dias que se seguiram, Gisele leu Nosso Lar, que adorou e outros livros que também gostou muito.

Capítulo 9

Gisele trabalha com César

César massageou as têmporas. Já eram mais de seis horas da tarde e após um dia bastante tenso, sentia-se cansado. Respirou fundo tentando relaxar.

— Puxa que dia trabalhoso foi o de hoje — pensou.

— Além de todos os problemas habituais, preciso cuidar do Rally. As vendas estão oscilando, mas se a equipe Opala for bem no Rally Europa-Africa tenho de certeza que vão melhorar — suspirou novamente. —

Preciso mostrar ao Dr. Leonardo que dou conta do recado — sorriu para si mesmo. — Apesar de ser meu sogro, é muito exigente. Mas, competência para tocar a revenda é o que não me falta.

Esticou o braço e tocou o interfone para chamar Valéria.

Gisele, já pronta para ir embora, passou pela mesa da secretária quando o interfone soou.

— Alô — atendeu.

— Valéria? Por favor, venha cá.

— É o Dr. César? — sem esperar resposta continuou.

— Aqui é a Gisele. A Valéria saiu mais cedo, para levar o filho ao médico.

— Médico? Ah, é verdade. Puxa eu preciso dela...

— Será que... — nervosa Gisele continuou. — Será que eu posso ajudar? Afinal, se fosse para casa, encontraria apenas o apartamento vazio.

— Sim, se estiver disposta, pode sim.

Guardou a bolsa e rumou para a sala do diretor.

Ao vê-lo, ela novamente sentiu um forte impacto, parecia que o chão lhe fugia. Ficou com receio de que ele pudesse escutar as batidas malucas que dava seu coração.

César olhou para a moça.

— Que mulher atraente — pensou. — Bem, vamos deixá-la de lado, afinal, tenho por conduta não me envolver com as funcionárias da firma.

— Dona Gisele, está mesmo disposta a me ajudar? Talvez precise ficar por aqui por mais — olhou para o relógio — de uma hora.

— Tudo bem, Dr. César, vamos ao serviço.

Quando terminaram, já passava das 19h30.

Gisele despediu-se, pegou a bolsa e rumou para o ponto de ônibus. Estava quase chegando quando ouviu alguém a Chamar.

— Dona Gisele. — César tinha parado seu carro, abaixara o vidro e se inclinara.

— Dr. César?

— A senhora está a pé? Onde está seu carro?

— Hoje é dia do meu rodízio.

— Ah é hoje? Então me permita levá-la para casa.

Gisele hesitou.

— Por favor — César falou com meiguice. — Afinal, ficou na firma até mais tarde por minha causa. Entre.

Ela indicou o caminho. Durante alguns minutos ninguém falou, de repente, ele disse.

— Está muito calada, será que eu atrapalhei algum encontro? Talvez tenha um noivo ciumento à sua espera.

— Noivo? Eu? Não senhor. Ninguém está à minha espera.

— Mora sozinha?

Ela lhe falou sobre Letícia. Logo depois, chegaram à rua. César parou defronte ao edifício.

— Pronto, sã e salva. — massageou as têmporas.

— Obrigada, Dr. César. — e fez menção de descer. Subitamente César disse:

— Dona Gisele, eu... — bateu com os dedos na direção do carro. — Eu estou morrendo de fome. Aqui perto tem uma ótima pizzaria. Que tal irmos até lá para jantar?

A razão dizia não, mas o coração dizia sim.

Durante o jantar, César foi quem mais falou. Contou fatos interessantes sobre a firma. Disse que se fossem bem colocados no Rally, eles fariam uma comemoração daquelas. Afinal, a competição era dura, mas tinha certeza de que haviam mandado ótimos pilotos. Quando ela percebeu já passava das 22h.

— Dr. César, já é tarde. Preciso ir para casa, se não amanhã vou ter dificuldade para levantar — disse com certo pesar na voz, pois a conversa estava muito boa.

— É mesmo? Mas — olhou o relógio —, ainda é cedo e, como dizem, a noite é uma criança.

— Na verdade, sou uma caipira. É difícil deixar os hábitos antigos.

Ele sorriu exibindo os belos dentes. Fitou-a.

— Caipira? De jeito nenhum! A senhora é uma gentil moça do interior. Gentil e muito competente. Hoje me ajudou bastante. Estou muito satisfeito que esteja trabalhando para nós.

— Estou dando conta do recado? — Gisele sentia o coração bater forte. Um elogio vindo dele era maravilhoso.

— Sim, é claro. Mas — fez um sinal pedindo a conta —, vamos embora, afinal teremos muitas oportunidades para conversar, não é?

— Bem... Creio que sim.

Quando chegaram ao prédio e Gisele fez menção de descer, César sentiu um aperto no peito.

— Dona Gisele, já que foi tão gentil me ajudando, será que eu poderia pedir mais um favor?

— Claro. Em que posso ajudá-lo? — ela perguntou formalmente.

— Será que... Será que seria muito eu pedir para subir e tomar um café? Como sabe nos restaurantes os cafés são intragáveis — fez uma careta, depois sorriu e disse baixinho. — Por favor!

Vencida, Gisele o convidou para subir. César ficou no apartamento apenas o tempo necessário para server o café.

Ao se despedir, segurou na mão dela um tempinho a mais que o necessário, agradeceu por tudo e foi embora.

Naquela noite nenhum dos dois teve um sono tranqüilo.

Capítulo 10

Comemoração na firma

Nos dias que se seguiram, Gisele teve acréscimo de trabalho, pois o filho de Valéria estava com forte gripe e precisava fazer repouso.

— Você já tentou segurar uma criança de três anos na cama? — ela perguntou e sem esperar resposta continuou. — Minha mãe está com dificuldade para contê-lo e eu preciso me desdobrar. — suspirou. — É difícil ser mãe e pai ao mesmo tempo, Gisele, minha querida, apesar de eu adorar o Marcelinho, eu aconselho: não faça a bobagem de arrumar filho fora do casamento. Ainda mais se for de homem casado.

— Valéria, a situação é tão séria assim? Será que eu posso ajudar?

— A situação é muito séria! Se ele não fizer repouso, pode vir a ter uma pneumonia, o que complicaria mais as coisas — balançou a cabeça. — Você pode, sim, me ajudar. Vou passar algum serviço, pois hoje à tarde vou levar novamente o Marcelo ao médico e o Dr. César pode precisar destes documentos.

Realmente, no final da tarde, César chamou Gisele e pediu para que ela levasse os documentos ao escritório.

— Obrigado, dona Gisele por vir me ajudar — disse olhando-a de cima abaixo. — A senhora fica muito bonita de verde.

— Eu? Imagine só! — ela corou e nada mais disse. Estavam terminando o serviço, quando o telefone tocou. Era Micaela.

— Micaela, o que aconteceu? Sabe que estou muito ocupado — César falou com ar de contrariedade no rosto. — É claro que tenho tempo para você — sua voz se suavizou. — Sim, querida, vou chegar cedo para o jantar — olhou para o relógio. — Como? A Valéria foi levar o filho ao médico. Sim, quem atendeu foi à nova funcionária — olhou para Gisele. — Micaela, por favor, quanto mais ficarmos falando, mais demorarei para o jantar — falou com certa rispidez. — Está certo, até mais.

César suspirou, olhou para Gisele e sorriu.

— Espero que a senhorita não tenha parentes difíceis — e sem esperar resposta, continuou. — Às vezes, a convivência em família é um pouco complicada.

Gisele balançou a cabeça em assentimento e nada respondeu.

O trabalho terminou, eles se despediram. Já em casa, Gisele, sem vontade de fazer nada para o jantar, ficou imaginando como deveria ser bom morar com César, que além de bonito, era competente no trabalho e tinha boa conversa.

Tentando tirá-lo de sua cabeça, pensou: "Meu Deus, ajude-me a encontrar alguém como ele para me casar".

Estava se preparando para dormir quando o telefone tocou: era Letícia. Conversar com a

madrinha, que estava bastante preocupada por ela estar sozinha, elevou seu astral.

Fazendo uma oração ao Pai Celestial, adormeceu tranqüila.

Ao acordar cantarolou alegremente, caprichou na aparência e foi para o escritório.

O trânsito estava complicado e Gisele chegou um pouco atrasada. Entrou correndo na sala e encontrou Valéria ao telefone. Ela parecia um pouco alterada:

— Roberto, por favor, eu preciso de dinheiro — cumprimentou Gisele com a cabeça. — Marcelinho já está bem, mais preciso pagar a farmácia.

Conversou mais um pouco e bateu o telefone com força.

— Droga! Esses homens são um problema. Gisele, minha querida, nunca tenha filho com um homem casado. Ah, nem chegue perto de um deles.

— Calma, amiga, pelo jeito o pai de Marcelo não está querendo colaborar.

— Isso mesmo, diz que está sem dinheiro. Pode?

— É difícil. Mas, e o menino? O que o médico disse?

— Ah, ele já está bom. Hoje já foi para a escolinha. Agora, você não precisa mais ficar atendendo o Dr. César.

Gisele não sabia se ficava contente ou triste.

Quando o Rally terminou, a Opala Motor e Cia. tinham ficado em primeiro lugar, em uma das categorias.

Valéria e Gisele tiveram bastante trabalho para organizar a festa de comemoração que a firma daria

aos funcionários e durante a qual vários brindes seriam sorteados.

No dia aprazado, com o refeitório arrumado e enfeitado, com pôster do Rally, todos os funcionários estavam envolvidos por um clima alegre.

Sentadas a uma mesa, Gisele, Valéria, Mirtes e Fátima (as duas últimas trabalhavam no Departamento De Pessoal), aguardavam o início do evento.

— Meninas, não vejo à hora de Dr. César chegar.

— Mirtes, não se esqueça de que ele é casado — disse Valéria em tom velado.

— Pouco me importa ele ser casado. Estou aqui para o que der e vier. Ele é lindão! Se me notar, ficarei feliz. Olha — apontou para a cabeça —, na hora do almoço fui ajeitar os cabelos, quero encantá-lo.

— Mas... Eu nunca vi Dr. César se engraçar com ninguém aqui da firma — disse Valéria.

— Ah, mas sempre tem a primeira vez. Anteontem no refeitório, ele não parava de me olhar. Não foi, Gisele?

— Eu não notei.

Gisele notara, sim. Notara que durante o almoço ele não tirara os olhos da mesa onde elas estavam. Será que ele realmente estava olhando para Mirtes? Ao pensar, sentiu um aperto no peito.

— Você pode não ter notado, mas eu vi que ele não parava de me olhar.

— Falando nele...

— Hum, olha lá quem está junto. Será possível que a chata da mulher dele precisava vir?

Gisele olhou, lá estava Micaela muito elegante, exibindo ares de grande dama.

— É claro que ela não deixaria de vir à comemoração, afinal, é a esposa do diretor e a filha do dono — disse Fátima. — Será que hoje ela vai estar mais amável?

— Amável? Essa aí é um purgante.

Após distribuir alguns cumprimentos, César, puxando Micaela pela mão, subiu ao tablado. Pedindo silêncio, fez um pequeno discurso, no qual agradecia a todos pela colaboração e empenho. Informando que logo mais iriam fazer os sorteios, pediu à banda contratada para executar as músicas e aos garçons que servissem os quitutes.

Gisele estava se sentindo aborrecida. Um dos funcionários se colara a ela e a assediava, dizendo que ela era a mulher mais bela da festa. Tentando se livrar, disse que iria até a frente do salão, pois estavam anunciando o sorteio.

— Vamos lá, eu te acompanho — disse Pérsio, ao mesmo tempo em que segurava no cotovelo dela. Resignada, foi andando em direção ao tablado.

César, com um sorriso nos lábios, voltou ao tablado. Com o olhar, procurou discretamente por Gisele. Sabia que não devia se envolver com as funcionárias. Sabia também que Leonardo e Micaela lá estavam, mas, não olhar para a moça estava além de suas forças. Lembrou-se do conselho do pai: — Filho, depois de casado nunca se envolva seriamente com outra mulher, acredite-me, os problemas são muito maiores do que a satisfação. — Sim, pai, talvez o senhor tivesse razão, mas, parece que algo muito forte me empurra para esta moça. — pensou.

Nesse momento ele a viu. E quem estava ao lado dela? Pérsio, nada mais nada menos que o galã

conquistador da firma. César sentiu a vista escurecer, teve vontade de descer e dar um soco na boca dele para apagar o sorriso de conquistador barato.

— Preciso dar um jeito de afastar esse cafajeste de Gisele — pensou. — Em seguida, disse em voz alta:

— Pérsio, por favor, venha até aqui me ajudar.

Pediu ao rapaz para virar a manivela do bingo, e começou o sorteio.

Depois de uns trinta minutos, uma entediada Gisele pensava em ir embora, quando ouviu:

— Número: 385.

— Aqui! — gritou erguendo o braço, com o papel na mão.

— É o meu.

— Muito bem, compareça para pegar seu prêmio — disse César.

Gisele chegou junto ao palco e ele estendeu a mão para ajudá-la a subir a pequena escada.

— Dona Gisele ganhou um telefone celular — esticou a caixa. — Abra para ver se está em ordem.

— Claro, Dr. César, vou abrir já.

— Afinal, o Departamento De Pessoal teve muito trabalho para conseguir essas belas prendas. Não foi pessoal? — perguntou para a platéia. — Então, vamos aplaudir nossos colegas do Pessoal! — começou a salva de palmas.

Gisele tirou o pequeno aparelho da caixa, porém, ao virá-lo entre as mãos, notou que parecia ter uma pequena rachadura. Ia falar com Pérsio, quando César interceptou.

— O que foi? — perguntou.

— Parece que o aparelho está com defeito.

— Dê cá, me deixe ver — virou o telefone entre as mãos.

— É mesmo — olhou para ela. — Pois é dona Gisele, infelizmente vai ter que esperar mais um pouquinho pelo celular. Esperamos que ela não fique aborrecida conosco, não é pessoal?

— Claro que não, Dr. César. Eu estava louca para comprar um celular.

— Se o senhor quiser, eu posso providenciar a troca. Depois eu entrego o aparelho para a Gisele — disse Pêrsio.

— Não. Pode deixar Pêrsio. Isso é atribuição do Departamento De Pessoal — virou-se para a moça.

— Assim que a troca for efetuada, eu a aviso.

— Obrigada, Dr. César. Até logo.

Ele estendeu a mão em cumprimento.

— Até logo — e curvando, falou junto ao ouvido dela.

— Você realmente fica muito bem de verde.

Corando até a raiz dos cabelos, Gisele nada respondeu. Dando meia-volta, desceu a escadinha.

Ao passar por Micaela, que conversava com o Sr. Leonardo, Gisele achou que a roupa de marca não disfarçava a sua obesidade.

Capítulo 11

César entrega o celular

Gisele chegou ao apartamento, sentou-se em uma poltrona, tirou os sapatos e relaxou. A impressão causada pelo olhar que César lhe dera e mais ainda pelas palavras sobre sua aparência tinha-na acompanhado por todo o trajeto. Riu para si mesma ao se lembrar das palavras de Mirtes:

— Gisele, sua sortuda, além de ganhar um telefone celular, ainda recebeu um aperto de mão do Dr. César! E eu nada ganhei, nem sequer um olhar dele. Também, com aquela bruxa da Micaela por perto.

— Será impressão minha, ou será que ele está meio que dando em cima de mim? Mas... Ele é casado! O tilintar da campainha do telefone tirou-a de seus devaneios.

— Alô! Madrinha?

— Sim, querida que bom ouvir sua voz. Tentei falar mais cedo, mas não atendia.

— Acabei de chegar. Hoje tivemos uma festinha na firma. Resumi para Letícia os acontecimentos do dia.

— Então, ganhou um celular? Que bom. Assim que tiver o número me passe, vai ficar mais fácil para a gente conversar.

— Certo. Sabe que o Dr. César, o diretor, disse que fico bem de verde? — e assim que falou, ela teve vontade de morder a língua.

— Dr. César? Aquele que você disse ser um galã? Ah, querida, ao que me lembro também me disse que ele é casado. Cuidado, sabe como são os homens, não?

— Sim, madrinha, não se preocupe, vou ter cuidado. Mas é agradável ouvir um elogio.

— Isso é verdade. Tenho orado para que Deus lhe envie um bom noivo — pausa. — E você, tem orado? Tem feito o Evangelho no lar?

— O Evangelho no Lar? Ai puxa, eu esqueci — respondeu constrangida.

— Hum... Sei. Bem, que tal fazer esta noite? Como sabe quem faz regularmente as orações recebe um

apoio grande dos mentores espirituais. Muitas dificuldades podem ser por eles afastadas de acordo com o nosso merecimento. Minha querida, nos momentos de dúvidas ou tristeza, segure sempre na mão de Jesus.

Conversaram mais um pouco e Letícia informou que Thaís estava bem, mas provavelmente o bebê ia nascer antes de completar o tempo.

Ao desligar, sugestionada pelas recomendações da madrinha, Gisele foi até o quarto, pegou O Evangelho segundo o espiritismo e abriu ao acaso:

"Capítulo XIX, item 9 — A figueira seca é o símbolo das pessoas que não têm senão as aparências do bem, mas em nulidade não produzem nada de bom; simboliza os oradores que têm mais brilho do que solidez; suas palavras têm o verniz superficial; agradam aos ouvidos, mas quando são investigadas, nelas não se encontra nada de bom para o Coração; depois de tê-las ouvido, pergunta-se qual o proveito disso se tirou. (...)"

— Que interessante essa passagem do Evangelho. É bem verdade que no mundo existem muitas pessoas que só são boas na aparência. Bem que a madrinha disse que precisamos reencarnar muitas vezes para nos melhorarmos, e para um dia chegarmos até Deus. Preciso me lembrar de fazer minhas preces diariamente, mesmo sem a presença da Letícia.

Terminou as orações com o Pai Nosso. Mais tarde, deitou-se. Adormeceu com a imagem de César na mente.

No dia seguinte, uma sexta-feira, minutos antes de o almoço ser servido, César entrou no restaurante, foi até a frente do salão, pedindo a atenção de todos, falou palavras de agradecimento, não só pelo empenho no crescimento da empresa, mas também pelo sucesso da festa. Quando terminou, girou a cabeça de um lado para o outro, olhando para todos como à espera de aplausos. Em seguida dirigiu-se à direita, onde Gisele, Mirtes e Valéria aguardavam o almoço.

Ao vê-lo se aproximar, tremendamente elegante em seu terno de grife, Gisele se sentiu sem ar.

— Boa tarde — disse ele. — Como estão nossas belas funcionárias? Dona Gisele, seu celular deve chegar esta tarde. Assim que chegar eu a aviso — sorriu. — Tudo bem?

Ela levou alguns segundos para recuperar o fôlego.

— Tudo bem, muito obrigada. — respondeu formalmente.

— Puxa Dr. César, que sorte teve a Gisele de ganhar um telefone — disse Mirtes, sorrindo para ele.

— A senhora ganhou alguma prenda?

— Eu não... Torci tanto, mas... — olhou para ele, fez beicinho. — Fiquei tão triste!

— Bom, vamos fazer assim: vou pedir ao pessoal para que lhe entregue um perfume. Tudo bem?

— Um perfume?! — juntou as mãos no peito. — Que bom! Nem sei como agradecer!

— Fico feliz por a senhora ter gostado. Dona Gisele, breve a senhora estará com o seu celular — fez um gesto com a cabeça, sorriu. — Com licença, bom apetite.

Gisele falou "obrigada" sem ousar levantar os olhos. Tinha medo que ele pudesse ler em seus olhos, o quanto sua presença a abalava.

— Gatão! — disse Mirtes, entre dentes. — Vocês repararam como ele me olha?

Para Gisele, os finais de semana pareciam não ter fim. A solidão da cidade grande pesava em seu peito. Muitas vezes sentia vontade de chorar.

Neste sábado, após ter feito os trabalhos domésticos, não sabia o que fazer para passar o tempo. Tentando reagir ao tédio, pensou em se arrumar e ir ao shopping.

O interfone soou.

— Alô.

— Dona Gisele, o Dr. César pode subir? O porteiro perguntou.

— O Dr. César?

— Sim, ele está aqui na portaria.

— Pode, pode sim.

Sentindo um misto de surpresa e contentamento, ela plissou as mãos no cabelo para ajeitá-lo e dirigiu-se à porta.

O elevador parou, a porta se abriu e César surgiu trazendo na mão a caixa com o celular.

— Dona Gisele, desculpe aparecer sem avisar — olhou de cima abaixo, sorriu. — A senhora fica muito bem de jeans e camiseta. Eu trouxe o seu celular. Posso entrar?

— Claro, por favor. O senhor não precisava ter se incomodado.

— Ah, isso não é nenhum incômodo. Inclusive, se tiver aquele cafezinho gostoso...

Tendo sorvido o café, César, sentado na poltrona preferida de Gisele, correu os olhos pela sala.

— Esta sala é muito agradável — balançou a cabeça em aprovação. — Este apartamento é Da... Sua mãe, não é?

— Não. Ele é da minha madrinha, ela está viajando. Minha mãe nos abandonou a papai e a mim quando eu tinha quatro anos.

De pé, junto à parede, sem saber como, pôs-se a falar da sua infância.

— Minha avó me criou. No Dia das Mães eu sentia falta dela. Nas festinhas de criança, me sentia meio perdida. Muitas vezes me perguntava como seria ter uma mãe por perto. — e levando a mão aos olhos, limpou algumas lágrimas. — Ela era tão alegre! Quando estava conosco eu me sentia feliz, muito feliz! — falou com a voz embargada.

César sentiu um aperto no peito. Levantou-se da poltrona, chegou até ela, pegou em sua mão.

— Dona Gisele, por favor, não fique triste. — Delicadamente tirou uma mecha de cabelo que caía em sua testa. — Por favor, deixa-me ver aquele sorriso bonito em seu rostinho — falou com meiguice.

Ela sentiu a pulsação se acelerar nas veias, uma sensação de arrebatamento a impedia de se mexer.

Antes, porém, que pudesse dizer algo, o telefone tocou. Afastaram-se. Gisele foi atender: uma amiga procurava por Letícia.

César se recompôs.

— Preciso ter juízo. Não posso me envolver com essa moça. — pensou.

— Dona Gisele, a senhora sabe usar o celular?

Durante os minutos seguintes explicou o uso do aparelho. Depois o colocou de lado. Deu seu famoso sorriso.

— Dona Gisele, o tempo está tão bonito, que tal irmos tomar um sorvete? Fez o convite pensando que um passeio não fazia mal a ninguém.

— Um sorvete cairia muito bem — respondeu feliz.

Enquanto tomavam os sorvetes conversaram sobre vários assuntos, principalmente sobre o Rally dos Sertões, no qual a Opala ia participar em várias categorias. César se animava bastante quando falava sobre o seu trabalho.

Quando ele a deixou, em casa, Gisele estava se sentindo muito feliz. O tédio tinha passado completamente. Lembrou-se que ele dissera:

— Gisele é um lindo nome. Acho estranho eu ter que chamá-la de dona. Posso chamar só de Gisele?

— É claro, Dr. César.

— Que bom. Então me chame de César. Ela ficou confusa.

— Mas o senhor é meu chefe.

— Chefe... Chefe... No escritório quase todos me chamam de César. Por favor, tire o doutor e o senhor. Combinado?

— Bom se o senhor... — riu. — Se você insiste.

— Sabe? Quando você me chama de doutor eu me sinto muito velho.

— Velho? De jeito nenhum!

— Então, agora somos amigos, não?

— Sim, somos.

Pena que ele declinara do convite para subir e tomar outro café. Enfim...

Capítulo 12

Reflexões de César

César deixou Gisele na porta do prédio e rumou para sua bela casa, no bairro do Morumbi, casa essa comprada pelo sogro, por ocasião de seu casamento com Micaela.

— Hum, eu fiz muito bem em levar o aparelho para a Gisele — pensou, enquanto dirigia pelo trânsito complicado. — Ela é uma ótima companhia. Sei que Micaela vai implicar porque saí e demorei a voltar, mas, afinal, eu estava com vontade de tomar um sorvete e como ela está sempre de dieta, por estar acima do peso, dificilmente toma sorvete.

Um carro cortou sua frente e César desviou o pensamento da esposa. Ia xingar o motorista, quando viu que ao volante estava uma bela mulher que lhe fez um gesto pedindo desculpas.

— Ainda bem que era uma mulher, porque se fosse um homem eu ia dizer poucas e boas. Mas em quem eu estava pensando? Ah, em Micaela que continua gorda, apesar da dieta — olhou para si mesmo, voltou o olhar para frente. — Não posso me descuidar, preciso continuar com os exercícios. Ainda bem que temos em casa todos os aparelhos necessários. Bom, a vantagem de se casar com uma mulher rica, embora gorda e pouco atraente, é o dinheiro e a comodidade que traz — riu para si mesmo. — Atraente mesmo é a Gisele. Céus! Preciso tirar essa mulher da minha cabeça. Imagine só que aquele

pilantra do Pêrsio queria ir entregar o celular para ela, safado! Ainda bem que consegui impedir.

Virou o carro e entrou na rua em que morava. Acionou o controle remoto, entrou na garagem. Em casa, o mordomo veio ao seu encontro.

— Boa tarde, Dr. César. O senhor quer que mande lhe servir um café? Ou prefere um suco?

— Obrigado Antony, no momento não quero nada — estava bem satisfeito com a gostosa taça de sorvete que tomara.

— Micaela, onde está?

— Madame está em sua suíte.

César subiu a escadaria de mármore, rumo ao andar de cima. Micaela estava recostada em um sofá, assistindo televisão.

— César, até que enfim chegou! Você disse que ia só entregar uma prenda para um funcionário e demorou tanto. Para falar a verdade, não entendi porque não mandou um boy levar o pacote.

— Eu entreguei a prenda e depois fui tomar sorvete

— falou após olhar as grossas pernas dela que a bermuda deixava Ver.

— Sorvete? Bem, eu — sorriu —, é eu não devo tomar a não ser diet. Você tem sorte — olhou o marido — é magro. Você foi com quem?

— Com quem? Ah, sozinho.

— Nós podíamos ter ido juntos.

— Sim, mas eu fui a uma sorveteria de bairro e você não gosta de sorveterias de bairro. — Irmos juntos para ficar a ouvindo falar futilidades — pensou.

— Ah, elas são mal freqüentadas.

— Sabe que nem todas são mal freqüentadas? Bem, então, se me der licença, vou tomar banho.

Dirigiu-se para sua suíte que ficava contígua à dela.

Quando se casaram e foram morar na enorme mansão, César esperava ter filhos para que ocupassem os vários quartos. Sonhava ver crianças correndo pelo pátio e nadando na piscina. Mas o tempo passou e, apesar dos tratamentos, Micaela não conseguia engravidar, aliás, na única ocasião que engravidara, tivera um aborto. Agora eles estavam fazendo tratamento com o Dr. Milton, que diziam ser um excelente especialista. Vários casais tinham conseguido êxito. Bem, quem sabe...

Enquanto tomava banho começou a cantarolar uma canção que fazia sucesso no momento.

Lembrou-se de que Gisele e ele a ouviram no som do carro, ao saírem da sorveteria.

— Gisele, que moça bonita! Cabelos loiros escuros, olhos verdes. Hoje a beleza dela se realçou com a blusinha verde, encantadora que copiava o verde de seus olhos. Há nela algo fresco e juvenil, um encanto especial em sua voz e em seus gestos que a tornam terrivelmente atraente. Garanto que quando casar vai ter filhos sem precisar de tratamento — ao pensar na moça se casando e tendo filhos, sentiu um aperto no peito. — Não posso ficar pensando nela. Afinal é uma simples funcionária e tenho meu nome a zelar. Tratou de afastar a moça de seus pensamentos.

A segunda-feira amanheceu chovendo.

César desceu do carro e correu em direção à entrada da revenda. Ele detestava andar com guarda-chuva. Ao se virar para cumprimentar a moça da

recepção, viu pela porta de vidro um casal vir espremido debaixo de um guarda-chuva. Olhando melhor, viu que era Gisele e Pêrsio. Uma onda de ciúme forte e inclemente apertou seu peito.

Eles entraram, rindo um para o outro.

— Pêrsio obrigado pela carona.

— Não tem de quê, espero que torne a esquecer o guarda-chuva em casa, quando chover de novo.

— Ah, agora vou deixar um no carro — ela respondeu sorrindo.

— Bom dia pessoal! — disse César, que tinha vontade de socar o rapaz.

— Bom dia, Dr. César! — responderam juntos.

— Gisele, você não está atrasada? Perguntou com rispidez.

— Não senhor, Dr. César — ainda não se habituara a chamá-lo pelo nome. — Ainda faltam cinco minutos para o início do expediente — respondeu, após consultar o relógio. — Com licença. Pêrsio, obrigada pela gentileza — disse, rindo para o rapaz.

— Ah, quando precisar, estou inteirinho à sua disposição — respondeu, fazendo uma mesura.

César virou as costas e dirigiu-se à escada que levava ao seu escritório. Se ficasse ali mais um minuto, seria realmente capaz de socar aquele insolente.

O resto do dia ele passou irritado, para surpresa de Gisele, que sempre o vira com um sorriso nos lábios. Perdeu a calma várias vezes, chegando mesmo a esbravejar em uma reunião com alguns gerentes.

— Meu Deus! Dr. César é sempre bravo assim? — perguntou surpresa, para Valéria.

— Bem, nem sempre, mas quando é contrariado ou não cumprem suas ordens ele fica uma fera.

— Opa, vou voltar ao meu trabalho para evitar problemas. Tchau.

No final do dia, César, que em vão tentava tirar Gisele da cabeça, acionou o computador para dar vistas às fichas dela e de Pérsio.

Estava pensando em arrumar um jeito de mandar aquele conquistador barato embora, ou mesmo para outro setor, quando viu que ela era uma funcionária temporária.

Sentiu um baque ao pensar que Gisele ia ficar na revenda por apenas três meses.

— Mas, só três meses? Eu preciso resolver esta situação. De jeito nenhum vou permitir que ela se vá. Pegou o telefone e discou para o Departamento De Pessoal

— Dona Fátima? Aqui é o César. Por favor...

— Dr. César? A funcionária perguntou com surpresa na voz. É o senhor mesmo? Meu Deus! O que será que ele quer comigo? — pensou.

— Sim, sou eu — "que coisa, essas moças parecem tontas". — Por favor, me envie a relação dos cargos que estão vagos.

— Todos os nossos cargos estão preenchidos — respondeu decepcionada.

— Como? Não temos nenhum cargo vago? Nem de recepcionista? Nada? Está certo, obrigado.

— Gisele não pode ir embora, se for preciso, eu mando dispensar alguém ou crio um cargo para ela. Aliás, vou mandar que verifiquem em que setor está precisando de funcionário. — pensou, enquanto

pegava o telefone e dava a ordem no setor apropriado.

Capítulo 13

Micaela faz uma viagem

Na terça-feira, logo que chegou ao trabalho, Gisele recebeu uma incumbência de Valéria.

— Dona Micaela quer viajar para Brasília. Gisele sentiu um aperto no peito.

— Dr. César vai com ela?

— Não, a irmã da dona Micaela mora lá. Ela vai para o aniversário do sobrinho.

— Ah, sei. — "ele não vai viajar. Que alívio!" — pensou.

— Ela quer ir amanhã cedo. Por favor, ligue para a companhia aérea e reserve um lugar.

— Está certo. Ela tem preferência de horário?

— Ah, é verdade. Veja se consegue ali pelas 10h, ta? Outra coisa, é preciso reservar um carro — abriu a gaveta e tirou um cartão. — Ligue para este número e fale com a dona Rosângela, ela é proprietária de uma loja de aluguel de carros especiais. Diz que é para a dona Micaela que ela já sabe. Diz que ela também precisa de um motorista.

— Então, é para reservar um carro com motorista. Se a mulher perguntar eu digo que é para quantos dias?

— Bom, acho que para uns seis dias. Ah, informe a hora prevista que o avião vai chegar, para que o carro esteja no aeroporto.

Após fazer as ligações, Gisele ficou pensando que César ficaria alguns dias sozinho, em São Paulo.

César estava chateado, na hora do almoço ele tinha visto Pérsio no refeitório, sentado perto de Gisele. Aborrecido, estava pensando em uma maneira de afastar o rapaz, quando Zé Carlos veio até a sala para falar-lhe sobre a organização do Rally. Após mais de uma hora de conversa ele disse:

— Bem, a equipe está quase completa, mas precisamos de mais pessoas para cuidar da cronometragem.

— Você tem alguém em mente? — César perguntou.

— Não. — balançou a cabeça. — Ainda não. Uma luzinha se acendeu na cabeça de César.

— Mande o Pérsio.

— O Pérsio?! Mas ele não é desse departamento.

— Bem, ele pode passar a ser, basta você explicar o serviço.

— Tem certeza?

— Claro que sim!

Zé Carlos sabia que César não gostava de ter suas ordens contestadas.

— Chama o Pérsio, diga para arrumar as malas, e que vá o mais rápido possível. Certo?

— O.k.

À noite, em casa, Gisele ligou para a madrinha, que disse não haver alteração no caso da Thaís.

Depois de desligar o telefone, ela se lembrou que era terça-feira. Pegou, então, O Evangelho segundo o Espiritismo. Abriu ao acaso:

"Cap. VIII — item 5 — Ouviste o que foi dito aos antigos: Não adulterarás. Eu porém vos digo que todo o que olhar para uma mulher cobiçando-a, já no seu coração adulterou com ela". (Mateus 5, 27 e 28)

Item 6 (...) "A verdadeira pureza não está somente nos atos mas também no pensamento, pois aquele que tem o coração puro nem sequer pensa no mal. Foi isso que Jesus quis dizer, condenando o pecado, mesmo em pensamento, porque ele é um sinal de impureza".

Gisele fez as orações e ficou meditando sobre o tema.

"Adultério, puxa, César é um homem casado! Ai meu Deus! Eu se fosse casada, não gostaria de ser traída. Preciso rezar para tirá-lo da minha cabeça."

Cantarolando ela foi tomar banho e na hora de se deitar já tinha colocado as palavras do Evangelho no fundo de sua mente. Debaixo dos lençóis, não conseguiu evitar que seus pensamentos fossem para César.

No dia seguinte, após o trabalho, Gisele estava se dirigindo ao ponto de ônibus, quando o celular tocou. Estranhou, pois poucas pessoas tinham o número.

— Alô?

— Gisele? É o César.

— Dr. César? — ela sentia as pernas trêmulas. — O senhor precisa de alguma coisa? Eu estou aqui na rua, estava indo pegar o ônibus. Posso voltar para o escritório — disse apressada.

— Calma, fique tranqüila, não estou precisando de nada. Sabe o que é? Estou aqui no estacionamento e me lembrei que você deve estar sem carro, não é?

— Sim, estou a pé, é dia do bendito rodízio.

— Então, quero lhe oferecer uma carona. Fique aí que já estou passando para te pegar. Tchau.

Antes que ela pudesse dizer alguma coisa ele desligou.

Ao desligar o celular, César tinha um sorriso nos lábios. Com Pérsio fora do caminho e Micaela viajando, o encontro rum Gisele prometia.

Ao ver o carro esporte se aproximar, Gisele sentiu um frio na barriga. Entrou no veículo, procurando se acalmar.

— Esperou muito aqui no vento frio?

— Não, Dr. César. — respondeu enquanto sentia o conforto que um carro estrangeiro proporcionava.

— César, chama-me de César, por favor! — tirou a mão do volante e a colocou sobre a dela. — Apenas César.

— Está certo... César! — respondeu com um sorriso nos lábios.

— Você tem compromisso para o jantar?

— Eu? Não. Não tenho, estou só.

— Como deve saber, também estou só — olhou para ela. — Para falar a verdade, estou sem nenhuma vontade de jantar sozinho. Eu conheço uma boa

Cantina, aqui perto. Será que você faria a gentileza de jantar comigo? — perguntou com suavidade.

Ao entrarem na aconchegante cantina, Gisele foi lavar as mãos. Ao voltar, viu César conversando com um homem que estava em uma mesa ao fundo. Ao vê-la, ele veio e rapidamente a conduziu até uma mesa que ficava do outro lado da sala.

César pediu antepasto de berinjela e um vinho italiano que pareceu néctar ao paladar de Gisele. Logo depois ele solicitou o cardápio ao garçom e fez o pedido sem consultá-la.

— Então, não vai achar ruim comigo?

— Achar ruim, por quê?

— Por eu ter pedido lasanha, que é um prato bem calórico.

— Mas é muito gostoso — ela respondeu sorrindo.

Ele levou a taça à boca, sorveu um gole de vinho e devolveu à mesa.

— É difícil a gente ter que conviver com pessoas que vivem de dieta.

Gisele percebeu que ele estava se referindo à esposa.

— Bom, um alimento gostoso faz parte das alegrias da vida. Não pensa assim?

— O senhor tem razão.

— O senhor? Por favor...

— Desculpe César, você tem razão — disse sorrindo.

— Eu sempre gostei de comer bem. Mas em casa, se eu não seguir a dieta, Micaela fica intratável!

Gisele não soube o que dizer.

O garçom chegou com a lasanha, serviu e se afastou.

Após degustarem, ele perguntou:

— Que tal? Está a seu gosto?

— Nossa! Está divina! Acho que há muito tempo eu não comia uma lasanha tão gostosa.

— Que bom que gostou. Creio que devemos ficar fregueses desta cantina. O que me diz?

— É talvez. — Logo a esposa dele estaria de volta e seria difícil eles saírem juntos, ela pensou.

Tinham terminado a sobremesa quando o vocalista do pequeno conjunto, que no palco tocava músicas suaves, começou a cantar uma canção, cujo refrão dizia: "Os homens vieram ao mundo para sofrer pelas mulheres".

— Escutou o que diz a canção? — César pegou na mão dela e disse: Eu adoraria sofrer por você.

Um choque elétrico percorreu-a de cima abaixo. Sentia-se tão feliz ali com ele, que até parecia que tinha ganhado a loteria acumulada.

Subitamente ele a convidou: — Vamos dançar?

Na pequena pista, já ocupada por outros casais, eles dançaram bem juntos. Com a boca colada no ouvido dela, César cantava junto com o vocalista as românticas palavras de amor.

— Mel, tua boca tem o mel e melhor sabor não há...

Ao saírem da cantina, talvez pelo efeito do vinho, talvez pela companhia dele, Gisele sentia-se como se flutuasse. Ao chegarem à porta do edifício, ela não opôs resistência quando ele disse que ia subir para tomar um café.

Assim que entrou ele a beijou intensamente nos lábios. Os beijos foram ficando cada vez mais apaixonados.

Ela sentia como se o chão fugisse de seus pés. A cautela e o café ficaram totalmente esquecidos. Entregaram-se à paixão.

Bem mais tarde, quando ele a deixou, Gisele sentia uma sensação tão plena de felicidade, que levou a mão ao peito, como tentando não deixá-la escapar. Mal podia esperar pelo próximo encontro.

Quando saiu da casa de Gisele, César pensou que não se lembrava de quanto tempo fazia que não passava momentos tão agradáveis.

Entrou em casa cantarolando:

— Mel, tua boca tem o mel...

Capítulo 14

Convite irrecusável

Gisele acordou sentindo uma felicidade intensa, cantarolando:

— Mel, tua boca tem o mel...

Foi se aprontar para o trabalho e, sem hesitar, colocou o conjunto verde para agradar César.

Entrou na revenda sentindo certo acanhamento. Tinha a impressão de que as pessoas podiam ler em seu rosto o acontecido na noite anterior.

No escritório, Valéria, ao vê-la, comentou:

— Hum, como você está bonita! Vai sair depois do expediente?

— Sair depois do expediente? Bem, nunca se sabe as surpresas que a vida pode nos oferecer, não é?

À noite, César novamente a levou para jantar. Desta vez em um barzinho, onde o clima romântico antecipou a fantástica noite de amor que depois passaram juntos.

César estava um pouco aborrecido. Com o retorno de Micaela, seus encontros com Gisele tiveram que ser mais curtos, porém, ele estava tentando encontrar uma maneira de mudar a situação. Outra coisa que o preocupava era o fato de ele estar indo ao apartamento dela. Tinha receio de ser reconhecido. Assim, nesse dia, estava planejando levar Gisele a um motel.

Logo após o almoço, Gisele estava acomodada em sua mesa quando o celular tocou.

— Alô.

— Querida, sou eu. Não diga o meu nome. Escute, estou pensando em irmos a outro local hoje, que tal?

— Está certo. Onde?

— Escute, ao sair, vá para a Avenida Moema.

Ele deu as explicações e ficou antecipando os momentos de amor que teriam naquele requintado motel.

Dias depois, em uma tarde no trabalho, Gisele estava aflita. A toda hora olhava o relógio, o fim do dia se aproximava e César ainda não havia chegado. Logo cedo ele tinha ligado avisando que iria levar Micaela ao médico.

— Valéria, você acha que a esposa do Dr. César (quase escapara César) está doente?

— Não, creio que não. Ela toda hora tem chiliques, fica indo ao endócrino para fazer regime e ao ginecologista para tentar engravidar.

— Tentar engravidar? Ela faz tratamento?!

— Faz sim, com um médico famoso, o Dr. Milton. A consulta custa uma nota! Você está com uma cara! Está estranhando uma mulher rica se consultar com um bacana?

— Eu? Não, claro que não — passou a mão no rosto.
— Minha cara é assim mesmo. Eu... Vou até o banheiro, com licença.

No banheiro, Gisele, sentindo-se um pouco atordoada, encostou-se à parede.

— Meu Deus, a Micaela faz tratamento para engravidar! Que tola eu sou, pensando que o César era só meu. É claro que ele também fica com ela — pensou.

Uma pontada de ciúme inclemente apertou fortemente o seu peito. Sentiu lágrimas virem aos olhos.

A porta se abriu e Valéria entrou.

— Gisele? Você está bem? Por que está chorando? Está acontecendo alguma coisa?

— Não, Valéria — respirou fundo. — Não é nada, me senti um pouco sem ar, mas já passou, obrigada pelo seu interesse. Acho que estou com saudades da minha madrinha. Vamos voltar ao trabalho.

Quando chegaram na sala, a porta do escritório estava fechada, sinal de que César havia chegado. Gisele saiu da revenda ainda sentindo o impacto da notícia. Lentamente estacionou o carro na garagem. Subiu para o apartamento. Dali há minutos a campainha tocou.

César entrou, estreitou-a nos braços e deu-lhe um caloroso beijo.

— Amor! Como foi difícil passar o dia praticamente sem te ver.

Ela se soltou.

— O que foi? Você parece triste. Aconteceu alguma coisa?

— César, eu soube que foi ao médico com sua esposa.

— Sim, mas o que tem isso?

Chegando perto dela tentou abraçá-la, mas Gisele se afastou.

— O que foi? — perguntou novamente com o cenho franzido.

— César, sua mulher está fazendo tratamento para engravidar, eu sou uma tonta — disse chorando. — Isto quer dizer que vocês estão... Estão juntos, várias vezes.

— Ah, é isso que a preocupa? — chegou perto dela e a abraçou. — Querida, não é nada do que está pensando. Sem aquela de sair correndo porque está na hora do momento fértil. Micaela teve um probleminha e, se quer saber — riu —, o médico proibiu qualquer contato, até segunda ordem.

— Mas ela é sua esposa — tentou se soltar.

— Eu nunca escondi que era casado. Mas, sabe, eu fico com ela uma vez por ano. — apertou-a mais. — Mas é com você que quero ficar os outros 364 dias. Hoje mesmo eu já ajeitei as coisas e vamos ter bastante tempo para nós. Que tal?

Logo após a saída de César, o telefone tocou.

— Gisele? — era Letícia. — Como vai? Estou tentando falar faz tempo, mas o celular está na caixa postal e o telefone ocupado.

— Ah, madrinha, cansei de atender enganos, então, quando estou ocupada... Quer dizer, lendo, quando estou lendo, tenho tirado o fone do gancho. Então, como está a Thaís?

— Está bem, mas parece que o médico vai interná-la na semana que vem para fazer à cesariana.

Conversaram mais um pouco e, de repente, Letícia perguntou:

— Você tem se comportado bem? Cuidado. Não arrume confusões. Tenha cuidado, minha querida.

— Claro, madrinha, não se preocupe — cruzou os dedos. — Estou me comportando bem, sim.

— Sei — fez uma pausa. — Tem feito suas orações e o Evangelho no Lar? — perguntou com voz velada.

— Orações? Sim, tenho — mentiu. Esquecera completamente de orar.

— Gisele, me prometa que vai se cuidar. O mundo é cheio de maldades e ilusões.

— Fica tranqüila, madrinha.

Ao desligar, ela pensou que Letícia, parecia com o grilo falante do Pinóquio.

— Preciso mudar de atitude. Estou esquecendo que César tem uma esposa, que merece respeito. Vou conversar com ele, nosso romance precisa acabar.

Na sexta-feira seguinte, César pediu pelo interfone que Gisele fosse até a sua sala.

— Gisele, vamos viajar neste final de semana?

— Viajar? Como assim? Para onde? E a sua esposa? Vai largá-la aqui sozinha?

— Ah, não sei se falei, mas ela é muito religiosa, está sempre com os padres e com as beatas. Neste fim de semana eles vão ter um encontro ou coisa parecida no Embu e eu estarei livre! — abriu os braços como se fosse voar. — Vamos aproveitar? Eu conheço uma pousada ótima. Estou louco para ficarmos juntos esses dias, só nós dois. Que tal?

Letícia, o grilo falante, foi totalmente esquecida.

Capítulo 15

A Pousada

Assim que chegaram à pousada, César estacionou o carro em frente a uma casa avarandada, pintada de ocre.

Gisele desceu e olhou ao redor. Ficou encantada com a paisagem e a beleza do local. Estava enlevada com a vista, quando uma mulher veio de dentro

— Bem vindos à nossa Pousada. Dr. César estou muito feliz em vê-lo. — estendeu a mão em cumprimento.

— Gisele esta é a dona Kyria, a proprietária da pousada — César disse enquanto cumprimentava a mulher.

Kyria ajeitou uma mecha do cabelo loiro platinado com a mão, cujos dedos tinham as unhas pintadas de dourado.

O gesto provocou em Gisele, uma tênue lembrança.

— Gisele, que nome bonito, e que moça linda! Minha querida espero que tenha uma agradável estadia, junto a nós — disse olhando fixamente para o rosto da moça.

— Obrigada.

A mulher sorriu:

— Estou muito feliz em vê-la. Vamos, vamos entrar. Pode deixar que vou mandar um boy levar a bagagem. Reservei para vocês a suíte especial — olhou novamente para Gisele dando um amplo sorriso. — Espero que tenham um ótimo fim-de-semana.

Virando, se encaminhou para a entrada da casa.

Enquanto a seguiam, César disse ao ouvido da moça:
— Parece que ela gostou de você.

Subitamente, na árvore que ficava no pátio, um bem-te-vi pôs-se a cantar. Gisele concentrou-se no canto tentando se acalmar, para abafar a ansiedade que sentia por saber que ia ficar junto de César durante todo o final de semana.

Um sol esplendoroso e o cantar dos pássaros que habitavam as árvores próximas à janela, invadiram o quarto despertando Gisele. Virando-se na cama ela viu César adormecido com o braço sobre a cabeça.

— Meu Deus, que homem lindo! Nenhum pincel no mundo seria capaz de captar o poder magnético que ele tem!

Levantando-se devagar para não acordá-lo, dirigiu-se para o banheiro.

Entrou no chuveiro e ficou parada sob a cascata de água quente, sentindo os pingos d'água sobre o corpo.

Ao sair encontrou César à sua espera. Quando ele a abraçou um leve rubor cobriu-lhe o rosto.

No domingo, após o maravilhoso final de semana, Kyria, ao se despedir, segurou fortemente na mão de Gisele, e olhando-a intensamente, disse:

— Tive muito prazer em vê-la. Por favor, se cuide. Gisele estranhou as palavras, mas cortesmente respondeu:

— Eu também gostei de conhecê-la. Até a vista.

Dentro do carro, ao olhar para a loira mulher que da varanda acenava em despedida, Gisele pensou que no olhar dela havia certa melancolia, como se ela tivesse uma tristeza secreta dentro de si.

Capítulo, 16

Coquetel

Na terça-feira da semana seguinte, César decidiu viajar para supervisionar os veículos que estavam participando do Rally. Ao voltar, na quinta-feira, trazia a alegria pela moto da companhia ter vencido duas etapas do torneio. Trazia também Pérsio, que tinha sofrido um acidente. Vinha o moço com o braço esquerdo na tipóia e uma enorme mancha roxa no rosto.

Para comemorar as etapas vencidas pela equipe, César disse a Valéria que preparasse um coquetel, para o dia seguinte, após o expediente.

— Gisele, minha querida, me ajuda com o coquetel, por favor, liga para algum bufe e veja o que é possível conseguir, assim em cima da hora.

— Onde estão os números e o que devo encomendar?

— Ah, sei lá. Tente primeiro a Fada Madrinha. Dona Lorena (1), a proprietária, é especialista em resolver as nossas dificuldades.

(1)— Personagem de Marcas da Vida, outro romance da mesma autora.

Quando terminou de organizar o coquetel, já passava bastante da hora que ela costumava sair. Valéria tinha ido embora mais cedo, pois precisava

pegar Marcelinho na creche. Ao sair na rua, encontrou com Pêrsio.

Fazendo ar de coitado ele se aproximou:

— Gisele, a moça mais bonita da firma. Viu só o que me aconteceu? Sabe por que sofri o acidente? Porque apesar da distância meu pensamento estava em você.

— Ouvi dizer que seu tombo foi feio, como é, está se sentindo melhor?

— Muito melhor agora ao seu lado. Escute, para que lado você vai? Como vê, não posso dirigir, estou precisando de uma carona.

— Por que não? Vou pela Avenida dos Bandeirantes, serve?

— É claro.

Durante o trajeto, ele tagarelou bastante, ora falando sobre o Rally, ora jogando charme sobre ela. Ao descer, não se incomodou nem um pouco em tomar um táxi para casa, pois estava na direção oposta a que morava.

Gisele estava chegando a casa quando o celular tocou. Estacionou e atendeu.

— Gisele? Onde diabos você está? — César perguntou com rispidez

— Estou chegando a minha casa, por quê?

— Eu preciso falar com você, afinal faz quase uma semana que nós não nos vemos e você some sem deixar recado — falou exaltado.

— César não sei por que está nervoso. Você estava em reunião, eu terminei o serviço e saí — olhou o relógio. — Já são quase 8h, acabei de deixar o Pêrsio ali na...

— Você o quê? Deixou o Pérsio? Quer dizer que estava com aquele conquistadorzinho barato? O que ele queria com você? — perguntou aos berros.

— Calma, César, ele...

— Calma uma pinóia! O que você estava fazendo com ele? Diga, já!

— César, é claro que no meio do trânsito eu não estava fazendo nada! Apenas dei uma carona — respondeu irritada.

— Carona, é? Eu não quero ver aquele pilantra perto de Você. A senhora está proibida de falar com ele! Estou louco de saudades de você. Mas não vai ser possível nos encontrarmos, você me apronta essa!

— César! O que é isso? — começou a chorar. — Eu... Eu... Não aprontei nada.

— Gisele — a voz dele se suavizou. — Desculpe! Meu amor por você é tão grande que não posso nem pensar que outro possa lhe olhar — conforme falava, a voz ia ficando mais macia. — Amor, não chore, por favor.

Tanto falou e usou de palavras doces que ela se acalmou.

Assim que entrou no apartamento, preocupada e assustada Com o estouro de César, o telefone tocou, era seu pai. O sisudo Manoel estava alegre. Ligou pra contar que a esposa estava grávida, Gisele deveria ficar feliz, pois logo teria um irmão.

Ao desligar ela pensou:

— Quando papai sair à rua com a criança, a turma vai pensar que é seu neto.

Afastando o maldoso pensamento, após comer alguma coisa, foi tomar banho para dormir, uma vez

que César não poderia vir essa noite. Queria estar com boa aparência para o coquetel do dia seguinte.

No outro dia, durante o almoço, reunidas em uma mesa de canto, Mirtes, Valéria e Gisele conversavam, quando César e Zé Carlos, acompanhadas por outro homem, adentraram o salão.

— Meu Deus! Esse homem continua maravilhoso! — disse Mirtes, revirando os olhos.

— Não se esqueça de que ele é casado — Valéria retrucou.

— Ah, Valéria, garanto que até mesmo você, que se envolveu com um casado, gostaria que ele te desse bola — antes que a outra respondesse, disse com emoção: — Olha, olha como ele está olhando para mim! Ah, hoje à noite vou conquistá-lo, eu prometo.

— Deixa de ser tonta, Mirtes, não vê que ele não é para nós? — disse Valéria.

— Por que não? Só porque é casado com aquela mulher rica? Eu hein, a dona dele que se cuide, pois vou fazer de tudo para ganhá-lo.

Enquanto elas conversavam, Gisele trocava olhares com César. Sua vontade era de sair correndo e se atirar nos braços dele. Controlando-se tratou de terminar de almoçar.

Após o expediente, a turma toda estava reunida no salão, quando César entrou segurando no braço da esposa. Fazendo um discreto cumprimento com a cabeça, dirigiu-se ao palco e falou sobre o sucesso que as motos estavam alcançando no Rally. Depois, fez um breve agradecimento a todos e especialmente

a dona Gisele que conseguira, em curto espaço de tempo, realizar aquele coquetel. Em seguida, disse: — Som na caixa que vai rolar a festa divirta-se.

Gisele, ainda encabulada com os elogios, e enciumada com a presença de Micaela que parecia mais gorda do que nunca, estava se servindo de um salgadinho, quando escutou Pêrsio dizer:

— Puxa, eu não sabia que além de ser linda, você era uma excelente funcionária. Olha que Dr. César raramente faz elogios, ainda mais em público.

— Obrigada, Pêrsio. Como está seu braço?

— Melhorando — ele disse erguendo o cotovelo. — Mas ainda tenho dificuldade para fazer as coisas corriqueiras — olhou para ela. — Seria muito pedir para que me conseguisse uma coxinha?

Quando Gisele trouxe o salgado, antes que ela falasse alguma coisa, ele chegou perto segurando na mão um copo de cerveja, e abriu os lábios. Ela não teve outro jeito senão colocá-la dentro de sua boca.

Pêrsio engoliu a coxinha e disse:

— Servida por você, tão linda nessa roupa azul, esse quitute teve um sabor especial. Que tal depois do coquetel a gente ir dar um role por aí?

— Obrigada. — e sentindo-se embaraçada, continuou. — Desculpe, hoje não vai dar. Com licença.

Ali pelas 21 h, com a festa ainda animada, Gisele decidiu ir embora.

Ao chegar a casa, sentindo um aperto no peito, conseqüência de ver César com a esposa, ela ligou para a madrinha.

— Querida, eu ia mesmo te ligar, o médico quer que Thaís se interne na segunda-feira.

— Para ter o bebê?

— Sim. Ele decidiu, mesmo, pela cesariana.

Letícia continuou falando, e antes de desligar perguntou:

— Gisele, tem se cuidado? Tem orado? Tem feito o Evangelho no Lar?

— Sim. Mentiu.

Gisele estava dormindo quando escutou o interfone soar, assustada, foi atender.

— Dona Gisele? Aqui é o Josinaldo, o guarda — pigarreou.

— Está aqui fora um senhor dizendo se chamar Dr. César, ele quer subir.

— Pode deixar.

— A senhora tem certeza? Ele parece alterado.

— Tudo bem.

Quando César saiu do elevador, estava com a gravata torta e a roupa desalinhada.

— César? O que houve?

— Vamos entrar. Eu não gosto de falar aqui fora — falou com a voz pastosa.

Ao passar por Gisele ela sentiu cheiro de bebida.

— Você andou bebendo?

Ele chegou junto dela, segurou em seus braços e respondeu:

— Andei, andei sim. Só bebendo a gente consegue esquecer uma traidora.

Parecendo um demente chacoalhou a moça com força.

— César! Que é isso, o que foi?

— Sua estúpida — cuspiu a palavra. — Pensa que não a vi com aquele conquistadorzinho? —

chacoalhou novamente. — Qualquer hora eu perco a cabeça e soco vocês dois.

— César, me larga, me larga — tentou se soltar, mas as mãos dele pareciam de aço. — Você está me assustando!

— Ah, estou? Nem sei o que falar do seu comportamento — disse em voz alta.

Batidas soaram na parede. A vizinha provavelmente estava incomodada com a discussão.

— César, contenha-se — falou baixo. — Aqui é um prédio de apartamentos e já é bem tarde, não podemos fazer barulho. — Me larga, por favor! — lágrimas vieram aos seus olhos e começaram a escorrer pelo seu rosto.

Subitamente ele a soltou, andou uns passos, voltou e a abraçou com força. Depois beijou seus cabelos, seus olhos, seu rosto.

— Gisele, você me deixa louco, por favor, não fique conversando com outro homem, isso me aborrece demais, eu fico louco de ciúmes.

Fazendo um esforço, ela conseguiu se soltar dele.

— César, você vem aqui depois de estarmos dias afastados, só para me cobrar? E eu? Como pensa que me sinto vendo você chegar ao salão com sua mulher, hein?

— Como? O que disse?

— Eu disse que você não imagina como me sinto quando estou aqui sozinha durante a noite e penso que vocês podem estar juntos. Entendeu? — falou mais alto que o habitual.

— Ela nada representa para mim.

— Ah, é? Mas é sua mulher! Tem o direito de usar seu nome e sua aliança, enquanto eu nada tenho — e

levando a mão nos olhos, limpou as estúpidas lágrimas que teimavam em cair. Não queria se sentir frágil, mas quando se tratava de César, perdia o controle. — Eu nada tenho — repetiu.

— Meu amor, minha querida, sabe que eu a amo. Você me tem por inteiro, tem meu coração.

— Não me venha com essa conversa. É ela que o tem, ela: a Micaela. Sabe o que mais? É melhor você ir embora, vamos acabar logo com isso. Basta, estou cansada de tudo, vai embora — mostrou a porta.

— Não! Daqui eu não saio. — Fez uma pausa. — Meu amor, escute, me desculpa, vou dar um jeito na situação. Estou farto da Micaela, vou pedir o divórcio.

— Vai se divorciar dela?

— Vou! Quero ficar com você. Ao chegar a casa tomei quase uma garrafa de uísque. Estava louco de ciúmes, mas agora já estou mais controlado. Desculpa ter vindo aqui há esta hora, é que minha saudade por você era imensa — moderou o tom da voz. — Por favor, querida, me perdoa, sabe que é você que eu amo.

— E Micaela? — Gisele perguntou resabiada.

— Eu só preciso de um tempo para me separar dela.

— Será? Isso parece conversa furada.

— Por favor, meu amor, acredita em mim — falou com voz ofendida. — Agora, será que esse pobre mortal tem direito a um beijo dessa linda mulher?

Nos dias que se seguiram ele foi só gentileza. Conseguiu algum tempo para uns furtivos encontros, mandou flores, mandou cesta de café da manhã. Até que certa tarde...

— Amor, que tal um jantarzinho?

— Hoje? E sua mulher?

— Ah, aquela chata tem encontro na igreja com as beatas, vai haver um jantar beneficente.

Gisele olhou para ele desconfiada.

— Amor, não se preocupe, eu já estou procurando um advogado idôneo, vou mesmo me separar, Micaela nada tem que me prenda.

Saíram discretamente e foram a um rodízio de pizza, onde comeram massa suficiente para causar pesadelo a uma nutricionista.

No dia seguinte, quinta-feira, lá pelas 9h da noite, César apareceu no apartamento de Gisele. Como não tinham nada combinado, ela estranhou.

— Oba, o que o traz aqui?

— Ah, querida, estamos com um problema — falou com voz triste.

— O que foi? Ela perguntou assustada.

— Calma, nada muito difícil — andou pela sala, olhou pura ela. — Estou super chateado, vou precisar viajar por uns dias.

— Viajar? Vai me deixar sozinha?

Ele assentiu com a cabeça e com cara triste disse.

— Você soube que um dos nossos carros capotou, não?

— Sim, é só desse assunto que se fala no escritório.

— Pois é, e era o que estava com melhor pontuação.

— Bom, e daí?

— Daí vou precisar ir até Goiás, ver como estão às coisas.

— Você? Ah, que pena, não dá para mandar o Zé Carlos?

— Não. — Andou pela sala, olhou para ela. — Sabe como é os olhos do dono engordam a boiada. Eu mesmo tenho que ir.

— E volta quando?

— Vou precisar ficar lá por mais ou menos uma semana — falou exibindo um ar triste no rosto.

— Uma semana! Tudo isso? Vai quando?

— Amanhã.

— O quê? Amanhã? — Gisele sentia vontade de chorar. — Mas, terça-feira é feriado, como sabe, a firma vai emendar e eu vou ficar aqui sozinha todos estes dias?

Ele balançou a cabeça.

— Ah, querida, eu sei que é chato, mas não tem outro jeito. Sabe, além de tudo vou à surdina, ouvi dizer que o pessoal da equipe concorrente está querendo nos boicotar — deu de ombros. — Preciso ir, mas quero chegar lá de surpresa, poucas pessoas sabem da minha viagem.

César ficou lá mais um pouco para terem um amoroso encontro de despedida. Quando saiu, recomendou que Gisele nada comentasse na revenda sobre sua viagem. Oficialmente iria para o Rio tratar de outros negócios.

Ao sair, César pensou que para não ter problemas, precisava ir voando para casa. Tinha que chegar à mansão antes de Micaela, que tinha ido novamente a um encontro com a padrecada.

Capítulo 17

Kyria se encontra com Gisele

-

O telefone tocou tirando Gisele de seus sonhos.

A princípio pensou em não atender, porém, lembrando que poderia ser César, virou-se na cama e pegou o aparelho.

"Que interessante, Kyria, a dona do resort, a chamava para almoçar. Bem, por que não? Afinal, o fim de semana com a ausência de César estava sendo muito monótono."

Ao entrar no restaurante, Gisele avistou Kyria sentada em uma mesa próxima à janela. A elegante mulher loira, talvez de verdade talvez não, ao vê-la apagou o cigarro e abanou a mão.

— Gisele, querida, é uma alegria revê-la.

— Kyria, como vai?

— Bem, vou bem. — Beijaram-se e sorriu. — Apesar de que às vezes a vida nos prega uma peça, na qual somos nós os atores da comédia, ou talvez de um drama como os das óperas.

Sem entender muito bem o que a mulher queria dizer. Gisele se sentou. Kyria acendeu outro cigarro. Tragou profundamente e exibindo um cálido sorriso disse:

— Gisele, como está bonita! Você é com certeza a moça mais bonita do pedaço. Queira Deus que esse rostinho de modelo nunca mostre tristeza.

— Obrigada - Gisele sorriu. — Sei que vou ser sempre feliz.

— Sim, quando se é jovem a gente pensa que a vida é um mar de rosas — Kyria respondeu, olhando firmemente para ela.

Gisele estremeceu.

— “Meu Deus, será que ela é daquelas que gosta de mulheres? Estou achando o seu jeito e suas atitudes muito estranhas. Preciso dizer que tenho noivo”.

— Dona Kyria, não sei se sabe, mas hoje deu para vir almoçar com a senhora porque César está viajando. Ele foi cuidar de um Rally e só deve voltar no final da semana.

— Querida, não me chame de dona, nem de senhora. — enquanto falava, Kyria acariciou a mão da moça que estava sobre a mesa.

Gisele retirou a mão dizendo:

— César, meu noivo, é muito atencioso. Ontem cedo ele me mandou uma bela cesta de café da manhã, com um espetacular arranjo de flores.

— Você gostou da cesta de café? — Kyria perguntou com ansiedade na voz.

— Sim, muito! — franzindo o cenho perguntou. — Por quê?

O garçom chegou para anotar os pedidos de bebidas. Em seguida elas se dirigiram ao bufê e escolheram os alimentos.

Kyria, parecia distraída, remexeu a comida no prato e pouco comeu. Depois cruzou os talheres e acendeu outro cigarro, que tragou profundamente.

— Gisele, você espera se casar com o César? — perguntou com ansiedade no olhar.

A moça remexeu-se na cadeira. Finalmente disse:

— Desculpe, mas não vim aqui para discutir minha vida particular com a senhora.

— Gisele, Gisele, eu preciso saber.

— "Hi, acho que essa mulher está a fim de me fazer alguma proposta" — pensou, afastando a cadeira.

— Desculpe, vou pagar a conta, preciso me retirar — procurou o garçom com os olhos.

— Por favor, Gisele, responda à minha pergunta: César disse que vai se casar com você? — Kyria segurava com força o pulso da moça.

— Que pergunta impertinente, a senhora nada tem com nossas vidas.

— Por favor, Gisele, acalme-se.

— Por favor, digo eu. Vou me retirar — fez menção de se levantar.

— Espere, não se vá sem me ouvir. Segurou a mão da moça.

— Se... Se você está a fim de me fazer alguma proposta indecente, desista!

Kyria riu, riu muito. Precisou levar a mão à boca para disfarçar. Quando conseguiu se conter, disse:

— Não, querida, de jeito nenhum, eu não sou desse tipo. Sou casada com Mateus há muitos anos.

— Então, por que está me fazendo perguntas tolas? Você não tem nada a ver com minha vida.

— Eu tenho, sim. Eu tenho muito a ver com sua vida — riu disse mansamente, enquanto acendia outro cigarro.

— Por quê? Por que, tem a ver com minha vida? Eu mal a conheço...

— Por favor, acalme-se, vamos conversar — e olhando-a firmemente, perguntou: — Será que você não se lembra mais de mim, bonequinha?

— Por que eu deveria me lembrar de você? E por que está me chamando de bonequinha? — perguntou, franzindo as sobrancelhas.

A mulher suspirou e nada respondeu.

— Se não tem uma proposta indecente a me fazer, graças a Deus, e se nós nem nos conhecemos direito, por que me chama de bonequinha?

— Gisele, escute, eu a chamei aqui para conversarmos, eu quero lhe conhecer melhor. Eu quero conversar com você sobre o César.

Gisele se irritou.

— O que meu noivo tem a ver com você? — perguntou com brusquidão.

— Ele não é adequado para você, bonequinha.

— Que direito tem você de me dizer que César não me é adequado?

— Tenho muito direito, tenho quase todo o direito do mundo! — apagando o cigarro, ela pegou a bolsa e abriu, tirou uma foto de dentro e a exibiu. — Veja, dê uma olhada, bonequinha.

A foto era de uma bela mulher, que, com ar muito feliz, segurava uma menininha bem arrumada nos braços. Dava para se perceber que eram mãe e filha.

— Bem, creio que é você com sua filha no colo. Mas, o que eu e César temos a ver com isso? — perguntou confusa.

Enquanto aguardava a resposta, algumas lembranças vieram à sua mente: Ela pequena, brincando de pega-pega com a mãe. A mãe ajeitando seus cabelos e conferindo sua roupa, enquanto dizia: "Bonequinha, você é a menina mais bonita do pedaço!". Ah, que saudades do tempo em que vivia com a mãe, uma mulher que estava sempre alegre.

Devolvendo a foto, Gisele suspirou. Ah, a saudade era traiçoeira: fazia a gente se lembrar das coisas, não como elas tinham sido, mas como nós queríamos que tivessem sido.

— Então? Será que você não se lembra? Será que não se lembra da Toninha? Kyria perguntou com ansiedade na voz.

— Claro que eu me lembro da minha mãe. Você a conheceu? — sem esperar respostas, ela continuou em voz velada. — Ela nos abandonou, a mim e a meu pai. Coitado, ele ficou arrasado!

— Abandonou? Quem disse isso?

— Ora, meu pai, me disse — olhou para a bem arrumada mulher. — Você a conheceu de onde? Sabe onde ela está?

— Sim, para as duas perguntas. Gisele olhe bem para mim — ela tinha lágrimas nos olhos.

Então Gisele compreendeu. Sentindo-se sufocar, disse:

— Não é possível! Você não pode ser a Toninha, você é a Kyria.

— Eu sou a Toninha, eu sou sua mãe — fez uma pausa. — Eu nunca a abandonei, nunca!

Disse, enquanto limpava discretamente os olhos com um lençinho bordado de renda.

— Abandonou, sim! — Gisele respondeu com raiva.

A mulher negou com a cabeça. Abriu novamente a bolsa, tirou um pequeno álbum de fotos.

— Dê uma olhada nestas fotos.

Eram várias fotos de Gisele, em diversas idades.

— Como você arrumou isso? — perguntou ela, ainda perplexa. — Você me abandonou, sim! Você traiu o meu pai. Todos dizem que você foi embora me deixando só.

— Bonequinha, isso é cruel demais — Kyria procurava conter as lágrimas.

— Sabe o que mais? Eu vou-me embora — disse, levantando-se. — Nós não temos nada a ver uma com a outra.

Kyria se levantou.

— Gisele, por favor, antes de ir me escute. Você, para julgar tem que ouvir os dois lados da história.

Gisele suspirou, olhou para a mulher que dizia ser sua mãe.

— Está bem, mas, por favor, seja breve.

Voltaram a se sentar.

— Está certo, vou começar do início. Espere... — abrindo a bolsa tirou o RG. — Veja.

Havia uma foto de alguns anos atrás e o nome: Maria Antônia Paulino de Freitas. Não havia dúvidas, era o nome de sua mãe, Toninha.

Gisele deu um suspiro, olhou para a mulher, era melhor escutar o que ela tinha a dizer. Afinal, não havia mais nada para fazer neste dia.

— Está certo, diga o que César tem a ver com tudo isso — Gisele estava confusa, ora tinha vontade de abraçar a mulher, ora tinha vontade de ir embora.

— Muito bem, sabe que eu tinha dezoito anos quando você nasceu, mas eu já tinha um passado... — acendeu outro cigarro e deu uma tragada. — Bem, eu nasci no interior, alta e com boa aparência, descendente de italianos. Foi fácil minha necessitada mãe me arrumar um emprego de doméstica em uma casa chique da cidade. Lá aconteceu o inevitável, eu e o rapaz, filho da casa, nos entregamos à paixão. Durante uns meses, nós vivemos muito felizes, nos curtindo, como se diz, atualmente. Porém, chegou o momento de ele vir para cá, para fazer cursinho para vestibular e nós nos separamos com a promessa de que logo ele falaria com os pais e viria me buscar — deu uma risada. — Mas, se para mim aquilo tinha sido uma grande paixão, para ele foi apenas uma aventura, logo esquecida. Com o passar dos meses,

como ele quase não me dava mais notícias, juntei minhas coisas e vim para cá.

— Sozinha? Que idade você tinha?

— Sozinha. Tinha dezesseis anos, porém aparentava mais. Aqui eu percebi que o que fora para mim um grande amor, para ele fora só fogo de palha. Ele já tinha me esquecido, e mais: não queria que seus amigos soubessem que tinha estado com uma empregada caipira, semi-analfabeta.

Gisele esticou o braço e tocou na mão de Kyria.

— Resumindo, quando o dinheiro estava no fim, a dona da pensão em que eu morava, disse que bonita como eu era seria fácil arrumar dinheiro. Se eu quisesse ela me apresentaria a uma amiga — deu de ombros. — Comecei a trabalhar em uma boate e a ter encontros com finos cavalheiros. Passei a usar nome de Walkyria, Kyria.

— Meu Deus! Então era verdade!

— O que era verdade?

— Que você... Que você era prostituta. Meus primos diziam... Diziam que você não prestava e que eu ia crescer ser igual a você — Gisele se encolheu na cadeira. — Eles, muitas vezes, quiseram me agarrar.

— Pobrezinha, eles a culpavam pela minha conduta.

As duas ficaram caladas por alguns segundos.

— Como conheceu papai?

— Ele foi à boate e me propôs acompanhá-lo a uma viagem de uma semana — tragou o cigarro. — Então eu engravidei, apesar de ter tomado cuidado — sorriu. — Coisas da vida, eu tinha um compromisso com você.

— Compromisso? Como assim?

— Bem, antes de reencarnarmos devíamos ter combinado sermos mãe e filha.

— Ah, que bobagem! Reencarnação! Não acredito nisso.

— Mas eu sim. Bem, mas vamos voltar aos fatos. Seu pai e eu nos casamos e fomos morar lá na chácara em Celmópolis — fez uma pausa. — Meu amor, se não fosse o fato de estar grávida eu teria voltado no mesmo instante para cá.

— Você não amava meu pai?

Ela olhou para a filha.

— Nós nada tínhamos em comum. Ele era quinze anos mais velhos do que eu. Viajava muito a negócios e quando voltava não queria sair, era muito sério. Eu, jovem, alegre, gostava de festas... Já viu...

— deu de ombros. — Quando ele viajava, eu saía, ia passear. Às vezes, fazia festas, chamava os meus amigos. Alguns iam daqui para lá...

Algumas lembranças vieram à cabeça de Gisele. A mãe colocava uma toalha grande na mesa da sala. A toalha ia até o chão, e Gisele, quando ouvia a música e as risadas, se levantava da cama e pé-ante-pé, ia até a sala. Escondia-se sob a mesa, protegida pela toalha e ficava espiando a festa. Às vezes ela acabava adormecendo lá em cima do tapete. Certa vez viu a mãe e um homem se beijando.

— Você traía o meu pai, você tinha outros... — era uma afirmação.

Kyria deu outra tragada no cigarro: — eu não agüentava viver naquele lugar. Seu pai não queria sair de lá — fez uma pausa, ficou olhando para o nada. — Certa vez nós íamos a um aniversário de

família e eu coloquei um vestido em você, bem, sua avó mandou que eu a trocasse.

— Por quê?

— Ela disse que o vestido não era adequado para uma menina de boa família, disse que eu não entendia nada de etiqueta, que eu era uma matuta, que devia ter continuado a ser uma reles serviçal — sorriu. — Disse que eu nunca seria um deles, que não entendia o que seu pai havia visto em mim. Na verdade, ela não gostava nada de mim.

— E quanto às festas? Eu me lembro um pouco delas.

— As festas... Eu morria de tédio naquela chácara. Um dia, alguém contou e seu pai voltou antes do esperado. Tive que sair de lá só com minha roupa e sem minha bonequinha — abaixou a cabeça.

— Mas, por que não foi me ver? Por quê? Você disse que voltaria para me buscar — Gisele começou a chorar, falou em voz baixa: — Senti tanto a sua falta! Nós éramos tão amigas, era tão alegre nossa vida! Depois, tudo ficou chato demais, não tinha mais alegria nem brincadeiras. Vovó Amélia foi morar lá em casa. Ela dizia que dar risada e fazer brincadeira era pecado.

— Ah, meu amor! Eu era jovem e tola, mas nunca quis lhe prejudicar, nunca quis ficar longe de você, afinal, durante nove meses, compartilhamos o mesmo corpo. Querida, isso é duro de dizer: Manoel conhecia todo mundo na cidade. Ele mexeu as coisas de um jeito que o juiz só me permitiu lhe ver por dez dias durante o ano, mas todas as vezes que tentei lhe ver, seu pai e sua avó não deixavam.

— Não deixavam? Como assim?

— Não sei. Eu ia lá e não me deixavam lhe ver, cada ora eles davam uma desculpa. Certa ocasião, quando eu cheguei, você tinha ido para um acampamento. Outra vez, você tinha viajado com sua madrinha. Depois... Bem, depois Amélia me disse que se eu não a deixasse em paz ela contaria a você Quem eu era — riu. — Pelo jeito, ela contou mesmo...

— Não. — Gisele negou com a cabeça. — Ela me disse que você tinha nos abandonado. Quem me contou, foi meu primo Rômulo. Ele quis me agarrar...

— Querida! Que coisa desagradável. Bem, depois, conheci Mateus e nós compramos a pousada e fiquei muito atarefada e longe de você. Voltei lá, ainda algumas vezes, mas... Era uma cidade muito pequena e nem no hotel eu era bem-vinda. Passei por algumas contrariedades e acabei deixando de ir até Celmópolis. Mas, como sou tenaz, contratei o fotógrafo do local para que tirasse fotos suas. Assim, fui acompanhando seu crescimento e — deu de ombros — acabei me convencendo que talvez o destino não quisesse que nos uníssemos.

— Será que você não devia ter lutado mais? Lutado por mim?

— Talvez... Mas pensei que você estivesse feliz, com seu pai e sua avó. Afinal, uma ex-prostituta nem sempre é a mãe ideal.

Gisele, agora mais controlada, pensou que talvez Toninha estivesse errada, mas, agora era tarde demais.

— Bem, Kyria, vamos voltar a falar do César.

Ela olhou ao redor.

— Parece que já estamos aqui há muito tempo. Vamos Conversar em outro lugar?

— Sim. Você tem algum local? Ou prefere ir para o meu apartamento?

No apartamento, Gisele fez café. Kyria acendeu um cigarro. Ficou calada por alguns instantes.

— Gisele, nem sei como começar. Bem, digamos que uma ex-prostituta queira um futuro ditoso para sua filha — sorriu. — Antigamente, elas internavam as filhas em colégios de freiras e quando as visitavam diziam ser tias das meninas — dando um suspiro, olhou para a filha. — Você sabe que César é casado?

— Sim, sei.

— E ainda assim está com ele? — perguntou, franzindo o cenho.

— Sim — Gisele sorriu. — Ele não se dá bem com a esposa, eles estão se divorciando.

— Se divorciando?! Quem disse isso? — perguntou se arrumando na poltrona.

— Quem? Ele. Por que o espanto? Todo mundo hoje em dia se separa — Gisele respondeu, erguendo os ombros.

— Meu Deus! Eu não posso acreditar.

Kyria deu um suspiro e escondeu os olhos com as mãos.

— Kyria, o que foi?

— O que foi? Eu nunca pensei que César pudesse ser tão ordinário.

— Como assim? Se ele e a mulher não se dão bem, por que não podem se separar? — Gisele estava confusa e um pouco revoltada. Afinal, que direito tinha essa mãe, saída do nada, de vir criticar seu noivo?

— Gisele, você me disse que ele estava em um Rally, não foi? — perguntou olhando fixamente para a filha.

— Sim — Gisele sentiu um arrepio e continuou. — Ele já me telefonou, e me mandou a cesta de café da manhã — olhou para o arranjo de flores.

Kyria balançou a cabeça.

— Gisele, sabe como a encontrei? Sabe de onde tirei o numero do seu telefone?

— Não... É mesmo, de onde? — perguntou com curiosidade.

— César me forneceu. Ele pediu para eu mandar a melhor cesta que tivesse para você.

— Como assim? Ele está viajando e você na pousada... Eu não estou entendendo... Que conversa é essa?

— Bonequinha, isso é duro demais para uma mãe falar... Endireitou-se na cadeira. — César está na pousada — olhou para a filha. — Está com a esposa. Eles não estão se separando. Ela está grávida.

Gisele se levantou de um salto.

— Não acredito! Você é mentirosa, sua... Sua...

— Sua o quê? Vagabunda? Prostituta? — riu mansamente. — Filha, eu não estou mentindo. Ligue para lá e mande chamá-lo! — lágrimas começaram a correr mansamente pelo seu rosto.

— Estou falando a verdade. Mergulhou o rosto nas mãos. — Ah, meu Deus, isso não pode ser verdade, não pode.

Gisele respirou fundo. Alguns fatos começaram a se encaixar. As evasivas dele, o tal Rally ter aparecido de repente, o fato de ele quase nunca estar livre aos domingos. Chocada, voltou a se sentar.

— É verdade? — perguntou com um fio de voz, torcendo para que tudo não passasse de um equívoco.

— Sim, é. — Kyria limpou as lágrimas com a mão. — Ele já esteve lá muitas vezes, e... Sempre bem acompanhado. Você não foi à primeira. Eu, eu tive vontade de alertá-la, mas, deu de ombros. — Não sabia como.

— Era por isso, era por isso que você me olhava tanto? Como soube que eu era sua filha?

— Eu tinha as suas fotos, lembra-se? Fiquei feliz e ao mesmo tempo chateada quando a vi com ele — fez uma pausa. — Eu não queria perder a oportunidade de olhar bastante para a minha bonequinha.

— Eu ainda não sei se acredito. Desculpe você pode ser minha mãe, mas...

— Mas você não me conhece... Ligue para a pousada.

— É isso que vou fazer — levantando-se pegou a agenda. Antes que pudesse abrir Kyria ditou o número.

Gisele ligou.

— Sim, doutor César está aqui com a esposa — disse a pessoa que atendeu.

Ela, lentamente colocou o fone no gancho e ficou olhando fixamente para o fantasma da sua desilusão.

Capítulo 16

A procura

O rapaz viu quando o homem chegou muito bem trajado: terno cinza-claro, que combinava com a gravata cinza-escuro com bolinhas vermelhas.

Beirava os 35 anos. Alguns fios prateados riscavam seus cabelos escuros. Olho claro, queixo quadrado, alto, atraía os olhares femininos.

O rapaz viu quando ele colocou a mão direita no bolso do paletó e de lá tirou um papel. Leu o que estava escrito, como a confirmar os dados. Voltou a guardar o papel. Olhava para todos os lados, procurando por alguém.

Riu consigo mesmo.

— O bacana está confirmando o endereço — pensou.

— É claro que nunca esteve por aqui na periferia.

Decidiu esperar mais alguns instantes para ir ao seu encontro, pensando que seria melhor se fazer de difícil. Afinal, nada tinha a perder. Após alguns minutos, calmamente foi andando.

César olhou para o relógio, depois para frente. Seu semblante mostrou um ar de agrado quando viu o rapaz, com seus cabelos semilongos, roupa esporte, tênis velho nos pés, atravessando a rua.

Foi ao seu encontro.

— Então? Alguma novidade? Encontrou-a? — perguntou com ansiedade na voz.

— Calma! — disse, levando a mão ao bolso da camisa, tirou um maço de cigarros, riscou um fósforo e acendeu um. Tragou profundamente, soltou a fumaça para cima. — Eu a encontrei. Ela não quer receber ninguém, deu ordens para não ser perturbada — enfiou a mão no bolso da calça e tirou um papel.

— Isso não importa! Ela vai ter que me receber — esticou a mão. — Dá cá o endereço — pegou o papel. — Convento Nossa Senhora das Graças? Que brincadeira é essa? — perguntou com brusquidão.

Segurou o ombro do rapaz e sacudiu. — Você está querendo me enganar?

— Claro que não! Vá até lá para ver. Ela entrou lá faz uns cinco dias.

— Como sabe?

— Eu tenho os meus métodos — deu de ombros.

— Se não me falar, não vou pagar o resto do dinheiro.

O rapaz jogou o cigarro no chão e apagou com o tênis.

— Está bem — deu de ombros novamente. — Eu conversei com um dos empregados do prédio onde ela morava. Consegui saber para onde está indo a correspondência.

— Como conseguiu? Eles não quiseram me dizer.

— Bom — olhou para o homem. — Eu não tenho roupas elegantes. Apareci por lá com um pacote grande, bem embrulhado e disse que precisava entregar para ela. Xavequei dizendo que se eu não entregasse o pacote ia perder uma boa grana — riu.

— Custou um pouco, mas o cara me deu o endereço.

Após pagar para o moço o restante do dinheiro combinado, César foi até o carro e partiu em direção ao convento.

Após ter ficado a manhã inteira no computador, para colocar a correspondência das freiras em dia, Gisele sentia-se um pouco cansada. Esticou os braços para cima, depois massageou os ombros.

O barulho de um motor de automóvel cortou o silêncio. Ela olhou para a rua pela janela que ficava à

direita. Um BMW igual ao de César acabava de estacionar do outro lado da rua.

Gisele se levantou e pegou as folhas que a impressora acabava de soltar. Curiosa, voltou a olhar para a rua: César estava descendo do carro.

Por alguns instantes não conseguiu se mexer, então finalmente, recuou, virou e foi quase correndo ao gabinete da Madre superiora.

A madre disse que não podia mentir. Se César perguntasse seria obrigada a dizer que Gisele estava lá.

— E se a senhora não o receber? — perguntou, quase chorando.

— Calma, minha menina — tamborilou com os dedos no tampo da escrivaninha. — Bom, eu estava quase de saída para ir resolver uns assuntos. Que tal se você fosse comigo?

— Madre Marta, a senhora faria isso por mim? — perguntou juntando as mãos no peito.

— Sim. Creio que Deus prefere ver uma ovelhinha longe das garras de um lobo casado. Pegue sua bolsa e saia pelos fundos. Eu a encontrarei lá.

Assim que Gisele saiu, a freira tocou a sineta. Uma mocinha vestida de noviça apareceu.

— Irmã Emília, se um cavalheiro aparecer procurando pela Gisele informe que ela saiu e que você não sabe quando vai voltar.

No final da tarde, quando elas chegaram, irmã Emília informou que o cavalheiro havia ficado sentado na sala de espera do convento por umas duas horas. Depois de ter atendido a várias ligações no celular, tinha ido embora mostrando ar de contrariedade no rosto.

Aliás, ele não tinha sido nada gentil, chegou a ameaçar prazer à polícia no convento, caso não conseguisse falar com Gisele.

— Bem, Gisele, está ficando complicado mantê-la aqui conosco — disse madre Marta. — Mas minha irmã, a Rita, vai chegar de viagem e precisa de companhia — fez uma pausa. — Se você quiser, ela pode acolhê-la por uns tempos — olhou para a moça. — A única coisa que eu não concordo com a minha irmã é que agora ela trocou de religião. Decidiu virar espírita.

César estava inconformado, não entendia o motivo da fuga de Gisele. Não era possível que ela não quisesse mais vê-lo. Eles tinham tido ótimos momentos juntos. Sua cabeça parecia que ia estourar. Por mais que pensasse, não conseguia entender o motivo de ela haver se enfiado em um convento. No início tinha chamado Pérsio e o interrogara exaustivamente, depois convencido de que ele não era o pivô da sua fuga, tinha contratado um detetive.

Após pensar bastante, decidiu contratar novamente o detetive e mandar que ficasse na porta do convento vigiando 24 horas.

No dia seguinte, Billy, o detetive, ligou dizendo que Gisele tinha saído de carro com uma freira. Foi impossível segui-las, pois ele estava a pé.

César colocou uma das motos da revenda à disposição do detetive.

Após uma semana, Billy telefonou dizendo que nem ele e nem o rapaz que ficava à noite, de plantão, tinham visto a moça. Acreditavam que ela tinha deixado o convento.

— Como? Vocês ficam aí o dia todo e não conseguem encontrar uma mulher? — César disse aos berros.

— O senhor sabe, as freiras entram e saem e é impossível eu examinar todas elas. De repente, ela também pode estar usando um hábito.

— Vocês são uns inúteis! É claro que ela saiu daí vestida de freira.

— Pode ser, mas aqui ninguém quer dar informações. Como o senhor sugeriu, ofereci uma boa soma para as obras assistenciais, mas mesmo assim ninguém quis nem o dinheiro e nem dar informações. — Billy já estava entediado de ficar vigiando o convento e farto das grosserias de César.

— Você está demitido! Vou mandar depositar a quantia que falta dos seus honorários.

Bateu o telefone. Respirou fundo, tentando se acalmar. Nesses últimos dias tinha negligenciado o trabalho, para ficar atrás de Gisele.

O pessoal da revenda estava estranhando suas atitudes, que ele atribuía à estafa.

Precisava contratar outra equipe de detetives que fosse mais competente. Ah, sim, tentaria encontrá-la através de classificados dos maiores jornais.

"Mel, tua boca tem o mel" seria o título do anúncio.

— Hei de encontrá-la! — disse em voz alta.

— "Que estranho! Dr. César está tão esquisito! Parece que começou até a falar sozinho" — pensou

Valéria, que de sua sala o ouviu repetir várias vezes a mesma frase.

Capítulo 19 **Na casa da Rita**

Alguns dias se passaram. Sozinha no apartamento de Rita, Gisele andou de lá para cá como um gato que dá voltas e mais voltas na poltrona à procura de uma posição cômoda. Finalmente, sentou-se em uma poltrona. Com a sala em penumbra, recordou os últimos acontecimentos.

Irmã Maria do Carmo dirigira seu carro, com sua bagagem no porta-malas, até a igreja, e lá o deixara. Mais tarde, várias freiras usando hábito, (inclusive ela), entraram em uma van.

Na igreja, após assistirem à missa, Gisele, que trocara de roupa no banheiro, entrou no carro e munida do endereço, dirigiu-se ao apartamento de Rita.

Foi recebida por uma mulher alta e magra, alegre e muito simpática. Casada, sem filhos, seu marido, Geraldo, era vendedor autônomo e estava fazendo um trabalho no Sul do país, onde deveria ficar por mais uns trinta dias.

— Querida! — abriu os braços e lhe deu um cálido abraço. — Eu estava ansiosa à sua espera. Entre, entre...

— Dona Rita, eu...

— Dona Rita? Ah, por favor... Rita. Gisele, minha irmã me falou sobre você. Sei que está precisando de um tempo para pensar e se refazer. Mas, acredite, faz um imenso favor me fazendo companhia. Eu ando me sentindo tão só, ultimamente.

Colocando a moça totalmente à vontade, Rita, que era bastante comunicativa, a enredou em uma conversa interessante.

Quando foram dormir, Gisele conseguiu pegar no sono sem chorar.

Voltou ao presente, quando ouviu a chave girando na fechadura. Levantou da cadeira e com o coração batendo forte olhou assustada para a porta.

Rita entrou, com um sorriso nos lábios.

— Oi Gisele — franziu os olhos. — O que foi? Você parece assustada.

— Eu, eu — torcia as mãos. — Ouvi o barulho da porta.

— Calma, sou só eu. Creio que será muito difícil seu ex-namorado, nos achar aqui — colocando a bolsa sobre uma poltrona, abraçou a moça. — Estamos longe dele.

— Sei disso, mas ele me achou no convento, não foi? Penso até que colocou uns rapazes para me vigiar.

— Bom, alguém deve ter falado.

— Quem?

— Não sei. Você deixou o endereço do convento com quem?

— Bom, quando saí com a Toninha, eu pedi para o porteiro enviar a correspondência para lá. Mas ele me prometeu que não ia dizer nada.

Rita deu de ombros.

— Só pode ter sido ele. Ou alguém mais no seu serviço sabia onde você estava?

— Não! — negou com a cabeça. — Eu era temporária, meu desligamento se deu na outra firma. Para o pessoal do serviço eu disse que meu pai estava doente e que eu iria para Mato Grosso.

— Bem, só resta o porteiro. Querida, você precisa se acalmar. Não adianta ficar aqui trancada chorando o leite derramado. Ânimo. Creio que você deve tentar esquecer, apagar da mente aquela época, a partir do momento em que aquele homem entrou em sua vida. Apagar e tornar a começar.

— Mas não é fácil esquecer um amor e não é fácil recomeçar.

— Sei disso, mas você precisa tentar. Sabe, é complicado falar isso neste momento, mas na vida tudo passa...

— Eu não gostaria de revê-lo.

— Sei disso, mas tenho certeza de que ele não vai nos encontrar. São Paulo é uma cidade grande e estamos em um bairro bem longe daquele onde você o conheceu.

— Será? Ele me encontrou no convento.

— Sim, mas agora ele não vai achá-la, tenho certeza. Pois só nós e minha irmã sabemos onde você está.

Gisele tampou o rosto com as mãos. Seus sentimentos estavam confusos, ainda estava muito ligada a César. Tirou as mãos do rosto.

— Deus a ouça.

— Fique tranqüila. Bem, agora, que tal jantarmos?

Durante a refeição, Rita explicou que freqüentava um Centro Espírita, ali perto, onde conseguiu um

grande apoio. Será que Gisele não gostaria de ir até lá com ela?

Ao chegarem, uma simpática moça nissei chamada Sara, entregou uma ficha com o número 6 e disse a Gisele para entrar e aguardar, pois logo seria chamada para entrevista. Gisele entrou em uma sala onde várias pessoas davam o que eles chamavam de "passes de limpeza" nos freqüentadores. Depois, foi encaminhada a outra sala, onde logo uma senhora chamada Alda, fez uma oração e iniciou uma palestra edificante. Após uns dez minutos o número dela foi chamado. Ela foi encaminhada à outra sala na qual havia várias mesas. Indicaram-lhe uma cadeira.

— Boa noite — disse uma simpática mulher, cujo crachá exibia o nome de Teresa. — Estamos muito contentes que tenha vindo à nossa Casa.

Após preencher uma ficha com os dados de Gisele, a mulher disse:

— Fale-me um pouco sobre você. Sua vida, seu trabalho, suas preferências e também sobre o motivo que a trouxe pela primeira vez a esta Casa — antes que ela respondesse continuou. — Já esteve em uma Casa Espírita? Conhece a Doutrina Espírita?

— Bem — se remexeu na cadeira. — Minha madrinha é espírita e me falou alguma coisa, mas ela está fora de São Paulo.

— Certo. Você conhece alguma literatura espírita? Já ouviu falar no Evangelho no Lar?

— Ah, sim — olhou para Teresa. — Cheguei a fazer, algumas vezes — abaixou os olhos.

— Então chegou a fazer. E não está fazendo mais?

— Não.

— Gostaria de me dizer por quê?

— Bem, no começo eu esqueci. Depois achei que talvez Deus não gostasse — disse em voz sumida.

— Deus sempre gosta quando oramos, seja em que circunstância for. Deus nos ama.

— Mesmo quando erramos? Será que não temos castigo?

Teresa falou amorosamente.

— Querida, não vamos julgar Deus pelo julgamento dos homens. É bem verdade que o Pai quer que nós façamos a coisa certa, mas ele tem infinita paciência. Você certamente conhece o caso da mulher adúltera, não?

— Sim, conheço.

— Então Jesus disse a ela: "Vai e não peques mais". Deus sempre nos dá oportunidade para que corrijamos nossos erros. Agora me diga: por que está tão aflita? O que a aflige?

O olhar carinhoso e meigo de Teresa conseguiu com que o coração de Gisele se abrisse. Sem nem saber como, ela viu-se contando todo o seu relacionamento.

— Dona Teresa, eu fiquei muito desapontada com as mentiras dele. Ainda mais quando soube que a firma é do sogro e que ele não teria coragem de deixar a esposa, pois provavelmente perderia as mordomias. Fico pensando como seria ruim para o bebê, que ainda não nasceu crescer sem um pai por perto. Eu cresci sem mãe e foi horrível.

— Você perdeu sua mãe com que idade?

— Não perdi, ela nos... Eu pensava que ela tivesse ido embora, mas agora soube que a história era diferente da que me contavam. Enfim... Ela e meu pai se separaram quando eu tinha quatro anos.

— Sua mãe é viva?

— Sim — suspirou. — Creio que de certa forma se estou aqui foi por causa dela. Ela me procurou um dia desses — resumiu o encontro.

— Depois que soube que ele não pensava em se separar o que você fez?

— Eu chorei, no começo só chorei. Depois fui ajudada por Toninha, esse é o nome da minha mãe. Ah, ela é espírita, ou como diz, está tentando ser. Bem, ajudada por ela saí do emprego, arrumei minhas coisas e fui ficar em um convento, cuja diretora é conhecida dela. Lá eu ajudei no que pude, principalmente colocando a correspondência em dia — fez uma pausa. — Mas ele me achou, não sei bem como, e tive que sair.

— Soube que você está com a Rita.

— Sim. Ela é um amor. Mas, preciso cuidar da vida. A porta da sala se abriu, assustada Gisele olhou para trás.

— O que foi? — Teresa perguntou.

— Eu tenho medo de que ele me encontre.

— Calma. Procure ter bons pensamentos, eleve seu pensamento a Deus sempre que tiver medo, dúvidas, peça auxílio ao seu anjo da guarda, seu mentor individual, como dizemos na Doutrina Espírita — fez uma pausa. — Disse que precisa cuidar da sua vida, o que quer dizer exatamente com isso?

— Preciso arrumar um emprego.

— Emprego... Já pensou em sair de São Paulo?

Gisele sorriu:

— Faz poucos meses que estou aqui... Mas... Devido às circunstâncias, creio que seria melhor sair.

— Gisele, talvez eu tenha um emprego para você. Por iniciativa de algumas pessoas aqui da Casa, nós temos um painel ali na entrada, no qual são colocados alguns anúncios, tais como: compra e venda, conserta-se, e também empregados procurados. Coincidentemente, agora, minha irmã Nair pediu para que eu colocasse um pedido de secretária. Ela mora em Mirante da Serra, conhece?

— Não.

— É um local bonito a 150 km da capital. Ela é viúva, mora com a sogra e os filhos em uma chácara. Eles têm um pesqueiro. Estão precisando de uma pessoa para, digamos, dar uma força para as mulheres. Eles estão bem financeiramente e podem pagar um bom ordenado. Você dirige, não?

— Sim. Eu tenho carro.

— Ah, bom. Às vezes elas precisam ir ao médico ou à cidade e não tem quem as leve, pois o Murilo, o filho que cuida do pesqueiro e da plantação de uvas, é muito ocupado.

— Mas, será que eu darei conta do recado? Nunca fui dama de companhia.

— Gisele, o que faz em casa o dia todo, quando Rita vai trabalhar?

— Eu... Bem... — abaixou os olhos. — Vejo tevê.

— O tempo todo? Ou fica chorando pensando no ex-namorado?

— Bem — olhou para ela. — Às vezes eu choro — sentiu lágrimas virem aos olhos.

— Gisele, você precisa se dar uma oportunidade.

Ela continuou a chorar. Teresa lhe estendeu um lenço de papel.

— Sei que deve ser difícil, mas a vida continua. Será que realmente quer mudar de vida? Ou está esperando encontrar seu namorado e reatar.

— Não — respondeu ainda chorando.

— Então reaja, vamos mudar. Qualquer um pegaria esse emprego sem pestanejar. Pouco serviço, boa remuneração.

— Eu realmente não sei — controlou as lágrimas.

— Creio que precisa melhorar seu astral, elevar seus pensamentos, sei que não é fácil, mas... Tudo passa na vida. Você tem se alimentado bem? Tem procurado se distrair?

— Mais ou menos.

— Garanto que emagreceu, e que não tem saído.

— É verdade, perdi quatro quilos.

— Gisele, você quer continuar a viver com alegria, para dar uma chance a si mesma, ou quer ser como as heroínas de antigamente, que definhavam e morriam ou iam parar em um convento em nome de um amor perdido?

Chorando, ela respondeu em voz mais alta que o normal:

— Quero continuar a viver!

— Muito bem, é assim que se fala. Eu vou encaminhá-la para tomar um passe. Quero que não se esqueça de fazer suas orações, a Rita poderá auxiliá-la. Quanto ao emprego traga-me o seu currículo e me comunicarei com Nair para acertarmos tudo. Está bem?

Gisele foi encaminhada a outra sala, onde tomou um passe.

Saiu de lá se sentindo mais calma e mais conformada.

Capítulo 20

Novo emprego

No final de semana Gisele, seguindo os conselhos de Teresa, pediu a Rita que a levasse a um shopping para passear. Lá elas fizeram algumas compras, foram ao cinema e depois tomaram lanche. Quando voltaram para casa Gisele sentia-se melhor.

Quanto ao emprego, Teresa comunicara que estava tudo certo. Ela seria registrada como secretária do pesqueiro, e na verdade, ganharia até um pouco mais que no emprego anterior.

Teresa informara também que Murilo, seu sobrinho, sugerira que o contrato vigorasse a partir do dia 1º do próximo mês, assim Gisele poderia ir até com calma e ficar uns três dias ou quatro dias se ambientando.

Assim, na terça-feira seguinte (Rita insistira para que ela não viajasse na segunda-feira, devido ao movimento), logo cedo ela colocou a bagagem no porta-malas e saiu rumo à Via Anhanguera. Depois de rodar uns 90 quilômetros, saiu da rodovia e pegou uma estrada vicinal, que a levaria ao seu destino.

Logo avistou as placas indicando Mirante da Serra a 3 quilômetros. Um pouco antes da entrada da cidade ela parou em um posto de gasolina, para pedir informações sobre o pesqueiro, que ficava na zona rural, em um bairro chamado Felizópolis.

Um rapaz tatuado, cheirando a cerveja, indicou o caminho.

Após ter ido ao banheiro, para se refrescar, decidiu almoçar no restaurante anexo. Sentou à mesa e degustou uma refeição simples, bastante diferente dos requintados pratos que comia com César. Depois de ter tomado um cafezinho, dirigiu-se ao caixa. Na fila, à sua frente um senhor magro, de cabelos totalmente brancos que aparentava ter uns 70 anos, enquanto pagava conversava com a moça.

— Júlia, sua mãe está melhor?

— Sim, ela melhorou bem. Muito obrigada pela força que o senhor nos deu Sr. João Oswaldo.

— Querida, quem dá a força é Jesus. Dê meu abraço a ela, diga que estamos com saudades, tchau.

Gisele entregou a comanda à moça, pagou a conta, saiu dirigindo-se calmamente para seu carro. Antes de entrar ficou contemplando por minutos o belo espetáculo do rio que passava atrás do restaurante. Ali formava uma corrente que saltava sobre as pedras, formando nuvens de espuma. Tentando se acalmar para assumir a nova colocação, entrou no carro e atendendo ao conselho de Teresa, rogou a Deus que a protegesse em sua nova jornada. Ligou o motor, manobrou, ganhou a estrada que dava acesso à cidade, juntamente com uma chuva fina de primavera. Pouco tinha andado quando viu uma pessoa, sem abrigo, caminhando pelo acostamento. Dando seta ela passou pelo caminhante e parou. Quando ele se aproximou viu que era o tal do João Oswaldo.

— Boa tarde. O senhor quer uma carona?

— Opa, que bom, quero sim.

Ele entrou e enquanto Gisele voltava para seu caminho o homem tirou um lenço do bolso, enxugou as mãos e o rosto.

— Se o senhor quiser, eu tenho lenços de papel no porta-luvas.

— Que bom, posso pegar alguns?

— Pegue quantos precisar.

Ele pegou os lenços e calmamente continuou a se enxugar.

— Puxa, eu nem perguntei se o senhor vai para o mesmo rumo que eu.

O senhor olhou para ela firmemente.

Gisele teve receio de ter ficado com migalhas da refeição espalhada pelo rosto.

Depois de contemplá-la intensamente ele disse:

— Você é uma bela moça. Seus pais não lhe disseram que é perigoso dar carona para estranhos?

— Eles me ensinaram a Parábola do Bom Samaritano.

Ele riu, brandamente.

— Muito bem, eu vou à direção do bairro Felizópolis, e a senhora?

— Puxa, que coincidência, eu também vou para aqueles lados. Por favor, me chame pelo meu nome: Gisele — disse com a atenção na estrada.

— Muito prazer, Gisele. Meu nome é João Oswaldo. Você vai para a Pousada?

— Pousada? Não, acho que não. Vou para o Pesqueiro Bela Vista.

O homem olhou para o banco de trás.

— Não estou vendo a vara de pesca. Vai comprar uma lá?

— Vara de pesca? Ah, não. Eu não vim para pescar, vim para trabalhar com dona Nair — respondeu séria.

— Veio trabalhar com a Nair? Mas que bom! Ela é uma ótima pessoa. Aliás, todos lá são maravilhosos.

— Então, o senhor os conhece?

— Sim, há muitos anos. Nós somos amigos e trabalhamos no mesmo Centro Espírita.

— Quer dizer que é espírita?

— Sim. Trabalho no Vinha de Luz. Fica ali na cidade

— apontou para frente. — E você, pertence a alguma religião?

— Bom, tive uma avó muito católica. Daquelas que ia à missa todos os dias. Mas eu não sigo nenhuma, porém estive no Centro Espírita Bezerra de Menezes em São Paulo. Foi Teresa, a irmã de dona Nair quem me arrumou o emprego.

— Eu a conheço, ela é ótima pessoa.

— "Parece que nessa família todo mundo é ótimo", — ela pensou.

O silêncio só era quebrado quando ele dava indicações sobre o caminho. Depois de terem entrado e saído da cidade, pegaram outra estrada, onde apareceu uma placa indicando: Felizópolis a 5 quilômetros. Passaram por uma fileira de lojas esparsas, revenda de tratores, avícola, posto de gasolina, armazém rural e até bar e restaurante.

Gisele notou outra pessoa, usando um grande chapéu, que andava pelo acostamento, mas estava sem abrigo.

— O que o senhor acha de darmos carona para aquele homem que está andando ali?

— Ah, minha jovem, é melhor não. Aquele é o Arnaldinho Beira Bar.

— Como? Arnaldinho Beira Bar? Quem é ele?

— É o bêbado da cidade, ou melhor, um dos. Acho que é o mais bebum de todos por aqui. Ele é encrenqueiro, truculento, dizem que topa tudo por dinheiro — fez uma pausa. — Fuja dele se o encontrar por aí.

— Certo, não vou esquecer seu conselho.

— Logo ali adiante, se fizer a gentileza de entrar à esquerda, me deixará na porta de casa — pediu ele.

— Claro, sem problema, ainda mais com essa chuva.

Gisele seguiu as orientações e logo avistou a casa que ficava em uma pequena chácara. Era uma casa térrea, circundada por um cuidado jardim. Viam-se atrás algumas árvores frutíferas.

Com a mão na maçaneta, ele disse:

— Gisele, nem sei o que dizer da sua gentileza. Minha menina hoje em dia é muito rara as moças que têm o coração bom para dar carona para um velho que não conhecem. Muito obrigado.

— Não por isso.

— Escute, posso lhe pedir um favor?

— Claro — "que será que ele quer" — pensou intrigada.

— Gostaria que viesse conhecer minha casa. Fique com meu telefone — enfiou a mão no bolso tirou um cartão e o entregou a ela. — Ah, diga ao pessoal que mandei lembrança — disse ao descer do carro. — Tchau, vá com Deus.

— Tchau.

Ao vê-la se afastar, João Oswaldo se perguntou qual seria o fardo que alguém jovem e bonita carregava para estar com o olhar tão triste e a fisionomia tão fechada.

Gisele diminuiu a marcha do carro e entrou na estrada estreita que conduzia ao novo emprego, onde encontrou duas placas: "Residência, à frente" e "Pesqueiro e Pousada, à direita".

Andou cerca de um quilômetro, fez uma curva para a direita e avistou um imponente sobrado, rodeado por plantações, que lhe pareceu uma verdadeira mansão. Construída em estilo colonial e muito bem conservado, a casa era de fato muito bonita. Tinha amplas janelas e uma grande varanda.

Estacionou, ficou por instantes contemplando o local. Ajeitou os cabelos, saltou do carro. Ali parecia um pouco mais frio do que na cidade, pensou, enquanto continuava a lançar os olhos sobre os arredores.

"Recanto dos Fernandes" anunciava uma grande placa de madeira rústica, pendurada sobre a porta de entrada.

Gisele tomou fôlego. Era ao mesmo tempo mágico e assustador estar naquele local. Valeria à pena ter vindo? — perguntou-se, lutando contra o aperto que se instalara em seu peito. Não teve tempo de cogitar na resposta.

Uma mulher de cerca de sessenta anos, baixa e robusta, que lembrava Teresa, saiu da casa e caminhou em sua direção. Ela usava calça jeans e camiseta. Tinha olhos castanhos, vivazes e bondosos.

— Oi, é a Gisele, né? Se eu fosse você não ficaria aqui fora por muito tempo — a voz soava simpática e agradável. — Ainda está chovendo e corre o risco de se resfriar. Tomando a moça pelo braço, conduziu-a

para dentro. Gisele sentiu uma simpatia imediata por aquela senhora.

Ao entrar no imenso vestíbulo e sentir um cheiro bom de óleo de peroba e limpeza, ela teve a impressão de estar em um lar acolhedor e confortável.

— Agora, sim, podemos nos apresentar. Sou Nair, bem-vinda ao nosso convívio — disse isso e estreitou a moça em seus braços, beijando-a nas faces. — Então? Fez boa viagem?

— Sim, muito obrigada, dona Nair — sentiu os olhos molhados.

— Que bom, antes de apresentá-la aos outros, quero lhe oferecer um lanche. Como eu não sabia seus gostos nem a hora que ia chegar, providenciei refrigerante e suco. Mas se preferir café, podemos coar.

— Nossa, quanta gentileza. Um suco estaria muito bom.

— Então vamos à cozinha.

Enquanto atravessavam o vestíbulo, Gisele teve tempo de notar que o chão era composto por largas tábuas de ipê. Viu junto da escada, que conduzia ao andar de cima, um belo piano. Os móveis e enfeites pareciam ter sido muito bem escolhidos, dando a impressão de aconchego.

A copa-cozinha era ampla e moderna. Vários armários ocupavam as paredes. Possuía duas espaçosas janelas ornadas com vasos de violetas.

Nair colocou na mesa vários tipos de suco, refrigerantes, pães e biscoitos suficientes para alimentar um bando de pessoas famintas.

— Querida, fique à vontade. Olhe, vou mostrar onde guardamos nossos alimentos, quero que se sirva, sem cerimônia, a qualquer hora do dia ou da noite — olhou para a moça. — Eu acho horrível essa mulherada que está sempre de dieta, sem necessidade. Se me permite dizer, uns quilinhos a mais lhe fariam bem.

Gisele sorriu com a franqueza dela.

— Realmente, eu emagreci uns quatro quilos.

— Estou notando que sua roupa parece um pouco folgada. Bem, não ligue para os comentários dessa velha, afinal, logo vou fazer sessenta anos e na minha idade a gente já tem certa liberdade de palavras.

Conversaram por uns trinta minutos. Gisele ficou sabendo que seus filhos Murilo e Renata, estavam trabalhando; ele no pesqueiro, ela em sua clínica dentária no centro da cidade. Marlene, a sogra, estava deitada. Gostava de tirar um cochilo após o almoço.

— Bem, minha querida, você deve estar cansada. Que tal subirmos para conhecer o seu quarto? Leve só o que for precisar por ora, depois Murilo mandará alguém levar a sua bagagem.

Subiram as imponentes escadas e entraram em um longo corredor. Gisele tentava adivinhar quantos quartos tinha a casa.

Como se adivinhasse seus pensamentos, Nair disse:

— Quando meu avô construiu essa casa, mandou fazer um sobrado, porque queria contemplar a paisagem, a bela vista que daqui se pode ter. Como estava noivo, e pretendia ter muitos filhos, mandou

fazer seis quartos enormes, hoje divididos e alguns transformados em banheiro ou depósito.

— Eles tiveram muitos filhos?

— Sim, cinco, quatro meninas e um menino, mas só meu pai quis ficar aqui. As mulheres se casaram e foram embora.

Passaram por várias portas fechadas. Quase no final do corredor, Nair girou a maçaneta do penúltimo quarto à esquerda. Antes de entrarem ela disse, apontado para a última porta:

— Ali é a minha suíte. Depois vou mostrá-la a você.

Gisele entrou no amplo e confortável quarto e foi como se voltasse à infância. As paredes eram forradas de fotos e pôsteres. Havia uma estante com objetos femininos, duas camas, um guarda-roupa, mesa, penteadeira, aparelho de tevê. Uma boa poltrona, que com um abajur de pedestal ao lado convidava a uma agradável leitura.

— Este quarto era da Teresa. Ainda está decorado com algumas coisas dela. As duas camas estão arrumadas, escolha a que mais gostar. Espero que esteja o seu gosto — falou cerimoniosamente.

— Dona Nair, este quarto é lindo! Quem não gostar dele, não merece nunca mais ter um teto.

As palavras caíram direitinho no coração de Nair, que dando um sorriso disse:

— Obrigada. Venha cá, quero lhe mostrar a vista — dirigiu-se à porta-janela e a abriu.

Saíram para a varanda.

Gisele sentiu a brisa úmida, trazida pela chuva a lhe arrepiar a pele.

A paisagem era muito bela. Além do bem cuidado jardim, ora molhado pela chuva que cessara

a pouco, via-se um pomar de árvores frutíferas. Um pouco além, um riacho corria mansamente entre as pedras. Ao longe, algumas montanhas cobertas de luz e sombra pareciam lhes dar boas-vindas.

— Aqui realmente é um lugar muito lindo! Todas estas terras lhes pertencem?

— Não, no tempo do meu avô, eram muitas as terras, mas foram divididas. Cada filho ficou com uma parte. A parte que me tocou nesse latifúndio — disse imitando a música — não era grande, mas meu marido comprou a parte da Tereza. Nós construímos uma pousada, mas com a morte dele, decidimos arrendá-la. Ficamos com o pesqueiro e com a plantação de uvas, isso já é muito para Murilo cuidar. Bem, vou parar de tagarelar. Fique à vontade, ah, sim, além do lavabo que você já usou lá embaixo, nós temos dois banheiros aqui em cima. O maior, cujo chuveiro é muito bom, fica a duas portas à direita, logo depois do quarto do Murilo.

— Bom, preciso saber a que horas vocês tomam banho. Não quero invadir a privacidade da turma.

— Ah, não se preocupe com isso, eu uso minha suíte. Renata e dona Marlene gostam do banheiro menor, o primeiro do lado de lá do corredor. Você só vai dividir esse com o Murilo. Até mais querida, descanse um pouco.

Gisele tirou seus objetos de toailete do nécessaire. Descalçou os tênis, pegou uma toalha que estava sobre uma cadeira, rumou para o banheiro, onde se refrescou.

Voltou para o quarto, olhou para a cama, tirou a colcha florida, assim como florida era a cortina e deitou-se para um cochilo.

Acordou com alguém batendo na porta.

Capítulo 21

Gisele conhece Murilo

Sonolenta, abriu a porta.

Um homem alto e magro estava na soleira. Tinha bastos cabelos negros, entremeados por fios prateados, olhos negros, fundos e serenos, que davam a impressão de uma bondade e compaixão difíceis de encontrar nos seres humanos. Não era bonito.

— Boa tarde, eu sou o Murilo. Seja muito bem-vinda à nossa casa.

Ao falar contemplou-a com tal intensidade que Gisele se perguntou se estava com o rosto amassado, devido à soneca que tirara.

Ele tinha um belo sorriso e uma voz cálida e maviosa, tipo da voz dos antigos locutores de rádio, que a avó escutava no seu tempo de criança.

— Muito prazer, Sr. Murilo.

— Sr. Murilo? Murilo, por favor — pediu exibindo um belo sorriso, que deixava ver dentes claros e perfeitos.

— Está certo, mas, por favor, me chame de Gisele.

— Gisele, onde quer que eu coloque as malas?

— Ali perto do guarda-roupa, por favor, Murilo. Virando-se de lado disse a alguém que ela não pôde ver:

— Obrigado pela ajuda, Everaldo.

Ele se inclinou e puxou as malas que começaram a rodar pelo chão bem encerado. Quando passou por ela, Gisele notou que ele mancava e tinha as costas um pouco curvadas.

— Aqui está bom?

— Sim, está ótimo.

— Mamãe, mandou avisar que o jantar será servido daqui a vinte minutos — disse sorrindo.

— Está bem. Ah, Murilo, eu gostaria de conversar sobre as condições de trabalho.

— Está certo. Condições de trabalho devem ser discutidas previamente, para evitar problemas, mas nós ainda não começamos. Que tal falarmos sobre isso amanhã, lá pelas 17 horas? Quero adiantar que seu horário será flexível, não gosto que ninguém se prenda ao relógio.

— Está certo.

— Muito bem, aproveite amanhã para dar umas voltas por aí e se ambientar. A redondeza por aqui costuma ser tranqüila. Ali adiante, na estrada, à esquerda, tem um belo mirante que vale a pena você visitar — fez um gesto com a mão.

— Então, vou descendo. Até daqui a pouco — ia saindo, voltou:

— Ah, não deixe de ver a nossa cascata.

Quando ele saiu, Gisele pensou que Murilo devia ter uns 38 anos. Errou por 2, ele tinha 36.

A sala de jantar iluminada, e a mesa bem arrumada, com cristais e flores pareciam lhe dar as boas-vindas.

Ao lado do aparador de mogno uma moça alta, de cabelos castanhos, conversava com um rapaz

bem moreno. À entrada de Gisele, ela se aproximou com a mão estendida.

— Boa noite, você deve ser a Gisele, eu sou a Renata este é o meu noivo, Ronaldo. Nós somos dentistas, quando precisar... — concluiu com um alegre sorriso.

— Muito prazer, puxa dois dentistas! Já vi que não vou ter como escapar do motorzinho.

— Olá, que bom que desceu, vejo que já conheceu minha caçula e o Ronaldo, agora vou lhe apresentar minha sogra, dona Marlene — disse Nair.

Marlene, era uma senhora baixa e gorda, tinha expressivos e belos olhos azuis.

— Menina, bem-vinda entre nós! Espero que possamos passar agradáveis momentos juntas — disse com um sorriso nos lábios. — Bem, mas agora, chega de conversa, vamos nos sentar, estou faminta.

Murilo e Nair ocupavam as cabeceiras da mesa. Os noivos ficavam do lado direito de Nair, e Marlene do esquerdo. Gisele foi acomodada, ao lado de Marlene, tendo Ronaldo à sua frente e Murilo à sua esquerda.

Durante o jantar a conversa foi bastante animada, falaram sobre vários assuntos. Após a saborosa refeição — que fora deixada pronta por Lia, a empregada — levaram a louça usada para a cozinha e a acomodaram no lava-louças. Depois foram para a sala de visitas, conversar, enquanto tomavam café e licor.

Gisele ficou sabendo que Nair tinha mais uma filha: Rosana, que era casada e morava com o marido em Ribeirão Preto, onde tinham uma revenda de carros.

— Você sabe como é — disse Nair —, a loja deles abre todos os dias, às vezes até aos domingos, assim eu pouco vejo meus netos, Paulo e Priscila.

— Que idade eles têm?

— Quem? Rosana? Ela está com trinta e dois e Rogério trinta e cinco — Nair respondeu.

— Mamãe, Gisele quer saber a idade das crianças.

— Ah, Paulo tem nove e Priscila sete. Renata é a minha “raspa de tacho”, veio quando os outros já eram grandinhos.

— Antes que mamãe fale, vou contar: tenho vinte e seis anos. E Ronaldo vinte e oito. Pretendemos nos casar em Dezembro — Renata falou, olhando ternamente para o noivo.

— Você tem que idade meu bem? — Marlene perguntou, mostrando curiosidade no olhar.

— Vovó, não seja indiscreta — disse Murilo.

— Não tem importância, eu tenho vinte e dois anos. Nasci mais ou menos aqui perto, em Celmópolis.

— Eu já estive lá uma vez — disse Ronaldo. — Sua família mora lá?

— Minha família? Não... — fez uma pausa. — Papai mudou, bem... Meus pais são separados. Eles se separaram quando eu era pequena. Papai, recentemente se casou novamente e foi morar em Mato Grosso. Sua esposa está grávida.

Murilo levantou da poltrona onde estava sentado.

— Pessoal, eu vou lá fora dar uma olhada no céu. Gisele, como veio de São Paulo, talvez esteja com saudades de ver as estrelas no céu do interior, se quiser me acompanhar...

— Claro — disse levantando-se.

— Lá fora deve estar ventando, se você quiser, pegue meu casaquinho que está ali no porta-chapéus, ao lado da porta da entrada.

— Obrigada, dona Marlene, vou aceitar.

Enquanto Gisele colocava o agasalho nas costas, Murilo examinava várias bengalas que estavam no porta-chapéus, finalmente decidiu-se por uma que colocou no braço. Manquitolando, abriu a porta, fez sinal para que ela saísse.

Passaram pelo terraço e saíram no pátio de cascalho.

— Vamos até ali — disse ele, indicando com a mão.

Caminharam em silêncio, ele apoiando-se na bengala. Após uns vinte metros, saíram da sombra das árvores.

— Daqui podemos ter uma bonita vista do céu, que esta belo, apesar da chuva da tarde.

A lua crescente e pálida iluminava o local. O céu quase sem nuvens permitia que se visse o brilho das estrelas. O cheiro de jasmim, a quietude do local, quebrada apenas pelo cri cri dos grilos, penetraram no coração dela, causando uma sensação de paz.

Após alguns minutos, voltaram. Ele a acompanhou até a porta, onde se despediu, dizendo que iria até a cocheira verificar os cavalos.

Foi embora manquitolando, deixando um agreste perfume no ar.

Ao entrar, Gisele foi invadida por uma romântica melodia que Renata — tendo o noivo ao seu lado — tocava ao piano. Ficou escutando, até a melodia terminar de ser tocada.

Após dizer boa noite a todos, foi para o seu quarto.

Marlene, sentada em uma fofa poltrona, com um pano de prato nas mãos, no qual tecia uma barra de crochê, disse após os passos da moça sumirem:

— Nair, Murilo me pareceu encantado com essa moça.

— A senhora também notou?

— Sim. Tomara que ela saiba apreciar a bondade dele.

— Eu... Não sei. Sabemos que veio para cá devido a uma grande desilusão amorosa.

— Bobagem, tudo passa nesta vida. Logo ela vai se recuperar.

— É, quem sabe!

Debaixo das cobertas, embalada pelo som do piano, Gisele adormeceu, sem conseguir impedir que seu pensamento tosse ao encontro de César.

Capítulo 22

Adaptação

O pipilar dos pássaros acordou Gisele. Espreguiçando-se levantou, abriu a porta-janela, saiu na sacada e deteve-se alguns instantes, olhando para o bem cuidado jardim que os raios de sol acariciavam. Ao ver Murilo, caminhando em direção a casa, acompanhado por um senhor negro, alto e forte, ela retrocedeu, pois estava apenas de camisola. Após arrumar parte de suas coisas, no armário e nas gavetas, desceu.

Na cozinha, encontrou uma moça morena, alta, que a saudou com um belo sorriso.

— Bom dia. Eu sou a Lia, e aquela é a minha filha Sabrina.

— Bom dia. Sou a Gisele. Disse, aproximando-se do cercadinho, onde uma menininha de uns dois anos brincava. — Oi Sabrina, como vai? — a criança olhou para ela com seus belos olhos negros e sorriu, dizendo alguma coisa em seu vocabulário particular.

— Quer tomar café? Ela hesitou.

— Onde estão os outros?

— Ah, só o seu Murilo está acordado. As "meninas" geralmente levantam mais tarde.

Uma porta que ficava ao fundo, e que ela ainda não notara foi aberta.

— Bom dia Gisele! - disse Murilo com sua voz sonora.

— Vamos tomar café?

A mesa estava posta como se costumava ver nos chás dos restaurantes coloniais. Sentaram-se e Lia os acompanhou.

— Então, como está minha afilhada? — ele perguntou apontando para a criança.

— Está bem. Graças a Deus ela é uma criança calma me deixa fazer o serviço.

— É a primeira? — Gisele perguntou.

— Primeira e última! Você sabe como é, a gente se deixa levar pela conversa de um sem-vergonha qualquer e quando menos espera, fica grávida e só.

— O romance entre vocês não deu certo? — Gisele perguntou.

— Ah, minha filha, o danado é casado, fez várias promessas dizendo que ia deixar a esposa por minha causa, mas era só conversa. Ainda bem, que esta casa me acolheu, senão nem sei o que seria de mim. Minha filha é linda, mas o pai nem sequer a vê.

Pensão então... É difícil ele dar. Agora estou na justiça brigando para que ele pague os atrasados e um salário mínimo por mês. Aqui não me falta nada, mas quero fazer uma poupança para Sabrina.

Nisso a menina choramingou e Lia foi até ela e a pegou no colo. Gisele estremeceu, pensando que poderia estar na situação da moça, com um filho nos braços. Voltou ao presente, quando Murilo disse:

— Gisele, gosta de andar a cavalo?

— Sim, porém faz algum tempo que não monto.

— Temos, aqui, boas e calmas montarias. Quando quiser é só falar com o Marião que ele providencia para você.

— Marião? Quem é?

— É nosso zelador. Logo mais, vou apresentá-lo a você.

Terminado o café, ele a conduziu pela porta dos fundos. Passaram por um terraço repleto de confortáveis poltronas de palhinha, e decorado com exuberantes plantas. Logo adiante o cenário deixou Gisele encantada. Em meio à bem cuidados arbustos e flores multicoloridas, uma pequena piscina de águas azuis parecia convidá-la para um mergulho.

— Que lugar bonito!

— Gostou? — ele perguntou fitando-a nos olhos. — Fique a vontade para cair na piscina, todas as vezes que tiver vontade. Veja, temos à direita nosso pomar, quando quiser uma fruta fresca é só você colher.

— Puxa, que bom! Mas, se eu ficar só na água feito um jacaré, não vou trabalhar.

— Ah, deixe disso. Tenho certeza de que fará tudo a contento. Venha, vamos até a casa do Marião e da Nancy.

A casa ficava a uns quinhentos metros, logo após o pomar, tendo o arroio aos fundos. Murilo bateu no batente da porta com os nós dos dedos:

— Nancy, venha cá.

— Bom dia, seu Murilo — uma mulher simpática apareceu e olhou com curiosidade para a moça.

— Bom dia. Esta é a Gisele, que teve a bondade de vir da capital para nos dar uma mão. Você sabe, mamãe detesta dirigir e ela vai acompanhá-la à cidade e outras coisas. Ah, sabe, Gisele é ótima no computador e fala inglês, melhor do que a Madona.

— Como sabe disso? — Gisele perguntou rindo.

— Sei, porque sei, ora essa. — Murilo respondeu rindo, também.

— Muito prazer Nancy.

— Prazer dona. Então fala "ingreis"? E entende de computado? E bem disso que o Everardo precisa. Mas, vamo entra — bateu com a mão na testa. — Descurpe minha farta de jeito.

Na simples e agradável sala, ela contou que tinha cinco filhos. O mais velho, Everaldo, queria fazer faculdade de computação, mas estava com dificuldade no inglês.

— Ah, mas isso não é problema, se a senhora quiser, nas minhas horas vagas, posso dar umas aulas de reforço, para menino.

— Menino? — Murilo sorriu. — Espere só para ver. Ele tem quase um metro e noventa. Saiu grande igual ao pai.

Logo Marião, que era o negro que ela vira da janela, chegou. Após as apresentações e Nancy prometer que levaria os filhos para conhecê-la, levantaram-se para se despedir.

Nancy olhou para ela, seu acanhamento a impedia de tornar a falar sobre o 'ingreis'.

— Então, dona Nancy, que tal a gente combinar as aulas para sábado?

A mulher exibiu um satisfeito sorriso.

— "Craro", está ótimo. Sabe, nós não qué que nossos filhos fiquem burros como a gente.

— Burros, nada, Nancy, vocês apenas não freqüentaram muito a escola, mas têm muito conhecimento das coisas, ah, se tem... Eu não seria nada sem o Marião — disse Murilo.

— Ah, seu Murilo, o senhor inté parece pai do Everardo. Num é à toa qui é seu padrinho.

— Não concordo com as aulas no sábado — disse sorrindo.

Nancy olhou surpresa para o patrão.

— Sábado é dia da folga da Gisele. Vamos agendar algum outro dia durante a semana.

— Mas e as minhas obrigações?

Ele sorriu brandamente:

— Mas, que secretária dedicada nós arrumamos. Você não terá trabalho o dia inteirinho, combine as aulas, para... A que horas ele vai à escola?

— O cursinho é de manhã.

— Então, as aulas poderão ser às quatro da tarde, uma ou duas vezes por semana.

Gisele foi ao seu quarto, pegou um chapéu, colocou na cabeça, desceu e saiu em direção à estrada. Atendendo a sugestão de Murilo, foi explorar as redondezas.

Tinha andado cerca de um quilômetro, quando notou uma pessoa vindo em sua direção, firmou a vista: João Oswaldo caminhava pelo acostamento. Dali a instantes estava junto dela.

— Gisele, como vai?

— Bem, e o senhor?

— Diga-me: o pessoal está te tratando bem? Se não estiverem eu vou lá ter uma conversinha com eles...

— disse em tom de brincadeira.

— Estou sendo tão bem tratada, que nem tenho o que dizer. O senhor veio fazer sua caminhada?

— Sim. Você deu meu abraço a eles?

Ela levou a mão à boca.

— Hi... Desculpa, eu esqueci.

— Não tem importância — fez uma pausa. — Já estive no mirante?

— Não — balançou a cabeça. — É aqui perto?

— Sim. Logo adiante. Vamos até lá?

— O senhor veio daqueles lados, vai voltar, só para me acompanhar?

— Claro querida. Acha que vou perder a oportunidade de estar ao lado de uma mulher jovem e bonita?

Gisele sorriu com o galanteio.

Andaram um pouco. Apareceu a placa: mirante a 300 m.

Saíram da estrada, passaram por um estreito caminho de pedras. Logo estavam diante de um patamar também de pedras.

Gisele se aproximou. Embaixo via-se um lindo vale. Pássaros gorjeavam nas árvores, um regato límpido corria por entre pedras. O céu azul, salpicado por nuvens brancas esfiapadas e o perfume do mato,

deixaram Gisele maravilhada. Ficou por vários minutos contemplando o espetáculo da natureza.

Depois, lentamente se virou:

— Eu não me lembro de ter visto uma paisagem tão bela!

— Fico contente de que tenha gostado — fez uma pausa. — O sol está ficando quente — olhou o relógio. — São quase onze horas, vamos embora?

Ao voltarem à estrada um homem baixo, que usava um chapéu elegante na cabeça, chegou junto deles.

— Bom dia — disse com voz pastosa.

João Oswaldo retribuiu o cumprimento. Quando o homem estava a alguns metros, disse:

— Este é o Arnaldinho Beira Bar, que vimos andando na chuva outro dia. — Na Doutrina Espírita não devemos ter preconceito contra ninguém, mas ele é perigoso. Dizem ser usuário e traficante de drogas. Se bem remunerado, faz qualquer trapça.

— O que o senhor recomenda que se faça com esse tipo de pessoa?

— Bem, já que não podemos tê-los como amigos do peito, podemos orar por eles, pedir a Deus que os abençoe. Não devemos ter raiva e nem hostilizá-los. Algum dia eles encontrarão Jesus e deixarão suas vidas desregradadas.

Ao chegarem à entrada do pesqueiro ele se despediu, dizendo que tivera uma excelente manhã. Quem sabe no dia seguinte poderiam repeti-la.

Após se refrescar, Gisele estava em seu quarto, quando bateram à porta. Ao abrir, se deparou com uma mulher morena clara de uns quarenta anos.

— Bom dia! — falou alegremente estendendo a mão.

— Eu sou a Clara, a arrumadeira. Dona Nair mandou avisar que o almoço será servido em dez minutos.

— Bom dia, Clara. Obrigada, já estou descendo — respondeu pensando que ali se almoçava cedo.

A mesa, sentaram-se nos mesmos lugares, porém desta vez, nos antes ocupados pelos noivos, estavam Lia e Clara.

Mais tarde, com a casa em silêncio, devido à soneca da tarde que as mulheres mais velhas faziam, Gisele, ao invés de dormir, decidiu terminar de arrumar suas coisas e depois conhecer melhor a propriedade.

Saindo pelos fundos da casa, foi à esquerda em direção ao pesqueiro. Lá chegando, andou pela beira do lago, os seixos rangendo sob os tênis. Ao longe, sob o vento brando, o gado pastava. Respirando fundo, deixou que a beleza e a tranquilidade do local penetrassem em seu coração e tentou manter César longe de seus pensamentos o que quase conseguiu. Bastava, porém, um descuido e a imagem dele flutuavam em sua mente.

— "Droga — pensou — eu poderia estar como a Lia, além de só, com um filho nos braços."

Às 17 horas foi ao escritório, que ficava no andar de baixo, à direita da sala de visitas.

— O escritório fica aqui embaixo, você entende, não é? Fica mais fácil para Murilo — dissera Nair.

Sim, ela entendia, era devido à deficiência dele.

Respirando fundo, tentando acalmar as batidas do seu coração, ela girou a maçaneta, pediu licença e entrou. Era um cômodo grande, com móveis escuros bem lustrosos, que faziam contraste com as cortinas coloridas. Duas poltronas, colocadas ao lado de uma estante repleta de livros, convidavam à leitura. Era um aconchegante recanto familiar, cujo computador, que ficava perto de uma das janelas, contrastava com a antiguidade dos móveis. Do lado esquerdo havia uma porta que dava para o terraço, onde um cachorro pachorrento dormia. Esperava que este novo trabalho fosse bem melhor sucedido do que o anterior.

Murilo a recebeu com um gentil sorriso. Explicou suas funções (que eram bem fáceis), disse novamente que não era exigida dedicação plena, ela poderia distribuir as tarefas a seu critério. Apenas as idas à cidade, com a mãe e a avó, tinham geralmente data e horários certos. Nesta semana, apenas na sexta-feira elas tinham horário marcado no consultório médico, às 9h30. Gisele deveria levá-las.

Por falar nisso, no dia seguinte ele teria que ir à cidade, logo após o almoço, e se Gisele quisesse acompanhá-lo, teria a oportunidade de conhecer alguns lugares. E finalmente ele perguntou se ela não se incomodava em enviar e responder alguns e-mails, para ele, referentes à reserva para o pesqueiro, ou sobre a venda da produção de uvas e outros. Gisele não via problemas, desde que ele explicasse o que ela deveria escrever.

— Vejo que nos entendemos. Agora se tiver alguma pergunta ou sugestão, fale.

Gisele não tinha.

— Então, quer ir comigo à cidade?

— Sim. Eu tenho que comprar um maiô, pois deixei o meu em São Paulo, na casa da madrinha.

Quando ela estava saindo, ele disse ainda que ela poderia fazer uso do computador para o que precisasse, inclusive seus e-mails pessoais.

Capítulo 23 **Confidências**

Terminada a conversa com Murilo, Gisele ficou um pouco perdida, sem saber bem o que fazer com o tempo. Pensou em ir para seu quarto, porém sabia que a imagem de César estaria dentro de qualquer livro que tentasse ler. Ouvindo sons vindos da cozinha foi até lá.

Encontrou Nair às voltas com o jantar.

— Posso ajudá-la? — perguntou.

— Eu já estou com tudo quase pronto. Lia sempre deixa as coisas adiantadas. — e com a colher de pau (que pingava algo no chão), olhou para ela. — Bem... Se você quiser me fazer um favor...

— É claro, diga onde posso encontrar um avental.

— Eu... — hesitou, sorriu. — Minha sogra costuma me auxiliar, mas com a idade e alguns probleminhas de saúde, o médico recomendou que ela ficasse longe do fogão — fez uma pausa. — Cá entre nós, ela já colocou fogo em alguns panos de prato, por isso, dona Marlene, sob protesto, fica ali na varanda esperando a janta ficar pronta. Se você...

— Quer que eu lhe faça companhia? É pra já.

Marlene estava sentada, em uma cadeira de palhinha, tendo à mão um pano de prato, no qual fazia uma barra de crochê.

— Oi, posso fazer companhia para a senhora?

— Claro, Gisele, sente-se aqui. Se quiser, puxe uma cadeira para colocar as pernas. Veja: meu crochê está bonito? — e sem esperar respostas, disse: Quero fazer um pano de prato para cada amiga lá do Centro Espírita.

— São muitas?

— São quinze, sem contar o Jota Ó.

— Jota Ó? É um senhor?

— Sim, é nosso grande amigo João Oswaldo, qualquer hora dessas você vai conhecê-lo.

— Ai, desculpa! — bateu na testa. — Ele mandou um abraço para todos. Eu o conheci ontem, e hoje fizemos caminhada juntos.

— Que bom! Jota Ó é um amigo maravilhoso, o amigo certo, das horas incertas. Ele é daquelas pessoas especiais, nas quais podemos confiar cegamente. — Olhou para a piscina, depois para o relógio que estava em seu pulso. — Ainda faltam uns 40 minutos para o jantar. Ele não começa sem a presença dos noivos. Por que não aproveita para dar um mergulho?

— Eu gostaria muito, mas esqueci o biquíni em São Paulo. A piscina é funda? Eu não sei nadar muito bem.

— A parte da esquerda é um pouco funda, mas a da direita dá pé. Antigamente eu nadava bastante, mas com a idade... Veja, ali tem barras, elas sempre ajudam, foram postas para Murilo, que precisa fazer exercício.

— Todos na casa gostam da água?

— Olha, antes de ter a piscina tinha ali um laguinho e desde cedo as crianças ficavam nele, aprenderam a se virar na água, mas devido ao acidente com Murilo, meu filho mandou fazer a piscina e as barras.

— Acidente? O que houve?

— Ele quase se afogou — fez uma pausa. — Não sei se sabe, mas meu neto já nasceu com um problema de locomoção, ele sofreu várias operações até andar, como faz hoje. No princípio, nós ficamos muito chateados. Nair se culpava, achava que ela é que o fizera assim, ele nasceu de sete meses. O médico tinha recomendado repouso, então ela pensava que não tinha repousado o necessário.

— Ah, isso é bobagem, há tantas pessoas com — ia falar deficiência — problemas.

— Pois é, mas, sabe como são as mães. Depois nós encontramos a Doutrina Espírita, através do Jota Ó e soubemos que é a lei de causa e efeito. Murilo deve ter feito alguma coisa, em outra vida, que danificou o corpo perfeito que Deus lhe deu.

Gisele ficou calada por instantes.

— Então, as pessoas deficientes o são, devido à lei de causa e efeito?

— Na maioria das vezes, sim. Principalmente se já nascerem com os problemas.

— E as que ficam cegas, ou sofrem?

— Ah, aí depende, cada caso é um caso. Eu já li o depoimento de um desencarnado, sabe o que é desencarnado?

— Sim, é uma pessoa que já morreu.

— Isso mesmo. Pois é, ele tinha muito receio de que ficaria cego, então seu mentor, ou anjo da guarda,

explicou que por erros do passado, ele deveria mesmo ter ficado cego no final da vida, mas... Como nesta última encarnação ele foi muito bom, criou os filhos de uma sobrinha que morreu deixando cinco crianças, o homem reverteu o carma.

— Que interessante. Então nós podemos reverter o nosso carma?

— Sim. Há muitos outros casos que a pessoa mudou o seu destino, digamos assim. Sempre se ouve contar, nos Centros Espíritas, o caso de um homem caridoso que perdeu um dedo. Ele ficou muito aborrecido, porém seu mentor informou que ele devia ter perdido um braço, mas devido às suas atitudes e a caridade que praticava habitualmente, perdeu somente um dedo.

Durante alguns minutos elas permaneceram em silêncio.

Marlene olhou para a piscina. Em seguida, disse:

— A água deve estar gostosa. O dia que você entrar garanto que não vai ter problemas. Antes sim, o laguinho era fundo no meio.

Gisele lembrou-se do córrego manso que tinha nas terras de seu pai, onde ela e a mãe brincavam de jogar água uma na outra. Afastou da cabeça a incômoda lembrança.

— Como foi que Murilo sofreu o acidente no laguinho? Ele não usava bóia? — quando era criança, Toninha sempre colocava uma bóia nela.

— Usava sim. Mas sabe como são as crianças. Naquele dia houve um descuido, todos estavam sem, parece que foi idéia do Dinho eles entrarem sem a bóia; ele disse que bóia era coisa de crianças. Bem,

até hoje, Rosana insiste que Dinho empurrou o Murilo, mas ele nega.

— Quem é o Dinho? Quem nega?

— Dinho nega ter empurrado. Ele é sobrinho da Nair, filho do irmão dela — abaixou a voz. — Com outra, não com a esposa. Ele quase não saía daqui. Vinha brincar com as crianças, mais algumas vezes se impacientava com as dificuldades de Murilo. Queria sempre ser o tal, daquelas crianças que se não fizessem sua vontade, dizia que ia embora — fez um muxoxo.

Gisele achou que ela não apreciava muito o tal Dinho.

— Ele mora aqui na cidade?

— Dinho? Não, ele e a mãe mudaram para a capital. Ele fez faculdade lá.

— A senhora acha que ele realmente empurrou o Murilo?

— Sim, acho. Mas, achar é uma coisa e provar é outra. Ele é tremendamente simpático, tem lábia. Sua aparência é tão boa, que qualquer pacata dona de casa é capaz de virar a cabeça para olhá-lo — fitou a moça. — Ele jurou para meu filho que nunca teria coragem de empurrar o primo. Mas, eu não estou tão certa disso — Fez uma careta.

— Murilo sofreu alguma conseqüência, devido à queda?

— Ah, engoliu água, mas Rosana o puxou e conseguiu tirá-lo de lá.

— E o Dinho, não ajudou?

— Não. Ele saiu da água, disse que ia pedir socorro, mas segundo minha neta, ficou parado olhando. Depois que a piscina foi construída não tivemos mais problemas.

— Pelo jeito esse Dinho era bem levado.

Marlene ajustou os óculos.

— Ele ainda é safado, para o meu gosto, muito diferente do nosso Murilo. Murilo é correto, leal. Tem um coração de ouro! — sua fisionomia se suavizava quando falava no neto. — É um homem íntegro. Quando se casar, vai dar um pai e um marido maravilhoso. Desses que nunca será capaz de trair a esposa — olhou para ela. — A moça que for escolhida por ele poderá ter certeza de que terá aquele amor profundo, com que toda mulher sonha, mas poucas conseguem. Murilo puxou ao pai, que foi um marido dedicado e fiel. Concluiu com um meneio da cabeça.

— "Será que ele é tudo isso?" — Gisele pensou.

Nesse momento, Renata chegou à porta e as chamou para jantar.

Os seis comiam a sobremesa quando Nair perguntou:

— Ronaldo, hoje você vai ficar para o Evangelho?

— Vou sim.

Ela olhou para Gisele.

— Gisele, você conhece o culto Cristão no Lar? O Evangelho no Lar?

— Sim. Eu... Cheguei a fazer algumas vezes com a minha madrinha.

— Ah, que bom. Se quiser nos acompanhar, hoje vamos orar às 21h30. Costumamos nos reunir uns dez minutos antes, na sala de visitas.

Quando Gisele entrou, a maioria das pessoas já estava na sala. Ela ia se sentar em uma fofa poltrona, mas um lindo gato de pelo cinza ocupou o lugar. Respeitando a antecedência de seus direitos, ela se sentou em um banquinho.

— Nicky — Marlene chamou.

O gato abriu um olho, espreguiçou-se, levantou calmamente, dirigiu-se até a mulher e pulou em seu colo.

— Gisele, quero lhe apresentar o Nicky, meu gato de estimação. Ele é muito manso, se quiser acariciá-lo fique à vontade. Agora pode ocupar a poltrona, esse banquinho não é confortável.

— Pessoal, vamos iniciar? — perguntou Renata.

A luz do teto foi apagada, ficando aceso apenas um abajur. Murilo pigarreou, depois leu uma mensagem, escrita em um papel:

— "Creia em si, e resolva a situação. Por falta de base, há quem descubra ouro e se perca nos vícios". Não sei quem é o autor destas palavras — disse, com sua bela voz, que sempre encantava Gisele.

Renata fez a abertura inicial. Em seguida, Murilo pegou O Evangelho segundo o Espiritismo e olhou para Gisele.

— Será que você poderia abrir, ao acaso, e ler para nós?

Gisele sentiu-se um pouco acanhada, porém fez o que lhe fora pedido.

"Capítulo IX — A Paciência" — leu com a voz um pouco trêmula. Pigarreou:

7— "A dor é uma bênção que Deus envia aos seus eleitos. Não vos aflijais, portanto, quando sofrerdes, mas pelo contrário, bendizei a Deus todo-poderoso que vos marcou com a dor neste mundo, para a glória no céu.

Sede pacientes; pois a paciência é também caridade e deveis praticar a lei da caridade,

ensinada pelo Cristo, enviado de Deus. A caridade que consiste em dar esmolas aos pobres, é a mais fácil de todas. Mas há uma bem mais penosa e conseqüentemente bem mais meritória, que é a de perdoar os que Deus colocou em nosso caminho para serem os instrumentos de nossos sofrimentos e submeterem à prova a nossa paciência.

A vida é difícil, bem o sei; constituindo-se de mil bagatelas que são como alfinetadas e acabam por nos ferir. Mas é necessário olhar para os deveres que nos são impostos, e para as consolações e compensações que obtemos, pois então veremos que as bênçãos são mais numerosas que as dores. O fardo parece mais leve quando olhamos para o alto, do que quando curvamos a fronte para a terra.

Coragem, amigos: o Cristo é o vosso modelo; ele sofreu mais do que qualquer um de vós, e nada tinha de que se acusar, enquanto tendes a expiar o vosso passado e de fortalecer-vos para o futuro. Sede, pois, paciente, sede cristãos: essa palavra resume tudo. (Um Espírito Amigo)

Ao fechar o livro, ela tinha lágrimas nos olhos.

Nair perguntou se alguém queria comentar e Gisele teve vontade de fazer algumas perguntas para dirimir suas dúvidas, apesar do acanhamento que lhe bloqueava a voz.

— "Preciso ter coragem" — pensou. Disse em voz alta:

— Dona Nair...

— Pois não, querida.

— Conforme estou aprendendo, o nosso passado pode influenciar na nossa vida, não é?

— Sim. O nosso passado influencia bastante a nossa vida. Estamos construindo hoje o que seremos no futuro.

— Então, certas situações difíceis pelas quais passamos podem ser um reflexo do nosso passado?

— Sim. Dizemos meio que brincando que cada qual tem a vida que merece.

— Eu tive certo problema com meus pais. Será que os fatos tinham a ver com nossas vidas passadas?

— Olha, é difícil a gente saber, mas muito provavelmente vocês estiveram envolvidos, em outra vida, uns com os outros.

— Os casamentos também são combinados antes de encarnarmos?

— Ao que eu sei a maioria dos casamentos é sim combinada e muitos deles para acerto. Muitas vezes, por falhas e desacertos voltamos com o mesmo par.

— Está certo. Desculpem as perguntas, mas tenho muitas dúvidas.

— Querida, estamos aqui para dirimi-las, na medida do nosso pequeno conhecimento.

— Obrigada.

Murilo pediu à avó que fizesse as vibrações de amor. Marlene pediu as bênçãos de Deus, vibrou amorosamente para o Brasil, para os sofredores, para os doentes e outras. Em seguida, vibrou para cada membro da família e, por fim, vibrou para Gisele, dizendo que todos estavam muito felizes com a vinda dela, que certamente a cidade e o pesqueiro estavam enriquecidos com sua presença.

Gisele sentiu uma emoção tão grande, que precisou se conter para não desabar no choro.

Dali a pouco, despediu-se e foi para o seu quarto. Trocou de roupa e deitou-se. Lembrando-se de seu inadequado romance com um homem casado, pensou que devia procurar uma maneira de praticar a caridade. Elevou seu pensamento ao Criador e fez uma prece agradecendo por ter encontrado essa família tão especial que a estava acolhendo como se ela fosse um deles. Adormeceu embalada pelo som do piano tocado por Murilo.

Gisele despertou cedo. Ficou por instantes escutando o pipilar dos pássaros, depois levantou, abriu a porta-janela, saiu no terraço. Contemplou as montanhas ao longe, que cobertas pela neblina pareciam ser azuis. Entrou, abriu com cautela a porta do quarto, saiu, o banheiro estava livre, cheirando a sabonete. Certamente, Murilo já tinha tomado banho. Pegou sua roupa, calça jeans e camiseta, e foi para o banho.

A casa tinha aquecimento solar e embora fosse cedo, a água estava tépida. Debaixo da ducha, estava rememorando os últimos acontecimentos quando, subitamente, sua tela mental foi invadida por César. Pela lembrança de quando na pousada da Kyria, eles tomaram banho juntos. Tentou afastar as imagens, não conseguiu. Sentindo uma dor profunda dentro do peito, saiu da água. Enrolada na toalha olhou no espelho sobre a pia, que lhe devolveu um rosto com ar triste. Sacudiu a cabeça, e respirou

fundo. Precisava dar um jeito de tirar César de dentro de si.

Tomou o café da manhã com Lia, que informou que Murilo a esperava no escritório.

— "Puxa, tão cedo!" — pensou enquanto rumava ao seu encontro.

— Bom dia Gisele! — disse ele com um sorriso feliz no rosto. Ao seu lado estava um cão peludo, branco e preto, de raça indefinida. O mesmo que no dia anterior dormia no terraço.

— Venha conhecer o Boris.

— Uau, que cachorrão! Ele é manso?

— Sim, é. O danado andou sumido. Devia estar atrás de alguma namorada, apareceu ontem à tarde. Vou pedir para Marião lhe dar um banho. O Boris fica solto à noite, ele é bonzinho, porém barulhento. Serve de guarda, pois se algum intruso aparecer, late tanto que a gente sai para ver o que está acontecendo — olhou para ela. — Agora que já lhe apresentei nosso guardião, quero informar que logo mais vou até a pousada resolver uns problemas — olhou o relógio.

— Que tal começarmos nosso trabalho às 10h30?

— Ótimo. Eu pensei em dar uma caminhada e voltar às 9 horas.

— Pode caminhar à vontade. Caso eu não esteja, deixarei o trabalho aqui com as instruções. Está certo? Ah, não se esqueça que à tarde iremos à cidade.

Capítulo 24

A casa de Jota Ó

Gisele colocou o chapéu na cabeça, rumou para a estrada. Junto ao portão encontrou Jota Ó que parecia estar esperando por ela.

Beijaram-se.

— Como passou de ontem para hoje? — ele perguntou

— Passei bem, e o senhor?

— Também — ele respondeu pensando que a fisionomia dela precisava melhorar. — Para que lado quer ir?

— Será que podemos voltar ao mirante?

No mirante ficaram bons minutos absorvendo o ar fresco e a beleza da paisagem. Voltaram para a estrada, caminhando em direção ao pesqueiro. O silêncio foi quebrado quando ele disse, após olhar para o relógio:

— Está quase na hora de tomar meu remédio. Quer me acompanhar até a minha casa?

Ao chegarem ele abriu a porta e a convidou a entrar.

Estranhando, Gisele perguntou:

— O senhor esqueceu-se de trancar a porta?

— Não, eu nunca tranco a porta. Se algum amigo precisar de algo é só entrar e pegar.

Entraram em uma sala ampla, bastante atulhada de móveis e estantes cheias de livros.

— Mas, e os inimigos? Aqui está repleto de coisas, não tem medo de que alguém as roube?

— Ah, roubar o quê? Nada tenho de valor.

— Como não, tem a tevê, o vídeo, o som e tudo o mais — fez um gesto abrangendo o cômodo.

— A única coisa que não gostaria de perder são os meus livros. O resto está no seguro. Venha, quero lhe

mostrar os outros cômodos. Aqui é o meu quarto disse, abrindo uma porta aos fundos. Era um aposento pequeno, decorado de forma monástica. — Venha ver o resto: banheiro e cozinha.

A cozinha era ampla, bem iluminada e assim como o resto da casa estava bem arrumada.

— Eu reservei o melhor para o fim, vamos até lá fora. Quero lhe mostrar meu rio particular.

Saíram, caminharam no chão de terra batida, até uns chorões, que ficavam à margem de um riacho de águas claras e límpidas que corria mansamente. Além dos chorões e outras árvores, flores exóticas de diversos matizes davam o colorido ao local.

— Que lindo! Gisele cruzou as mãos junto ao peito.

— Foi o senhor quem plantou tudo isso?

— Plantei as flores e dei um jeito no resto — olhou para longe. — Quando aqui cheguei isto era um matagal. A casa estava caindo aos pedaços. Agora está do meu jeito.

— É tão bonito que nem tenho palavras. Os chorões parecem que beijam a água.

— Às vezes isso acontece. Este riacho é o mesmo que passa no pesqueiro. Lá foi represado, formando um lago para os pescadores.

Ficaram em silêncio por alguns instantes, subitamente ela se lembrou:

— O senhor não tem que tomar o remédio?

— Ah, eu tinha me esquecido, sabe como são os velhos. Fique à vontade — deu um sorriso.

Gisele suspeitou que ele estivesse brincando. Abaixando-se enfiou a mão na água, depois sentou, tirou os tênis e as meias, mergulhou os pés na água, que delícia! Com os olhos fechados começou a

devanear que César estava ao seu lado falando ternas palavras de amor.

Voltou ao presente com a voz de Jota O.

— Gisele, gostaria de um copo de refresco?

Na cozinha, ele disse que não tomava nada alcoólico, nem refrigerante ou café. Porém, tinha polpas de frutas congeladas, leite, groselha e chás.

Gisele optou por suco de maracujá, ele a acompanhou.

Em cima de um móvel estava um porta-retrato, no qual havia uma foto que exibia bonita mulher com uma menina a seu lado.

— Minha esposa e minha filha.

— Ah, é? Eu não sabia que o senhor era casado, sabe como é... Mora sozinho pensei que fosse solteiro.

Após alguns instantes, ele disse com voz triste.

— Eu tive que devolvê-las.

— Como?

— Elas morreram em um acidente de carro. Já faz algum tempo. Eu as devolvi — repetiu.

— Devolveu?! — subitamente compreendeu. — Ah, para Deus.

— Sim. Gisele, nós não temos nada de nosso neste mundo. Tudo nos está emprestado.

Ela ficou calada, por instantes e em seguida disse:

— O senhor... O senhor sofreu muito?

— Na época, sim. Mas, agora sei que estão bem. O desencarne delas me levou à Doutrina Espírita, onde aprendi o entendi muita coisa.

Gisele fez um sinal de assentimento com a cabeça, mas na verdade não estava prestando muita atenção.

— A dona Marlene me disse que tudo é uma questão de causa e efeito, será? Será verdade a tal história do carma?

— Sim, é. Deus não é um ser injusto, ele não condena nenhum dos seus filhos, geralmente sofremos as conseqüências de nossos próprios atos. A semeadura é facultativa, mas a colheita obrigatória.

— Nós sofremos as conseqüências de nossos próprios atos... Ela repetiu. Dizem que a causa dos nossos sofrimentos é um carma de vidas passadas. Será?

— Às vezes sofremos devido a atitudes que tomamos nessa vida. O sofrimento, muitas vezes é necessário para o nosso aprimoramento e crescimento espiritual. A verdadeira filosofia da vida é sofrer sem esmorecer, e ir à luta com fé, lembrando que Jesus sempre nos ampara.

A tristeza que estava represada em seu peito, finalmente começou a sair. Gisele levou as mãos ao rosto e se pôs a chorar. Jota Ó, foi até ela e deu algumas pancadinhas em seu ombro, dizendo palavras doces.

— Calma, Gisele, calma minha criança — quando percebeu que ela estava melhor perguntou: — Gostaria de conversar sobre o que a aflige?

A voz dele era tranqüila parecia um pai falando com a filha. Ela se sentiu segura, como há dias não se sentia.

— Sim — Gisele assuou o nariz, com um guardanapo de papel. — Eu vim para cá devido a um caso de amor mal sucedido — falou com voz trêmula.

Quando percebeu tinha falado bastante sobre o malogrado romance, preservando, contudo, o nome do amante.

— Eu não posso dizer que entrei nessa de olhos fechados. Eu sabia desde o começo que ele era casado — fez uma pausa. — Na verdade, nem sei o que esperava; que ele deixasse a esposa para ficar comigo? Entendo agora que fui ridícula.

— Não, você não foi ridícula. O poeta diz "atire a primeira pedra, aquele que não sofreu por amor". Existem alguns momentos na vida que são especiais e que nos servem de experiência. Não lamente o que perdeu. Pense no que poderá vir a ter.

— Mas, como tirar a imagem dele da minha cabeça e do meu coração?

— O tempo cura todas as feridas. Não te canses de amar, diz Joana de Angelis. Quando você menos esperar encontrará outro alguém.

Ela meneou a cabeça.

— Acho difícil.

— Sim, agora é, mas repito: o tempo cura todas as feridas.

— O senhor já as esqueceu? — disse olhando para o retrato.

— Não — ele suspirou. — Mas, sei que o acidente foi necessário. Hoje não tenho mais uma saudade doída, mas branda. Eu as amo. Oro por elas, às vezes sinto a presença delas. Sei que um dia vou reencontrá-las. Minha esposa e eu nos casamos por amor, mas... — fez uma pausa. — Isso é uma coisa que nunca comentei com ninguém. Em uma consulta mediúnica, no Centro, eu soube que em uma de minhas vidas, eu e minha esposa provocamos acidentes contra outras

peessoas, que vieram a falecer deixando seus bens para a igreja. Eu era corrupto, pegava o dinheiro destinado à caridade e gastava, levava uma vida muito boa, não me preocupava com os pobres da paróquia. Era lobo em pele de cordeiro.

— O senhor era padre?

— Sim, e minha esposa minha amante. Nós prejudicamos muita gente. Assim, viemos nesta vida resgatar nossos erros. Eu aqui fiquei porque tenho o compromisso de arrebanhar às ovelhas e levá-las para o Cristo.

— O senhor é tão bom, tão gentil. Parece incrível ter feito mal aos outros.

— Bem, a gente melhora com o tempo, ou tenta melhorar.

— E sua filha?

— Ah, ela também estava envolvida conosco. Foi nossa filha, era muito bela, corrompia os homens para lhes tirar dinheiro, essas coisas... Você entende? O sofrimento nos ajuda a crescer — falou mais para si mesmo.

O antigo relógio que estava na sala bateu dez badaladas.

— Nossa! Já é tarde, preciso ir trabalhar — disse Gisele.

— Leve com você esta mensagem da Joanna de Angelis: 'Não te canses de amar'. Quando der, leia com calma.

— Está certo.

Ele a acompanhou até o portão.

Capítulo 25

Visita à cidade

Gisele estava chegando ao pesqueiro, quando um ônibus parou e dele saltou um rapaz alto. Ele olhou para a moça, em seguida chegou perto, estendeu a mão, dizendo:

— Bom dia. Sou o Everaldo, a senhora deve ser a dona Gisele.

— Oi, Everaldo, bom dia, sim sou Gisele. Vem vindo do cursinho?

— Sim, hoje as aulas terminaram mais cedo. Mamãe me falou sobre a senhora.

— Você! Por favor, me chame de você. Então, está pronto para começarmos nossas aulas?

— Sim.

— Que tal amanhã às 4h da tarde?

— Por mim está bem.

Enquanto conversavam, iam andando em direção a casa. Ao chegarem, ele se despediu. Gisele entrou, dirigiu-se ao lavabo, lavou as mãos, ajeitou os cabelos e foi ao escritório, onde Murilo já a esperava. Suaves músicas, vindas do aparelho de som, alegravam o ambiente.

— A música incomoda? — ele perguntou.

— Não, elas são lindas. São CDs?

— Sim. Sempre que encontro músicas suaves, compro e coloco para tocar enquanto trabalho.

Iniciaram o trabalho. Mais ou menos às 11h15min ele disse

— Por hoje é só. Vou deixá-la, pois preciso falar com Marião. Se você quiser usar o computador, ou o som, fique à vontade.

Gisele abriu seu e-mail. A caixa postal acusava quase 100% de sua capacidade ocupada com mensagens, a maioria de César, que enviava flores virtuais, cartões e outras, que com grande força de vontade, excluiu sem ler. Respondeu as de Rita, as de Kyria e até as da madrinha. Ainda abalada, por ter descartado as mensagens do ex-namorado, desligou o computador e foi se preparar para o almoço.

Durante a refeição o assunto girou em torno do tal Dinho. Nair disse ter recebido um telefonema da Ada (que mais tarde, Gisele soube ser a mãe dele). Ela estava preocupada com o filho. Dinho estava com problemas no serviço. O médico diagnosticara como estafa. Por conta disso havia sido internado em uma clínica para repousar e se refazer.

— Na certa ele andou por aí fazendo coisas que não devia — disse Marlene.

— Vovó! A senhora sabe que Dinho trabalha muito, certamente foi por isso que teve o problema.

— Ah, meu bondoso neto, sempre defendendo os outros. — olhou para Gisele. — Os dois são completamente diferentes: Dinho usa as pessoas a seu bel-prazer e Murilo se deixa usar.

— Dona Marlene, do jeito que a senhora fala, Gisele vai pensar que meu sobrinho é um... Um... — olhou à volta para ver se alguém a ajudava.

— Um bonitão danado de simpático — disse Lia. — Quando encontrou uma mulher rica, deixou a namorada de infância, sem mais aquela.

Murilo riu.

— Lia você não tem jeito, mesmo.

— Sabe como é né, Murilo? Desse tipo de gente o mundo está cheio.

— E a mulher dele como está? — Marlene perguntou.

— Tia Ada disse que ela vai bem, está firme, agüentando o tranco.

— À noite vou ligar para Ada para saber dele — disse Nair encerrando o assunto.

— Gisele, você poderia estar pronta daqui a meia hora para irmos à cidade?

— Claro, Murilo.

Enquanto se aprontava para sair, Gisele ficou pensando se iriam em seu carro, ou em outro veículo.

Quando ela desceu, usando um conjunto de calça comprida azul-escuro, Murilo a esperava ao pé da escada.

— Hum, como estamos bonita — disse estendendo a mão para ela.

— Obrigada. Fez uma mesura. Esqueci de perguntar se vamos no meu carro.

— Deixe seu carro descansando na garagem. Vamos com a minha van.

Antes de saírem ele escolheu uma bengala preta, da cor do sapato que estava usando.

A van estava estacionada na porta. Na lateral ela trazia escrito o nome do pesqueiro.

Gisele, dentro do carro, viu que o veículo fora adaptado para Murilo. Durante o trajeto ele ligou o som. Logo o cantor começou a cantar: "Mel sua boca tem o mel". Para alívio dela, ele esticou a mão e mudou de estação, dando a impressão de não gostar da melodia.

Em Mirante da Serra, estacionaram perto da praça da matriz. Ao saírem, ele se virou para trás e pegou a bengala.

— "Será que ele precisa disso para andar? Em casa caminha bem sem a bengala" — Gisele acabara de ter este pensamento quando...

— Eu uso a bengala por segurança. As ruas às vezes têm buracos. Vamos? Você trouxe seu celular? Caso a gente se desencontre podemos nos comunicar.

— Celular? Eu... Não tenho — respondeu sentindo certo constrangimento, pois tinha deixado o aparelho no apartamento da madrinha.

— Hum... Então é melhor ficar com o meu número, caso haja algum desencontro é só me ligar — tirou do bolso um cartão que tinha propaganda do pesqueiro.

— Aqui está o número. Porém, antes de qualquer coisa, deixe lhe mostrar alguns lugares da nossa cidade.

Deram uma volta pelas redondezas.

Gisele percebeu que Mirante era bem maior do que no início ela pensara. Tinha tudo, bem, quase tudo que tem uma cidade de grande porte.

Depois de quase uma hora separaram-se. Ela entrou em um shopping para comprar um biquíni. Gostou muito de dois modelos, porém, devido ter emagrecido, eles ficaram um pouco largos. A dona da loja disse que ia receber outros no dia seguinte. Sem saber se daria para vir pegar antes, Gisele combinou que passaria lá no sábado. Após dar mais umas voltas pelas lojas, onde comprou bloqueador solar e hidratante pós-sol, foi até a praça encontrar o rapaz.

Sentados em um banco do jardim, onde ouviam o pipilar dos pássaros, conversavam quando alguém disse:

— Murilo...

— Quem me chama? — ele perguntou virando ligeiramente para olhar.

— Como vai? — um homem se aproximou.

Arnaldinho Beira Bar; Gisele o reconheceu pelo chapéu.

— Arnaldo, como está? Deixe-me apresentar a Gisele, ela está trabalhando conosco.

Ela não gostou do jeito com que ele a olhou. Os olhos congestionados davam a impressão de alguém um pouco fora da realidade. Enquanto eles falavam sobre pessoas que ela não conhecia, Gisele aproveitou para observar com mais detalhes os flamboians e os ipês da bela praça. O homem se despediu. Levando a mão ao chapéu, disse ter ficado encantado em conhecê-la.

— Esse rapaz é o maior problema da nossa cidade.

— Seu João Oswaldo me preveniu sobre ele.

— Arnaldinho é muito inteligente. Ele estudou com Dinho e comigo, nós fomos juntos até... Até metade do 2º grau, depois disso ele descambou. Entrou para o álcool e as drogas. Hoje vive ao que parece do tráfico e pequenos golpes. Nada muito grande, a polícia nada consegue provar. Ele já esteve detido, mas foi solto. Às vezes somem bicicletas, rádios de carro, essas coisas, a gente sabe que é ele ou seus comparsas quem roubam. Agora provar...

— O que ele queria com você?

— Dinheiro.

— Você deu?

— Sim, pouco. Ele disse que era para comprar remédio para a mulher, uma tal Rosinha que trouxe de São Paulo. Mas, acredito que esteja no bar bebendo.

— O apelido Beira Bar, é devido ao vício?

— Sim. Alguém começou a chamá-lo assim, por que onde tinha um bar, ele estava na beira.

— Se sabe que ele vai beber, porque deu o dinheiro?

— Ah, sei lá... Sempre fica a dúvida — olhou o relógio. — Antes de irmos embora quero lhe dar isso para que use quando for necessário.

Era um celular. O aparelho era pequeno e delicado e parecia ser ainda melhor do que o que ela tivera.

— Um celular? Mas... — Gisele estava confusa, não sabia se devia aceitar.

Murilo fechou sua mão sobre a dela.

— Por favor, fique com ele. Afinal, disse que tinha um

— soltou lentamente a mão dela. — Ande sempre com ele, eu vou ficar mais tranqüilo.

— Está bem, enquanto estiver aqui eu o usarei.

Ele se levantou, dizendo alguma coisa em voz bem baixa Gisele teve a impressão de que as palavras foram: "Espero que seja para sempre".

Em casa, Boris veio recebê-los, fazendo enorme algazarra.

— Ele gostou de você, disse o rapaz.

— Que bom! Boris, você é uma simpatia, quero ser sua amiga sempre!

Após tomar um banho rápido, Gisele, na cozinha pergunta a Nair se precisava de ajuda.

Ela olha para a moça, um tanto constrangida.

— A senhora quer que eu vá conversar com dona Marlene.

Sorriso de alívio:

— Se puder me fazer esse favor.

Nessa tarde, Marlene estava queixosa. Dizia ter saudade do filho, que morrera há cinco anos, e da filha que morava em Poços de Caldas.

De repente, a voz de Nair, vinda da cozinha, chegou até elas.

— Hoje, logo após o jantar vou telefonar para Ada. Quero saber do Dinho.

— Ai, meu Deus, não vejo por que gastar interurbano para saber dele — Marlene disse em voz baixa.

— Mas, ele não está doente?

— Doente, doente, ele deve ter aprontado alguma — abaixou a voz. — Dinho é muito safado, consegue engambelar a quase todos, mas a mim e a Jota Ó ele não engana.

Capítulo 20

Conversa com Jota Ó

Gisele acordou um pouco assustada. Durante a noite tivera sonhos escuros e confusos, nos quais César aparecia com um aspecto lúgubre e tentava beijá-la. Avassalou-a um ódio intenso contra ele. Até pensou vagamente em se vingar. Esperava que estivesse sofrendo como ela estava.

Aliás, não lhe passou pela cabeça o fato de que ela consentira e aceitara os carinhos dele.

Levantou, balançou a cabeça para afastar as imagens, pegou suas coisas e foi ao banheiro.

A porta estava entreaberta. Percebeu que Murilo lá estava. De repente, ele começou a cantar uma canção romântica. Sua voz bonita e sonora a deixou

encantada, dissipando o mal-estar causado pelos sonhos. Quando a canção terminou, pé-ante-pé, ela retornou para o seu quarto. Ao perceber que ele tinha saído, voltou ao banheiro.

Após fazer a caminhada com Jota Ó, rapidamente se trocou para levar as mulheres à cidade. Ao sair, viu a van estacionada na porta.

— Gisele, você aceita a companhia de um homem?

— Você vai conosco?

— Sim. Nada tenho a fazer por aqui, hoje — deu de ombros.

O médico, um senhor simpático de meia-idade, disse que Marlene e Nair estavam bem, contudo, era aconselhável que fizessem um condicionamento físico. Ali mesmo, no prédio, tinha uma academia que proporcionava ótimos exercícios para a 3ª idade. Tanto falou, que animadas, elas pediram a Gisele que fosse ver se havia vagas.

— O encarregado pediu para as senhoras irem até lá para conhecer. Eles têm vagas, todos os dias pela manhã.

Ao conhecerem a academia, as duas decidiram ficar para a primeira aula.

Gisele tomou o elevador, desceu ao térreo e saiu na rua. Sem ter o que fazer, pensou em esperar na praça que ficava ali perto. Estava sentada em um banco, contemplando o lago, quando viu Murilo vir ao seu encontro, trazendo uns papéis na mão.

— Gisele, que bom te encontrar — disse ele, com um cálido sorriso, sentando-se no banco.

Após ela contar sobre os exercícios, Murilo perguntou.

— Você gosta de massas?

— Massas? - perguntou intrigada. — Sim, gosto. Por quê?

— Comprei alguns convites para um jantar de massas, é beneficente, a renda é para a creche Anália Franco. Você gostaria de ir?

— Quando vai ser?

— Não neste sábado, no outro. Eu já fui algumas vezes. Gostei muito, eles costumam fazer sorteios, karaokê, e outras brincadeiras. Você vai comigo? — perguntou com uma voz que lembrou a que ela ouvira pela manhã.

— Vou, sim.

— Que bom, vou confirmar nossa presença, assim eles nos arrumarão uma boa mesa — fez uma pausa.

— Que tal um sorvete?

Foram à Sorveteria Avenida. O gosto do sorvete lembrou um que tomara com César. Ela o afastou de seu pensamento. Assim que terminaram, estava na hora de pegar as senhoras.

À tarde, ela deu a primeira aula para Everaldo, na casa dele, tendo ao lado duas meninas simpáticas, gêmeas de 10 anos. Eram as filhas caçulas do casal: Eduarda e Marcela. Os outros dois eram meninos, de 13 e 15 anos que estavam na escola. Terminada a aula, não conseguiu sair de lá sem tomar café com biscoito.

Neste dia o bate-papo com Marlene foi mais curto.

Durante o jantar o assunto versou sobre a consulta médica e a recomendação de que as senhoras fizessem caminhadas e exercícios. Marlene

disse que estava muito velha para ir até a estrada caminhar, então ela e Nair decidiram que andariam em volta da piscina, afinal, ali era um bom lugar. Terminado o assunto, voltaram a falar do Dinho.

— Ada me disse que ele está melhorando, porém ela pensa que ele deva fazer uma viagem para um local tranquilo — disse Nair.

— O pesqueiro Bela Vista — disse Renata rindo.

— Por que não a pousada? Retrucou Ronaldo.

— A pousada é melhor, se é que ele, tão importante, se dignar vir até aqui.

— Vovó!

— Ora, Murilo, ele é todo cheio de dengos, ou vai me dizer que não?

Nair olhou para Gisele e balançou a cabeça, como a dizer: Dona Marlene não tem jeito, mesmo. Cansada do movimento do dia, Gisele pediu licença, logo após o café, e foi para o quarto. Tentou ler o romance espírita, que tinha comprado, sob indicação de Rosa, a encarregada da livraria do Centro Bezerra de Menezes, mas não estava conseguindo se concentrar. Pensou em tomar um banho relaxante.

Dona Nair tinha oferecido a banheira de hidromassagem, que estava em sua suíte. Sentiu vontade de usar. Desceu ao andar de baixo. Esperou Renata terminar bela melodia que executava ao piano, sob o olhar de Murilo, então perguntou:

— Vocês viram a dona Nair?

— Ela está ali no terraço, conversando com uma amiga que está hospedada na pousada. Precisa de alguma coisa? Olha, é só ir lá fora, vovó também lá está — disse Murilo.

— Bom... — estava sem jeito de ir interromper a conversa, — Eu... Deixa para depois.

— Gisele, será que eu não posso ajudar?

— Pode sim — decidiu. — Eu queria permissão para usar a hidro.

— Só isso? — ele riu. — Vamos lá, vou explicai o funcionamento.

— Não precisa se incomodar — ela tinha a impressão que subir e descer escadas era para ele um tanto difícil. — Acho que sei ligar.

— Sei que deve saber, mas a nossa tem um dispositivo especial, devido ao aquecimento solar. Vamos lá.

Manquitolando, subiu a escada. No banheiro da mãe, abriu as torneiras, explicou o funcionamento, ofereceu toalhas felpudas, sais de banho. Finalmente, com a banheira quase cheia, disse:

— Fique à vontade, aproveite para relaxar bastante — saiu.

— "Murilo é um homem muito gentil" — pensou enquanto se despia e entrava na água. Que delícia! Com a cabeça cheia de imagens, não de Murilo, mas sim de César, relaxou e curtiu o banho.

Ao sair da suíte, Murilo cruzou com Nair.

— Filho, Renata me disse que Gisele esta à minha procura.

— Sim, mas eu já resolvi o caso. Ela queria usar a banheira. Eu lhe preparei o banho.

Antes que o filho se afastasse, Nair pôde observar em seu rosto, toda a emoção que ele sentira ao preparar o banho. Definitivamente, Murilo estava apaixonado.

Gisele despertou com o coração batendo forte. Novamente tinha sonhado com César, mas no sonho ele era um pouco diferente, usava roupas antigas e a acusava de ter leito alguma coisa que o desagradara. Procurando se acalmar, levantou, se aprontou, desceu para o café. Aos sábados, Lia não vinha. Preparou, ela mesma o café, arrumou a mesa como de costume, serviu-se e saiu. Desta vez caminhou sozinha, João Oswaldo lhe dissera que não viria, pois tinha compromisso, pela manhã. De volta a casa, pegou a bolsa e as chaves do carro, deixou um bilhete e saiu.

Em Mirante, estacionou o carro. Era cedo, o shopping só ia abrir às 10hs. Passeou pela avenida principal, contente por estar sozinha. Gostava de vir com Murilo e as senhoras, mas... Tinha vontade de andar sem rumo, parar onde quisesse, enfim...

O celular tocou. Por instante fantasiou que fosse César.

— Alô.

— Gisele?

A voz de Murilo a fez voltar ao chão, afinal, com ele estava a salvo.

— Oi, Murilo, hoje é minha folga e...

— Sim, sei disso, apenas chamei para perguntar se está tudo bem.

Ela se lembrou da canção “I Just call to say I Love you” — pena não ser César.

— Está tudo bem.

Explicou que viera fazer umas compras. Despedindo-se, desligou.

Passou pela fonte luminosa, que ficava no jardim das Palmeiras, e que segundo Murilo era muito bonita. Qualquer noite dessas precisavam ir até lá para ela ver, qualquer noite...

Pegou as compras e pagou. Ao sair viu que o tempo parecia querer mudar, nuvens escuras toldavam o céu, o vento agitava as árvores. Apressada, entrou no carro e rumou de volta para casa.

Na estrada a chuva desabou e quase sem visão continuou mais um pouco, viu a casa de Jota Ó, entrou pelo caminho alagado, parou perto do terraço. A porta foi aberta. Jota Ó se abaixou, olhou para ela fazendo frenéticos sinais para que entrasse. Criando coragem, saiu do carro e correu em direção ao aconchego.

— Gisele, eu sou daqueles antigos, não gosto de ver ninguém dentro do carro, quando está chovendo. Entre, vou pegar uma toalha para você.

— Oba, que bom.

Depois de se secar, e tomar um chá quente, iniciaram uma conversa.

— Hoje, você me parece um pouco... Menos disposta. Ela olhou para o espelho que ficava em cima do antigo aparador.

— É, estou com olheiras — fez uma pausa. — Sr. João Oswaldo.

— Não gostaria de me chamar de Jota Ó?

Ele percebeu um ténue sorriso em seu rosto.

— Sim, obrigada. Tenho tido estranhos sonhos durante a noite.

— Que tipo de sonhos?

— Sonho com César, meu ex-namorado.

— César? Ele se chama César, o imperador?

— César Alexandre.

— O ancião olhou para ela, então disse:

— Dois conquistadores, não de mulheres, mas de terras. Então, tem sonhado com ele e por isso está com olheiras. Talvez os sonhos não sejam agradáveis. É isso?

— Sim. São confusos, escuros, parece que ele me cobra. Deu de ombros — não sei o quê.

— Não sei se sabe, mas à noite nosso Espírito, nossa alma, se desprende do corpo e vamos a muitos lugares. Às vezes, nos encontramos com outras pessoas. Talvez vocês estejam se encontrando.

— Sério? Eu tinha ouvido falar naquelas pessoas que à beira da morte dizem ter ido aqui e ali, geralmente através de um túnel, mas não pensei que isso se desse conosco.

— Ele se levantou, foi até uma estante e voltou com um livro nas mãos, procurou no índice e abriu:

— Este é O Livro dos Espíritos. Kardec fez várias perguntas aos Espíritos, depois compilou e editou este e outros livros, são a Codificação. Conhece algum?

— Eu só conheço o Evangelho segundo o Espiritismo.

— Certo, vamos ver aqui, a pergunta 401 — "Durante o sono, a alma repousa como o corpo ? Resposta: Não, o Espírito jamais fica inativo. Durante o sono, os liames que o unem ao corpo se afrouxam e o corpo não necessita do espírito. Então ele percorre o espaço e entra em relação mais direta com os outros Espíritos."

— Aqui tem outras explicações, se depois quiser ler...

— Quer dizer que posso estar me encontrando com o César à noite?

— Sim, provavelmente.

Ela cobriu o rosto com as mãos e disse em tom abafado:

— Meu Deus, como tirar este homem dos meus pensamentos?

— Geralmente, os outros só fazem conosco aquilo que permitimos.

— O senhor tem razão. Meu sonho de felicidade foi destruído como um inseto debaixo de uma sola de sapato abaixou a cabeça. — Eu fui uma tola, pensei... Julguei que pudesse ficar com ele, mesmo sendo a outra, ele disse que tinha que manter as aparências, mas que ia se separar. Porém, quando eu soube que a mulher estava grávida... — olhou para ele. — Eu fui criada sem mãe, não é justo uma criança ficar sem pai — fez uma pausa. — Se é que César ia mesmo se separar.

— Como soube que ela estava grávida?

— Toninha me contou, ela me procurou e...

— Toninha? Quem é?

— Minha mãe. Fazia anos que não nos víamos. Quer dizer, eu a vi, mas não sabia que era ela.

— Espere, não gostaria de me contar tudo desde o princípio?

Gisele não omitiu nada. Ele ouviu calado. Quando ela terminou, disse:

— Gisele, tudo está, como direi, muito recente. Sei que está tentando lidar com seus sentimentos, mas, tudo passa na vida. Nada como um dia após o outro. Sei que agora você se sente ferida, mas procure não ter raiva do César. Creio que ele se entusiasmou

muito com o romance de vocês e pode estar sofrendo.

— César, sofrendo? Será?

— Bem, não sei — deu de ombros. — Tudo aconteceu por uma série de circunstâncias, sua madrinha está fora. Por falar nisso, como explicou a ela sua mudança para cá?

Ela o olhou, deu uma risadinha.

— Uma vizinha se encarregou de contar.

— Uma vizinha? Como assim?

— Josenildo, um dos guardas, estava de caso com ela. A mulher é conhecida da madrinha, mora no apartamento pegado. Via César chegar, sair. Escutou nossa discussão... Minha 11 madrinha telefonava e discretamente perguntava se estava tudo bem. Não tocava no assunto, mas, quando liguei para ela — assim que Toninha me arrumou um lugar no Convento — ela disse que já sabia. Foi muito legal, me aconselhou muito. Porém, o senhor sabe né? Eu estou sempre pensando nele, ora com amor, ora com raiva.

— Gisele, uma vez eu vi uma frase mais ou menos assim:

"Muito erramos, disputando o amor dos outros, entretanto corrigimo-nos e acertamos o passo, quando procuramos amar" — fez uma pausa. — Não sei quem é o autor.

Levando as mãos ao rosto, ela começou a chorar. Jota Ó, esperou que se acalmasse.

— Minha jovem, procure tirar a amargura do seu coração. Neste mundo a dor é inevitável, o sofrimento opcional — fez uma pausa. — Deus é bom pai, tenho certeza de que ele lhe reserva ótimas oportunidades,

assim como nosso pensamento se modifica, nosso amor também se modifica. Como diz Joana de Angelis, “Não te canses de amar” — fez uma pausa, olhou para o antigo relógio de parede. — Você aceita almoçar comigo?

— Almoçar? Que horas são? Nossa! Quase meio-dia. Preciso ir embora.

— Calma, ainda está chovendo forte. Que tal telefonar para informar que vai ficar aqui?

Durante a refeição tiveram agradável conversa sobre a cidade e seus encantos. Depois ela o ajudou com a louça. Ficou sabendo que uma mulher vinha duas vezes por semana cozinhar (deixava os alimentos no freezer) e dar um jeito nas roupas e na casa.

Quando a chuva amainou, a moça disse que ia embora, Jota Ó pediu que esperasse, foi até a estante, pegou dois livros e lhe deu: O Livro dos Espíritos e o Evangelho segundo o Espiritismo.

— Gisele, antes de dormir leia trechos dos dois, nem que seja só um pedacinho — fez um gesto com o polegar e o indicador. — Depois, procure relaxar, pense em César com afeto, não com raiva. Peça a Deus que o abençoe, bem como à esposa, ore por você mesma e agradeça a Deus todas as benesses que possui.

— Está certo, obrigada — suspirou. — Não prometo, mas... Vou tentar. Até logo.

Beijaram-se. Ela estava no terraço, quando ele disse: — Sabe, o Centro Espírita é uma extensão do nosso lar. É onde os Espíritos, através de Jesus, nos ajudam. Se quiser, vá tomar um passe na segunda-feira. Nair e o pessoal trabalham lá, neste dia.

— Na segunda-feira? — pensou um pouco. — Sim, eu vou. Em São Paulo quando tomei passe me senti muito bem. Nem sei definir direito o que senti. Até logo.

O tempo ficou instável o resto do dia.

Ainda com a conversa de Jota Ó na cabeça, Gisele, após o jantar, tomou uma atitude: ao ver Murilo no escritório, usando a internet pediu a ele que ao terminar, não desligasse o computador, pois queria verificar seus e-mails. Depois de uns 15 minutos ele a chamou. Só, no escritório, ela abriu sua caixa postal...

— "Que estranho! Não há nenhuma mensagem de César. Ah, com certeza ele já me esqueceu" — pensou.

Sem saber se devia achar bom ou ruim, colocou um agasalho e saiu para dar uma volta. Fora, Boris a acompanhou.

Gisele vai andando, chega até a beira do lago. Ela senta-se em um banco, meio escondido por um chorão.

Nuvens densas escureciam a noite, um vento uivante castigava as árvores. Em meio à neblina o pio estridente de uma coruja a assusta. Boris dá alguns latidos. Subitamente, as nuvens se esgarçaram, o céu azul-marinho foi aparecendo entre farrapos de neblina.

— Gisele, o que faz aqui sozinha? Não tem medo?

— Murilo, estou aqui tentando pôr ordem nos meus pensamentos. Estou tentando deixar o passado para trás — ela sentiu vontade de falar sobre seus

problemas, mas talvez aquela não fosse a hora adequada.

— Está certo, mas parece que vai chover, talvez fosse melhor ordenar os seus pensamentos em um lugar mais aconchegante. Se aceitar minha companhia...

Andaram até perto da residência, então com sua voz doce e meiga, ele disse:

— Boa noite, Gisele! — Prendeu por instantes seu olhar no dela, em seguida sorriu e se afastou manquitolando, levando Boris consigo.

Murilo não parecia ser um sedutor, mas tratando-se de um homem... Nunca se sabia.

A casa assomava aos seus olhos de uma forma indistinta, contra o céu azul-marinho. Um jorro de luz vindo da janela parecia lhe dar as boas-vindas.

Ao entrar, Nair disse:

— Gisele, preparei uma xícara de chá para você.

Naquela noite, após ter orado, adormeceu embalada pelo lamento do vento entre a vegetação.

A imagem de César quase não veio à sua mente.

Capítulo 27

O pavilhão

Gisele acordou com a chuva tamborilando na janela. Saltou da cama, fez uma oração simples. Consultou o relógio, era cedo. Ligou a tevê: em um canal, um padre rezava uma missa, em dois outros, pastores falavam sobre a Bíblia. Nada interessante. Desligou. Depois de vestida, desceu e fez café.

Estava terminando de arrumar a mesa, quando a porta se abriu, Murilo surgiu usando uma capa. Gotas de chuva que dela caíam molhavam o chão bem cuidado da cozinha. Balançando o guarda-chuva, cumprimentou:

— Bom dia.

— Bom dia. Já foi lá fora, apesar da chuva?

— Sim. Foi preciso. Um dos hóspedes telefonou que sua barraca estava sem luz, fui lá dar um jeito — falou tirando a capa.

— Então tem área de camping junto ao pesqueiro?

— Sim. Quem não quiser ficar na pousada pode trazer sua barraca. Aliás, também as temos para alugar.

Fazendo sinal de que entendera, perguntou:

— Murilo, hoje é domingo, será que eu posso ajudar a preparar o almoço? Tem idéia do que posso fazer para adiantar?

— Não — balançou a cabeça. — Não há nada a fazer. Aos domingos almoçamos na pousada. Geralmente Renata vai à casa da sogra. Mas Jota Ó sempre almoça conosco.

Ela fez um gesto de assentimento com a cabeça, depois perguntou:

— Fiz café. Quer tomar?

— Sim, vou guardar a capa e lavar as mãos — respondeu com voz alegre.

Mais tarde Gisele, em seu quarto, estava um pouco entediada. A chuva tinha parado e um sol esplendoroso secava a terra. Era tarde para ir caminhar e cedo para o almoço. Subitamente, seus olhos caíram nos livros que ganhara. Pegou o Evangelho e abriu:

Cap. XII — item 3 — "Se o amor ao próximo é o princípio da caridade, amar os inimigos é sua aplicação sublime, porque esta virtude é uma das maiores vitórias conquistadas sobre o egoísmo e o orgulho". (...)

— "Amar os inimigos..." "Como o Evangelho de Jesus nos ensina a praticar o amor. O amor incondicional. Tenho que tirar César da cabeça, mas... Não posso ter raiva dele. A emoção que nos uniu foi muito intensa, mas ele é casado! Preciso esquecê-lo. Quem sabe o destino me reserva outro alguém, outro amor." — Estava imersa nesses pensamentos, quando alguém bateu à porta.

Renata veio chamá-la para um mergulho na piscina, uma vez que a chuva parara.

Com seu biquíni novo, adequadamente coberto por um roupão, Gisele apareceu na área da piscina, onde todos já estavam na água.

Depois de mergulhar e nadar de lá para cá, discretamente olhou para Murilo, que se secava a beira da piscina. Ele tinha um físico relativamente normal, o tórax era mais desenvolvido que o quadril, as pernas eram finas em proporção ao resto do corpo e via-se que a esquerda era mais curta.

Gisele se lembrou das musculosas pernas de César, e de seu corpo atlético. Afastou rapidamente o pensamento.

— Gisele, aos domingos almoçamos mais tarde. Se você quiser beliscar alguma coisa, ali no terraço tem salgadinhos, refrigerantes... Fique à vontade — disse Nair.

— Obrigada. Vou aceitar.

Virando-se de costas, foi até a escadinha e saiu da piscina, acompanhada pelo olhar de Murilo.

— Dona Marlene, a senhora não vai dar um mergulho? — perguntou à mulher que, sentada na varanda, fazia crochê.

— Hoje não. A piscina me cansa um pouco, quero ir almoçar bem disposta.

— Também para mim, acho que já chega — disse, enquanto se servia.

— Se quiser tomar banho, use o chuveiro do vestiário — falou dona Marlene apontando para a direita.

— Posso?

— Claro, pode usar as toalhas que lá estão. Se quiser se exercitar, aproveite a bicicleta ou a esteira. Fique à vontade.

Após a deliciosa ducha, vestida com o roupão, Gisele foi para o quarto. Colocou uma calça jeans e blusa branca, secou os cabelos no secador, fez uma leve maquiagem. Voltou à piscina, que agora estava vazia.

— Gisele, você está um pouco queimada do sol e esta blusa lhe caiu muito bem!

— Obrigada, dona Marlene. Onde está todo mundo?

— Murilo está fazendo seus exercícios obrigatórios, indicados pelo ortopedista.

— "Então ele tem que se exercitar" — ela pensou.

— Renata foi se arrumar para ir à casa da sogra e Nair está por aí — enquanto falava, continuava a fazer crochê. Dando um suspiro, ela colocou o pano de prato sobre uma cadeira. Nicky chegou balançando o rabo e pulou em seu colo.

Gisele começou a cantarolar uma antiga canção de Sílvio Caldas.

— Bravos! É a primeira vez que a ouço cantar — olhou para a moça. — Você é bonita, inteligente e ainda tem boa voz.

— Ah, que é isso dona Marlene, quem canta bem é o Murilo.

— Sim. Meu neto canta bem — sorriu. — Antigamente, ele, Dinho e Rosana, diziam que iam formar um trio e cantar na tevê — pegou o crochê. O pano bateu na cabeça de Nicky que emitiu um protesto. — Mas, a sorte quis outra coisa.

Nesse instante, Eduarda e Marcela, apareceram usando minúsculos biquínis. Autorizadas que foram por Murilo, caíram alegremente na piscina.

— Tão novas e já quase peladas — balançou a cabeça.

— Hoje em dia se usa assim, dona Marlene.

— É, mas o seu biquíni não é dos menores — com a agulha no ar olhava firmemente para a moça. — Sempre tem mulheres que são mais ousadas — fez alguns pontos. — Isso me lembra a Ada.

— Ada?

— Sim, Ada ou Sebastiana: a mãe do Dinho. — Colocou o trabalho na cadeira ao lado. — Sebastiana, quando a conhecemos, era uma morena muito bonita, mas inculta de pai e mãe. Sou capaz de apostar que ela pensava que Beethoven fosse o nome de alguma dupla caipira: Be e Tovem.

Gisele riu. Realmente ela parecia não gostar de Dinho e de sua mãe.

— Apesar de inculta era muito esperta. Bonita de rosto e corpo. Não gostava de seu nome: Sebastiana. Passou a usar o apelido de Ada. Ela apareceu por aqui junto com um circo. Com a cara bem pintada,

usando um maio preto, passeava pelo picadeiro portando as placas que anunciavam a próxima atração. Você sabe, naquela época, uma moça de fino trato não usava maio a não ser na praia. Quando ela entrava, os homens aplaudiam e assobiavam até a mão ficar doendo e a boca cansada. Nelson, o irmão da Nair tinha seis filhos com sua esposa Cida. Ele fugia do barulho e da confusão causado pelas crianças, tocando violão. Quando aparecia algum circo pela cidade ele se oferecia para tocar. Jovem, ele era alto e bonitão. Quando passava, as mulheres viravam a cabeça para olhar — fez uma pausa. — Você sabe como são certas mulheres. Ada não tirava os olhos dele. Foi muito esperta, conseguiu enredá-lo. Tiveram um filho só: Dinho, um bebê lindo, desses tipo dos catálogos de produto infantil. Dinho puxou o que cada um de seus pais tinha de melhor. Até hoje, com quase 40 anos ele é um galã — olhou para Gisele com seus olhos azuis embaçados.

— Enquanto Cida ficou gorda e feia de tanto ter filhos, Ada permaneceu bonita e elegante. Também está sempre fazendo plástica e aplicando botox na cara. Quando o menino ficou rapaz foram para São Paulo, onde ele fez faculdade de engenharia mecânica. Ele adora automóveis! — fez uma pausa.

— Até no casamento se saiu bem. Conseguiu uma mulher, feiosa, mas rica, filha única. Ele é muito inteligente e capaz, toma conta dos negócios do sogro — balançou a cabeça em aprovação.

— É, Ada e Dinho saíram-se muito bem!

— E o Sr. Nelson? Está com eles?

— Nelson? — ela deu uma risadinha, abaixou a voz.

— Depois que ele envelheceu, ficou careca e barrigudo, Ada o trocou por outro.

— Vovó, pára de tagarelar com a Gisele, vai pegar suas coisas que vamos almoçar daqui a uns 15 minutos — disse Murilo, que com uma toalha enxugava os cabelos.

Devido ao chão não estar totalmente seco, decidiram ir de van até a pousada, onde Jota Ó já os esperava.

Gisele foi apresentada aos arrendatários: Francisco e Flávia, um casal simpático, na faixa dos 30 anos.

O amplo salão de refeições, bastante freqüentado àquela hora, era muito agradável. Quase todas as mesas tinham vista para a piscina, de águas naturais (formada pelo riacho que passava na propriedade), que ficava aos fundos, tendo vários chalés à sua volta. O saboroso almoço era tipo self-service.

Francisco explicou que, mediante um certo valor, as pessoas que quisessem, podiam ficar na pousada, no domingo, desde o coffe brake até a noite, desfrutando da piscina e das refeições.

A conversa durante o almoço foi muito alegre. Quando terminaram, Nair contou a Gisele que um dos chalés era reservado à família. Geralmente, após o almoço de domingo, eles iam até lá para tirar uma soneca, ver tevê, ou mesmo conversar.

O chalé tinha dois quartos, banheiro e uma saleta. Murilo e Jota Ó, ocuparam um, as mulheres o outro.

Gisele adormeceu embalada pelo som do riacho que murmurava entre as pedras. Ao acordar não sabia bem onde estava. Sacudindo a cabeça, levantou, ajeitou as roupas, saiu pé-ante-pé para não acordar Nair que ressonava tranquilamente.

Encontrou, na sala, Murilo, Jota Ó e Marlene, assistindo tevê.

— Gisele, que bom que acordou. Quer ir comigo conhecer os vinhedos? — perguntou Murilo.

— Quero sim.

Saíram do chalé e foram andando, pelo caminho de terra, evitando pisar nas poças d'água. Caminharam uns 800 metros e chegaram ao parreiral.

Murilo explicou que cultivavam vários tipos de uva. Agora mesmo estavam fazendo experiência com uma planta enxertada, cuja muda ele comprara... Tal e coisa. Apesar de não estar familiarizada com o assunto, ela gostou da conversa e de estar ali.

— Gisele, está cansada de ficar aqui? Quer voltar para o chalé, assistir tevê?

Ela respirou fundo:

— Murilo, eu gosto daqui — disse sentindo a brisa cálida contra o rosto. — A tevê não tem nada de muito atrativo aos domingos.

— Muito bem. Vamos até ali adiante. Quero mostrar a pavilhão que meu bisavô construiu. Venha por aqui.

Abandonaram o parreiral, subiram um pequeno atalho.

— O pavilhão é idêntico ao que existia na propriedade dele na Europa. Era usado para os caçadores descansarem. Porém, parece que lá houve um problema, uns encontros clandestinos — sorriu. — Sabe como é, marido, mulher e amante.

Ao ver a construção, Gisele sentiu um arrepio, sua vista escureceu, parecia que o chão lhe fugia.

— Tudo está meio abandonado. Pretendo mandar fazer uma pequena reforma. O que acha? — perguntou Murilo, que estava de lado para ela.

Como ela nada respondesse, ele se voltou:

— Gisele? O que foi? Você está pálida!

Ela sacudiu a cabeça.

— Não sei. De repente... Senti-me zozza. Parece que vou desmaiar.

— Espere, segure-se em mim — amparou-a, colocando o braço em suas costas. — Está melhor?

— Sim, estou melhorando — respirou fundo, sorriu.

— Vou sobreviver.

Ele passou delicadamente a mão sobre seus cabelos.

— Tem certeza de que está melhor? Está com a cabeça quente — olhou para cima. — O sol está muito quente, desculpe-me por fazê-la andar. Vamos embora.

Realmente o sol estava quente, mas Gisele teve a sensação que a vista do pavilhão foi o que lhe causara o mal-estar.

Voltaram ao chalé, onde ficaram mais um pouco, depois passaram na pousada, despediram-se e foram embora.

Gisele sentiu-se indisposta pelo resto do dia. O estômago estava embrulhado e a cabeça pesada. Na hora do lanche não teve vontade de comer, aceitou, porém, uma xícara de chá de erva-doce, feito por Nair.

Pronta para dormir, Gisele lembrou-se das recomendações de Jota Ó, pegou o Evangelho abriu:

Capítulo V, item 11 — "Esquecimento do passado" — É em vão que se aponta o esquecimento como um obstáculo ao aproveitamento da experiência das existências anteriores. Se Deus considerou conveniente lançar um véu sobre o passado, é porque isso deve ser útil. Com efeito, a lembrança do passado traria inconvenientes muito graves. Em certos casos, poderia humilhar-nos estranhamente, ou então exaltar o nosso orgulho, e, por isso mesmo, dificultar o exercício do nosso livre-arbítrio. De qualquer maneira, traria perturbações inevitáveis a relações sociais.

O Espírito renasce, freqüentemente, no mesmo meio em que viveu, e se encontra em relação com as mesmas pessoas, a fim de reparar o mal que lhes tenha feito. Se nelas reconhecesse as mesmas que havia odiado, talvez o ódio reaparecesse. "De qualquer modo, ficaria humilhado perante aquelas que tivessem ofendido" (...)

Em seu leito, esperando o sono chegar, Gisele se perguntava se em outras vidas teria se cruzado com César, ou mesmo com... Murilo.

Capítulo 28

Nova visita ao pavilhão

Após uma noite mal dormida, na qual tivera sonhos escuros e estranhos, Gisele fez uma oração para dissipar o mal-estar e desceu para tomar o café da manhã, com Lia e Murilo, acompanhados por Sabrina, que dormia no quadrado. Sem conseguir se

alimentar direito saiu para caminhar, acompanhada por Boris. Na estrada, Jota Ó já a esperava. Caminharam uns dez minutos em silêncio.

Subitamente ele disse:

— Parece que ontem você não se sentiu bem, eu gostaria de sugerir que fosse tomar passe hoje à noite.

Ela percebeu que por ali as notícias corriam rapidamente.

— Acho... Acho que vou sim — fez uma pausa. — Jota Ó, ontem Murilo me levou ao pavilhão, perto do parreiral. Lá, me senti mal, tive arrepios, sei lá. Quando eu era pequena, Jandira, a moça que trabalhava lá em casa, dizia que as casas abandonadas eram habitadas por fantasmas. Será que há fantasmas no pavilhão?

— Bem, muitas vezes as pessoas sensíveis, como deve ser o seu caso, sentem algum desconforto nestes locais. Você conversou com Murilo, a respeito do seu mal-estar?

— Não. Ele achou que foi devido ao sol quente, mas... O que devo fazer? — antes que ele respondesse continuou. — Sabe, eu tive a sensação de que já conhecia aquela construção, muito embora, nunca tivesse ido até lá — fez uma pausa. — À noite, antes de deitar, abri o Evangelho e saiu o capítulo V, sobre vidas passadas. Fiquei pensando: será que já estive envolvida com César? E com Murilo?

O ancião ficou olhando para ela, em seguida disse:

— Muitas pessoas dizem que o acaso não existe — deu de ombros. — Pode ser, mas não podemos esquecer-nos do nosso livre-arbítrio.

— Sim, agora sei que somos herdeiros de nós mesmos. Cada qual é livre para fazer o que quiser. Eu podia não ter saído com César, ou não ter vindo para cá, né? — parou, olhou para ele. — O que devo fazer? Esquecer o fato?

— Eu penso que você deve ir lá novamente. Peça a Murilo para que a leve. Diga que ontem não pôde ver direito o pavilhão. Mas, antes de ir faça uma oração, peça a proteção do seu Anjo da Guarda, do seu mentor individual.

— Estou confusa...

— Vá até lá, quem sabe sua confusão passe. Quando temos alguma dúvida, o melhor é tentar esclarecer. Caso nada aconteça, pelo menos terá feito um passeio. Que tal?

— É uma boa idéia.

Despediram-se.

Durante o almoço Murilo lhe disse, com um sorriso nos lábios, que logo mais à tarde iria até o parreiral, a cavalo. Se ela quisesse acompanhá-lo...

Gisele, a princípio se sentiu desconfortável sobre o cavalo. Porém, após algum tempo, conseguiu se ajeitar. Chegaram ao pavilhão sem problemas. Murilo a ajudou a apear. Segurando em sua mão levou-a até a frente da construção.

— Veja, tudo está meio abandonado. Acha que devo mandar reformar?

Ela olhou à sua volta. Realmente, o pavilhão lhe causava uma estranha impressão.

— É um lugar interessante, acho que deve sim, reformar.

— Quer entrar? — enfiou a mão no bolso. — Eu trouxe chave.

— Será que aí dentro não tem algum fantasma? — perguntou sorrindo.

— Fantasma? Só se for da Geny. Gisele sentiu um arrepio, desta vez, ligeiro.

— Quem é Geny?

— Era a esposa do conde, aquela que se encontrava com o amante, no pavilhão, mas não aqui, na Europa.

— Eu gostaria de saber mais sobre ela.

Entraram. Dentro estava bastante empoeirado. Ele passou um pano sobre um banco, onde se sentaram.

Murilo ficou uma meia hora contando o romance de Geny, Pedro e Rafael. Quando terminou, ela disse.

— Puxa, que mulher danada! Trair o marido, pai de seus filhos! E ele ainda a perdoou! Em certos países ela seria apedrejada.

— Você sabe como é a vida, o tempo cura qualquer ferida. Precisamos lembrar que ela se casou jovem, sem amar o conde. Naquele tempo os casamentos eram, na maioria das vezes, arrumados.

— Pode ser, mas o conde a amava.

— Sim, mas, era bem mais velho que ela. Contam que Rafael era um tremendo conquistador, e não gostava do irmão. Depois do acidente, Geny descobriu que tinha muita afinidade com Pedro. No início, ele não queria perdoá-la, mas... Geny, talvez devido ao fato de se sentir culpada, cuidou do marido com muito amor. Eles passam a se entender, descobrem que têm muita afinidade. Gostam do mesmo tipo de livro, de música e de outras coisas. Orientada pelo conde, ela cuida tão bem da propriedade e eles prosperam bastante.

— Como ela não percebeu antes que tinha afinidade com o conde?

— Bom, sabe como eram os homens daquele tempo. Ele era machão, apesar de amá-la, quase não falava com ela. Estava sempre imerso no trabalho. O castelo era grande e Geny, provavelmente, se sentia só.

— Então, o tal Rafael aproveitou o momento.

— Sim, mas parece que embora para Rafael tudo tenha começado como uma aventura, ele realmente a amou. Quando o conde descobriu que eles eram amantes, colocou o irmão para fora da sua propriedade. Rafael machucado, pois o conde o chicoteara, e humilhado pediu abrigo para uns nobres que moravam ali perto. E terminou por se casar com a filha da casa, uma moça cujo nome era Laura (a mãe dela dizia que Geny era sem-vergonha, todos viam como dava em cima dele). Mesmo casado ele mandava cartas para Geny que as devolvia sem ler. Apesar de ter sido expulso por Pedro, muitas vezes rondou o castelo, na esperança de encontrá-la.

— Então Geny não quis mais saber do amante?

— Ela se dedicou totalmente ao marido, que não voltou a andar. E também às obras de caridade. Parece que ajudou muito, inclusive financeiramente, a paróquia local.

— E o Rafael? E Anabela que estava grávida dele?

— Rafael, foi um péssimo marido. Bebia, desprezava a mulher, teve uma vida dissoluta, acabou morrendo cedo, de tuberculose. Dizem que Laura, após um tempo, cansada dos maus tratos, começou a traí-lo. Morreu, antes dele, em consequência de um aborto malfeito, diziam que foi tirar a criança porque não sabia se era ou não filha do marido.

— Quer dizer que você descende da Geny?

— Sorrindo, ele respondeu:

Descendo do filho da criada. Do filho que Anabela teve com Rafael.

— É mesmo? Bom, mas não saiu safado como seu antepassado, né?

— Espero que não.

— Você disse que seu bisavô construiu o pavilhão. Então o filho da Anabela veio para o Brasil? Ela também veio?

— Sim, não — sorriu. — Anabela morreu de parto, e sua mãe jamais perdoou nem ao Rafael nem à filha, pois achava que Anabela havia sido leviana e desonrara o nome da família Geny criou o menino: Michel. Ele e o filho da Geny vieram para cá. Pedrinho acabou não ficando por aqui. Mas, Michel gostou muito do Brasil, plantou a vinha, cuidou da propriedade, mandou fazer o sobrado, pois herdou o dinheiro do pai.

— Muito interessante. Como essa história chegou até você?

— Através do Michel. Geny era sua madrinha, e ele pedia a ela para lhe falar sobre seus pais. No começo ela nada dizia, mas, depois acabou contando alguma coisa. O resto ele soube através da avó, mãe de Anabela e do diz-que-diz dos criados. Ele fez algumas anotações, e as trouxe para cá. Assim ficamos sabendo dessa história.

— História muito interessante. Daria um romance. Se lealmente a gente reencarna, onde será que estão Geny, Pedro e Rafael?

— Sabe que eu já pensei nisso? Onde estarão?

Dando um suspiro ela disse:

— Sabe, ontem quando aqui cheguei eu senti algo estranho. Hoje conversei com Jota Ó, ele me aconselhou a te pedir para voltarmos ao pavilhão.

— Eu pensei que o sol tivesse te feito mal.

— Não, Murilo, meu mal-estar teve a ver com o pavilhão, por que eu não sei. Quem sabe em alguma encarnação eu também tive algum problema, alguma dor de amor. Mas, agora a impressão ruim, já passou. Acho que você deve mandar reformar este local.

— Vou ver se consigo chamar um restaurador.

— Murilo?

— Sim?

— Você perdoaria a Geny?

— Claro que sim. Afinal, quem sou eu para julgar?

Acredito que o conde devia ter procurado fazer mais companhia a ela. Mas os homens antigos eram muito machões — consultou o relógio. — Eu tenho que dar uma olhada na plantação, depois que tal irmos até a pousada tomar café?

— Ótima idéia!

A sessão no Centro teria início às 19h30 e todos, inclusive Marlene entraram na van, apanharam Jota Ó e rumaram para Mirante.

Capítulo 29

Gisele vai a outro Centro espírita

Ao chegar ao Centro Espírita, Gisele foi apresentada a Giovane, o presidente da Casa. Era ele um senhor baixo, de uns 50 anos. Tinha olhos e cabelos negros.

— Bem vinda, menina! — saudou com sua voz ligeiramente rouca, que deu a ela uma grande sensação de aconchego. Como deve saber, a primeira vez que uma pessoa chega a esta casa abençoada, nós a encaminhamos para a entrevista.

— Sim, seu Giovane.

— Muito bem, menina vai até aquela sala — apontou para frente. — Alguns dos nossos entrevistadores já estão de plantão.

Logo à entrada uma mulher, de semilongos cabelo, castanho-escuros, óculos sobre os olhos azuis, de uns 55 anos cujo crachá tinha o nome de Zezé, mandou que ela se sentasse na cadeira que estava à sua frente. Exibindo belo sorriso disse

— Bem vinda à nossa Casa. Jota Ó, nos disse que iria trazer uma visitante, que esperamos permaneça conosco por muito tempo — fez uma pausa. — Como é o seu nome?

— Gisele. Eu estou morando no pesqueiro Bela Vista. Trabalho lá como secretária.

— Em São Paulo estive no Centro que a Tereza trabalha espiritualmente.

— Tereza, irmã da Nair?

— Sim.

Zezé explicou que ali a conduta era a mesma. Eles tinham o mesmo tipo de passes, tinham também as escolas de iniciação espírita, nas quais o principal fundamento era nossa transformação de "homem velho para homem novo". Ou seja, procurando nos livrar dos vícios e defeitos, adquirindo virtudes, para seguirmos rumo ao Cristo.

— Muito bem, agora que já falei sobre a nossa Casa, fale-me de você.

A princípio, ela se sentiu um pouco tolhida, porém, com o passar do tempo, sentindo o amor e carinho com que foi recebida expôs, praticamente, toda a sua vida.

— A senhora percebe, eu não sei bem como estão os meus sentimentos. Ora sinto que ainda gosto de César, ora sinto certa mágoa. Mas, como direi: os momentos que passei ao seu lado foram especiais. Ficaram gravados em meu coração. Às vezes sinto sua falta, sinto falta da vida que levamos juntos, muito embora tenha sido breve.

— Gisele, é natural termos saudades dos momentos felizes que passamos. Como diz a canção: A vida é feita de momentos. Momentos que não voltarão jamais.

— Mas, tudo muda e se renova. O passado já era e não volta. Você deve ter outras lembranças boas, não só os momentos que passou com este rapaz, né?

— Sim, é verdade.

— Gisele, eu gostaria que você me respondesse com cuidado: como eram suas conversas com o César?

— Ah, eram boas — ela se animou. — Nós conversávamos bastante.

— Sobre o quê?

— Sobre nós... — e olhou para Zezé. — Sobre o trabalho, sobre os projetos dele e...

— E sobre seus projetos?

— Sobre meus projetos? — ficou em silêncio pensando. — Bom, não me lembro.

— Gisele, pense com cuidado antes de me responder: ele falava e você escutava, ou não?

— Ele falava e eu escutava... Sim, mas eu dava palpites — olhou nos olhos de Zezé perguntando onde ela queria chegar.

— Escute, todos nós temos paixão. Às vezes nos encantamos com um artista, sonhamos estar com ele conversando, namorando e até casando. É normal da vida. Depois de uns tempos aquilo passa. Bem, paixão é uma coisa e amor é outra. Hoje em dia, sabemos que para sermos felizes "para sempre", como nos contos de fada, precisamos nos unir com quem temos afinidade, com quem temos gosto e conversar, com quem compartilha os mesmos momentos que a gente.

Gisele estava confusa, será que ela queria dizer que César fora apenas uma paixão?

— Sei que está confusa, mas o que acha de pensar com calma na nossa conversa? Gostaria, também, de indicar uma série de passes. Os passes e a oração nos ajudam muito. Você quer fazer o tratamento espiritual?

Zezé entregou uma ficha com a indicação dos passes a serem tomados. Conversou mais um pouco recomendando a ela que participasse do Evangelho no Lar, fizesse orações e se aprofundasse mais na Doutrina Espírita, procurando ler a Codificação de Kardec e outros livros, inclusive, romances, que Murilo tinha aos montões em sua biblioteca. E quem sabe dali a algum tempo Gisele se propusesse a fazer o Curso Básico de Espiritismo e depois a Escola de Aprendizes do Evangelho. Despediu-se, dizendo à moça para procurá-la sempre que quisesse, não só ali, como em sua residência (Nair sabia onde ela morava).

Foi encaminhada por uma moça de nome Sônia, a um grande salão parcialmente ocupado por diversas pessoas, onde seria efetuada a palestra de abertura.

Sobre um tablado, na frente do salão, algumas pessoas entoavam belas melodias, ao som de um teclado, tocado por Murilo. Sentindo-se em paz, ela cerrou os olhos, embalada pelas belas vozes (mais tarde ela soube que Murilo tinha estudado música durante anos. Era ele o responsável pelo coral).

Às 19h30, com o salão repleto, as luzes foram diminuídas. Uma moça jovem iniciou a prece de abertura, depois o coral e os assistidos, entoaram junto o "Pai Nosso". As luzes voltaram a brilhar, a moça iniciou a preleção.

— Irmãos em Cristo, que a paz de Jesus nos envolva, hoje e sempre. Todos nós sabemos que fora da caridade não há salvação. Quando aportamos em uma casa espírita, geralmente, as primeiras vezes aqui chegamos pelas "dores", pelos problemas que a vida nos apresenta. Porém, na maioria das vezes, nós criamos os problemas — fez uma pausa. — Querem um exemplo? Quando compramos um carro, assinamos os papéis para pagarmos as prestações, saímos da revenda muito contentes, porém, na hora que chega o boleto do banco aí é que a coisa pega. Geralmente, quando sofremos é em consequência dos nossos próprios atos. Já sabemos que se a causa não estiver nesta vida, está nas vidas passadas. Mas, então, o que fazer? Bom, nós temos na oração, na prática da caridade as ferramentas para mudarmos. É muito bom virmos aos passes, mas se não mudarmos nossa cabeça, tomamos o

passa e logo ali fora vamos deixá-lo. O amor deve ser nossa regra de conduta. Em primeiro lugar, vamos amar a nós mesmos, vamos cuidar da gente. Se tivermos algum problema, não adianta ficarmos igual à hiena do desenho: "Ó dia, ó azar". Isto não vai resolver nada. Como vocês sabem os desencarnados que ainda não encontraram seu rumo, gostam muito de ficar ao nosso lado. Se nós baixarmos nosso "astral", vamos atrair para nós algum desencarnado com baixa vibração, assim como os atraem aqueles que estão no caminho da bebida, da droga e da maldade. Quando estamos envolvidos por irmãozinhos desencarnados às vezes sentimos certa tristeza e até depressão. Dá vontade de nos enfiarmos debaixo da coberta e não sair do leito. Quando sentirmos tristeza, vamos procurar nos alegrar, primeiro fazendo uma oração, depois pensando em coisas belas, ou mesmo saindo para dar uma volta. Podemos procurar um amigo para conversar, e até vir a um local de oração onde sempre há pessoas dispostas a nos ouvir — fez uma pausa. — Deus nunca nos dá o fardo maior do que podemos carregar, tenham a certeza disso. Podemos fazer a caridade, através do pensamento, palavras e atos. O nosso pensamento é muito forte, quando emitimos um pensamento bom para uma pessoa, estamos fazendo uma caridade. Agora, quando ficamos com raiva, e emitimos pensamentos ruins... Às vezes esse pensamento vai até a pessoa e como um bumerangue volta para nós. Nos livros do Luiz Sérgio ele sempre recomenda que para sermos bons cristãos temos que fazer nossa reforma interior, mudando nossas atitudes, procurando eliminar

nossos vícios e defeitos — fez uma pausa. — Nós não estamos, dizendo aqui, que devemos nos transformar em novo Chico Xavier, pois cada um de nós tem sua missão aqui na Terra, porém, vamos procurar resgatar o homem bom que temos dentro da gente...

Explanou mais um pouco e encerrou com vibrações de amor.

Gisele foi chamada para tomar o passe. Depois ficou esperando que os trabalhos terminassem, pois até Marlene estava em uma das salas aplicando passes.

Ao voltarem para casa, pronta para dormir, ela abriu O Livro dos Espíritos.

Pergunta 281 — "Por que os Espíritos inferiores se comprazem em nos levar ao mal?".

Resposta: Pelo despeito de não terem merecido estar entre os bons. Seu desejo é o de impedir, tanto quanto puderem que os espíritos ainda inexperientes atinjam o bem supremo. Querem fazer os outros provarem aquilo que eles provam. Isto não se dá também entre vós outros?

Gisele fez suas orações com fervor, pedindo a Deus uma tranqüila noite de sono.

No dia seguinte, Gisele e Murilo trabalharam a manhã toda. Depois ela pediu-lhe para que indicasse alguns livros espíritas. Murilo pegou um romance e também um livro que continha várias explicações sobre o lado de lá, o outro lado da vida. Conversaram tanto, que ficaram surpresos quando Lia Veio chamá-los para o almoço.

Após a refeição, Murilo, que tinha um compromisso na cidade, levou a mãe e a avó ao

condicionamento físico. Gisele aproveitou a folga para ler, pegou um romance de Emmanuel, psicografado por Chico Xavier, estava absorta com a interessante história, que se assustou quando bateram à porta.

Nair vinha avisar que já tinham voltado. Discretamente lembrou a ela que esta noite fariam o Evangelho no Lar.

Reunidos na sala para as orações, Gisele se lembrou que estava fazendo uma semana que chegara e ingressara naquela família. Uma família bem estruturada, alegre e que a tinha recebido com os braços abertos. Apesar de fazer apenas dias que ali estava ela sentia como se os conhecesse a vida toda.

Renata fez as orações iniciais. Depois Marlene abriu o Evangelho: Capítulo XVI — "Salvação dos ricos — 1— Nenhum servo pode servir a dois senhores, porque ou há de aborrecer a um e amar ao outro, ou há de entregar-se a um e não fazer caso do outro; vós não podeis servir a Deus e às riquezas. (Lucas 16, 13) (...) 11— Não podeis servir a Deus e a Mamom; guardai hem isto vós que sois dominados pelo amor do ouro, vós que venderíeis a alma para enriquecer, porque isso poderia elevar-vos acima dos outros e proporcionar-vos o gozo das paixões. Não, não podeis servir a Deus e a Mamom! (...) Mas qual é então, o melhor emprego da fortuna? Procurai nestas palavras: "Amai-vos um ao outro", a solução desse problema, pois nelas está o segredo da boa aplicação das riquezas."

Marlene explicou que Mamom era o deus da riqueza. Murilo teceu comentários sobre a ambição e o apego ao dinheiro, dizendo que Deus não condena ninguém

por ter recursos. Pelo contrário, todos devem procurar melhorar de vida e não ficarmos esperando as coisas caírem do céu. Porém, não convém ficarmos atrelados ao dinheiro e darmos mais valor a este do que à vida, à caridade, à família... Enfim...

Em seguida, pediu a Renata para que fizesse as vibrações. Fez as vibrações, pedindo as bênçãos de Deus para todos. Foi pedida a Gisele que encerrasse com o Pai Nosso.

Findas as orações, foram à copa saborear chá com biscoitos. Estavam em animada conversa quando foram interrompidos pelo som do telefone. Nair foi atender.

Ada estava informando que Dinho tinha melhorado bastante. Os médicos tinham esperança de dar alta na próxima semana. Porém, ela estava preocupada. Ao ir até o trabalho dele pegar uns documentos, encontrou entre suas coisas alguns bilhetes e cartões de mulher. Intrigada, ela interrogara um funcionário de confiança. Sim, dissera ele: corria um boato que Dinho havia se envolvido com uma moça, que sem mais aquela o abandonara. Parece que esse fato, aliado ao estresse, uma vez que ele era um tanto escravo do trabalho, tinha ocasionado a crise.

Quando Nair terminou de falar, Marlene olhou para Gisele e fez um pedido.

— Querida — disse ela à moça — se já terminou seu chá, seria muito eu pedir para que me ajude a deitar?

— Claro, dona Marlene, vamos lá.

— Vovó, pode ser que Gisele ainda queira ficar mais algum tempo conosco — disse Murilo.

— Bem, se ela quiser, eu espero para subir — olhou para os lados — afinal Nicky ainda não apareceu.

— Gisele parece ter conquistado todos aqui. Até a Sabrina abre um sorriso quando a vê — disse Renata.

— Sem falar no Boris — disse Murilo.

Escutando seu nome, o cão que estava deitado, quieto em um canto, emitiu um rosnado de satisfação. Ao chegarem ao quarto de Marlene, ela virou-se para a moça:

— Sabe de uma coisa? Sei que estou velha, mas ainda vejo as coisas, porém, quando teço algum comentário sobre Dinho, minha nora e meus netos saem em defesa dele. Mas com você eu posso conversar. Vamos nos sentar?

— A senhora quer que eu ligue a TV?

— Não — fez um gesto com a mão. — Hoje em dia eles só mostram tragédias. Sente-se, sente-se. Sabe, o Dinho é ávido por dinheiro. Ele e a Ada gostam de servir a Mamon. Acredito que Dinho deve estar desesperado para voltar ao trabalho. Tem medo de perder dinheiro. Imagine você, que com todos os problemas que a mulher dele enfrenta, ele acha tempo para arrumar namoradas — fez uma pausa. — Bem, sempre foi mulherengo, mas, pelo jeito a coisa agora foi feia! Desculpe minha querida, mas... Não sinto pena dele. Sabe? É bem possível que esteja envolvido por entidades negativas. A gente sabe que com a esposa ele... Bom, eles não são aquele casal apaixonado. Há muito tempo notei que ele mal a tolera, apesar dela ser ótima pessoa. Feiosa, é verdade, mas religiosa e correta, além de amá-lo muito.

— Por que a senhora crê que ele esteja envolvido com entidades negativas?

— Você sabe como é... A mulher dele é muito religiosa e quer levá-lo para a igreja e a última coisa que nossos irmãos menos esclarecidos querem é que a pessoa siga Cristo — olhou para a moça. — O sexo. É através do sexo que costumam afastar as pessoas das orações. Se a gente for espírita então... É bem pior.

— Do sexo? — Gisele estava confusa. — Como assim?

— De várias maneiras. Eles fazem a pessoa ter pensamentos, ham... Ter desejo, muitas vezes pela pessoa errada. Se um dos cônjuges é muito religioso, eles tentam ai afastar o outro através da paixão. Hi, eles têm muitos métodos. Você sabe, quando conseguem influenciar as pessoas eles, às vezes até participam do ato sexual e, bom, aproveitam tudo, tudo., Os bordéis, as casas noturnas onde rola sexo, droga e bebida estão cheios desse tipo de desencarnado.

— É mesmo? — Gisele estava surpresa.

— Sim — olhou firmemente para a moça. — Minha querida procure sempre se ligar com homens de bem. Homens que seguem a Deus, e dessa forma vai evitar muitos sofrimentos — bocejou.

Gisele se levantou.

— Já é hora de dormir — cantarolou. — Vamos para a caminha?

— Vamos sim, já vou me preparar — fez uma pausa.

— Obrigada, por ficar aqui comigo. Sabe, você é muito legal, vou adotá-la como neta. Tenha uma boa noite de sono.

A moça estava com a mão na maçaneta quando ouviu Marlene dizer:

— Ainda bem que meu neto é um homem honrado. Ele nunca daria mais valor a Mamon do que a Deus. Também dificilmente trairia a esposa. Feliz da mulher que com ele se casar.

Em seu quarto, Gisele ficou rememorando as palavras de Marlene.

— "Meu Deus, eu estava começando a fazer o Evangelho no Lar, com minha madrinha, estava pensando em ir ao Centro, será que... Será que fui influenciada por algum Espírito? Se eles gostam de nos afastar de Deus através do sexo, será que foi por isso que senti uma atração tão grande por César?"

Sem ter respostas para essas indagações, decidiu ligar a tevê. Estava passando uma comédia.

Acomodada em uma fofa poltrona, Gisele acompanhou o filme. Subitamente uma cena a fez rir. Confusa, levou à mão a boca. Sua própria risada soou-lhe estranha. Fazia tempo que não ria. Tinha estado triste, mas esperava com o tempo sentir-se melhor. Afinal, as tormentas também tinham seu fim.

Durante a madrugada, novamente sonhou com o ex-namorado. Parecia que uma força forte impedia que ele chegasse até ela.

Pela manhã, abriu a porta-janela, saiu na varanda, ficou contemplando a paisagem, uma onda de otimismo a invadiu, sentia-se muito feliz por estar no seio daquela família tão agradável.

Aliás, parecia que sempre fizera parte dela.

Capítulo 30

Surpreendente pedido

A semana passou sem novidades.

Gisele trabalhava no escritório. Tinha dias que havia mais serviço, outros menos, quando então eles conversavam bastam Ela se deu conta que Murilo era daqueles raros tipos de homem que sabiam ouvir. Ela levava também as senhoras ao condicionamento e ao dentista, quando então teve oportunidade de conhecer o consultório dos noivos. Uma tarde acompanhou Murilo à cidade, onde Boris foi receber suas vacinas.

Em seus momentos de folga, lia sobre a Doutrina Espírita e assim ia adquirindo um bom conhecimento espiritual. Antes de deitar, lia O Livro dos Espíritos, e através dele conseguiu dirimir muitas de suas dúvidas.

O sábado chegou e com ele o jantar de saladas e massas.

Pela manhã, Gisele foi perguntar a Renata e Nair qual tipo de roupa deveria comparecer.

— O jantar é considerado um acontecimento especial. Geralmente, os homens vão de terno e as mulheres de social — disse Nair.

— Se não estiver prevenida, eu posso emprestar alguma coisa — Renata fez a gentil oferta.

— Eu tenho algumas roupas. Será que poderia me ajudar, Renata? — na verdade ela tinha vários vestidos bons, mas... Queria evitar sair com Murilo com uma roupa que tinha usado no tempo do César.

Um delicado vestido verde-água, sem mangas, que tinha discreto decote em forma de V, foi aprovado por todos.

Pronta para sair, Gisele olhou-se no espelho. Virou-se de lá para cá e achou que estava bem. No pescoço tinha colocado uma correntinha de ouro com uma pérola. Adereço que ganhara de Letícia. Ao colocar os brincos, também de pérolas, lembrou-se da música: Brincos iguais ao colar... Ainda bem que não havia nenhuma ponta de um torturante bandeide em seu calcanhar. Rindo para si mesma, pegou a bolsa e desceu.

Murilo a esperava ao pé da escada. Ao vê-lo de terno, Gisele achou que ele estava "quase bonito".

— Gisele, você está muito bela! Acho que todos no jantar vão me invejarem — ele disse estendendo a mão para ela.

— Vamos?

— Onde estão os noivos?

— Renata já foi. Ela vai passar na casa dos sogros, pois vão juntos.

Saíram, sob protestos de Boris, chateado, por ter sido deixado de lado.

Ao chegarem, Murilo estacionou a van, pegou a bengala, desceu, deu a volta no carro, abriu a porta e a auxiliou a descer. Depois sorriu dizendo:

— Pronta para conhecer o pessoal? Aqui nós vamos encontrar todos os tipos de pessoas. Vamos?

Um pouco acanhada, Gisele se sentiu como se fosse entrar na arena.

Foram recebidos por um alegre casal de meia-idade, Olímpio e Carmem, organizadores do evento.

— Gisele! Que prazer conhecê-la... Temos ouvido falar muito bem de você. Venham, vou levá-los até sua mesa — disse Carmem.

A mesa a eles reservada (na qual só sentou o casal), era bem localizada. Ficava quase em frente ao palco, onde seriam realizados os sorteios e o bingo.

Durante o antepasto e o jantar (que estavam muito bons), vários amigos chegaram até a mesa, curiosos que estavam para conhecer a secretária de Murilo. Foi apresentada aos pais de Ronaldo, um casal muito simpático. Arlete, a mãe, era afro-brasileira, escura, de olhos cor de mel. Pedro, o pai, era mais claro.

Gisele e Murilo não tiveram muita sorte nos sorteios e nem no bingo. Arlete, em compensação saiu de lá com um belo edredom. Quando eles saíram, Sônia, que estava na porta, olhou para eles e disse a velha frase:

— Infeliz no jogo, feliz no amor. Murilo olhou para ela, pegou em sua mão.

— Vamos?

Na van, antes de dar a partida, disse:

— Se não estiver muito cansada, quer ir até a fonte luminosa? Parece que quando a noite está clara, ela fica ainda mais bonita. Bem, em minha opinião.

A fonte era realmente muito linda! Ficaram, assim como outras pessoas, por uns 15 minutos admirando a dança das águas.

De volta a van, Gisele notou que Murilo estava muito calado, seu rosto tinha uma expressão que ela não sabia definir. Perto da entrada do caminho que levava ao pesqueiro, ele parou no acostamento.

Tamborilou com os dedos, como se tocasse piano, na direção do carro. Olhou para ela sorrindo.

— Gisele, parei aqui porque quero conversar com você, sem interrupções. Por favor, não pense que tenho segundas intenções.

— Isso nunca me passou pela cabeça. — "Não agora que o conhecia melhor" — pensou.

— Bom, pigarreou, o que eu tenho a dizer é... É um pouco difícil, é sério. Nem sei como começar...

— Que tal pelo começo? — o que ele poderia ter para dizer que fosse assim tão sério? Será que lhe pediria algum favor? Meu Deus! Será que tinha alguma queixa e ia despedi-la? Estremeceu só de pensar nessa probabilidade. Procurou relaxar.

Ele começou a falar:

— Gisele, eu tenho 36 anos, o que vou lhe dizer nunca falei a mulher nenhuma. Eu gosto de você — olhou para ela. — Na verdade eu a amo. Amo-a como jamais imaginei amar uma mulher... Sua imagem, seu perfume, sua voz estão tão dentro de mim que nada poderá arrancá-los. Pensando bem, acho que comecei a amá-la desde o primeiro instante em que a vi. Você é a mulher dos meus sonhos — fez uma pausa. — Será que, será que... Poderia considerar a hipótese de namorar comigo? — falou aos borbotões, a voz saiu até um pouco rouca.

Gisele ficou muda e estática. Sabia que tinham muita afinidade, mas amor?

— Sei que talvez eu não mereça o seu amor, sei também, que tenho minha aparência contra mim. Se não quiser me responder, ou não estiver afim... Bem... — deu de ombros. — Podemos apagar tudo

isso — ficou olhando para frente. Depois se voltou para ela.

Por alguns instantes nada foi dito.

Então, Gisele respirou fundo.

— Eu, eu... Nem sei o que dizer. Murilo, você me pegou de surpresa — respirou fundo, novamente. —

Sobre aparências, isso importa para as adolescentes.

Você é muito charmoso — ela não estava mentindo.

— Tem sua beleza pessoal e sua luz, muito bela.

Agora... Sobre o namoro — olhou para o rapaz. —

Fui pega de surpresa — repetiu.

— Quer dizer que não me acha... Sem graça?

— Claro que não — mais controlada continuou. —

Mas nem sei o que te responder. Será que posso

pensar no seu pedido? Eu estou confusa. — Fez uma

pausa, passou a mão na testa. — Como deve saber,

vim parar aqui devido a um romance mal sucedido.

— Gisele, quem você amou, ou o que fez no passado

não me interessa. É passado. Tudo pode começar,

aqui e agora, se você quiser. Ou melhor: é claro que

pode e até deve pensar com calma no meu pedido.

Posso ter alguma esperança?

Rindo, ela respondeu:

— Talvez.

De volta a casa, estacionaram. Murilo olhou para ela:

— Por favor, pense no meu pedido — disse com sua voz bonita.

Em seguida, inclinou-se e lhe deu um rápido beijo nos lábios. Muito doce. Era algo novo e perturbador.

Na semi-penumbra ele sorriu, um sorriso cálido e agradável.

— Não sei como isto pôde acontecer comigo... Desde que a vi pensei que teria que fazer isso, mais cedo ou mais tarde.

— Me pedir em namoro?

Ele meneou a cabeça.

— Beijá-la.

A fragrância do ar era embriagadora, como se a natureza tivesse querido derramar no lugar todo o seu perfume.

Rapidamente ela desceu da van. Disse boa noite e foi em direção a casa, sem olhar para trás.

Nessa noite, Gisele dormiu muito bem, como há tempos não dormia.

Na manhã seguinte, após o café, Gisele colocou o chapéu na cabeça e saiu para ir dar sua caminhada. Encontrou Jota Ó, no lugar de costume. Beijaram-se.

— Estou louco para saber como foi o jantar de ontem — ele disse.

— Ah, foi muito bom. Serviram um antepasto muito gostoso. As massas, então! Precisei me controlar para não comer demais. Nós tomamos um vinho tinto suave, delicioso!

— E a sobremesa?

— Eles serviram sorvete. Aquele casal... Carmem e...

— Olímpio.

— Isso mesmo, é maravilhoso! Gentis, a toda hora vinham perguntar se faltava alguma coisa — continuou falando do jantar, por mais alguns minutos.

— Vocês ganharam alguma coisa?

— Bem, só umas coisinhas: lápis, vasinho de flor — ao falar, corou lembrando-se da observação de Sônia. — Nada de valor. Por que você não foi?

— Ah, não tenho mais idade para me empanturrar à noite.

Andaram um pouco, chegaram ao mirante. Ficaram apreciando a vista. Subitamente, Gisele se virou, olhou para o ancião:

— Jota Ó, Murilo me pediu em namoro. O que devo fazer?

— Murilo... O bom amigo. O que você tem vontade de fazer?

Ela riu:

— Estou pedindo um conselho.

— Se conselho fosse bom a gente vendia.

— Ah, por favor, não brinque! — olhou para a paisagem.

— Eu estou tão confusa! — passou a mão nos cabelos que o vento despenteava. — Acho que não estava esperando por isso — voltou-se para ele. — Me ajude, me aconselhe, como se o senhor fosse meu pai, por favor.

— Gisele, nossa vida às vezes toma um rumo diferente do que esperamos. Agora que já sabe dos sentimentos do Murilo cabe a você decidir o que quer fazer. Se fosse antigamente e seu pai viesse me pedir informações sobre ele, eu diria: mais bonito que ele, sua filha pode encontrar muitos, mais rico que ele também tem muitos, porém, bom como Murilo, ela não vai encontrar nenhum.

Ela sorriu:

— Bom como ele. Realmente, Murilo é muito bom, mesmo!

— Mas, você não o ama.

— Não sei... — balançou a cabeça. — Eu o estimo. Ele é muito simpático.

— Diz o poeta que simpatia é quase amor — fez uma pausa. — Sente alguma aversão por ele devido ao seu defeito físico?

— Não! Claro que não! Que pergunta!

— Não precisa ficar brava — fez uma pausa. — Que tal se você tentasse? Diga a ele que vocês podem fazer uma experiência. Saiam juntos, passem.

— Nós temos feito isso.

— Sim, eu sei, mas que tal, fazer como namorados?

— Será?

— Se você fosse minha filha, eu diria que Murilo é especial. Eu teria honra de tê-lo como genro.

A idéia de começar um namoro é boa, mas depois do que passei...

— Gisele, um homem é diferente do outro. Murilo faz parte dos corretos, dos sérios. Ele não brinca com os sentimentos das pessoas — sorriu. — Nós nunca ouvimos falar que tivesse tido uma namorada. E, vou dizer uma coisa, candidatas não faltaram.

— O senhor é um ferrenho defensor do meu patrão.

— E seu também, podes crer.

Em casa, Gisele guardou o chapéu, lavou as mãos e o rosto, e rumou para o escritório. Estava ligando o computador, quando Murilo assomou à porta, que dava para a varanda.

— Oi, fez uma boa caminhada? — ele perguntou, ao mesmo tempo, que tirava a mão direita das costas. — Para você, por conta do "talvez" — esticou para ela um ramalhete de flores do campo.

— Murilo! Que lindas! — Gisele sentiu algumas lágrimas virem aos olhos. Rapidamente as limpou. —

Muito obrigada! — com o ramalhete nas mãos disse:

— Precisamos conversar sobre o talvez...

— Quando quiser...

— Será que não temos serviço? — olhou para o computador.

— Nada que não possa esperar. Venha, vamos sentar. Deixe as flores sobre a mesa.

— Então? Como está o "talvez"?

— Murilo, como já sabe estou saindo de um mau relacionamento. Não sou... Bem...

— Já tenho experiência, já estive com...

Ele colocou o dedo sobre sua boca.

— Psiu! Não quero saber de nada. Esqueça isso.

— O rei morreu, viva o rei! É isso?

— Sim. Vamos conversar sobre o talvez.

— Certo, mas não nasci ontem, já vivi — fez uma pausa. — Bem, estive conversando sobre nós com Jota Ó. Se você soubesse o cabo eleitoral que tem!

— Hum... Que bom ter amigos. E o talvez? — perguntou com meiguice.

— O talvez... Talvez possamos começar um namoro, para nos conhecermos melhor — falou sem encará-lo. — Sem "aquele" compromisso — olhou para ele.

— O que acha?

Murilo pegou em sua mão, e a beijou.

— Você não imagina como estou feliz! Nesse nosso namoro, vamos poder sair juntos?

— Sim, com certeza — olhou para ele. — Que tal nos conhecer melhor?

— Eu tenho a impressão de tê-la conhecido durante toda a minha vida. Mas, respeito seu pedido.

Ele sorriu, depois a envolveu em seus braços e a trouxe de encontro a si, antes que ela pudesse esboçar um protesto. Assim que se sentiu abraçada, Gisele percebeu que não queria protestar. Nos braços

de Murilo, sentia-se no lugar mais seguro que já encontrou na vida. Teria ficado ali para sempre, se ele não a tivesse soltado.

— Desculpe. Vamos trabalhar? — perguntou com um sorriso nos lábios.

Durante o jantar disseram à família, que estavam fortalecendo a amizade para se conhecerem melhor. Por isso, iam começar a sair à noite, aos sábados e às vezes aos domingos.

— "Quem sabe tudo daria certo, quem sabe"... — pensavam Nair e Marlene, que em suas orações rogavam a Deus, por essa graça.

Letícia e Toninha que haviam sido informadas do "namoro", através de interurbanos, também faziam a mesma rogativa.

Capítulo 31 **Surpreendente descoberta**

Duas semanas depois, em um sábado, pela manhã, Murilo e Gisele, após terem ido verificar as obras no pavilhão, (que haviam tido início no dia seguinte ao jantar de massas e saladas), foram até o chalé, para se refrescar.

Estavam prontos para voltar a casa quando ele disse com voz rouca:

— Gisele — abriu os braços, ela se aninhou neles.

Ele a beijou nos lábios, a princípio com gentileza, depois com paixão. Gisele foi sentindo como se uma onda muito forte a envolvesse. A onda era forte e ao mesmo tempo suave. O chão pareceu lhe escapar

dos pés. Quando ele a abraçou com mais força, ela percebeu que naquele momento não queria estar em nenhum outro lugar do mundo. Ficaram juntos, compartilhando um momento muito especial e intenso.

Neste dia, chegaram um pouco tarde para o almoço.

Na quarta-feira seguinte, um dia bastante quente, Gisele entrou no escritório, ligou o som e embalada pela bela melodia vinda do aparelho, ligou o computador.

Antes de iniciar o trabalho, decidiu abrir seu e-mail. A provedora indicou que sua caixa postal estava 100% cheia.

— Puxa como posso estar com tantas mensagens?

Olhou os remetentes: Kyria, Valéria, Rita, alguns anúncios e... César! Diversas de César.

Gisele se jogou na cadeira giratória com tanta rapidez que esta se mexeu e quase a derrubou.

— Meu Deus! César me mandando e-mail. Eu pensei que eleja estivesse fora da minha vida.

Decidida, abriu as outras mensagens, deixando as dele de lado. Depois trabalhou até Murilo chegar. Ele puxou-a contra si, abraçou-a e beijou-a docemente. Em seguida, disse que, nesta noite não poderiam dar uma saidinha, pois tinha uma reunião no Centro Espírita na qual precisava comparecer, juntamente com Nair e Jota Ó, pois faziam parte da diretoria.

À tarde, enquanto Nair e Marlene dormiam a sesta, ela foi ao escritório pegar um livro para ler. O computador estava ligado. Meio com vontade, meio a contragosto, abriu o e-mail de César, com data mais antiga.

— "Gisele, amor, onde você está? Eu não consigo viver sem seu amor. Por favor, me mande seu endereço. Preciso vê-la, precisamos conversar. Assim que nos encontrarmos vou dar entrada no pedido de divórcio. Meu amor, eu não consigo viver sem você. Sabe que é tudo para mim. Desde que se foi eu não estive com mais ninguém. Sonho que estamos nos braços, um do outro e..."

— "Divórcio? Não. — Fez às contas nos dedos, Micaela devia estar com seis ou sete meses de gravidez. — Deixar um nenê nascer com os pais divorciados? Acabar com um casamento? Nunca!"

Decidida, excluiu todas as mensagens dele, sem ler.

Logo após o jantar, durante a sobremesa, Nair disse:

— Hoje à tarde, Ada me ligou. Disse que eles vêm para cá, vão chegar à sexta-feira. Já fizeram reserva na pousada.

— Quem vem, Dinho? — Murilo perguntou, enquanto levava uma colher de pudim à boca.

— Sim, com Ada e a mulher dele. Imagine que loucura, ela viajar naquele estado!

— O que ele vem fazer aqui? — perguntou com rispidez.

— Filho, faz dias que Ada falou que tinha vontade de vir, lembra-se?

— Dinho está com problemas, imagine se tiver algum surto, aqui.

— Bom, é nosso dever dar uma mão para ele.

Murilo suspirou.

— Não sei, não. Essa idéia não me agrada. Tem jeito de falar para ele não vir?

— Eu concordo com Murilo, nem ele, nem a mulher estão em condições de viajar.

— Vovó, os médicos devem ter autorizado — disse Renata.

— Os médicos do meu tempo não teriam deixado. Mulher grávida tem que fazer repouso.

— Vovó, do seu tempo para cá as coisas mudaram.

— Certo, mas não mudaram tanto assim. Uma mulher grávida deve fazer repouso, ainda mais quando tem problemas — disse Marlene, enquanto levava um bago de uva à boca. — Acho que ela não vai querer ter novamente um aborto.

— Sei lá, vai ver ela quer acompanhar o marido, afinal, Dinho teve estafa. Não entendo por que vocês não querem que venham — disse Renata.

Gisele que não participava da conversa também não estava entendendo.

— Só falta o nenê nascer aqui — disse Marlene.

— Vovó, vire essa boca pra lá! — disse Renata. —

Bom, pessoal, vou me arrumar. Ronaldo e eu vamos ao aniversário da Aline, nossa secretária.

Marlene se levantou, pegou Nicky, que estava se enrolando em suas pernas, no braço:

— Bom, já que todos vão sair, Gisele e eu podemos aproveitar o tempo conversando. Você fica comigo em meu quarto?

— Está certo — por não estar se sentindo muito bem, desde a tarde tinha uma leve dor de cabeça, preferia ir se deitar, mas enfim... — Enquanto a senhora assiste ao capítulo da novela vou ajudar com a louça, depois subo para a gente conversar.

Levou a mão à testa.

— O que foi? — Murilo perguntou.

— Nada, uma dorzinha de cabeça.

— Também, com o calor que está fazendo, não há quem não sinta um pouco de mal-estar - disse Renata.

Dorzinha, ou não, o namorado fez questão de dar um comprimido a ela.

Sabendo que a novela ainda ia demorar uns 40 minutos, ela tocou Nair da cozinha, ajeitou a louça na máquina, pôs ordem em tudo. Esperou todos saírem, subiu. Bateu de leve na porta, não houve resposta, girou a maçaneta e entrou. Marlene estava na cadeira de balanço dormindo, com Nicky no colo, enquanto a tevê exibia o capítulo da novela. Sem fazer ruído, sentou-se em uma poltrona, cujo estofamento era fofo demais. Afundou.

O quarto de Marlene era — como os outros cômodos da casa — bastante amplo. Além da cama e do guarda-roupa, lá estavam alguns móveis que ela trouxera de sua casa na cidade, quando ficara viúva e viera morar com a nora. Quando a novela terminou e entrou o noticiário, local a senhora acordou. Esfregou os olhos, viu a moça.

— Puxa, pedi para você vir aqui e dormi. Sabe como são os velhos — disse sorrindo. Antes que ela respondesse, continuou. — Viu só? O Dinho vem para cá — balançou a cabeça. — Só espero que não traga confusão.

— Por que traria confusão?

— Ah, sei lá. Quando eles eram menores, todas as vezes que Murilo operava a perna, ele ficava fazendo caçoada. Sempre que podia dizia ser ótimo jogador de futebol. Ele é casca de ferida. A atitude do meu neto, durante o jantar, mostra que também não está

aprovando a vinda deles. Estou meio apreensiva, coisas de velha, sabe né?

— Está com medo que o nenê nasça aqui?

— Não é isso, aqui na Santa Casa também nascem prematuros. Não, estou cismada, mas nem sei com o quê.

— É verdade, em todo lugar nascem crianças prematuras. A filha da minha madrinha teve bebê com oito meses de gestação, lá em Fortaleza, e correu tudo bem.

Ficaram por alguns minutos vendo o noticiário e quando acabou Marlene perguntou:

— Sua dor de cabeça passou?

— Não de todo, mas já tomei um comprimido.

— Acho que está querendo ir se deitar. Será que antes de ir, poderia pegar os álbuns de fotografias para mim? Eles estão no armário, ali no maleiro.

Gisele abriu a porta do armário, esticou o braço e pegou os álbuns. Pensando que ainda era cedo, e que ficaria chato deixar Marlene sozinha, voltou a se sentar na poltrona. Afundou.

A senhora abriu o álbum, virou algumas folhas, mostrou fotos do marido, do filho. De repente, falou:

— Veja querida, aqui está uma foto do Dinho com o Murilo, olha como o danado é bonito.

Gisele viu, viu o que no fundo, bem no fundo de si desconfiava: César Alexandre, o Xandinho, ou Dinho — com o braço sobre o ombro de Murilo, olhava para a câmara, exibindo seus belos olhos azuis. Afundada na poltrona, a voz de Marlene parecia vir de longe. De repente, a senhora parou:

— Gisele, o que foi? Você está pálida.

Sua vista nublou-se, a figura de Marlene agigantou-se e vacilou ante seus olhos. Tentando se controlar, devolveu o álbum. Levou a mão à cabeça, depois segurou nos braços da poltrona. Levantou-se com dificuldade.

— Dona Marlene, minha dor de cabeça piorou. Posso ir me deitar?

— Claro querida. — Levantou-se, colocou Nicky no chão — vamos, eu a ajudo a se preparar.

Sentindo o estômago embrulhado, ela correu para o banheiro, vomitou. Depois, lavou a boca para tirar o gosto ruim.

— Gisele, posso ajudar em alguma coisa? Quer um antiácido? — perguntou Marlene.

— Não — passou a mão no estômago. — Agora vou ficar melhor — tentou sorrir. — Obrigada. Pode ficar tranqüila, vou me deitar. Boa noite.

— Tem certeza de que não precisa de mim?

— Tenho sim, dona Marlene. Obrigada! — passou a mão na testa. — Vou me deitar. Preciso descansar. Boa noite.

Em seu quarto, acocorada na poltrona, sentia doer o coração, a garganta, os olhos. Abraçou a si mesma, na consoladora postura de feto. Naquele momento, mais do que nunca, desejava ter por perto uma mãe para conversar.

Mais tarde, deitada na cama, Gisele, após ter chorado bastante, virava-se de lá para cá sem conseguir pegar no sono. Nem sequer orar tinha conseguido. Escutou um barulho, o pessoal tinha voltado. Dali a pouco bateram em sua porta.

— Gisele? — Murilo abriu a porta. — Você está bem? Não sei por que fiquei preocupado. Não gostei de tê-la deixado aqui.

Murilo sentou-se na cama, acendeu o abajur.

— Por favor, me abrace. Assim, me abrace.

Ele a apertou forte. Depois deu um beijo em seus cabelos e a soltou.

— Gisele, você está tremendo. O que foi?

— Eu não sei — levou a mão na cabeça. — Estou com dor de cabeça. Meu estômago embrulhou, vomitei.

— Meu amor, vou buscar uma xícara de chá com outro comprimido. Volto em um minutinho.

Gisele ficou pensando: "Devo falar com ele sobre César? — preciso conversar com Jota Ó".

Estava imersa em seus pensamentos, quando Murilo e Nair voltaram com o comprimido e o chá.

— Gisele, dona Marlene disse que você não passou bem. Também, com o calor que está fazendo! Quer que fiquemos um pouco aqui?

— Sim, por favor! — tomou o comprimido, com alguns goles do chá. — Esticou a mão, pegou a de Murilo.

— Querida, já fez as orações?

Ela negou com a cabeça.

— Vamos então orar para que seu anjo da guarda ajude a melhorar seu mal-estar. Quero ver sempre aquele sorriso neste rostinho bonito — Murilo falou com doçura.

Mais tarde ela ouviu Renata chegar e Nair contar o ocorrido.

— Também sua avó tem a mania de deixar aquele quarto fechado e ainda por cima gosta de ficar

amolando os outros com aqueles velhos álbuns de fotografias.

— Ah, mamãe, deixa ela. Afinal, vovó tem idade e muitos idosos se alimentam das saudades.

No dia seguinte, assim que Jota Ó a viu, disse:

— Gisele! O que aconteceu? Está pálida e com olheiras!

— O senhor nem sabe o que descobri, ontem à noite: César Alexandre é o Dinho!

— César Alexandre, o seu ex-namorado? É o Dinho? Bem... Como descobriu?

— Eu vi a foto dele no álbum da dona Marlene e até passei mal.

— Alguém mais sabe?

— Eu não comentei com ninguém na casa. Mas por incrível que pareça, minha mãe me ligou hoje cedo no meu celular e contei-lhe tudo.

— E ela?

— Ela sugeriu que eu falasse com o Murilo — fez uma pausa. — O pior é que ele vem para cá, chega amanhã! — disse com voz velada.

— Vamos procurar ter calma. Conte para mim direitinho, tudo o que aconteceu.

Após ela ter narrado os fatos, Jota Ó procurou acalmá-la e com muito tato sugeriu que seria bom Murilo saber de tudo.

— Agora quero fazer uma pergunta: será que a vinda dele vai atrapalhar seu namoro com Murilo?

— O senhor quer saber se ainda gosto dele? Não. Não gosto mais.

— Está certa disso?

— Es... Estou. Murilo e eu estamos... Nós estamos bem!

Jota Ó, notou um brilho especial em seus olhos, quando ela falou do namorado.

Após o almoço, Gisele ia começar a trabalhar quando seu celular tocou. Era Murilo, que pedia sua presença no pavilhão, queria uma opinião sobre a cor de uma das paredes.

Montada na égua calma, que Marião selara, rumou para lá.

Depois de decidirem sobre a cor, ao sair, ela ficou olhando a bela construção agora, quase totalmente recuperada.

— Então, ainda tem sentido o fantasma de Geny, aí dentro? — Murilo perguntou.

— Não. Eu estava pensando em outra coisa; você disse que o Michel foi criado pela Geny, por que não pela avó? Se ele ficou com o dinheiro do pai, então Rafael o reconheceu como filho?

— Não, Rafael não o reconheceu. Dizia que Anabela era mentirosa, parece que até certa ocasião tentou matá-la.

— Não queria ter filhos com a criada?

— Isso mesmo. Ele ficou com o dinheiro, porque o pai morreu sem deixar herdeiros, e a fortuna ficou para Pedro, que a passou para o sobrinho. Quanto à avó, ela era muito católica, jamais perdoou o erro da filha. Dizia que Anabela tinha morrido de parto, devido a um castigo de Deus. Dizia ter vergonha da filha e do neto, pois eles eram pobres, porém corretos. Nunca antes na família tinha havido um caso de filho nascido fora do casamento.

Ela sorriu.

— Hoje em dia se as mães fossem se preocupar com isso... Geralmente, as filhas arrumam crianças e deixam para as mães cuidarem.

Abraçados, foram para o chalé, onde se entregaram ao amor.

Enleada no aconchego de Murilo, Gisele estava criando coragem para falar sobre César/Dinho.

— Murilo, eu... — olhou para ele. — Eu preciso contar uma coisa muito importante.

— Hum... Coisa importante? Agora? Que tal deixarmos para depois?

— E muito importante, é sobre meu ex-namorado. Eu...

Murilo levantou-se da cama. Esticou a mão para ela.

— Gisele, deixe-o para lá, deixe-o no passado. Vamos tomar um banho na piscina da pousada.

— Espere — disse enquanto ele a içava da cama. Precisamos conversar.

— Ah, outra hora. Estamos tão bem aqui, só nós. Vai, minha querida, vamos até a piscina. Ali no armário tem alguns biquínis da Renata — olhou para ela. — Eles devem lhe servir. Eu vou me arrumar — virando as costas foi para o banheiro.

Durante o resto do dia, todas as vezes que tentava falar sobre César, Murilo desviava o assunto. Apreensiva, não sabia o que fazer: César/Dinho chegaria no dia seguinte à pousada.

Capítulo 3

Preocupações de Gisele

Com a descoberta de que Dinho era César e que logo estaria na pousada, Gisele precisou recorrer a toda sua força de vontade para não perder a serenidade que os passes e as orações lhe davam.

Na sexta-feira, estava se encaminhado ao escritório para trabalhar (não tinha sido possível caminhar devido ao chuvisqueiro de primavera), quando notou a Bíblia Sagrada, de Nair, em cima do aparador.

Abriu, ao acaso: João 2, 23-25 - "Estando em Jerusalém pela festa da Páscoa, muitos creram no seu nome, vendo os milagres que fazia. Mas Jesus não se fiava neles, porque os conhecia a todos, e porque não necessitava de que lhe dessem testemunho de homem algum, pois sabia por si mesmo o que havia em cada homem".

— Que bom seria se todos nós soubéssemos o que há em cada pessoa só de olhar para ela — pensou.

— Neste mundo, a maioria das pessoas tem duas caras. Ah, mas Murilo é íntegro. Seus olhos traduzem o bem que há em seu coração.

Estava a algum tempo digitando no computador, quando Murilo, adentrou a sala. Desde a hora do café da manhã, notara que ele parecia preocupado.

— Querido, você parece tenso. Está com algum problema? Como já lhe disse, precisamos conversar.

— Gisele, meu amor! — as palavras ditas por ele pareciam muito doces. — Eu tenho que resolver uns assuntos, mas... Como sabe não podemos interferir no livre-arbítrio das pessoas. Infelizmente, não posso ficar aqui com você, me esperam nos vinhedos — aproximando-se a beijou. — Até à hora do almoço.

— Murilo, espere, eu... Bem, o pessoal que vem de São Paulo vai ficar no chalé?

— Não. Eles são Vips, reservaram na pousada duas suítes especiais.

— Você tem idéia de quanto tempo vão ficar na pousada?

— Não, por quê? — perguntou com certa rispidez, franzindo a testa.

— Por nada — deu de ombros. — Por favor, arrume um tempo para conversarmos.

— Ta, mais tarde. Tchau.

Acompanhou-o com o olhar, pensando que ele tinha alguma preocupação séria, que não queria compartilhar com ela. E o que tinha querido dizer quando mencionara o livre-arbítrio?

Durante o almoço, Gisele soube que os parentes tinham chegado.

Tentando vencer sua ansiedade, levou Marlene e Nair à cidade, para o condicionamento físico. Enquanto as esperava, viu o carro de César estacionado na praça; com o coração batendo fortemente e procurando não ser vista, entrou no mini-shopping. Mas qual, ele estava na pequena área de alimentação, conversando com Arnaldinho, que ao que parecia não dispensava o chapéu.

Gisele entrou na loja de jornais e revistas, de onde pôde observá-lo, sem ser vista. César parecia bastante abatido e alguns quilos mais magro. Depois de uns dez minutos, ela saiu "de fininho", caminhando em sentido contrário ao que eles estavam.

Ao chegar a casa, soube que eles, logo mais, após o jantar viriam até lá. Ela estava pensando em dar uma desculpa e subir para seu quarto, mas Murilo

dissera que queria mostrar a todos sua bela namorada.

Tentando manter o equilíbrio, Gisele foi para o banho. Estava pensando que roupa colocar, quando seus olhos caíram em uma mensagem que tinham lido no Centro, e que estava sobre a cômoda: "Nos instantes difíceis: Nas dificuldades do dia-a-dia, esqueça os contratempos e siga em frente, recordando que Deus esculpiu em cada um de nós a faculdade de resolver os nossos próprios problemas. A vida é aquilo que você deseja diariamente. Olvide ofensas e desgostos, tribulações e sombras e continue trabalhando quanto puder no bem de todos, recordando que o tópico mais importante de seus caminhos será sempre servir." (...) André Luiz

Deixando a mensagem de lado, colocou um vestido que tinha comprado após o rompimento com César. Queria evitar tudo o que pudesse causar alguma lembrança.

Fez uma prece e desceu.

Ali pelas 8h 15, eles chegaram. A primeira que entrou foi Ada: uma mulher bonita e conservada. Em seguida, Micaela e depois César.

Após os cumprimentos, Murilo puxou Gisele, que estava mais atrás, fora do círculo familiar, pela mão:

— Pessoal: deixem apresentar a vocês, nossa secretária e, principalmente, minha namorada.

— Namorada? Que bom Murilo! Sempre nós nos perguntávamos quando você ia decidir se casar — disse Ada ao beijar a moça.

— Como vai? Micaela, parecendo distraída, fez um cumprimento com a cabeça.

Durante os segundos que se passou, César nada disse, muito pálido, apenas olhou fixamente para ela. Em seguida, exibindo um sorriso debochado, estendeu a mão.

— Como vai? — apertou fortemente a mão dele, olhou para Murilo

O coração de Gisele disparou, sentiu que o fôlego lhe faltava.

— Então, meu primo que nunca conseguia ninguém, arrumou uma bela namorada? — olhou-a de cima abaixo com o olhar. — Cuidado, pode haver outros homens mais atléticos de olho nesta mulher — percorreu com o olhar o corpo de Murilo, parando na perna defeituosa. — Mas, mesmo assim, parabéns. Certamente ela não faz questão de dançar.

— Dinho! Isso são modos de cumprimentar a moça? Ada ralhou.

— Ora, mãe, eu estou falando a verdade. Todos sabem que Murilo é limitado — voltou a olhar a perna do primo com certo desdém. — As moças nunca... Como direi... Nunca olharam para ele.

— Dinho! Eu nunca vi você ser tão sem modos. O que a moça vai pensar da gente?

— Sabe que também quero saber a resposta para essa pergunta? — olhou para Gisele. — E então, o que me diz? Garanto que vai me dar razão.

Gisele levou alguns segundos para recuperar o fôlego, teve vontade de socá-lo. Porém, pedindo licença, deu meia-volta e rumou para a cozinha, onde se serviu de um copo de água com açúcar. Deu a si mesma alguns minutos para se recuperar. Ergueu a cabeça e rumou para a sala de visitas, onde Ada pedia desculpas pelo filho, dizia que precisava

desculpá-lo, afinal, Dinho tinha tido uma grave crise de estafa.

Micaela, parecendo entediada, examinava as próprias mãos, como se elas fossem novas e interessantes. Às vezes, acariciava o protuberante ventre.

Marlene não fazia questão de se mostrar interessada no relatório que Ada fazia sobre a crise do filho.

Nair balançava a cabeça e olhava para o sobrinho pensando: "Coitadinho, como sofreu!".

Renata e Ronaldo conversavam baixo, entre si.

Murilo, assim que viu Gisele, disse:

— Vocês vão me dar licença — olhou para Dinho. — Primo, você tem razão, minha namorada é preciosa demais, vou convidá-la para sair, quero evitar que algum outro a roube de mim — olhou para ela. — Amor, vamos dar uma volta?

Fora, o tempo estava ameno, o céu estava nublado. Acompanhados por Boris, eles foram caminhando até a beira do rio. Sentaram-se no banco que ficava sob o salgueiro chorão.

— Então, querida, o que achou da minha família?

— Eu? Eu... Não tive tempo de conhecê-los bem, mas parecem simpáticos. A moça me pareceu muito gorda para uma grávida que já sofreu abortos.

— Ela sempre foi gordinha. Minha tia quase não tem conversa a não ser falar sobre Dinho.

Murilo passou a mão sobre os seus cabelos, numa carícia desajeitada, que a enterneceu, fazendo lágrimas virem aos seus olhos. Ele a puxou contra si. O contato com seu corpo era consolador. De boa vontade, encostou a cabeça em seu peito largo,

tentando não pensar em nada. Ele tirou um lenço do bolso e lentamente procurou enxugar-lhe as lágrimas. Tentando se recompor falou com a voz embargada:

— Murilo, precisamos conversar sobre um assunto muito importante. Eu...

— Querida, parece que vai chover. Vamos para casa.

— Mas eu preciso...

— Depois — seu tom de voz não admitia réplica.

Começou a chover e a água fina e fria empapava seus rostos e suas roupas. Ao chegarem a casa, as visitas haviam ido embora. Micaela estava com dor de cabeça.

No sábado, Murilo convidou Gisele para ir a uma Festa de Peão de Boiadeiro, na cidade vizinha, onde pernoitariam. Não era lá um grande programa, mas tinham feira e exposições, inclusive de vinho e queijos, à qual Murilo queria comparecer.

No domingo à noite, quando voltaram, Gisele percebe que a débil chama que a queimava por dentro, desde que estavam namorando, se inflamou e transformou em labareda. Agradeceu a Deus ter encontrado Murilo.

Na segunda-feira pela manhã Gisele levantou cedo. Antes do café da manhã foi até a pequena cascata onde borrifos d'água molhavam-lhe a face. Nem durante o passeio do final de semana, conseguira conversar com Murilo, sobre seu ex-namorado. Erguendo a mão, limpou o rosto molhado talvez dos pingos d'água que vinham da cascatinha.

Mais tarde, ao caminhar com Jota Ó, contou os acontecimentos do final de semana.

— E então, o que sentiu ao se encontrar com Dinho e família?

— Jota Ó, às vezes a gente se engana. Ele é muito bonito, mas... — fez um gesto com a mão. — Murilo lhe é superior em tudo!

O ancião olhou para ela fixamente.

— Fico contente que tenha percebido isso.

Gisele esticou a mão direita:

— Nós decidimos ficar noivos e enquanto não temos a aliança de ouro, vamos usando essa de prata. Quer ver? — tirou-a do dedo. — Nós mandamos gravar nossos nomes. Ah, também ganhei este chapéu e estas botas em estilo country.

— Como você se sente? — ele olhou a aliança e a devolveu. — Tem feito suas orações?

— Eu me sinto bem, feliz — fez uma pausa. — Mas, tenho medo do César ficar fazendo graça e dando indiretas para meu noivo. Não consigo conversar com Murilo sobre o assunto. Sempre que tento, ele desvia a conversa. O que devo fazer?

Andaram um pouco. Ele parou.

— Há pessoas que não sabem perder. Dinho foi muito mimado por Ada, sempre teve praticamente tudo o que quis. Dizem que a esposa não sabe o que fazer para agradá-lo. Tenha paciência. Murilo, provavelmente, não quer pensar que você teve outro. Tem feito as orações? — perguntou de novo.

— Bem, não tenho orado o tanto que costumo, mas hoje vou tomar passe — fez uma pausa. — Jota Ó, você não me pareceu surpreso quando lhe contei que

Dinho e César eram a mesma pessoa. Será que você já sabia?

— Bom... Na verdade, eu estava desconfiado. Quando me falou sobre ele, juntei os pontos e pensei que podia ser a mesma pessoa.

— Por que não me falou?

— Eu não tinha certeza e não achei oportuno preocupá-la ainda mais — olhou para o céu. — É melhor voltarmos para casa, pois vai chover.

— Jota Ó, antes de voltarmos, eu quero lhe fazer duas perguntas.

— Pois não.

— Lembra-se de que minha mãe me ligou, no dia seguinte quando eu soube que César e Dinho eram a mesma pessoa?

— Sim.

— Então, quando eu soube, senti muita vontade de ter uma mãe por perto para conversar. E à noite sonhei com a Toninha.

— Gisele, as pessoas que nos amam, de uma forma ou de outra sempre estão ligadas a nós. Ao que sei sua mãe se preocupa com você. Então, realmente, vocês devem ter se encontrado, em Espírito, durante a noite.

— Hum... Sei. Bem, tem outra coisa: sabe o Everaldo? Desde que o vi senti uma ternura por ele. Uma ternura diferente da que sinto pelos seus irmãos. Parece que já o conhecia há anos. O que será isso?

— Creio que você mesma já deu a resposta: provavelmente se conhecem de outras vidas. Bem, vamos correr que agora realmente a chuva começou.

Gisele estava entretida com seu trabalho, quando Boris adentrou o escritório, através da porta que dava

para a varanda e deitou aos seus pés. Ela abaixa-se e o acaricia.

— Então, meninão, tudo bem? Andou namorando muito durante o final de semana? — Perguntou à meia-voz. — Veio me ver trabalhar? Ou veio se abrigar da chuva?

Ouviu um ruído: César estava encostado à moldura da porta, que dava para o terraço. Com os braços sobre o peito ele veio caminhando em sua direção, exibindo um sorriso de escárnio nos lábios.

Gisele sentiu-se paralisada, parecia que tudo parava de repente: o tique-taque do relógio o ritmo da sua respiração e até o bater da chuva no chão do pátio. O som de uma porta batendo a tirou da letargia. Rapidamente, se levantou:

— O que você está fazendo aqui? Este escritório é particular.

Ele nada disse. Aproximou-se e agarrou-a pelos braços.

— Aqui não tem nada particular, aquele capenga, nada tem — disse com a voz rouca e os olhos desmesuradamente abertos. — Vim aqui para ver você. Faz tempo que a procuro, e você estava escondida aqui, com esse imbecil. Virei o mundo atrás de você, fiz até papel de bobo quando perguntei se alguém na revenda sabia do seu paradeiro. Mirtes me disse que você havia arrumado um emprego no interior, mas ela não sabia aonde. Procurei, procurei, até que para minha surpresa, vi ontem o seu carro estacionado na praça. Juntei os fatos: tia Nair disse para minha mãe que o idiota do Murilo estava namorando a secretária, uma tal de Gisele, então percebi que era você. Mas, isso agora vai ter fim, vou

levá-la comigo — tentou puxá-la contra si. — Que argumento esse capenga usou para fazê-la me deixar? Por que me deixou por um homem pela metade?

— Me larga, me larga, senão eu grito.

Boris deu uns latidos e começou a rosnar.

César olhou para o cachorro e soltou-a. A porta às costas de Gisele foi aberta.

— O que vocês estão fazendo? — Murilo perguntou com rispidez. Chegando junto de Gisele, colocou o braço em seus ombros. Ao mesmo tempo em que mandava Boris ficar quieto.

— Nada! — César deu de ombros. — Vim conversar com sua namorada. Sabe que as mulheres não me resistem — olhou para a moça com desdém. — Mas o cachorro me estranhou.

— Muito bem, podemos conversar os três.

— Não, pode deixar, vou dar umas voltas. Vou caminhar, ou melhor, vou praticar uma boa corrida. Você se lembra né, que eu era um dos melhores corredores de Mirante?

Novamente, Gisele teve vontade de socá-lo.

— Sim, eu me lembro - Murilo respondeu, dando um suspiro. - Então, vá correr para não perder o pique.

— Estou indo. Ah, sim, lembre-se de que quando ponho os olhos sobre uma mulher ela não resiste.

— Primo, tudo nessa vida tem a primeira vez.

— Cretino! — falou entre dentes. — Depois disse em voz alta — cuida da sua noivinha, ela pode mudar de idéia. — Virou as costas e saiu.

Após ele haver saído, disse à noiva:

— Desculpe ter deixado a porta aberta — olhou para ela. — Não convém ficarmos a sós com pessoas que sofreram crises.

— Murilo, ele é... Foi ele que...

Vindo de fora, Everaldo assomou à porta.

— Bom dia, Gisele, esta semana, vai ter aulas praticamente o dia todo, assim não vai dar para estudar inglês.

Procurando se acalmar, respondeu:

— Está certo. Na semana que vem vamos estudar dobrado! — ela disse meio que brincando.

Depois que o rapaz saiu, Murilo disse que o almoço estava servido.

— Já está pronto? Eu preciso conversar com você!

— Querida, venha, vamos almoçar.

— Eu quero falar com você, é importante.

— Não, agora não — inclinando-se, beijou-a lentamente nos lábios. — Deixe para depois, por favor.

A tarde transcorreu tranqüila. Murilo deu um jeito em seus negócios e acompanhou a noiva e as senhoras ao condicionamento.

À noite foram ao Centro. César e sua família foram convidados, mas não quiseram ir.

Capítulo 33

Seqüestro

No Centro, Gisele sentou-se no salão onde se encontravam poucas pessoas por ser ainda cedo.

Enquanto esperava, leu a mensagem que recebera na entrada:

"Aprendizado — Emmanuel — Livro — Visão Nova: "O homem físico está sempre ligado ao seu pretérito espiritual?"

— Já que a maioria das criaturas humanas se encontra em lutas expiatórias, podemos figurar o homem terrestre, à maneira de alguém a lutar para desfazer-se do seu próprio cadáver, que é o passado culposo, de modo a ascender para a vida e para a luz. Essa imagem temo-la na semente do mundo, que para desenvolver o embrião cheio de vitalidade e beleza, necessita do temporário estacionamento no seio lodoso do solo, a fim de se desfazer do próprio envoltório, crescendo em seguida, para a luz do sol e cumprindo a própria missão enfeitada de flores e frutos".

"Que mensagem interessante! — pensou. — Acho que precisamos sempre lembrar que geralmente temos contra o nosso próprio passado. Não sei quem fui, ou o que fiz, mas... Tive uma atração tão grande por César, que às vezes penso que já o conhecia de outra vida. Atração fatal! — riu dos próprios pensamentos. — Ainda bem, que encontrei Murilo, quero me esforçar para fazê-lo feliz."

Na hora aprazada, os trabalhos tiveram início.

Izildinha, a moça que estava fazendo a preleção, falou sobre o perdão, a reparação dos nossos erros de vidas passadas e sobre o "ser verdadeiramente espírita". Ou seja, seguindo as palavras do Mestre Jesus, nós seremos conhecidos pelo tanto que nos amarmos.

Gisele tomou o passe e ficou aguardando a turma sair, após o término dos trabalhos.

Em casa, enquanto tomavam chá, na cozinha, Marlene, que devido à idade estava um pouco esquecida, levou a mão à testa.

— Pessoal, esqueci minha bolsa no Centro. E agora?

— Ah, ela está em boas mãos, vovó — disse Renata.

— Na bolsa tem alguma coisa que a senhora precise para hoje? — Gisele perguntou.

— Não, só tem minhas coisinhas. Ah, tem um remédio que vou precisar tomar amanhã à tarde.

— Bem, se quiser, amanhã, após o almoço, eu vou lá buscar.

— Gisele! Você me faria esse favor?

— Claro.

— Ah, querida, você é uma moça especial. Estou tão feliz por Murilo tê-la encontrado!

Ao fechar a janela, para se deitar, Gisele notou que no pátio Boris parecia inquieto. Firmou a vista: teve a impressão de ver um vulto, junto às árvores. O cachorro começou a latir e rosnar.

Durante a madrugada, um ruído a acordou, pensou em abrir a janela, mas dando de ombros, virou-se na cama e voltou a dormir. Teve sonhos escuros e confusos.

Ao se levantar, abriu a janela. O sol matinal entrou no quarto, provocando luz e sombra na parede. Saiu no terraço e ficou contemplando o belo jardim. Respirou fundo, várias vezes, espreguiçou-se.

Corou ao notar que no pátio, Murilo, com os braços cruzados, olhava para ela com um cálido sorriso.

— Ó preguiçosa, venha tomar café — disse ele.

Lia, durante o desjejum, disse que Marião tinha ouvido Boris latir muito. Ele saiu para ver o que estava acontecendo e viu o Sr. Dinho que ficara praticamente a noite toda andando pelos arredores da casa. Dava a impressão de não estar nada bem. Chegava mesmo a falar sozinho.

Gisele sentiu um arrepio percorrê-la de cima abaixo.

Ao sair para caminhar, olhou para os lados, antes de pegar a trilha que levava à estrada. Nada viu de suspeito.

Jota Ó, após cumprimentá-la, disse:

— Outro dia, eu achei que Dinho estava com uma aparência ruim. Olhos congestionados, carrancudo, você, o que achou?

— Ele me parece alterado. Será que está envolvido por algum obsessor? — fez uma pausa. — Ontem entrou no escritório enquanto eu trabalhava. Tive a impressão que ia me agarrar.

— Meu Deus! Como foi?

— Bem, entrou pela porta que dá para o terraço, porém, por sorte, Boris que estava lá, latiu. Murilo apareceu e me livrei de um problema — fez uma pausa. — Eu não consegui, ainda, contar os fatos. Parece que ele evita o assunto — suspirou. — Além de tudo, César, desde que chegou, fica dando indiretas sobre... Sobre o problema do Murilo.

— Indiretas? Mais essa?

— Sim. Ele fala que vai correr, e chegou a dizer, assim que me viu com Murilo, que... É só uma questão de tempo e vou ficar com ele. Além disso,

hoje cedo Lia disse que ouviu falar que César ficou a noite toda andando por lá, rondando a casa.

— Foi é? Xi... Isso não é bom.

— Quando fui fechar a janela, acho que ele estava olhando para o meu quarto. Sabe? Durante a noite, tive a impressão de ouvir algum ruído, como se alguém estivesse jogando pedrinhas em minha janela.

— Será?

Andaram um pouco em silêncio. Quando voltaram à entrada do pesqueiro, Jota Ó, pegou na mão dela.

— Gisele, eu quero que fique atenta. Realmente, penso que Dinho não está bem. No domingo à tarde, Giovane e Tônico — este último é o dirigente da Escola de Aprendizes do Evangelho — estavam tomando um sorvete na cidade, quando Dinho entrou na sorveteria com Ada e a esposa. Eles viram quando destratou a mocinha que servia, só porque não gostou do sorvete. Quando Micaela tentou argumentar, ele também a destratou, gritou e esbravejou. Ela saiu de lá chorando — fez uma pausa. — Giovane, que o conhece há muitos anos, crê que ele está envolvido com entidades negativas.

— No caso, ele devia ir tomar passes?

— Sim, devia passar por uma desobsessão. Esse tratamento é feito em uma sala à parte.

— Às vezes, recebemos lá entidades bem endurecidas, que não querem seguir Jesus. Muitas pessoas têm crises e estas podem ser causadas, entre outras coisas, por um Espírito obsessivo. Ainda mais se o indivíduo levar uma vida desregrada e não procurar se guardar através da oração...

Durante a manhã, Murilo e ela trabalharam duro, no escritório. Ao terminarem, ele a elogiou:

— Você, além de bonita e inteligente, escreve muito bem. Já pensou em escrever um livro?

— Eu? Imagine só.

Lá pelas 4h da tarde, Gisele entrou em seu carro para ir à cidade. Além da bolsa de Marlene, Nair pediu a ela para passar no mercado e trazer alguns alimentos.

Munida da bolsa e das compras, vinha voltando para casa, cantarolando, tentando afastar a opressão que trazia no peito, desde a chegada de César, quando decidiu fazer uma paradinha na casa de Jota Ó. Com o calor que fazia, um fresco viria a calhar.

Abriu a porta, entrou, fechou a porta.

— Jota Ó... — chamou. — Jota Ó... Silêncio. Entrou na cozinha, foi ao quintal, pois algumas vezes o encontrara cuidando da horta. Porém, neste dia, ele não se encontrava.

Voltou para a sala, ouviu barulho de um carro. Certamente, ele pegara carona com alguém. O carro parou, pensando em ir ao encontro do amigo, dirigiu-se à porta de entrada. Quando estava a uns dois passos, a porta foi aberta com força. César apareceu no umbral.

Assustada, ela levou a mão ao peito.

— Ah, dona Gisele, desta vez você não me escapa. Aqui não tem nenhum cachorro bravo e nem herói capenga para te socorrer. Eu quero conversar com você, mas não aqui. Aqui aquele velho carola pode chegar e estragar tudo. Venha, vamos comigo — agarrou seu braço.

— Não! César, eu não quero ir. Por favor, me solte — disse debatendo-se.

— Ah, você vai sim! Torceu o braço dela. — Fica quieta, que vai ser melhor para você.

— Ai, me solta! — Gisele se debatia apesar da dor que sentia no braço.

— Não — riu com estrondo. — Não adianta, nós vamos conversar. Vai ver como vai gostar — riu novamente. — Arnaldinho... — gritou.

— Estou aqui — Arnaldinho Beira Bar apareceu na porta, usando seu chapéu.

— Me ajuda aqui com essa gata brava.

Gisele tentava se soltar. Chutava o ar tentando atingir o antigo namorado.

— Fica quieta, gata brava. Anda rapaz, me ajuda.

Ela sentiu uma pancada na cabeça. Nada mais viu.

Acordou sentindo falta de ar. Estava em um lugar pequeno e abafado, onde era jogada de lá para cá. O porta-malas de um carro! O porta-malas de seu próprio carro!

De repente, percebeu que tinham parado. Pensou ouvir a voz de César. Depois de certo tempo a tampa foi aberta. Arnaldinho e César a tiraram de lá. Estava com as mãos amarradas às costas e tinha um esparadrapo na boca.

— Anda, vamos — César a empurrou. — Vamos, não quero que ninguém da estrada a veja aqui.

Um veículo passou na rodovia, Gisele teve a impressão que era o ônibus escolar.

Capítulo, 34

Onde está Gisele?

A primeira que notou a demora de Gisele foi Marlene. Preocupada, falou com Nair, que ligou para o celular de Murilo, que estava nos vinhedos. Não, ela não havia telefonado dizendo que iria se atrasar. Assustado, veio para casa. Telefonaram para o celular dela, caixa postal. Ligaram para Jota Ó e todas as pessoas, que podiam tê-la visto, porém, após ter saído do Centro com a bolsa da Marlene, não havia quem pudesse dar notícias dela.

O tempo foi passando, lento, como areia caindo na ampulheta, e Gisele não aparecia.

Alguém teve a idéia de ligar para a pousada. Será que ela não estava lá?

Não. Ninguém a vira.

Dali a uns trinta minutos, Ada, Micaela e Dinho apareceram na casa.

— Quer dizer que sua noiva sumiu? Saiu de carro e não voltou? Você não sabe onde ela está? — César perguntou com certo desdém na voz. — Imagino a sua aflição — balançou a cabeça. — Essas moças modernas, das quais a gente não tem muita informação, podem ser muito... Como direi? Safadas. Se eu fosse você primo, teria muita cautela.

— Meu Deus! Será que aconteceu algum acidente com a moça? — Ada perguntou. — Vocês já telefonaram para a polícia? Ligaram para a Santa Casa? Ligaram para o celular dela?

— Sim. O celular está na caixa postal. Na Santa Casa não há ninguém com o perfil dela. Ligamos para Ronaldo, ele tem um primo sargento, o Stuart, ele alertou a polícia, inclusive a Rodoviária — disse Nair.

— E?

— Nada. Não há registro de acidente de carro aqui pela região.

— Meu Deus! A moça tem parentes aqui por perto? Ela é daqui? — perguntou Micaela.

— Deixa de ser tonta, ela veio de São Paulo. Não tem ninguém aqui, a não ser, é claro, seu interessante namorado — disse César com um risinho nos lábios.

— Vocês avisaram o pessoal do pesqueiro? — Ada perguntou. — Sabe como é, às vezes a pessoa pode cair, se machucar e...

— Sim, nós avisamos. Todos estão dando buscas.

— É primo, mas já está escuro. Será que ela caiu no lago?

— Dinho!

— Desculpa mãe — passou a mão no rosto. — Muita gente não sabe nadar — deu de ombros. — Não podemos descartar nenhuma hipótese.

— E suas coisas, suas roupas? — Ada perguntou.

— Está tudo aqui, no quarto.

— Puxa, então o caso é mais grave do que pensei — disse César.

Micaela, que praticamente não interferira na conversa, disse que estava sentindo uma dorzinha no baixo-ventre, queria se recolher. Eles se despediram, pedindo que os mantivessem informados.

Estavam saindo, quando César olhou para Murilo:

— Primo, você não deve se afligir. Muitas vezes, as pessoas vão embora sem se despedir, sabe como é. Não sei se vocês conhecem bem essa moça... Às vezes, a pessoa tem um passado... Ahm, comprometedor e decidem mudar de rumo. Vocês já viram se não está faltando nada? — olhou ao redor.

— Esta casa tem muita coisa de valor — antes que alguém falasse algo, saiu e fechou a porta mansamente atrás de si.

Renata chegou do trabalho. Não, ela não tinha visto Gisele.

A noite deu lugar à madrugada. Ninguém dormiu, nem mesmo Marlene.

Pela manhã a situação continuava a mesma: nenhuma notícia de Gisele. Murilo, com os olhos vermelhos, saiu com vários trabalhadores na van, inclusive o amigo Jota Ó.

Percorreram a estrada lentamente, olhando para todos os lados. Nada. Foram à cidade, nada. Voltaram, foram até o mirante e mais além, nada. Cruzaram com o carro da polícia. Stuart informou que não tinham encontrado nada em um raio de quilômetros.

Gisele tinha se evaporado.

De volta ao pesqueiro, Murilo ficou surpreso quando a mãe informou que Micaela estava à sua espera, no escritório.

— Bom dia, Murilo! Desculpe se não me levanto. Sei que você deve ter passado uma noite horrível, mas a minha não foi melhor, acredite-me! — levou a mão ao ventre, massageou. — Por favor, sente-se, eu preciso conversar com você.

— Desculpe Micaela, mas agora... Minha cabeça está um caos!

— Sei disso, mas o que tenho a dizer é muito grave. Por favor, me escute.

Murilo se sentou na cadeira giratória do computador.

— César não passou a noite comigo. Ele saiu de carro.

— Sim, ele costuma andar por aí. Micaela se veio falar dele...

— Calma, por favor! — fez um gesto com a mão. — Foi difícil eu chegar até aqui. Murilo, quando aqui cheguei, pensei já ter visto a sua noiva em algum lugar, porém, só hoje percebi onde foi. Foi na revenda. Ela trabalhou lá como temporária.

Ele fez um gesto de cabeça, como a dizer, continue.

— Bem, eu soube que recentemente, meu marido esteve envolvido com uma mulher — abaixou a cabeça, falou em tom baixo. — Tenho a impressão de que foi com ela — olhou para ele. — Agora vou ao ponto-chave: ontem pela manhã e mesmo à tarde, ele andou saindo, antes, porém, falou muito ao celular. Por favor, não me julgue louca, desde que chegamos, ele está estranho. Eu desconfio que César esteja envolvido no sumiço dessa moça!

— Micaela! — levantou-se depressa, a cadeira foi longe. — Será? Não é possível, ele não faria uma coisa dessas!

— Não? Eu não tenho tanta certeza. Eu não sei — deu de ombros. — Ele está estranho. Anda bebendo demais. Às vezes chega tão bêbado em casa que apesar da barriga, preciso ajudá-lo a subir e a se trocar. Não quero que os criados o vejam nesse estado — começou a chorar. — Sei que sou gorda, sei que ele se casou comigo pelo dinheiro do meu pai, mas eu o amo. Amo desde o instante que o vi pela primeira vez. Eu vi o jeito como ele olhava para essa menina, em São Paulo, e também aqui. Ele, no fundo, tem ciúmes de você.

Murilo já não escutava o que ela dizia. Estava pensando em que atitude tomar, quando fortes pancadas soaram na porta que dava para o terraço.

— Seu Murilo, seu Murilo — Everaldo chamava.

— O que foi? — abriu a porta.

— Mamãe me disse, agora mesmo, que a Gisele está desaparecida. É verdade?

— Sim, por quê? Você sabe de alguma coisa?

— Bom, acho que sim — coçou a cabeça. — Ontem, quando eu vinha no ônibus escolar, pensei ter visto o carro dela. O mais estranho é que o Arnaldinho estava na direção.

— Viu o carro da Gisele?

O rapaz balançou a cabeça.

— Eu vi um carro igual ao dela passando pelo ônibus. Tenho quase certeza de que era o dela.

— Por favor, pense com cuidado no que vou lhe perguntar: além do carro dela você viu algum outro? Viu o carro importado do Dinho?

— Um carro esporte vermelho? Sim! Todos nós notamos aquela máquina. Será que o Arnaldinho raptou a Gisele? Será que vai pedir resgate?

Everaldo costumava ler livros policiais e adorava tentar bancar o detetive esclarecendo os crimes.

— Em que direção eles iam?

— Iam em direção ao mirante, em direção ao muquifo do Arnaldinho — franziu a testa. Mas por que o carro do Sr. Dinho estava junto?

— É isso que eu quero saber — disse Micaela.

Murilo foi o mais depressa que pôde contar à mãe e ao resto da família (Renata não tinha ido trabalhar) a informação que o rapaz tinha dado. Nair foi de opinião que deveriam avisar a polícia, o que foi

feito. Stuart mandou que eles esperassem no pesqueiro.

A polícia chegou. Estavam de saída, para dar uma busca, quando Jota Ó falou:

— O Boris gosta muito dela. Vamos fazê-lo cheirar uma de suas roupas, quem sabe ele se revela um bom cão caçador de pessoas.

Entraram na van, seguiram rumo à casa de Arnaldinho.

Enquanto isso, Nair, Marlene, Renata e Lia, iniciaram uma corrente de orações.

Gisele sentia-se desesperada. Ao sair do portamalas do carro, foi empurrada até uma casinha e lá jogada sobre um colchão malcheiroso e sem lençóis.

— Então, chefe, o que devemos fazer? — perguntou Arnaldinho.

— Você e Rosinha esperem lá fora que eu vou falar com a moça. Ah, leve o carro dela até aquelas árvores lá adiante. Coloque alguma coisa em cima, para que não o vejam da estrada.

— E o seu carro? — a mulher perguntou com voz rouca.

— O meu está atrás da casa — olhou o relógio. — Não posso me demorar. Anda, vão fazer o que mandei, depois voltem para cá.

Após a saída deles, César chegou até Gisele e vagorosamente começou a tirar o esparadrapo de sua boca.

— Assim, vamos devagar para não se machucar. "Mel tua boca tem o mel" — cantarolou. - Sei que só

ficou noiva daquele bobão porque eu estava longe. Não sei o que disseram para você ter sumido de São Paulo. Mas agora, meu amor, as coisas vão mudar. Pronto, o esparadrapo saiu. Só está um pouco vermelho — passou a mão de leve nos lábios de Gisele. — Pronto... — olhou para ela, inclinou-se para beijá-la.

Ela se esquivou.

— César, não. Você tem esposa!

— E daí? Quero que ela se dane!

— César! Micaela está grávida!

— Bom, foi ela quem quis fazer os tratamentos, e não eu — olhou para ela. — Eu quero você, só você — apertou-a contra si.

Gisele pensou que ele parecia demente. Tinha os olhos muito abertos, e a expressão que têm as pessoas que tomam muito calmantes. Parecia que à sua volta havia uma nuvem escura.

Achou melhor tentar ganhar tempo.

— César, por favor, seu filho não tem nada a ver com tudo isso. Escute, me solte. As cordas estão me machucando — fez voz de choro.

— Ah, meu amor, vou soltá-la. Vire assim... Pronto. Está melhor? Eu percebi que você não quis mostrar que me conhecia para não criar caso com o tonto do meu primo. Mas agora, nós logo vamos embora. Vamos deixar tudo isso para trás — abaixando-se, tentou beijá-la.

Gisele gemeu:

— Ai! — afastou-o com a mão. — O esparadrapo me machucou — falou em tom de queixume.

Ele olhou para ela com safadeza.

— E, mas só sua boca está machucada, o resto não! Logo nós vamos nos divertir, vamos fazer loucuras mil e depois vamos embora — fez um gesto com a mão. — Não se preocupe com seus pertences. Eu tenho dinheiro, a gente compra tudo novo.

— César, como posso sumir? As pessoas vão ficar preocupadas, podem chamar a polícia.

— Ah, a gente pensa em alguma coisa. Depois você liga para eles dando uma desculpa.

Nesse instante, a porta foi aberta. Arnaldinho e Rosinha entraram.

César olhou para os dois mostrando contrariedade.

— Pronto, chefe, o carro está escondido.

— Está certo — suspirou. — Vou deixar minha mulher com vocês. Não toquem em um só fio de seu cabelo. Vocês podem comer os alimentos que estão no porta-malas do carro dela — olhou para o homem.

— Arnaldinho, vou lhe dar mais um pouco de dinheiro. Quando tudo isso terminar, você vai ficar muito bem — olhou para Rosinha. — Quando ela quiser alguma coisa, é você e não o Beira Bar quem deve servi-la — olhou no relógio. — Vou embora, não posso dar bobeira. Amor, assim que der, eu volto. — Deu um beijo ligeiro em seus lábios.

Assim que ele saiu, eles lhe ofereceram comida, ela nada quis. Foi novamente amarrada.

Gisele teve uma noite horrível, durante a qual, várias vezes teve que recusar os cigarros de maconha que lhe foram oferecidos. Ela chorou, se desesperou, tentou argumentar com os dois para que a soltassem, mas nada conseguiu. Desesperada, pôs-se a orar.

Amanheceu. Bem cedo, César voltou.

Durante algum tempo ele, Beira Bar e Rosinha ficaram conversando, fora da casa. Pareciam discutir. Por fim, os ânimos se acalmaram. Depois, ela ouviu o casal se despedir. Ao que tudo indicava, eles tinham recebido mais dinheiro.

César entrou. Olhou para ela.

Gisele pensou que apesar de bonito, via-se em seu rosto uma expressão estranha. Apesar da boa aparência, quem parecia ter deficiência era ele e não Murilo.

— Ah, querida, ficamos só nós dois! — riu. — Agora não precisamos mais fingir.

Aproximou-se dela.

Gisele se sentiu desesperada. Subitamente teve uma idéia:

— César, o que houve? Por que eles estavam falando de qualquer jeito com você? - perguntou, fingindo preocupação.

— Ah, lidar com esse tipo de gente, não é fácil. A mulher queria mais dinheiro.

— Você deu?

Ele olhou para ela, não respondeu. De repente, tentou sorrir. O riso foi aumentando, passou para gargalhada.

— Eu daria qualquer coisa para ficar com você. Até o meu carro!

Gisele abaixou a cabeça. As lágrimas começaram a rolar pelo seu rosto. Estava com fome, à corda machucava seus pulsos. Tinha vontade de gritar, de chutar...

— Querida, querida, não chore! O que foi? — viu a corda. — Espere, vou desamarrar. — Pronto, assim está melhor. Olha para mim — pôs o dedo embaixo

de seu queixo e apertou-a contra si. — Viu, nós estamos juntos.

Nisso o celular dele tocou. Ele a soltou. Praguejando, pegou o aparelho.

— Alô. Mamãe? — silêncio — O quê? Micaela foi falar com Murilo? O que aquela tonta tem para conversar com ele? A senhora não sabe? Bom, nem eu — silêncio. — Está certo, estou resolvendo um problema, logo estarei aí. Ainda não encontraram a moça? — olhou para Gisele. — Nem vão encontrar.

Provavelmente ela foi embora. Imagine se alguém em sã consciência vai querer casar com aquele idiota do meu primo. Ta, ta, tchau. Desligou o celular — olhou para ela. — Vou desligar esta droga para que não nos incomodem mais.

Chegou junto dela e começou a acariciá-la...

— Meu amor... Eu a amo muito... — beijou-a na cabeça. — Ainda bem que a encontrei — sorriu. — Logo vou querer saber direitinho porque você sumiu. Claro que devem ter feito fofoca a meu respeito para você.

Gisele tremia. Como dizer para o homem que antes julgou amar, o homem com o qual compartilhou bons momentos, o homem por quem foi obcecada, que a paixão, felizmente, tinha passado? Respirou fundo, tentando se acalmar.

— Meu amor, estou louco de saudades. Aqui é muito diferente dos lugares que já estivemos, mas vamos aproveitar o momento. Vamos nos amar.

— César, vamos discutir isso como duas pessoas civilizadas. Por favor, me largue, agora não é a hora nem o momento para encontros. Eu estou noiva do

Murilo. Por favor, respeite minha decisão, eu lhe peço.

Ele começou a rir. Realmente parecia um demente.

Gisele começou a orar:

— Pai nosso que estais... Jesus, por favor, me ajude, livre-me do César. Lágrimas começaram a rolar por seu rosto.

Ele a apertava contra si, tentando beijá-la na boca.

Então, a coragem que ela pensou ter perdido pelo caminho, voltou. Juntando suas forças o empurrou para longe. Começou a gritar:

— Socorro, me larga. Eu não quero mais nada com você! Eu quero o Murilo! — desesperada começou a gritar. — Murilo, Murilo...

César, enfurecido, deu um tapa em seu rosto. Gisele caiu no chão.

— Você acha mesmo, que vou deixá-la para aquele capenga? Acha? Nem pense nisso! Vamos ficar aqui juntos! — gargalhou. — Depois que terminarmos ele não vai mais querer nada com você. Garanto que nem sabe que já esteve comigo, vai ver, disse a ele que era purinha! Já percebi que vocês estão ficando juntos. Por que me traiu? Como fez para enganá-lo? Sim, porque o primeiro fui eu, eu! Nunca se esqueça disso! — ao falar segurava-a com força.

Gisele tremia. Intimamente continuava a orar.

— E Micaela e o bebê? — perguntou com um fio de voz.

— Isso eu resolvo depois. Agora somos só nós dois!

Agarrando-a, começou a rasgar suas roupas. Acariciou-a. Gisele sentiu asco, seu estômago embrulhou.

Subitamente escutaram o som do motor de um automóvel se aproximando. Soaram latidos de cachorro.

A porta do muquifo foi aberta com estrondo. Boris entrou e avançou para César, trazendo Murilo atrás de si, seguido por outras pessoas.

— Larga a Gisele, já! — erguendo a bengala, deu vários golpes nas costas de César.

Boris, rosnando e fazendo grande alarido, agarrou a perna da calça de César.

Jota Ó, pulou na frente.

— Murilo, pára! Por Deus, pára. Mande o cachorro parar.

Cuidado! Tenha calma.

Gisele, no chão, tentava cobrir o corpo com as mãos.

Murilo correu, levantou-a, e a abraçou fortemente. Tirando a própria camisa a envolveu com ela. Depois mandou que Boris largasse César.

— Meu amor, você está machucada? Este crápula a molestou?

Levando as mãos ao rosto, ela negou com a cabeça.

— Eu... Eu estou bem — olhou para o noivo. — Felizmente, vocês chegaram a tempo. Eu tive tanto medo!

— Imbecil! Você merecia uma surra de chicote! Disse Murilo para César, ameaçando-o com a bengala.

— Calma, Murilo, tudo já passou, vamos manter a calma, disse Jota Ó.

Stuart colocou algemas em César. Deu voz de prisão, informando que ele estava sendo preso, acusado de seqüestro e cárcere privado.

Todos saíram do casebre.

Gisele respirou fundo.

— Meu Deus, ainda bem que tudo isso acabou! Eu nunca esperava passar por uma situação dessas!

— Os "mocinhos" nunca esperam uma safadeza dessas. Quem prepara as traições são sempre os bandidos — disse Stuart. — Cabo, coloque esse meliante na viatura — falou com voz enérgica, ao mesmo tempo em que pressionava César para que andasse.

César, a princípio ficou calado, porém, conforme a viatura foi se afastando, pôs-se a gritar e esbravejar. Xingava Murilo e Gisele e jurava vingança.

Com os ânimos mais ou menos serenados Gisele, abraçada por Murilo, disse baixinho:

— Faz dias que estava querendo contar que era César, o meu ex-namorado.

— Eu já sabia — disse ele, olhando em seus olhos.

— Já sabia? Mas, como? Desde quando? Foi ele quem contou?

Ele sorriu. Levantou seu queixo, deu um ligeiro beijo em seus lábios.

— Não, não foi ele, mas acho que sabia desde o princípio. Certo dia, fui a São Paulo, até a revenda, pois temos ações na firma, e vi o modo como vocês se olhavam. Outra ocasião eu estava jantando em uma cantina, quando vocês entraram. César, ao me ver, foi até a minha mesa e me pediu descrição — fez uma pausa. — Vocês dançaram aquele antigo sucesso, "Mel, tua boca tem o mel". Saí de lá pensando: "Murilo, fique longe dessa moça, caso contrário você vai se apaixonar por ela" — olhou para Gisele, sorriu. — Mas, eu estava enganado.

— Estava enganado? Como assim?

— Eu já estava apaixonado.
— Oh, meu querido!

Capítulo 35 **Final feliz**

Mais tarde, após terem voltado para casa e Gisele ter descansado, eles foram de van, até o chalé. Queriam ficar a sós para conversar. Ao chegarem, Murilo a ajudou descer. Boris veio recebê-los.

Aconchegando-se a ele, no velho sofá, Gisele chorou. Chorou pelo seqüestro, chorou por César, chorou por Micaela e pelo bebê, que ainda nem nascera.

Ela estava tão saturada de emoções que a única coisa que fazia sentido, era seu amor por Murilo. O forte e gentil Murilo. Forte como uma rocha onde se podia recostar, sem medo, sem sobressaltos.

Adormeceu e acordou abraçada a ele.

— Gisele, meu amor. Você é a compensação que o destino me reservou. Querida, quer se casar comigo?

— Hum, me deixa ver... Boris ficará conosco?

— Claro.

— Então quero, assim terei um paladino e um cão para me defenderem — respondeu sorrindo.

Eram os braços de Murilo que a envolviam. Era seu peito forte, no qual descansava a cabeça. Ali não existia perigo. Ali era um lugar seguro.

Recebeu seus beijos sobre os olhos, sobre o nariz gracioso, sobre o cabelo macio, sobre os lábios que se entregaram com amor.

César ficou detido por um curto período de tempo. Na cadeia gritava muito e tinha crises de demência, quando jogava todo o seu ódio contra Murilo, xingando e dizendo que o primo freqüentava Centro Espírita e tinha feito trabalho para Gisele deixar dele.

Ada e o pai de Micaela contrataram um famoso criminalista para defendê-lo. Alegando insanidade mental temporária, devido à crise que tivera e que ainda tinha e aos fortes medicamentos que tomava, o advogado conseguiu que o soltassem.

Depois do nascimento do nenê — um menino —, César, Micaela e Ada, embarcaram para a Europa, onde deveriam ficar por um bom tempo.

Quanto a Arnaldinho e Rosinha, usando o dinheiro que receberam de César, fugiram de Mirante, no carro de Gisele, tomando rumo ignorado.

Dois meses depois, já casados, Murilo e Gisele foram até o pavilhão. Ao chegarem, ela ficou olhando para a construção, agora totalmente restaurada.

Virando-se para o marido, disse:

— Todas as vezes que chego aqui, eu me lembro da Geny e sua história. No fim da vida ela amou o marido. É como fala à mensagem que o Jota Ó nos deu.

— Aquela "Não te canses de amar?".

— Essa mesma. Nós sempre podemos voltar a amar.

— Você está feliz, querida?

— Muito! Eu não me canso de amar, de te amar.

Murilo estreitou-a com força.

Saborearam em silêncio aqueles momentos perfeitos, pedindo a Deus para que perdurassem por toda a eternidade.

Capítulo 36

Esclarecimentos finais

Nina Rosa, após terminar a leitura, ficou com algumas dúvidas. Decidiu esclarecê-las com dona Isaura. Seguiu-se o seguinte diálogo:

Nina Rosa:

— Dona Isaura, por que Murilo veio deficiente?

— Porque Pedro provocou o acidente com os cavalos e lesou seu corpo perfeito. Ação e reação.

Nina Rosa:

— César, quando Rafael ficou com um gosto amargo na boca, por assim dizer, por Geny não ter mais se interessado por ele. Como conquistador que era, estava acostumado a “dar o fora” nas mulheres e não a levar o “fora”. Não é?

Dona Isaura:

— Sim, foi isso o que aconteceu.

Nina Rosa:

— Por que os dois se apaixonaram nessa vida? Por que Gisele se apaixonou novamente por ele?

Isaura:

— Gisele sentiu forte atração por César, resquício do envolvimento da vida passada, sem falar na bela

aparência dele e o efeito da influência dos Espíritos obsessores.

Nina Rosa:

— Obsessores?

Isaura:

— Sim. Como sabemos isso ocorre comumente. Rafael e Laura fizeram muitos inimigos. Ele, por não ter escrúpulos, conquistou várias mulheres, a quem prometia muita coisa e nada cumpria. Laura, por ser uma mulher arrogante, e pelos vários abortos que provocou se fez odiar por muitos. Como sabemos, o aborto causa uma dor muito grande nos Espíritos que são rejeitados. E um tapa que se dá no rosto de uma criança.

André Luiz nos fala sobre esse tema em seus livros. Os abortados muitas vezes se revoltam contra suas mães. No presente caso, eles e mais os inimigos que o casal: Rafael e Laura, fez no passado se agruparam para perturbá-los. Micaela, não teve muitos problemas, devido à sua religiosidade. Ela é uma católica fervorosa. Vai à igreja, faz orações e assim já está conseguindo se melhorar.

Nina Rosa:

— E Gisele? Por que foi envolvida por esses Espíritos?

Isaura:

— Porque ela entrou na faixa vibratória deles. Ou seja, quando Letícia viajou, ela parou de fazer as orações e o Evangelho no Lar. Ela se deixou dominar por tais entidades, que provocaram o romance entre eles. Mas, na verdade, o que ela teve por César foi paixão, não amor. Ficou deslumbrada por sua aparência, seu charme de conquistador e novamente

se deixou envolver. Se fosse amor, na acepção da palavra, talvez ela não tivesse ido embora. Provavelmente aceitaria ser “a outra”.

Nina Rosa:

— Por que Anabela veio como mãe do César?

Isaura:

— Boa pergunta. Anabela não perdoou o antigo amante.

Desencarnou com ódio dele. Assim teve que aconchegá-lo em seu seio para passar a amá-lo — fez uma pausa. — Se bem que aqui temos um caso de livre-arbítrio: Anabela sabia que estava mexendo com fogo. Entregou-se ao amor com ele porque quis. Sabia que corria o risco de engravidar e mais: sendo uma criada, tinha consciência de que ele não iria assumir o filho. Para ele aquilo foi apenas uma aventura. Infelizmente, os serviçais, naquele tempo, quase não tinham direitos.

Nina Rosa:

— Por que o Pedrinho veio como filho do zelador no pesqueiro?

Isaura:

— Ele não quis ficar no Brasil, preferiu o requinte da Europa. Tinha orgulho da sua situação social. Precisou vir em um meio mais simples, para se melhorar.

Nina Rosa:

— Por que a Cornélia veio mãe do Murilo e da Renata?

Isaura:

— Porque ela, de certa forma, interferiu na vida deles. Primeiro exagerou os problemas da Margarida, depois de certa forma incentivou Geny a trair o

marido. Como sabemos nossa evolução não dá saltos. Geralmente, não conseguimos mudar nossos defeitos em uma encarnação. Cornélia tinha o defeito da maledicência e sempre tentava dar um jeito nas coisas. Quanto a Marlene, que foi mãe da Anabela, como pôde ver, ainda implica com sua filha, hoje a Ada.

Nina Rosa:

— Um fato interessante para se comentar é a ligação Toninha e Gisele.

Isaura:

— Geny praticamente abandonou a mãe, pouco apoio lhe deu. Pode ser que Toninha ainda se ressinta deste fato, mas ela quando pôde ajudou a filha. E quem no fim acabou de criá-la foi a Catarina, a sogra que implicava com Geny.

Nina Rosa:

— É, em tudo isso, percebemos que geralmente estamos envolvidos com os que nos cercam, desde outras eras.

Isaura:

— Geralmente sim, é a ação e a reação. Quando falhamos, precisamos voltar e corrigir a falha.

Nina Rosa:

— O nenê da Micaela é o Michel. Você poderia falar alguma coisa sobre ele?

Isaura:

— Michel parece ser um bom Espírito. César vai receber o filho de braços abertos, para compensar por tê-lo abandonado em outra vida.

Nina Rosa:

— Se eu entendi bem, César durante o período em que esteve com estafa, estava envolvido por seus

inimigos desencarnados, mas agora me parece bem. Como se deu essa melhora?

Isaura:

— As preces de Micaela, que sabemos ser muito religiosa, o ajudaram, mas foi principalmente através do trabalho espiritual pedido por Jota Ó, no Centro, é que ele está recebendo auxílio. No Centro Espírita, fizeram um tratamento de passes a distância chamado: "Samaritanos a Distância". Ou seja, o nome da pessoa que está impedida de ir ao Centro é anotado, bem como sua idade, endereço e motivo do impedimento, no caso, ele estava detido. Depois, os médiuns se reúnem se concentram e pedem aos Samaritanos (Espíritos bons) que assistam a pessoa. Eles, os Samaritanos, conseguiram afastar as entidades negativas, ou Espíritos obsessores, que o envolviam e o prejudicavam. Agora, tudo vai depender principalmente do próprio César. Mais alguma pergunta, não? Então, para terminar, vou pedir a você que faça a leitura do Capítulo IV do Evangelho segundo o Espiritismo — item 18.

OS LAÇOS DE FAMÍLIA FORTALECIDOS PELA REENCARNAÇÃO E QUEBRADOS PELA UNICIDADE DA EXISTÊNCIA

18 — Os laços de família não são destruídos pela reencarnação, como pensam certas pessoas. Pelo contrário, são fortalecidos e reapertados. O princípio oposto é que os destrói.

Os espíritos formam, no espaço, grupos ou famílias, unidos pela afeição, pela simpatia e a semelhança de inclinações. Esses Espíritos, felizes de estarem

juntos, procuram-se. A encarnação só os separa momentaneamente, pois que, uma vez retornando à erraticidade, eles se reencontram como amigos na volta de uma viagem. Muitas vezes eles seguem juntos na encarnação, reunindo-se numa mesma família ou num mesmo círculo, e trabalham juntos para o seu progresso comum. Se uns estão encarnados e outros não, continuarão unidos pelo pensamento. Os que estão livres velam pelos que estão cativos, os mais adiantados procurando fazer progredir os retardatários. Após cada existência, terão dado mais um passo na senda da perfeição.

Cada vez menos apegados à matéria, seu afeto é mais vivo, por isso mesmo mais purificado, não perturbado pelo egoísmo nem obscurecido pelas paixões. Assim, eles podem percorrer um número ilimitado de existências corporais, sem que nenhum acidente perturbe sua afeição comum. (...)

Dona Isaura sorriu e olhou para a moça:

— Querida, comentamos sobre os personagens como se eles estivessem entre nós.

— Será que esta história é verídica?

— Quem sabe?

FIM